

2
22133

A. R. Gonçalves Viana

**estudos de
FONÉTICA
portuguesa**

icm

✓
22133

ELUCIDAÇÃO

Conquanto Gonçalves Viana tivesse publicado vários trabalhos de lexicografia e etimologia, foi essencialmente no domínio da fonética portuguesa que o seu nome se tornou mais conhecido e justamente admirado. A ele ficámos a dever a descrição mais completa e minuciosa dos sons da nossa língua, e o conhecimento que possuía de grande número de idiomas, aliado a um ouvido que tudo indica ter sido excepcional, permitiu-lhe descobrir e distinguir matizes fonéticos que até então não tinham sido observados. Por isso pensamos que os escritos que nos deixou, pelas qualidades reveladas, constituem trabalhos de alto nível neste ramo de linguística e únicos no seu género entre nós. Quanto ao problema ortográfico, com que largamente se ocupou, a orientação que o guiou, fundamentada no estudo



J. E. BONDARDO YANHA

ESTUDOS DE FONÉTICA

**ESTUDOS DE FONÉTICA
PORTUGUESA**

EDITADO POR LUIS A. MARRAS COSTA
REVISADO POR J. E. BONDARDO YANHA

EDITORA UNIVERSITARIA DE BRASÍLIA
BRASÍLIA - 1971

ESTUDOS DE FONÉTICA
PORTUGUESA

A. R. GONÇALVES VIANA

ESTUDOS DE FONÉTICA PORTUGUESA

PREFÁCIO DE LUÍS F. LINDLEY CINTRA

INTRODUÇÃO DE JOSÉ A. PERAL RIBEIRO



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA
LISBOA - 1973

2
22133

341200 * 13.IX.72

ESTUDOS DE FONÉTICA PORTUGUESA

INSTITUTO DE LINGÜÍSTICA E LINGÜÍSTICA GERAL
UNIVERSIDADE DE LISBOA



BIBLIOTECA NACIONAL DE LINGÜÍSTICA
LISBOA - 1972

ÍNDICE GERAL

	Pág.
Prefácio, por Luís F. Lindley Cintra	7
Introdução, por José A. Peral Ribeiro.	11
I. Estudos preliminares:	
Gonçalves Viana. Apontamentos para a sua biografia, por J. Leite de Vasconcelos.	21
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Bio-bibliografia, por Álvaro Neves	41
Gonçalves Viana and the Study of Portuguese Phonetics, por Francis M. Rogers.	67
II. Estudos de fonética portuguesa, por A. R. Gonçalves Viana:	
Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne (1883)	83
Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros (1892)	153
Deux faits de phonologie historique portugaise (1892)	259
Quantidade prosódica das vogais em português. Diferenciações de sentido (1906)	267

Prefácio

Na Imprensa Nacional de Lisboa se editou pela primeira vez, em 1892, a *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros*, ao mesmo tempo que duas memórias (*Simplification possible de la composition en caractères arabes* e *Deux faits de phonologie historique portugaise*) destinadas à X Sessão do Congresso Internacional de Orientalistas, obras, todas elas, da autoria de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (nascido em 1840, e, portanto, então, com 52 anos de idade). Já nessa data este funcionário da Alfândega de Lisboa — que, aos 18 anos de idade, obrigado por dificuldades económicas, abandonara os estudos e se empregara, para, aos 29, os recommençar, sempre de forma muito irregular e assistemática — se tinha tornado merecidamente, graças, sobretudo, à publicação, em 1883, na revista francesa *Romania*, do seu importantíssimo *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, num foneticista internacionalmente considerado e respeitado. Conforme escreveu com justiça Leite de Vasconcelos em 1916, dois anos depois da sua morte, em páginas que adiante se reeditam: «Se Gonçalves Viana vivesse em um país em que os governos dessem sempre galardão ao verdadeiro mérito, tinha-se-lhe criado uma cadeira no Curso Superior de

Letras, assim que apareceu à luz o *Essai de phonétique*, onde os sons da nossa língua se estudavam com delicadeza, minúcia e competência nunca dantes postas em execução, nem sequer suspeitadas em Portugal. Como isso não aconteceu, Viana trabalhou somente *nas horas vagas*; e, se ainda assim produziu muito e bom, que não produziria, se as condições materiais fossem outras?»

É desse «muito e bom» que a Imprensa Nacional da época, ao publicar a *Exposição da pronúncia normal*, se pode orgulhar de ter impresso uma das partes mais representativas. Aliás, já em 1885, antes da *Exposição*, acolhera as *Bases da ortografia portuguesa*. E no próprio ano de 1892, reimprimira a segunda e mais original secção da primeira destas obras à frente da edição de *Os Lusíadas* . . . «anotada para leitura da infância e do povo», por F. de Sales Lencastre.

Passados quase 80 anos sobre esta última data, é o valor intrínseco e a actualidade em grande parte mantida das duas obras fundamentais do foneticista, já citadas, e de algumas das suas contribuições dispersas pertencentes ao mesmo domínio científico, que levam a Imprensa a reimprimi-las, reunindo-as num único volume. Presta assim uma homenagem, a acrescentar às que em tempos lhe foram dedicadas pela Academia das Ciências de Lisboa (1916) e pelo Centro de Estudos Filológicos (1941), à memória de um dos maiores cientistas portugueses do período notável que foi, para os estudos filológicos em Portugal, o fim do século XIX e a primeira parte do século XX. Julga também fazer um serviço real aos estudiosos e investigadores do presente ao tornar mais acessíveis estas fontes de consulta indispensáveis.

Inicia-se a antologia seguinte — em que se quis que figurassem os textos de valor mais permanente aos olhos de um estudioso contemporâneo da fonética descritiva e histórica portuguesas — pela reimpressão integral, em edição anastática, do *Essai de phonétique et de phonologie* de 1883 e da *Exposição da pronúncia normal* de 1892; encerram o volume dois artigos de fonética histórica, de

conteúdo importante, e que hoje — certamente devido à dificuldade em alcançar as revistas onde foram publicados — parecem bastante esquecidos pelos investigadores.

Pareceu útil fazer preceder a reedição destes trabalhos da de três artigos publicados nas homenagens anteriores atrás mencionadas e que são, cada um a seu modo, do maior interesse para o conhecimento da personalidade e da obra de A. R. Gonçalves Viana. Deve-se o primeiro a José Leite de Vasconcelos, seu contemporâneo e amigo. Além do significado deste texto como depoimento, tem o de incluir a publicação de várias cartas de grande valor filológico. [Apenas se não reproduziu o apêndice que Leite de Vasconcelos tinha posto ao seu artigo e que era constituído: a) pela biografia do pai de G. Viana — o actor Epiphanio Aniceto Gonçalves, extractada da *Gazeta commercial* de 13 de Julho de 1884; b) por uma nota etnográfica sobre «o uso do chifre na magia e na religião» inserida a propósito de uma das cartas publicadas; c) por uma lista de artigos a respeito de G. Viana, hoje evidentemente já desactualizada]. O segundo artigo, de Álvaro Neves, tem, acima de tudo, a importância de incluir uma autobiografia de Gonçalves Viana, escrita um ano antes da sua morte, e uma bibliografia tècnicamente não muito perfeita, mas suficientemente completa e útil. Finalmente, o terceiro artigo, escrito pelo professor norte-americano Francis M. Rogers para a homenagem de 1940-1941, tem a grande vantagem de situar a obra de foneticista de G. Viana entre outros estudos sobre fonética portuguesa.

Precede o conjunto uma introdução de José Ângelo Peral Ribeiro, investigador do Centro de Estudos Filológicos e antigo encarregado da regência da cadeira de Fonética Geral na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que se ocupou também da reunião dos textos e da publicação do volume. Quanto aos trabalhos tipográficos, torna-se necessário prevenir o leitor que, dada a complexidade do sistema de transcrição seguido por G. Viana e a inexistência actual

dos tipos correspondentes, se considerou mais conveniente reproduzir anastaticamente, conforme já acima se disse, o *Essai de phonétique et de phonologie* e a *Exposição da pronúncia normal*, que aparecem deste modo impressas em tipo diverso do utilizado no resto do volume. Na reprodução do *Essai de phonétique*, foi possível introduzir a correcção de alguns erros que se encontram na primeira edição, graças à utilização de um exemplar desta última corrigido, à mão, pelo próprio autor (exemplar que se conserva na Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa, depois de ter pertencido à do Curso Superior de Letras, antecessor daquela Escola).

O facto de na reimpressão da *Exposição da pronúncia normal* ser inevitável conservar a ortografia da época, levou a manter também a ortografia dos autores na reprodução dos artigos de José Leite de Vasconcelos e de Álvaro Neves e no do próprio Gonçalves Viana com que se encerra o volume. (Este último caso tem o interesse especial de se tratar de um dos textos em que o autor se afastou voluntariamente da ortografia corrente no seu tempo, numa das várias tentativas de modernização que precederam a sua colaboração na reforma ortográfica de 1911.)

Finalmente convirá acrescentar que o título escolhido, *Estudos de Fonética Portuguesa*, tem como única justificação a necessidade de abranger com uma designação que fosse suficientemente ampla, sem deixar de ser exacta, o conjunto de trabalhos reeditados. E, evidentemente, da exclusiva responsabilidade dos organizadores desta publicação.

Lisboa, 15 de Outubro de 1971.

Luis F. Lindley Cintra.

Introdução

Embora Gonçalves Viana tivesse publicado vários trabalhos de lexicologia e etimologia, além de alguns livros escolares e traduções, foi essencialmente no domínio da fonética portuguesa e suas implicações respeitantes à reforma ortográfica que o seu nome se tornou mais conhecido e justamente admirado. As obras mais valiosas que nos deixou são o *Essai de phonétique et phonologie de la langue portugaise — D'après le dialecte actuel de Lisbonne*, Paris, 1883, e a *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa*, Lisboa, 1892 (incluídas na presente edição), e ainda *A Orthografia Nacional*, Lisboa, 1904, que reflectem bastante bem as ideias do seu autor sobre tais assuntos. As restantes, ainda que relativamente numerosas, nada acrescentam às qualidades que se encontram nas primeiras, à parte um ou outro pormenor. Como no presente volume se reúnem elementos suficientes relativos à vida, obra e bibliografia deste foneticista, destinam-se as linhas seguintes a chamar a atenção para dois ou três aspectos que se nos afiguram de maior significado.

Não tendo podido frequentar, com regularidade, qualquer curso relacionado com as matérias que mais o prendiam, havia em Gonçalves Viana, não obstante, um conjunto de aptidões tão raras entre nós para tal espécie de estudos que, mercê de um esforço persistente de autodidacta,

vieram a revelar-se como altamente proveitosas para a linguística portuguesa. A ele ficámos a dever a descrição mais completa e minuciosa dos sons da nossa língua; e o conhecimento que possuía de grande número de idiomas, aliado a um ouvido que tudo indica ter sido excepcional (cf. *Leite de Vasconcelos — Gonçalves Viana, Apontamentos para a sua biografia*), permitiu-lhe descobrir e distinguir de maneira muito precisa matizes fónicos, por vezes inesperados, de que encontramos bastantes exemplos no *Essai* e na *Pron. Norm.* Os seus estudos incidiram de preferência sobre a fonética viva; contudo, as duas notas de fonética histórica aqui incluídas constituem, pelos dados exactos e seguros, se bem que applicados a um tema bastante restrito, trabalho igualmente meritório e em tudo digno do seu autor. Notemos que os fenómenos aí estudados — à parte um ou outro detalhe com o qual poderemos não concordar — estão caracterizados pelo extremo cuidado das observações feitas; esta uma das qualidades a assinalar, patente tanto nos seus trabalhos mais extensos como nos mais breves. O pequeno manual *Portuguais* (Leipzig, 1903), livro destinado ao ensino da nossa língua para estrangeiros, é um bom exemplo do que acabamos de dizer.

Particularmente a salientar: referiu-se com pormenor a aspectos fonéticos da nossa língua que antes ninguém reparara e que depois dele não voltaram a ser abordados, nem mesmo para serem corrigidos. Exemplos disso, o estudo sobre a quantidade prosódica (cf. último artigo deste volume); o das consoantes geminadas (cf. tb. aqui, *Pron. Norm.*, p. 20), etc. Por outro lado, o seu desejo de apresentar determinado factó com toda a nitidez parece-nos às vezes um pouco exagerado (sem chegar a sê-lo). Assim, uma observação referente à harmonia vocálica, fenómeno morfológico característico da língua húngara (cf. *Essai*, p. 45), serve-lhe para explicar, porventura de maneira mais completa, a meta-fo- nia em português. O mesmo succede com o problema da flexão interna nos verbos da segunda conjugação, de radical

e/o, «facto único nas línguas românicas pela sua singularidade», conforme comenta. Claro que nos dois casos há, como sempre, um traço fonético a elucidar.

Um outro aspecto, revelador das suas permanentes exigências científicas no sector favorito da investigação em que foi mestre incontestável: considerava francamente maus, devido à sua falta de rigor, não apenas todos os trabalhos sobre fonética portuguesa publicados no seu tempo por filólogos portugueses — única excepção, aliás perfeitamente justa: a parte «fonológica» da tese de Leite de Vasconcelos, *A Evolução da linguagem*, 1886 (mais tarde incluída em *Opúsculos*, II), de que fez longa e elogiosa crítica na *Revista Lusitana* I, 1887-1889, pp. 74-86 — mas até muitos dos realizados por especialistas estrangeiros (cf. *L. V. — Aparentamentos*), isto apesar das óptimas relações que mantinha com alguns deles. Pelas mesmas razões, tinha em muito pouca conta os nossos gramáticos, antigos e modernos, os quais, na sua opinião, se enganavam muitas vezes totalmente acerca dos sons que pretendiam descrever. É interessante verificar o empenho com que Gonçalves Viana insistia naquilo que entendia ser o uso mais moderno, destinado a perdurar, por oposição ao que considerava obsoleto, devendo por isso ser banido. Assim, se por um lado nos diz (cf. *Portugais*, p. 19) que «la prononciation uvulaire de *rr*, mais non pas de *-r-*, comme *R*, se répand de plus en plus dans les villes. Cependant, on la regarde encore comme vicieuse, le *rr* apical étant toujours préférable au grasseyement du *R*, qui individuellement est plus profond qu'en français ou en allemand», logo acrescenta (assim nos dando a conhecer a sua posição quanto ao problema da evolução fonética, sobretudo se aplicada ao caso da língua padrão): «Pois bem, quando um lexicógrafo ou um gramático insiste na errada pronúncia, não de uma ou outra palavra, mas de uma série numerosa delas; [. . .] o que prova essa teima, esse protesto de erudito, é que já é inevitável essa difusão [. . .]: para o glotólogo, como para o mitógrafo, o que isso testifica é que o fenómeno glótico se produziu e mantém, é que o fenómeno

psíquico continuou a existir» (cf. adiante *L. V.*, *Apontamentos*, p. 615).

O seu interesse por todos os factos fonéticos leva-o a examinar com toda a atenção não só os matizes do português normal mas ainda os que surgem nas variedades regionais. Talvez valha a pena referir que, para além de curtas observações dialectais incluídas nos respectivos tratados, publicou Gonçalves Viana algumas notas de valor, embora não sistemáticas, sobre esse assunto, entre elas o artigo que intitulou *Materiais para o estudo dos dialectos portugueses* (cf. *Rev. Lus.*, I, pp. 158 e segs.); pelo que podemos dizer que teve muito de dialectólogo, e como tal mencionado por Leite de Vasconcelos na *Dialectologie Portugaise* (cf. 2.^a ed., 1970, p. 73, *passim*). Sabemos ainda que tencionava fazer um estudo sobre o mirandês, esse «fallar especial» como lhe chama, que infelizmente não chegou a efectuar. Aliás é possível que a tendência acabada de apontar fosse de algum modo encorajada pela leitura dos trabalhos de Schuchardt sobre os dialectos italianos, cujos métodos muito apreciava. Atraído igualmente — o que nada tem de estranho — pelos problemas da pronúncia brasileira, de que encontramos diversos exemplos não só na *Pron. Norm.* (cf. pp. 40, 94 e 95, etc.), mas ainda na *Ort. Nac.*, tinha em preparação um *Vocabulário ortoépico português e brasileiro* «com a colaboração de um filólogo do Brasil e conforme a pronúncia normal de cada uma das duas nações» (cf. Cláudio Basto, *Rev. Lus.*, xvii, 1914, p. 220); hoje só temos a lamentar que tal trabalho, que seria sem dúvida meritório, nunca tivesse passado da fase de preparação.

Convém lembrar que a fonética, então ramo recente da filologia, tinha por principal missão estabelecer uma classificação, quanto possível completa, dos sons da linguagem, de acordo com o seu aspecto fisiológico e reduzida preocupação pela descrição dos respectivos órgãos, insistindo porém bastante no lado auditivo do fenómeno fónico. É justamente o que vamos encontrar no *Essai*, obra em que são numerosos os termos acústicos. Só alguns anos mais

tarde, tal como acontecera noutros países, é que à fase da fonética acústica veio juntar-se-lhe, acabando por preponderar, a que se baseava no estudo das articulações do aparelho fonador — o que correspondeu a uma mudança profunda nos critérios de análise até aí utilizados e vieram a reflectir-se na elaboração da *Pron. Norm.* Basta ver, a esse respeito, entre outras coisas, a bibliografia indicada nessa obra. Por isso pensamos que os escritos que nos deixou, pelas qualidades reveladas, constituem trabalhos de alto nível neste ramo da linguística e únicos no seu género entre nós. Compreende-se assim muito bem a excelente impressão que dele tinham foneticistas e linguistas tão eminentes como H. Sweet, P. Passy, Viëtor, Schuchardt ou J. Cornu; no livro deste último, *Die portugiesische Sprache*, a influência dos trabalhos do foneticista português encontra-se praticamente em cada página.

É certo que a leitura de uma obra desta natureza nem sempre se torna fácil: o método adoptado, sobretudo na *Pron. Norm.* — estudo dos sons baseado na realidade articulatória, exacta e exhaustiva de uma língua — embora compreensível para os especialistas do seu tempo, parece-nos agora, pelo menos em certos pontos, inadequado; e a terminologia que usa, em grande parte adaptada de outras línguas, tem bastante de incómodo e até de bizarro para o leitor actual. Tudo isso demonstra afinal, da parte do autor, um cuidado constante de rigor e minúcia, apenas uma vez por outra prejudicado por alguma expressão menos clara.

Quanto ao problema ortográfico, a orientação que o guiou, fundamentada no estudo da fonética articulatória, como já dissemos (há um espaço de mais de dez anos entre a publicação da *Pron. Norm.* e a da *Ort. Nac.*), foi simples e precisa: procurou estabelecer um sistema que fosse a representação exacta e objectiva da pronúncia padrão, uma vez que para ele os dois aspectos se encontravam naturalmente ligados; preconizava uma ortografia «regularizada em todas as

suas minudências», de acordo com as «simplificações e correcções que o estudo histórico da língua portuguesa aconselha» (cf., p. ex., *Ort. Nac.*, p. 17), sem esquecer o conhecimento metódico dos traços dialectais mais importantes, parte dos quais considerava imprescindíveis (p. ex., a manutenção de *ch/x*). Felizmente para todos nós os esforços empreendidos nesse sentido foram, na sua maioria, coroados de êxito; e a sua acção avulta ainda mais se pensarmos que, se as grafias inglesa e francesa não eram, nem são, modelo de perfeição, antes pelo contrário, tinham, apesar disso, a grande vantagem de se encontrarem unificadas, enquanto a nossa era positivamente anárquica.

Estreitamente ligado com as questões fonéticas e ortográficas figura o problema da língua padrão. Distinguindo cuidadosamente entre a pronúncia da «gente culta» e a do «povo em geral», descarta Gonçalves Viana todas as variedades do falar afectado, próprio de determinadas classes da população, inclinando-se a considerar como padrão a seguir a pronúncia das pessoas educadas do centro do país, particularmente a de Lisboa (cf. *Ort. Nac.*, p. 148). Em *Portugais*, p. IV, declara: «La prononciation que j'ai voulu représenter est celle des personnes instruites à Lisbonne.» Onde porém o seu pensamento surge perfeitamente claro é no passo seguinte: «A pronúncia da língua portuguesa não é a mesma em todo o continente, antes diverge bastante de umas para outras comarcas, mormente no extremo norte com relação ao extremo sul e nos falares das regiões orientais, comparados com os da beira-mar. Há, todavia, no centro do reino, entre Coimbra e Lisboa, um padrão médio, do qual procuram aproximar-se as pessoas cultas, e que tende a absorver as particularidades dialectais, não só nesse centro, mas também nas cidades e povoações mais relacionadas com ele [. . .]. Posto que as diferenças de pronúncia, quer nas consoantes, quer principalmente nas vogais, não sejam tamanhas que obstem à mútua inteligência [. . .], são elas, no entanto, suficientemente consideráveis para causarem estra-

nheza àqueles que pronunciam de outra maneira [. . .]» (cf. *Ort. Nac.*, p. 23). Perante tal testemunho, expresso de forma tão nítida, e que corresponde àquele que se descreve na *Pron. Norm.*, nada haverá a acrescentar. Mas relacionando uma vez mais os dois planos, o da grafia e o da língua padrão, notamos na posição de Gonçalves Viana um desacordo evidente e profundo em relação a outros filólogos do seu tempo, muitos dos quais eram a favor do predomínio mais ou menos acentuado da língua escrita e da chamada ortografia etimológica.

Último ponto a sublinhar: se como foneticista surpreendeu e descreveu com o máximo rigor subtis diferenças fónicas, logo viu que o sistema a adoptar, para ser simples, não poderia incluir novas letras nem abundância de diacríticos (embora tivesse tentado algo nesse sentido). Surge aqui, porém, uma notável particularidade. Embora Gonçalves Viana não pudesse, por todas as razões, ter a menor noção de «fonema» no seu sentido actual (pois o termo, ainda não utilizado aquando do aparecimento do *Essai*, mas já empregado na *Pron. Norm.*, significava simplesmente *som da fala*, *som fonético*), a verdade é que, ao fixar as bases ortográficas, foi essa a ideia que ele intuitivamente pôs em prática e de maneira bastante precisa. É evidente que o facto em si mesmo nada tem de extraordinário, porquanto tal conceito surgia já, ainda que de modo mais ou menos vago, no espírito de vários linguistas do século passado; o que o caso tem para nós de particular e único é vermo-lo aplicado, à parte pequenas falhas, justamente à questão ortográfica, exemplo que julgamos sem paralelo na época. (Podemos admitir como explicação possível que tal ideia tivesse tido origem no uso do alfabeto da Associação Fonética Internacional, em cujo jornal, *Le Maître Phonétique*, Gonçalves Viana escreveu breves notas, habituando-se, desse modo, a transcrever só o que efectivamente se pronunciava. Utilizou esse alfabeto no seu livrinho *Portugais*). Foi o professor Matoso Câmara quem chamou a atenção para o aspecto por assim dizer fonológico

que se observa na sua obra (cf. *Para o Estudo da Fonémica Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1953), apontando o rigor com que nas chamadas «bases ortográficas», insertas na *Ort. Nac.*, o seu autor tentou representar apenas aquilo que a experiência lhe indicava como pertinente, deixando quase completamente de parte, por inútil, a transcrição daqueles sons que constituíam, como agora dizemos, simples variantes fonemáticas. (E se não insistiu mais em tal ideia foi por ter de transigir com opiniões diferentes por parte de alguns dos membros da Comissão da Reforma Ortográfica). Assim, nada fez para distinguir, por exemplo, o *a*, um tanto velarizado, de *mau*, *mal*, do de *casa*, *mar*, etc.; nem o *l* final de sílaba, diferente do que aparece em *lado*; nem as variedades de *a*, *e*, *o* em sílaba átona, com timbres distintos dos que têm em sílaba tónica; nem a distinção entre *b*, *d*, *g*, perfeitamente ou imperfeitamente oclusivo; nem a vibrante múltipla apical / \bar{r} /, diversa da vibrante múltipla uvular / \bar{r} /; nem o / \check{s} / palatal em fim de sílaba, distinto do / $\$$ / alveolar na mesma posição; e assim por diante. Sentia implicitamente que tais diferenças não requeriam qualquer indicação especial, visto serem simples variantes. Por outro lado, e como era de esperar, insistiu na diferença, que marcou, entre *o* e *e*, aberto e fechado, em sílaba tónica (*avô/avó*, *pôde/pode*, *sê/sé*, e ainda o caso particular de *cantamos/cantámos*), etc., visto haver aí oposição fonológica.

Digamos, a concluir, que, pelas suas qualidades de exactidão e minúcia, aliás indispensáveis nesta espécie de estudos e que ele possuía em tão alto grau, foi Gonçalves Viana a figura máxima em tal domínio entre nós, em tudo comparável à dos grandes foneticistas do seu tempo noutros países. Eis, portanto, alguns dos motivos que nos parecem de interesse nesta obra: difícil de ler em muitos pontos, antiquada em muito da sua contextura, conserva, apesar de tudo isso, muito de válido num campo de investigação em que tanta coisa há ainda a fazer.

José A. Peral Ribeiro.

Segunda Parte

Segunda Parte

Los estudios preliminares

I. Estudios preliminares

Los estudios preliminares son aquellos que se realizan antes de la ejecución de un proyecto de obra, con el fin de obtener información sobre las condiciones del terreno, las características de los materiales y las posibilidades de ejecución. Estos estudios se realizan en forma de sondeos, perforaciones, ensayos de laboratorio y mediciones in situ. El objetivo principal de estos estudios es determinar la capacidad de carga del terreno, la resistencia de los materiales y la estabilidad de las estructuras. Los estudios preliminares son esenciales para la correcta planificación y ejecución de cualquier obra de construcción.

The first part of the book is devoted to a general survey of the history of the subject, and to a discussion of the various theories which have been advanced to explain the origin of the disease. The author then proceeds to a detailed description of the symptoms and signs of the disease, and to a discussion of the various methods which have been employed for its treatment. The book is written in a clear and concise style, and is well illustrated with numerous figures and tables. It is a valuable work for all those who are interested in the history and pathology of the disease.

1. *Eschscholus pycnanthes*

The second part of the book is devoted to a detailed description of the symptoms and signs of the disease, and to a discussion of the various methods which have been employed for its treatment. The author then proceeds to a detailed description of the symptoms and signs of the disease, and to a discussion of the various methods which have been employed for its treatment. The book is written in a clear and concise style, and is well illustrated with numerous figures and tables. It is a valuable work for all those who are interested in the history and pathology of the disease.

The third part of the book is devoted to a detailed description of the symptoms and signs of the disease, and to a discussion of the various methods which have been employed for its treatment. The author then proceeds to a detailed description of the symptoms and signs of the disease, and to a discussion of the various methods which have been employed for its treatment. The book is written in a clear and concise style, and is well illustrated with numerous figures and tables. It is a valuable work for all those who are interested in the history and pathology of the disease.

The fourth part of the book is devoted to a detailed description of the symptoms and signs of the disease, and to a discussion of the various methods which have been employed for its treatment. The author then proceeds to a detailed description of the symptoms and signs of the disease, and to a discussion of the various methods which have been employed for its treatment. The book is written in a clear and concise style, and is well illustrated with numerous figures and tables. It is a valuable work for all those who are interested in the history and pathology of the disease.

Gonçalves Viana

Apontamentos para a sua biographia

por

José Leite de Vasconcelos

Abstraindo dos livros escolares (*Selectas*, etc.) e dos opusculos meramente literarios (*Mágoas de Werther*, etc.), que ele publicou por condescendencia com amigos, ou como recreação espirital, a verdadeira actividade scientifica do Gonçalves Viana manifestou-se em tres especies de trabalhos: no magistral *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise* (1883), precedido de dois artigos publicados no *Positivismo* (1882) e seguido da *Exposição da pronúncia normal portuguesa* (1892); na *Ortografia nacional* (1904), precedida de alguns tratadinhos, seguida do dois *Vocabularios* (1909 e 1912), que a tornam prática; nas *Apostilas*, I-II (1906), precedidas de estudos avulsos, e seguidas das *Palestras* (1910). Com os trabalhos da primeira especie estabeleceu Viana, de maneira original, solida e profunda, as bases da Fonologia portuguesa; com os da segunda pôs ordem e norma onde d'antes só existia desordem e arbitrio, — embora possa haver divergencia de opiniões em alguns pormenores da doutrina; com os da terceira reuniu elementos valiosos para a Lexicologia. Viana possuía ouvido apuradissimo, que fazia que ele distinguisse os sons mais subtis ou os menos perceptíveis; tinha ao mesmo tempo um dom de memoria que lhe permitia não só falar ou entender muitas lingoas, mas conservar de cór e reproduzir facilmente longos trechos literarios, e até poemas, pois ele me disse que sabia a *Gerusalemme liberata*, inteira ou quasi inteira (e de facto lhe ouvi muitas estancias)! Uma vez fui com ele a Paço d'Arcos visitar Consiglieri Pedroso, que ai veraneava; á volta, em quanto esperavamos na estação o comboio, que tardou muito, recitou-me poesias em hespanhol, em italiano, em inglês, — pelo

menos! Era vulgar, já em sessões da Academia, já em conversa particular com os amigos, aduzir, a proposito de qualquer vocabulo que se discutia, versos em linguas estrangeiras. Se quisessemos procurar causas atavicas para este prodigio de memoria, poderíamos lembrar que seu pai, o famoso actor Epiphanio Aniceto Gonçalves, a possuia tambem assombrosa, segundo leio na *Gazeta Commercial*, de 13 de Julho de 1884, onde vem uma biografia e retrato d'ele¹.

Quem estava tão bem preparado para se entregar completamente a trabalhos scientificos, pena foi que, por assim dizer, perdesse tanto tempo, como perdeu, na qualidade de funcionario da Alfandega de Lisboa, cargo que desempenhou com extrema pontualidade. Se Gonçalves Viana vivesse em um pals em que os governos dessem sempre galardão ao verdadeiro merito, tinha-se-lhe criado uma cadeira no Curso Superior de Letras, assim que appareceu á luz o *Essai de phonétique*, onde os sons da nossa lingua se estudavam com delicadeza, minucia e competencia nunca d'antes postas em execução, nem sequer suspeitadas, em Portugal. Como isso não aconteceu, Viana trabalhou somente *nas horas vagas*; e se, ainda assim, produziu muito e bom, que não produziria, se as condições materiais de trabalho fossem outras?

Desejando a Academia das Sciencias de Lisboa prestar homenagem á memoria de Gonçalves Viana, a cujos conselhos pessoais, indicações, e obras muito devem os meus estudos fonetico-dialectologicos, venho com o presente artigo associar-me aos meus illustres consocios, para o que transcrevo de cartas que possuo d'ele alguns pedaços, que, ou por serem autobiograficos, ou conterem noticias literarias de valor, ou germes scientificos que depois se desenvolveram, vale a pena trazer a lume. Mantive com Gonçalves Viana cordial amizade até o dia em que morreu, postoque, por eu estar ausente de Lisboa, não pudesse assistir-lhe aos ultimos momentos, nem acompanhá-lo no funeral, — como consta do *Diario de Noticias* de 16 de Setembro de 1914. Datavam de 1883 as nossas relações. Eu então freqüentava a Escola Médica do Porto, e começava concomitantemente a dedicar-me á Etnografia e á Filologia. Torna-se necessario dizer isto para se entenderem melhor as transcrições. Claro está que só copio cousas com que o leitor lucre, e que Gonçalves Viana não desaprovasse, se fosse possivel vê-las; deixo de parte, por exemplo, opiniões discutiveis, e cumprimentos respectivos a cousas minhas. Sigo a ordem cronologica, e anoto o que merecer anotação. Todas as cartas são de 1883.

¹ Reproduzo-a em apêndice a este artigo.

A mais antiga carta que guardo d'ele é de 4 de Abril, em resposta a uma de mim, que fui quem primeiro escreveu. Diz-me Viana:

«Recebi a prezada carta de V., datada de antehontem, com o maior prazer, e subscrevo completamente ao que nella me propõe: trabalharemos de comum acordo em tudo aquillo em que mutuamente nos possamos auxiliar».

E de facto quasi sempre comunicámos depois um ao outro as nossas dúvidas, os nossos projectos, os nossos descobrimentos. Da minha parte, sobretudo, não faltaram perguntas a respeito de assuntos foneticos, visto que Gonçalves Viana tinha neste ramo da Glotologia autoridade enorme, e por todos reconhecida, cá dentro e lá fóra. Sem embargo, uma vez ou outra, discordámos entre nós e discutimos, embora eu evitasse debates orais com ele, que, por ser muito nervoso, se exaltava frequentemente, e ás vezes com demasia. A finura da sua sensibilidade não residia só no ouvido, era geral!

*

De uma carta de 5 de Maio:

«Schuchardt não me escreveu¹. A minha tenção era enviar-lhe uma separata dos meus artigos sobre a phonetica andaluza, que conheço bastante bem, havendo em tempo fallado quasi exclusivamente esse dialecto, de preferencia ao castelhano², que ainda fallo.

¹ [Schuchardt (Hugo) é um dos glotologos da actualidade mais cotados e mais conhecidos. Antes da guerra foi ele, no campo da sciencia, um bom amigo de Portugal, como o provam os seus artigos literarios sobre Camões e Julio Dinis (*Romanisches u. Keltisches*, Berlin 1886), a serie de trabalhos intitulada respectivamente *Kreolische Studien e Beiträge z. Kenntniss der kreol. Romanisch*, o opusculo *Ueber die Benguelasprache*, o livro, ha pouco publicado, *Die Sprache der Saramakkaneger in Surinam*, várias criticas inseridas no *Litbl. f. germ. u. rom. Philologie*, e notas soltas, aqui e além. Depois da guerra a situação de Schuchardt mudou. Por causa de um manifesto da Academia de Sciencias de Portugal, que ele supôs emanára da nossa Academia nacional, isto é, da Academia das Sciencias de Lisboa, a cujo seio pertence como socio correspondente, dirigiu-nos uma satira, a que se seguiu uma explicação, igualmente desagradavel para Portugal, — não porém insultuosa, como alguns jornais, por má informação, falsamente propalaram].

² [Deve entender-se que fazia isto quando cá falava com alguem de Hespanha, porque a esse tempo ainda não havia passado a fronteira. — Os artigos a que se refere são os dois que deu a lume no *Positivismo* em 1882, nos quais analisou o trabalho de Schuchardt intitulado *Die Cantes Flamencos*, i. é, «Descantes dos Giganos hespanhoes», como o proprio Viana diz a pag. 72].

O *Positivismo* porem faltou-me com as separatas ha um tempo a esta parte, de sorte que nem a Schuchardt, nem a Sweet, que por intermedio de Wulf mandára pedir apontamentos sobre pronuncia portuguesa, pude mandá-las, o que sinto bastante¹. Se se corresponde com Schuchardt, o que eu não tenho a honra de fazer, peço-lhe que lhe mande dizer isto mesmo². Tenho na melhor conta possível todos os seus trabalhos, que são de mestre. Ha um sobre modo interessante sobre a posição forte e fraca nos dialectos italianos, que é soberbo. Vem na *Romania*. Se o não leu recommendo-lh'o³.

A analyse dos art(ig)os de Cornu, outro excellente romanista, entreguei-a ao Vasconcelos Abreu, para elle a mandar para o *Muséon* belga. Se tiver separatas, pôde desde já contar com uma⁴.

Não conheço *de visu* os artigos do Pr(incipe) Bonaparte a respeito de phonetica portuguesa, mas já li algures o que quer que fosse a esse respeito em análises, mas não me recordo do que era. Desejava vê-los tambem, apesar de ter muito pouca fé com trabalhos estrangeiros sobre phonetica portuguesa. Não o conheço, o sujeito, nem sei que aqui haja quem o conheça⁵.

Havendo-me G. Viana enviado em 14 de Abril, de 1883 um exemplar do *Nomenclator*, para lh'o devolver com a indicação da minha pronúncia individual, juntei de facto notas phoneticas a al-

¹ [Sweet, filologo inglês, autor de *History of language* e de *History of English sounds*, que Viana muito apreciava. Também é autor de um estudo de fonetica portuguesa, de que adiante se falará. Foi depois da data da publicação d'este folheto que Sweet entrou em relações com Viana.—Wulf, filologo escandinavico autor de um trabalho sobre fonetica andaluza, onde cita Viana. Esteve em Lisboa em 1880].

² [Eu correspondia-me já então com Schuchardt].

³ [Vid. vol. III, p. 1 ss.]

⁴ [Refere-se ao opusculo intitulado *Études de grammaire portugaise*, Lovaina 1884, onde Viana analisa o trabalho que com o mesmo titulo fôra publicado por J. Cornu na *Romania*, vols. x e xi. Cornu, alem de vários artigos a respeito da nossa lingua, publicados na mesma revista, tem um muito notavel, que saiu no *Grundriss* do Gröber, e se intitula *Die portugiesische Sprache*, a que Viana tambem depois fez notas. Os dois filologos eram muito amigos um do outro.—Viana diz que entregou a sua análise a Vasconcelos Abreu, porque este fazia parte da redacção do *Muséon*].

⁵ [Depois d'isto G. Viana relacionou-se com o Principe. Na *Revue Hispanique*, vi, 1-51, foram publicadas algumas importantes cartas que os dois trocaram entre si.—Cf. tambem *Rev. Lusitana*, II, 344 ss].

guns dos nomes, e mandei-lh'as; Viana pelo seu lado, anoton as minhas observações, comparando a pronúncia da Beira (que é a minha) com a de Lisboa (que ora d'ele); d'al resultou o seguinte, que continúo a extratar da carta de 5 de Maio:

«Vamos ao *Nomenclator*.

Conhece o meu amigo um dicto muito conceituoso de Sweet a respeito da pronúncia de vocabulos eruditos em inglêz? Se não conhece, eu lh'o¹ transcrevo da *Engelsk Filologi* de Storm, onde vem citado: One can only guess at the pronunciation (of learned words), and the educated man's guess is a good as another's (p. 253). É claro, pois, que, pelo que respeita a nomes classicos, em sendo guardada a accentuação da regra de Quintiliano (ē, ē), a penúltima, tudo é licito. Vamos porém ao geral, ás particularidades que o seu dialecto tostifica.

1.^a—Iotização entre duas vogaes, ex. *abraiãõ*, *baial*². Só é toleravel em Lisboa, entre *e* accentuado e a vogal atona seguinte, quando esta é *a*, ex. *idea*, pron. *idêia*.

2.^a—*al*, mesmo em Lisboa, soa *ál*, comquanto não esteja marcado na pronúncia³; não o foi por simplificação; *ál* seria impossivel na phonologia de cá⁴.

—É notavel a pronuncia *Buêmia*, com *e* fechado; o *e* e o *o* accentuados são abertos de ordinario em Lisboa, mesmo antes de *m*, *n*, so entre estes e a vogal final ha *i*.

—Em Lisboa *es* soa respectivamente *ĩs* ou *ĩž*, seguido de consoante *surla* ou *sonora*, porque o *s* é palatal. Do Mondego para cima não soa o *ç*=*ĩ*, porque lá o *s* é subacuminal em tal situação: já previa a diferença⁵.

—*Caitano* é também pronúncia do Lisboa, mas o nome apontado⁶ é italiano.

—*e* inicial, se o accentto não está na seguinte syllaba, soa em geral ã na pronúncia culta de cá. ., por ex. *Hérculano*; ainda assim

¹ [No ins. *a* por engano (influência da palavra *pronúncia*, que precede)].

² [I. é, *Abrahão*, *Baal*: ele nota por vezes a pronúncia, escrevendo os nomes com letra inicial minuscua].

³ [Creio que se refere a pronúncia da palavra *Balthasar*].

⁴ [D'aqui em diante não pôs numeração nos §§].

⁵ [Tem em mente a pronúncia beiroa, que eu lhe indicara, de palavras como *Palestina* (no *Nomenclator* manda ele pronunciar *Palistina*; na Beira com *-es-*).—Cfr. *Essai de phonétique*, p. 47, nota].

⁶ [I. é *Caietano* (no *Nomenclator*)].

ha fluctuação¹. Os [i] atonos antetonicos soam por cá, como por lá, g, com excepção do último de uma serie de syllabas que os contemham. Sei tambem que para o norte (que no preambulo é expressão vaga, fique dicto) o isolado inicial soa *u*; aqui soa *ò*, ou entre gente culta *ò*, ex. *òlhar*.

—[*Litré e a pronúncia franceza*]². Deixe fallar o Litré: o som *lh* só existe em França em dialetoes provençaes actualmente; e o *h* já desapareceu de todo, apesar do quo ele diz, e algum caturra como o Henri Martin, a quem o ouvi tambem³. Tenha o meu amigo por certo, que onde um dicionarista insiste na pronúncia especial de uma letra em certa generalidade, é porque tal letra no dialecto comum já não é usada, ou tem valor divisorso: lembre-se do nosso Madureira Feijó e de Barbosa com relação ao *ch*. Litré é auctoridade bem pouco segura com relação a pronúncia. . . . Apesar de Litré, nem *h* soa hoje em dia, nem o *l* palatal existe já no francês usual. É isto o que sustentam as melhores auctoridades em materia de pronúnciação, e o que o meu ouvido me diz de ha muito; a realidade é esta. Ha 30 anos o meu mestre de francês, que ora francês, Monperrin, ainda me ensinou *hh* aspirados e *ll* palataes; isso tudo envelheceu, mudou: o *h* é nullo, o *l* palatal vale tanto como *y* ou *i* *consonans* palatalizado.—[Em «P. S.»] Ainda duas palavras sobre o *l* palatal, que Litré, a quem aliás respeito muito, como sabio e como homem, e cuja morte foi uma perda irreparavel para as letras francesas. Sabe o meu amigo muito bem o que significam as invectivas da egreja contra qualquer superstição, repetidas em differentes provisões e em diversas epochas successivas,—que, apesar de toda a diligencia, a superstição não foi erradicada. Pois bem, quando um lexicographo ou um gram-

¹ [Em verdade, se ele no *Nomenclator* marca *êreulãno*, com *ê-*, marca *irãsmo*, *istêr*. Eu tenho por amaneirada a pronúncia lisbonense com *ê-*; a natural é com *i-*, (pronúncia literaria), ou com *ê-* (pronúncia do Sul; cfr. *ò-* por *o-*)].

² [Provavelmente eu notara-lhe que as palavras francesas do tipo de *Versailles* as mandava Litré pronunciar com *l* palatal, e não com *i* ou *y*, como hoje se pronuncia em Paris. Assim se entenderá o que diz Viana.—Todavia nós dizemos usualmente em portugûes *Versalhes*, com a pronúncia antiga *ll fr.*—*lh* portugûes. Dizer *vêrçáye*, como G. Viana inanda, no *Nomenclator*, é falar amaneiramente. A palavra *Versalhes* entrou já no nosso idioma. No geral devemos porém adoptar a pronúncia do francês moderno].

³ [O historiador Henri Martin conheceu-o Gonçalves Viana em Lisboa em 1880, por occasião do Congresso de Arqueologia Prehistórica.—Contudo Litré diz no *Dict. de la langue fr.*, s. v. «H», que no seu tempo havia Parisienses que já não pronunciam *h* aspirado, e acrescenta que os meridionais o faziam ouvir distintamente].

matieo insiste na errada pronúncia, não de uma ou outra palavra, mas de uma serie numerosa d'ellas; quando elle pretende legislar sobre o abuso com que na sua opinião se diffundem certas particularidades phoneticas: o que prova essa teima, esse protosto do erudito, é que é já inevitavel essa diffusão, por mais razões e preceitos que se lhe pretendão oppor: para o glottologo, como para o mythographo, o que isso testifica é que o phenomeno glottico se produziu e mantem, é que o phenomeno psychico continuou a existir.—E paro aqui, sob pena de escrever um tractado sobre o *l*, o que o meu amigo não supportaria.

—As nossas pronúncias¹ são *Narciso*, *Bernardino*, *Guilhermina* etc.; porquê? não sei; são assim, apesar de dizermos *carneiro*, *convertêr* etc. Assim tambem dizemos *narcotico*, e o povo *artista*².

—*Sâoscrito*, *Romãiana*, pronunciações ensinadas por Vasconcellos Abreu³. A respeito da 1.^a não me conformo, e estou mais com a opinião de Ascoli, cuja discussão a esse respeito conheço⁴: todavia, como discipulo, não quis ir d'encontro á opinião do mestre⁵, sem a disenter; e o logar era improprio para discussões⁶. Sobre os vocabulos *Ramáyana* e *Mahabhárata*, é elle que tem razão, o esta accentuação é conformo á regra classica de Quintiliano, que me parece dever observar-se em todas as romanizações. Posso tambem prevenir o meu amigo de que a pronúncia dos nomes indianos, como a ensina V. Abreu, ganha dia a dia terreno entre nós, em Lisboa, e tanto que até o Candido de Figueiredo já diz *sâoscrito*, com ao o acento na 1.^a syllaba! Identicas são *Himálaia* etc.

¹ [Isto é, as dos Lisboaetas, por opposição ás dos Beirões, que pronunciam *ar* e *er* nas respectivas palavras do texto como *gr* (= *âr*) e *gr* (= *e* surdo + *r*).

² [Em Lisboa, entende-se].

³ [Vasconcellos Abreu foi quem, como é sabido, introduziu entre nós o estudo do *sâoscrito* ou *sânscrito*, em 1877. Cfr. *Rev. Lusitana*, x, 172 ss.—Acêrea da palavra que nos ocupa vid. o que este escreveu no *Curso de literat. e ling. sanscritica*, II, t. II, Vocabulario, p. 171].

⁴ [Viana refere-se, como creio, ao que diz Ascoli nas *Lezioni di Fonetologia comparativa*, Torino-Florença 1870, p. 3, nota, lugar a que eu provavelmente me referia na minha carta, pois, já na ocasião em que a escrevi, eu possuia aquella obra (isso explica a expressão «cuja discussão a esse respeito conheço»).

⁵ [Viana seguiu não só as lições nocturnas de sanscrito dadas por Vasconcellos Abreu na Sociedade de Geografia (vid. o opusculo do primeiro *Sobre a sêde originária da gente arica*, Coimbra 1878, prologo), mas estudou tambem com o mesmo em casa d'este].

⁶ [Volta ao assunto nas *Apostilas*, II, 403. Nos dois *Vocabularios*, que publicou, adopta ambas as pronúncias, isto é, *sanscrito* e *sânscrito*].

—*Thierry*: proferir os dois *rr* não é justo¹. Dois *rr* em francês valem tanto como um só, com pequenas excepções, como *erreur*, *torrent*, e certos futuros e condicionais, quando o radical termina em *r*.

—A pronúncia usual em Lisboa, entre o povo, é *sòdade*, *vàidade*; entre gente culta, *sãudade*, *vãidade*, e é a essa que me refiro.

—Que som é esse entre *è* e *â* antes de palatal, que me aponta? é *ê*, como creio? Não comprehendo som entre *è* e *â*². A pyramide das vogaes portuguezas é a que se segue, e não ha ahí logar para o som medio que me indica³. Será entre *è* o *ê*, como o *e* de todo o dominio castelhano e andaluz, o *e* de *siège* em francês, de *Väter* em allemão, o *e* *short* usual em inglês? ou então o *a* de *bad*, que existe no Algarve? (Veja o *Diccionario* de João de Deus).

PYRAMIDE DAS VOGAES

		<i>pá</i>	
	<i>pé</i>	<i>da, a</i>	<i>pó</i>
	<i>sê</i>		<i>côr</i>
<i>si</i>		<i>de</i>	<i>tu</i>

O *e* entre o de *pé* e o *â* teria o som dô *a*, *ê*, *â* vallaco, que eu supponho existir somente em fallares do Alentejo e na Madeira; e só ultimamente o ouvi a duas mulheres de Campo Maior em vez do *ô* usual, não de *e*. O *i* intercalar entre *e* e a palatal, como em *beijo*, é facultativo em Lisboa, mas o povo em geral não o profere. assim dix *cáxa*, *igrája*, *bájár*, comquanto a gente culta, que tem pronúncia artificial, diga *caixa*, *igráija*, *báija*, e algum caturra velho *igrêja*, *bêjar*, como *vermelho*, *têno*, *sêja* etc., como fazem os saloios. No Alentejo e Algarve dizem *bêijo*, *vermelho*, *têno*, e no Brasil tambem.

¹ [Eu provavelmente tinha-lhe observado, e creio que com razão, que não seria conveniente notar em português por *tièri*, como ele faz no *Nomenclator*, a pronúncia de *Thierry*. Com essa notação todo o Português pronunciará o nosso *r* lene, e não o *r* francês; mais proximo estão d'este dois *rr*].

² [Não me lembro a que som eu me referia. Talvez ao *e* de *têno* que tem várias pronúncias (*têno*, *tânho*, *teinho*, etc.). Dizer aqui Viana que não comprehende som entre *è* e *â* não combina com o notar pouco depois um som valaco (alentejano e madeirense) em tais condições. Apesar da discussão assentar numa dúvida, tanto minha, como d'ele, julgo-a instrutiva, e por isso a reproduzo.—Ele volta ao assunto noutra carta: vid. adiante].

³ [Vid. a nota precedente].

Desculpe-me o atrapalhado desta longa carta, e creia-me sempre muito amigo e obrigado: *A. R. Gonçalves Vianna*».

*

Do uma carta de 20 de Maio:

«Recebi, o agradeço muito, a separata que me enviou da sua crítica ao «Catalogo» de Bellucci, que é um homem de muito morecimento¹. Sobre a sua analyse, entre outras notas que tomei, e que só a mim interessam, aponto-lhe as seguintes:

Pág. 582: *fazer unha figa*—fazer uma figa, em Lisboa. Conheço um fidalgo que diz ter tres receitas para se guardar da má influênciã que resultaria do encontro de um corcunda em jejum²: 1.^a, fazer-lhe uma figa; 2.^a, esfregar uma moeda de 10 reis na sola do çapato; 3.^a, uma reza, que sabe, mas não diz. É sabido que a figa é uma representação obscena analogã ao *manguito*, do que o Camillo Castello Branco fez uma descripção bem picaresca.

Pág. 583: *no Porto conheço etc.* Perto da minha morada actual, no antigo Largo do S. André, havia ha vinte o tantos annos uma taberna ordinaria que mesmo em frente da porta tinha a armação enorme de um carneiro³, e por baixo um letreiro que dizia: *Aqui não se fia*⁴. Substituia lá o famoso ramo de louro⁵.

¹ [O meu artigo intitulava-se «*Amuletos italianos e portugueses*, a proposito do CATALOGO DELLA COLLEZIONE DI AMULETI INVIATA ALL'ESPOSIZIONE DI MILANO 1881, — por Giuseppe Bellucci, Perugia 1881, 24 páginass, e saíra na *Rev. Scientifica*, Porto 1882 (depois reproduzido nos *Ensaïos Ethnographicos*, III, 211 ss.). Bellucci é Professor da Universidade de Perugia, e esteve em Lisboa no Congresso de 1880; aí o conheceu Viana].

² [Acêrea desta superstição vid. *Trad. pop. de Portugal*, Porto 1882, pág. 225].

³ [Numa das principais ourivezarias de Lisboa ha sobre um mostrador um enorme chavelho, artisticamente disposto. A arte tem por fim, como creio, disfarçar o verdadeiro papel apotrópico que ele ali está desempenhando!—Vid. o que com maior desenvolvimento digo a respeito do chavelho no Apêndice do presente artigo].

⁴ [Cfr. o que a proposito de letreiros semelhantes digo na *Hist. do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, pág. 254, n.º 1. — É curioso observar que já os Romanos diziam de modo semelhante, como se lê nuns banhos de Sétif (Argelia): *bene lavas! oze* (= hodie) *a(ssen) des, crus gratis*. Vid. *Bulletin Archéologique*, 1916, pág. xix. Até nas cousas minimas, como esta, o presente continúa quasi sempre o passado!].

⁵ [É bem conhecido o uso do ramo de louro á porta de tabernas como tabuleta. Em vez do louro usa-se tambem o pinheiro, por ser verde como aquele. No *Pranto de Maria Parda* fala de ramos de tabernas Gil Vicente mais de uma

Pag. 585: *Telhado, telhadão* etc. Também em Lisboa.

Pág. 586: *signo samão*. Em Lisboa *sino saimão*. V(ide) Lord Lytton, *The House and the Brain*, sub fine, com relação ao *pentacle*¹.

Pag. 587: sobre o etymon de *aguinaldo, aguinettes, quendas* (fórma muito interessante) veja Schucardt in *Rom(ania)*, vol. iv, que não cita o portug(uês).

No Porto ou na sua terra diz-se *nagalho?* em Lisboa dizemos melhor *negalho*: cast. *legajo* < *ligaculum* ».

Assuntos varios, ventilados na mesma carta:

— «A iotização de Lisboa dá-se somente entre *é* ou *ê* accentuados e um *a* seguinte atono. Livre-se de dizer em Lisboa a *i Anna*, a *i arma*: é para nós um provincialismo desagradavel².

— *Sêmea* tem o *e* fechado, porque corresponde a *e* latino, e é popular; *Bohemia* tem o *e* aberto, porque é vocabulo artificial, e proparoxytono; *tême-a* tem o *e* aberto pela refracção, que no sul se dá nos verbos da 2.^a conj.: *têmo, têmes, tême*, também muito vulgar em parte do norte: não o é na Beira?³

— O *l* influe na vogal, tornando-a aberta, o *r* não, em portug(uês). As fórmas *Narciso, Guilhèrmino* etc. devem ser atribuidas a *accento secundario*.

vêz. No auto camoniano do *Filodemo*, II, 11, diz-se «mais certo em casa que pinheiro em porta de taverna». Todavia temos um proverbio que proclama: *O bom vinho não ha mister ramo*, analogo a um inglês: *good wine needs no bush*, que mostra que na Inglaterra se usavam d'antes ramos como entre nós, hoje lá substituidos por insignias, lião de ouro, cabra branca, etc., alusivas aos nomes das casas. Paralelo aos citados proverbios é o francês: *à bon vin il ne faut pas d'enseigne*, onde ao «ramo» dos de cima corresponde «insignia»].

¹ [G. Viana traduziu este conto de Lytton. O passo a que se refere, diz assim na tradução (*O Dia*, 28-xii-1901): «eu abrira a pasta; estava encadernada em couro vermelho, liso, e tinha um fecho de prata; continha só uma folha de pergaminho grosso, e nessa folha estavam inscritis em duplo *sino-saimão* umas palavras em latim, etc.»].

² [Já antigos gramaticos nossos se referem à pronúncia beirôa de a *i Anna* etc., contraposta á estremenha: cf. Contador de Argote, «Dos dialectos da lingua portugueza», nas *Regras da lingua portugueza*, Lisboa 1725, pág. 294].

³ [Adiante se refere também a isto: pag. 20. Cf. Ephiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 80, 11, 2.—Na pronúncia de Beira: *têmo-têmes, gêmo-gemes*.—As repostas de Viana foram certamente motivadas por eu lhe ter dito que na Beira as consoantes nasais fecham sempre o som das vogais que as precedem: *Bohêmia* a par de *sêmia* etc.].

—Expressei-me mal, ou antes concisamente de mais¹. Não compreendo som entre *è* e *â* para substituir organicamente um *e* qualquer accentuado. A pronuncia de *ę* (vá este signal), que ouvi a duas mulheres de Campo Maior, substituiu *oo* e não *ee*². Para fazer ideia do valor da vogal a que me refiro, ahí vae a explicação:

a
e ę â õ o
i î ę ũ u³

Para se proferir *ũ*, a lingua toma a posição de *i*, e os labios a de *u*; para se proferir *î* (y polaco, *oi* russo, o *i* de *navio* na pronúncia dos ilheus), a lingua toma a posição de *ü* e os labios a de *i*; para *õ* (*eu* francês, *ö* allemão), lingua *e*, labios *o*; para *ę* (rumenico *â ê* etc.), lingua *o*, labios *e*. É pois o *ę* uma vogal guttural, isto é, a lingua separa-se dos dentes inferiores, como para o *o*, ao passo que para *e* se encosta a eles, como para todas as vogaes palataes, *è, ê, i*, por exemplo.

—O *Dicc.* de João de Dous representa a pronúncia algarvia do seu autor⁴: no resto do reino ninguem observa, nem mesmo comprehende, o que o auctor quer dizer com. os seus *dqis ee* abertos, differentes em *pé* e *pés*; o 2.^o é a breve inglés de *bad, man, fat*, etc., que no resto do reino se não usa. No de Aulete a pronúncia está absurdamente figurada, e deve representar a do seu transcriptor, o Dr. Santos Valente, bastante convencional, me parece. Eu creio que um trabalho preparatorio para a phonetica geral dos nossos dialectos e *fallares* seriam vocabularios da lingua usual de cada provincia, de formato igual, e transcripção analogica e systematica, publicados successivamente: 1.^o Lisboa, 2.^o Coimbra, 3.^o Alemtejo, 4.^o Algarve, 5.^o Porto, 6.^o Tras-os-Montes, e assim por diante. Que excellentes trabalhos comparativos se não fariam!⁵. No Alemtejo, parece-me, até melhor observação, que o *ei* escripto se lê *éi*, se

¹ [Cfr. a nota 2 de pag. 28].

² [Vid. supra, pag. 28].

³ [Ele não acentuou as vogais abertas d'este triangulo, mas entenda-se que *u, e, o* são *â, ê, ó*].

⁴ [Exprime melhor o seu pensamento noutra carta (de 10-vi-1883), onde diz: «O *Dicc.* de João de Deus não representa positivamente a pronúncia algarvia, porém mais de pressa essa pronúncia modificada pela cultura, e por tanto já pouco espontanea». Isto deve ter sido motivado por alguma observação que lhe fiz].

⁵ [Acerca de vocabularios locais vid. o que tambem escreveu na *Rev. Lusit.*, 1, 158].

está descoberto, ou seguido de consoante explosiva surda, e *ê*, seguido de outra qualquer consoante, ou de *r*: este preceito porém é nm pouco inductivo demais, e carece de ser confirmado ou invalidado pela observação»¹.

De uma carta de 10 de Junho:

«Peço-lhe a maior attenção² com respeito á flexão interna nos verbos da 2.^a conjugação (em *-er*) cujo radical contenha *e* ou *o*. Deve estar lembrado de que no trabalho que publiquei na *Romania*. . . chamei a attenção para esse facto, unico nas linguas romanicas, e nem mesmo geral em Portugal, segundo se me affirma, e eu tive occasião de observar aqui³ em pronúncia de transmontanos⁴. Sem querer fabricar symbolismos, e reconhecendo, como fiz, a origem puramente phonetica do phenomeno, nem por isso é elle menos digno de attenção pela sua singularidade, e suppõe, como aventei, dois dialectos distinctos. Repito-lhe, peço-lhe pois, que tome nota, não só dos pontos do paiz em que se elle dá, porque é a bem dizer geral, mas tambem d'aquelles em que se não produzir, isto principalmente».

Como eu lhe objectasse que a palavra *fome*, que ele transcreve por *fóme* no *Essai*, p. 40, eu a pronunciava *fôme*, segundo a fonetica da Beira-Alta (minha patria), diz-me na mesma carta:

«Tem plenamente razão: a sua pronúncia de *o* fechado é devida á nasal. Aqui⁵ a nasal sómente exerce essa influencia regressiva se a vogal seguinte é obscura, *o*, *á*, mesmo em vocabulos modernos: *telephône*, *trombône*; *sarcôma*.

¹ [Na *Exposição da pronúncia normal*, pag. 19, e na *Ortografia nacional*, pag. 20, volta de fugida ao assunto, mas é mais generico, pois apenas diz que *ei* no Alentejo se lê é por ex. *sêra*=seira. Já Monte Carmelo no *Compendio de ortografia*, Lisboa 1767, nota a condensação de *ei* em *ê*, em palavras plebeias como *macêra*, pag. 632, *Penhêro*, pag. 630, etc. Trato do assunto na *Rev. Lusit.* iv, 28].

² [Ele escreveu por engano *intenção*, sob a influencia da palavra *interna*, que vinha pouco depois e que representa a ideia principal].

³ [Em Lisboa].

⁴ [O trabalho a que se refere, publicado na *Romania* (1883), é o *Essai de phonétique*, de que se fez separata. O assunto a que ele allude na carta é tratado a pag. 46 ss. da separata. — Vid. o que disse noutra carta, supra pag. 18].

⁵ [Em Lisboa].

E continúa:

«Peço-lhe também que me mande dizer em que ponto rigorosamente delimitado exerce o contacto do apice da lingua para proferir *l*, e se differença *l* lingual de *l* gutturalizado (*al*, *el*, etc.), e ainda neste ultimo caso, se a vogal anterior se resente dessa gutturalização, isto é, se ha differença entre os *ee* ou *oo* de *cèlta*, *setta*, *sòlta*, *sòta*; e se a sua pronúncia lhe revela a existencia de *d* fricativo entre vogaes (*ð*). Differença ou de *ð*, ouço de *osso*? Qual é a vogal prepositiva (a tónica) de *ou*: *ø*, *ò*, ou *ø*? Prefere *ou* ou *oi* na elocução familiar? (*ouro* ou *oiro*)¹.

*

De um bilhete postal de 22 de Junho e de uma carta de 22 de Julho:

—«O Schuchardt escreveu-me e enviou-me dois fasciculos de trabalhos d'elle sobre os creoulos de Cochim e Diu². Já os li e anotei, para lhe comunicar as minhas impressões, e em breve a elle escreverei, comquanto essa especialidade seja quasi novidade completa para mim».

—«O trabalho do Sweet é um artigo publicado em qualquer jornal de sciencias ou literatura, e cuja separata elle me enviou por intermedio de Gaston Paris³. Heide escrever-lhe quando souber para onde, porque elle analysou a pronúncia de um individuo que se diz de Lisboa, mas cuja pronúncia indubitavelmente está já adulterada, se é que elle se não ausentou d'aqui ainda alalo⁴.

*

Gonçalves Viana, quando eu lhe mandava algum trabalho meu, indicava-me não raro as observações que ia fazendo na leitura, por-

¹ [D'estes phenomenos trato em alguns dos meus trabalhos dialectologicos publicados depois].

² [Fazem parte da serie das *Kreolische Studien*, a que me referi supra, pag. 8, n. 1—Gonçalves Viana escreveu a proposito dos trabalhos crioulos de Schuchard, um artigo na *Rev. Lusit.*, II, 356-359, a que deviam seguir-se outros, que porém ele não chegou a publicar].

³ [Gaston Paris, um dos mais notaveis filologos da França. Cfr. o que escrevi na *Rev. Lusit.*, VIII, 306-308].

⁴ [De Sweet já a cima falei, pag. 9, nota 1. O trabalho a que alude Viana intitula-se *Spoken Portuguese*, separata creio que de *The philological Society's Transactions* (de Londres): raro opusculo, de 36 páginas, de que possuo um exemplar].

que tinha o costume de comentar as obras que lia, e até juntava a algumas d'elas folhas brancas, ora intercaladas, ora no fim, para escrever os apontamentos¹. As seguintes linhas, de um postal de 6 de Agosto, constituem anotações a um artigo meu que lhe enviei com o titulo de «Costumes da Beira-Alta», publicado na *Encyclopedia Republicana*, Lisboa 1881 (e depois reproduzido nos *Ensaio Ethnograph.*, II, 153 n.):

«Pag. 189, n. 2: *elle chove* etc. O mesmo em Lisboa.

Pag. 190: *Fogaças*. As fogaceiras dos antigos arraiaes de Lisboa, que ainda vi em pequeno, pelo S. Antonio até Agosto, em quasi todos os largos (bem estreitos alguns) da cidade alta, as fogaceiras, digo, vestidas de branco, com fitas azues ou côr de rosa, e lenço de cambraia com rendas na mão esquerda, conduziam á cabeça os *cargos*, enormes pyramides de massa doce com flores artificiaes, fructas e bolos, até o local onde se arrematavam, e eram ahi acompanhadas por pifano e tambor.

Pag. 194, nota: ò (=ao) é a forma usual em Lisboa, *aq* a solemne, *áu* é pedante, tanto como *quê* em vez de *que*, *que*».

*

Como eu, numa viagem pelo Norte de Tras-os-Montes, para estudos lingüísticos, encontrasse e communicasse a Viana, o vocabulo *carva* ou *carba*, que significa certa planta, e que eu relacionei com *carvalho*, respondeu-me em carta de 17 de Setembro:

«O vocabulo *carba* desnorteia-me um pouco».

Exprime-se assim, porque tinha para si outra etimologia de *carvalho*, a qual não exponho, porque a não vejo consignada por elle no *Vocabulario* de 1909, e talvez a rejeitasse.

¹ Vi em casa d'ele, por exemplo, um *Diccionario Contemporaneo* com abundantes notas de seu punho. A biblioteca da Faculdade de Letras possui um exemplar da 1.^a ed. de *Die portugiesische Sprache* de Cornu com muitas folhas suplementares anotadas: Cornu aproveitou muitas das observações de Viana na 2.^a edição, como al declara, e se vê comparando-a com a 1.^a e com o ms. de Viana. Este exemplar foi comprado pelo illustre Director da Faculdade (Dr. Queiroz Velloso), com outras obras, no leilão que depois da morte de nosso chorado filologo se fez dos seus livros. Seja dito de passagem que empreguei todos os meios possíveis para que o Governê comprasse para um estabelecimento do Estado a livraria de G. Viana, e a não deixasse dispersar, como se dispersou; mas tive como resposta,—que não havia dinheiro!

Na mesma carta fala-me de uma excursão sua pelas Beiras (da Guarda a Lamego), Vila Real e Guimarães,—durante 15 dias.— Com certeza nesta excursão fez algumas observações foneticas, pois o seu ouvido estava sempre atento.

Circuscrevi-me em copiar trechos da correspondencia de 1883, (primeiro ano das nossas relações), por ser essa a mais curiosa. De 1884 e 1885 restam-me poucas cartas. Em 1886 e 1887 não devia ser muito activa a nossa correspondencia, porque em 1886 terminei a formatura no Porto, e andei muito occupado com exames, com a tese etc., e em 1887 exerci medicina no Cadaval, onde o tempo igualmente não abundava para colloquios filologicos. Em 1888 já eu residia em Lisboa, e encontravamo-nos a miudo. Umaz vezes vinha Viana a minha casa ou procurava-me na Bibliotheca Nacional, de que fui Conservador vinte e tantos anos, outras visitava-o eu, ou aprazavamos passeios em comum. De mais a mais, tanto elle, como Vasconcellos Abreu e Consiglieri Pedroso costumavam dar reuniões á noite, cada semana, alternadamente; a par com os tres, e com outros amigos, assistia eu tambem¹. Depois do successivo falecimento de Vasconcellos Abreu (1907) e de Consiglieri (1910), as reuniões afrouxaram, e acabaram de todo; mas Viana e eu continuavamos a encontrar-nos na Livraria Classica e nas sessões da Academia (Viana fôra eleito socio efectivo em 1911, e d'então em diante apparecia nas sessões com frequencia). De modo que não havia grande necessidade de que nos correspondessemos longamente por cartas².

¹ Os outros amigos eram, por exemplo: Berkeley Cotter, Naturalista do Museu de Geologia, Dias Coelho, actual Chefe da secção de revisão da Imprensa Nacional, João de Freitas Branco, hoje falecido, a quem Viana consagra sentidas linhas nas *Palestras Filologicas*, Lisboa 1910, pag. 37, nota. Consiglieri, quando as reuniões não eram em sua casa, nem sempre porém apparecia, porque os negocios a que se entregava o dominavam, apesar de elle poder ter sido, por causa do seu saber poliglotico, um dos primeiros etnografos da Europa. Pelo que toca aos restantes companheiros, tambem nem todos eram feis assistentes, excepto Viana que nunca faltava,—muito engomado, engravatado, e apumado no seu fraque ou sobrecasaca (tinha tal esmero no vestir, que nem parecia filologo!). Em tais reuniões, ou tertulias, que, conforme o domicilio dos generosos anfitriões, se efectuavam por toda Lisboa, desde a remota Travessa de Lazaro Leitão até o largo de D. Estefania, à rua de Castilho etc., ventilavam-se, como era natural, os assuntos que mais ou menos habitualmente nos occupavam. Com que saudade as recordo!

² Não obstante, quando era preciso, ou quando algum de nós estava ausente, escreviamos-nos. Em 5 de Agosto de 1889 me escreveu elle, por exemplo, de Paris para Lisboa. Em 3 de Julho de 1889 escreveu-me para Bona (na Alemanha), onde

Para remate do meu artigo, quero acrescentar umas notas acêrca dos caracteres fisicos, intellectuais o morais de Gonçalves Viana, pois que eu o conheci bem, por ter lidado muito com ele.

Viana era magro, alto, e andava de vagar, dando extensas passadas, como canchas. Quando falava, fazia-o com enfase, como pessoa nervosa, e nas discussões perdia a seronidade. O mesmo arrebatamento se manifestava tambem nos julgamentos: tanto punha em elevar até os astros, como descer até os infernos, uma obra ou um autor. Levava-se muito das primeiras impressões. Às vezes porém vinha-lhe a calma, sobretudo se, a sós ou por escrito, se insistia com ele acêrca de qualquer ponto com que a principio não se conformava: isto, porque Gonçalves Viana tinha como base moral do seu espirito a candura. Não havia ninguem mais sincero, mais puro, mais verdadeiro. Incapaz de uma impostura, de uma mentira, se uma vez ou outra contrapunha injustamente palavras asperas a quem o rebatia, não procedia assim por malquerença ou de proposito: dominava-o o seu nervosismo, a sua imaginação. Muito desprendido de si, nem sequer pensou em deixar testamento, do que resultou o desperdiçarem-se os seus livros na bruta voragem de um leilão judicial. Embora possuísse extenso saber, não espalhafatava nunca, e apenas, quando se oferecia a ocasião, mostrava a serio que sabia. Os seus conhecimentos consistiam principalmente em lingoas e em literaturas modernas. Faltava-lhe talvez um pouco de disciplina, porque em novo não seguira com intensidade estudos regulares. Estes convem sempre, por modestos que sejam,

passai uns dias, e disse-me: «ando outra vez a aplicar-me ao vasção, já sei uns 200 vocabulos de córs». Em 30 de Dezembro de 1902 escreveu-me para o Douro, contando-me que ia melhor de uma doença que o affigia. Em 12 de Março de 1906, num postal, para a Biblioteca Nacional: «Todo eu sou *Apostilas*, estou revendo as provas». Em 17 de Setembro, para o Douro: «Cá lhe reservo o 1 vol. das *Apostilas*, para quando voltar. O segundo vai a correr, e tudo formará umas 1000 páginas». Em 29: «Estou afogado em provas; ainda ontem passei 9 horas e meia a rever *Selecta e Gramatica elemental* inglesas, fóra *Gramatica francesa*, e d'aquí a dias *Selecta-francesa*, que tenho de anotar toda». Em 27 de Outubro de 1911: «Peço-lhe o obsequio de me mandar dizer a quem, e para onde, hei-de dar os pêsames pelo falecimento do nosso bom amigo Julio Morcira, que dolorosamente me veio surpreender, ao ter dêle noticias pelos jornais. Mais um dos poucos que a serio trabalhavam em pró da nossa querida lingua, desapareceu». Em 25 de Novembro de 1913 mandou-me um bilhete a respeito do uso de *sob*, assunto que foi tratado na Academia.

a quem haja de se dedicar á sciencia, porque obrigam a metodo e a ordem. No campo da Filologia, Viana cultivou de preferencia como já sabemos, a Fonetica viva, tanto portugueza como geral. A Literatura medieval bem como a Sintaxe e a maior parte da Morfologia eram-lhe menos familiares. Viana não tinha paciencia para se embrenhar em arquivos, decifrar manuscritos, ler obras arcaicas, meditar contextura de frases, e tomar notas trabalhosas. Nem todos podem servir para tudo! Gostava mais de ler cousas correntes e modernas, como se vê das citações que ele faz nos seus livros. Grande parte do que escrevia, saia-lhe de um jacto. Parecia-se aqui um tanto com Gaston Paris, que, referindo-me eu uma occasião em sua casa aos seus apontamentos, me respondeu com espanto: «Tenho tudo aqui», e bateu na testa com a ponta do dedo indicador. Só quem dispõe de grande memoria é capaz de tais maravilhas. Gaston Paris disse-me de mais a mais que, em rapaz, lhe bastava ler uma só vez uma poesia de uns tantos versos, para a reproduzir imediatamente de cór. — Mas voltemos a Gonçalves Viana.

A sciencia perdeu nele um obreiro inteligente, laborioso, e sempre pronto em pôr com generosidade á disposição dos outros os tesouros intellectuais que acumulára. Homens como Gonçalves Viana aparecem raramente. O seu aparecimento no nosso país até constitue um fenomeno muito notavel: Viana, como foneticista, formou-se a si mesmo, sem mestres, sem tradições, sem laboratorios, e sem sair do cá, pois que só tarde, já depois de ser conhecido, se relacionou com muitos filólogos¹, e viajou por fóra de Portugal (França, Alemanha etc).

Todas estas razões me obrigam a lamentar a sua morte, ao que acresce a minha dôr pessoal, porque, tendo-me consagrado Gonçalves Viana intensa amizade, «certamente nesta vida, como se diz na *Eufrosina* (V, x), não ha cousa preciosa que chegue ao verdadeiro amigo».

Campolide, 5 de Outubro de 1916.

(Em: *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, x, 1917, pp. 607-630.)

¹ No decurso do meu artigo tenho citado alguns. Outros posso lembrar, como: Paul Passy, activo e entusiastico foneticista, alma da Associação fonetica dos professores de linguas vivas, ou Associação fonetica internacional, que tem por órgão *Le Maître phonétique*; Foulché-Delbosc, redactor da *Revue Hispanique*. Ambos amigos pessoais de Viana, que colaborou com eles nos citados jornais. — No espolio de Viana deviam existir muitas cartas que recebeu de pessoas importantes, mas tudo se sumiu no leilão!

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana

Bio-bibliografia

por

Álvaro Neves

Entre apontamentos autografos concernentes ao vigesimo segundo volume do *Dicionário Bibliográfico Português*, endereçados ao notavel bibliografo seu falecido autor o meu amigo Pedro Wenceslau de Brito Aranha, possuo¹ a auto-biografia com laconicas indicações bibliográficas, do eminente filólogo sr. Gonçalves Viana.

Tendo, — com o meu ex.^{mo} am.^o sr. José Joaquim Gomes de Brito, — de rever o citado volume, não tencionava mais do que completar essas notas bibliográficas com os meus apontamentos, sem recorrer à analyse de todas as especies enumeradas. Porem, honrado com o convite para colaborar nesta homenagem póstuma entendi dever elaborar a bibliografia do notavel fonéticista, tão completa quanto me fosse possível, descrevendo trabalho a trabalho, na sua ordem cronológica². Devo confessar que não foi tarefa facil; no entanto, poucas especies cito pela simples indicação do seu autor³. Quiçá alguma esqueceu; mas já dizia Inocência: — não há bibliografias completas.

¹ Por gentil amabilidade da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Amalia Teles da Mota de Brito Aranha, estremosa viuva do meu falecido amigo, e de seus enteados, foime ofertado parte do arquivo — correspondencia — referente ao *Dicionário Bibliográfico Português*, devido a ter feito proposta ao Governo para continuar essa obra. Aproveito a oportunidade para publicamente registar o facto e apresentar os protestos da minha gratidão.

² Justificada nos meus *Estudos Camilianos*. Lisboa, 1917, p. 11-12.

³ Vão indicados com *. São os n.^{os} 2, 4, 12, 29, 40, 56, 57, 71, 72, 89.

Auto-biografia

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, natural de Lisboa, nascido em 6 de janeiro de 1840, — e baptizado na igreja de Nossa Senhora dos Anjos, a cuja freguesia pertencia por êsse tempo sua familia por nela residir, — é filho do grande actor Epifanio Aniceto Gonçalves (Viana)¹ e de D. Maria dos Anjos, ambos naturais de Lisboa. Seu pai deixou de usar o apelido *Viana* por haver outro actor conhecido por êste apelido; mas seus filhos, Torcato, falecido em 1857, e Aniceto adoptaram-no sempre desde o colégio.

Cursava Gonçalves Viana a aula de commercio, habilitado com o curso dos liceus dêsse tempo, quando seu pai faleceu da febre amarela, dez dias depois da morte de seu filho mais velho, tambem vitimado pela mesma epidemia. Havendo ficado, aos dezoito anos incompletos, com o encargo de três pessoas de familia, sem ter herdado bens, entrou para o serviço público em 9 de Janeiro de 1858, no lugar de aspirante da Alfandega do Consumo, onde sucessivamente, e sempre por concurso, foi promovido a terceiro official em 1869, a segundo em 1877, e a primeiro official em 1881. Passou para a Alfandega de Lisboa em 1885, e aí desempenhou as funções de chefe da Contabilidade, e da 3.ª Repartição, e actualmente desempenha o cargo de Chefe da 1.ª Repartição, como chefe de serviço. Conta portanto nesta data (outubro de 1913) perto de cinquenta e seis anos de serviço consecutivo, com breves intervalos de licenças, motivadas quasi todas por doença.

Em comissão exerceu de 1878 a 1882 as funções de chefe das secções do pessoal, ou da contabilidade na Direcção Geral das Alfandegas, onde foi servir temporariamente a instancias do então ministro da fazenda Henrique de Barros Gomes, situação que os sucessores dêste lhe conservaram como digno de inteira confiança, até que, a seu pedido, regressou à Alfandega, a cujo quadro pertencia. Como empregado de Alfandegas tem feito parte de várias comissões quer de reforma de serviços, quer de inspecção e inquerito, mediante decretos e portarias, emanadas do antigo Ministério da Fazenda, ou do actual das Finanças que lhe corresponde.

¹ Acêrca dêste actor pode consultar-se:

Revista Universal Lisbonense.

Sousa Bastos, *Carteira do Artista*, Lisboa, 1898, p. 138 e 872.

Sousa Bastos, *Diccionario do Theatro Portuguez*, id. 1908, p. 167

Diário de Noticias, n.º 16425, de 3 de agosto 1911.

Julio Cesar Machado, *Theatros de Lisboa*.

É como filólogo, porem, principalmente como foneticista, e tambem como lexicólogo, que Gonçalves Viana é mais conhecido. Havendo interrompido os seus estudos liceais aos desasete anos como já registei, e nos quais neste ramo entravam então francês, inglês, latim, latinidade, elementos de grego, etc., seguiu muito depois (1869) o curso de grego, professado pelo grande helenista António José Viale, na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde naquele ano se estudaram as epopeias homéricas, Teocrito, Pindaro e Plutarco. Em 1878 e 1879 tendo como condiscípulos Zofimo Consiglieri Pedroso e José Barbosa Betencourt, frequentou o curso de sânscrito, particular e obsequiosamente regido pelo celebre indianista português Guilherme de Vasconcelos Abreu, lente dessa disciplina no Curso Superior de Letras, fazendo no fim do primeiro ano, assim como os seus condiscípulos, exame público, no qual todos três foram aprovados com distincção. Nesse primeiro ano, alem de gramática, estudou-se e traduziu-se o episódio de Nala, da Barátide de Viaça; e no segundo o episódio da morte de Daxarata, da Ramaide de Valmiqui, o primeiro acto do drama de Calidaça *Xacuntalá*, a *Layu Caumudi*, resumo das teorias dos gramáticos indios, e ainda alguns hinos védicos, novelística e fabulario, bem como se estudou a história da literatura indiana, antiguidades da Índia árica, e prácritos, isto é, dialectos vulgares empregados pelos autores dramaticos, cumulativamente com o sânscrito classico.

Consigo próprio tem Gonçalves Viana, com maior ou menor desenvolvimento e applicação, estudado os seguintes idiomas: castelhano, catalão; italiano (toscano literário e veneziano); romeno; dialectos romanches; alemão, holandês, frisico, anglo-saxão, dinamarquês, sueco, islandês antigo; irlandês e galês; russo, bulgaro e polaco; línguas aricas modernas da India; finlandês, lápico e hungaro; hebraico, árabe; malaio; japonês; vasconço; quimbundo; tupi, etc., alem da glotologia geral e gramatica comparada, principalmente das línguas aricas.

É neste género de estudos que a sua competência se tem affirmado, quer em revistas científicas e em jornais diários, quer em obras independentes, ou por colaboração nas de outros, quer em livros de ensino.

Em 1880 foi nomeado secretário do 9.º Congresso de Antropologia e Arqueologia Preistórica, celebrado em Lisboa nesse ano. Como consta do prefácio do relatório escrito e assinado pelo falecido general Joaquim Filipe Neri da Encarnação Delgado, que sucedera a Carlos Ribeiro na Direcção dos Trabalhos Geológicos, organizou Gonçalves Viana, e em parte redigiu em francês esse relatório, volume de setecentas páginas, que foi publicado em 1884,

acumulando ele, sem nenhum estipêndio mais, e voluntariamente, este serviço com o que desempenhava nas Alfandegas, como funcionário delas. Para o mesmo Congresso traduziu em francês uma memória de Martins Sarmiento, versão que está incorporada no relatório e se intitula: *Les Lusitaniens*.

Em reconhecimento destes desinteressados serviços foi pelo então Ministro das Obras Públicas, o professor Antonio Augusto de Aguiar, expedida uma portaria de louvor, porque se recusou Gonçalves Viana a aceitar a comenda de S. Tiago, que lhe fora oferecida pelo mesmo ilustre professor e estadista.

De todo o trabalho de coordenação e revisão se incumbiu também, além da vastíssima correspondência epistolar que esse notável documento exigiu, visto que uma parte dos estudos e memórias, apresentados ou lidos no Congresso, foram feitos pelos numerosos estrangeiros que a êle concorreram, e que desses trabalhos deixaram escassos esboços, que ao depois ampliaram, ou meros apontamentos, que foram por Gonçalves Viana aproveitados para redigir as actas das sessões. Quatro eram os secretários portugueses do Congresso: Guilherme de Vasconcelos-Abreu, Francisco Adolfo Coelho, Ramalho Ortigão e Gonçalves Viana. Vasconcelos-Abreu adoeceu gravemente, e os outros dois, pela impossibilidade de disporem de tempo, não o puderam coadjuvar. Pode afirmar-se que, sem a espontânea cooperação de G. Viana, que com o encerramento do Congresso havia terminado a sua ingerência nos trabalhos dêle apresentando as actas respectivas, que elaborara, tais documentos importantíssimos difficilmente haveriam sido publicados, doente como estava Carlos Ribeiro, e ausente em Inglaterra, em serviço do Estado, o sr. Jorge Candido Berkeley Cotter, funcionário competentíssimo daquele estabelecimento público, e que felizmente ainda pôde no seu regresso auxiliar uma parte da laboriosa revisão das provas. Por falecimento de Carlos Ribeiro, assumiu a responsabilidade da publicação do relatório o seu sucessor Neri Delgado, que no prefácio, como fica dito, presta homenagem aos que intervieram em tam árdua tarefa, e assinaladamente a G. Viana.

Por portaria de 15 de maio de 1900 foi nomeado para fazer parte da comissão para rever a nomenclatura geográfica portuguesa, nomeação que resultou da proposta apresentada à Direcção da Sociedade de Geografia de Lisboa pela secção de ensino geográfico, de que foi o relator, e para a qual contribuiu com uma memória, que a mesma Sociedade mandou imprimir, e que tem por titulo: *Bases da transcrição portuguesa de nomes estrangeiros*.

Em portaria de 15 de fevereiro de 1911, expedida pelo ministério do Interior, foi nomeado membro da Comissão de Reforma

Ortográfica, juntamente com a Snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e os srs. António Candido de Figueiredo, Francisco Adolfo Coelho e José Leite de Vasconcelos, comissão a que em 16 de março foram agregados o sr. dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Augusto Epifanio da Silva Dias (que pediu escusa), Julio Moreira, José Joaquim Nunes e Manuel Borges Grainha.

Dessa Comissão foi Gonçalves Viana o relator, e o plano de reforma assentou em trabalhos seus anteriores, de que mais adiante se faz menção. A reforma foi aprovada por portaria de 1 de Setembro do mesmo ano, com voto favoravel do Conselho de Instrução Pública, e executada rigorosamente em publicações officiaes, como o *Diário do Governo*, sendo o seu ensino obrigatório nos estabelecimentos dependentes do Estado. Sobre este plano ortográfico pode vêr-se a analyse minuciosa publicada na *Revista Lusitana* (vol. xiv, 1911), devida á Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e na qual a illustre escritora refuta as objecções que se lhe opuseram.

É sócio:

da Sociedade de Geografia de Lisboa (n.^o 498) desde 1881, havendo feito parte da Direcção por duas vezes, em 1895 e de 1900-1902;

da Academia de Ciências do Lisboa, correspondente desde [16 de Março de] 1893, efectivo desde [17 de Novembro de] 1910, vogal da Comissão do Dicionário da Língua Portuguesa por determinação da assembleia geral de 2 de Março de 1911, [e nomeado, pela segunda classe em 23 de maio de 1912,] para uma comissão para apreciar o «Manual Internacional de transcrição dos sons da lingua mandarina»;

da Sociedade Hispanica da America;

da Associação dos Professores de Línguas Vivas, membro activo desde 1888;

da Sociedade de Folk-lore Chileno;

da Academia Brasileira de Letras, do Rio de Janeiro;

da Gesellschaft für Romanische Literatur (Sociedade de Literatura Romanica) desde a sua fundação em 1903.

Bibliografia

1. *O Livro da escripta pelo professor Carlos Faulmann (Das Buch der Schrift, Wien, 1880)*—art. in *O Positivismo*, revista de filosofia dirigida pelos srs. drs. Teofilo Braga e Julio de Ma-

tos, vols. III, 1880—1881, pgs. 219, 272, 339 e 410, vol. IV, 1882, pg. 320.

«Numa nota a pg. 323 do IV volume discute-se e impugna-se a classificação de etiópico atribuída, no catalogo da Bibliotheca Municipal do Porto, a um códice, que se prova ser esclavão, dando-se como exacta a denominação de glagolítico, com que esse códice entrara na dita Bibliotheca, e considerando-o como livro de devoção».

- 2*. *Estudos Glottologicos. Graphica e Phonetica. O Livro da Escripção do professor Faulmann, Porto, 1881.*
3. *Macaréu*—Nota sôbre a etimologia da palavra portuguesa Macareo, comunicada em carta, datada de 1-julho-1879, a Eduardo Benot, e da qual se lê um excérto a pgs. 27—29 do estudo deste escritor intitulado: «Movilizacion de la fuerza del mar», publicado nas *Memorias de la Real Academia de Ciencias Exactas, Fisicas y Naturales de Madrid*, tomo IX, 1881.
- 4*. *Compendio de Historia Universal, por Consiglieri Pedroso, 1881.*—Vi na ed. de 1884, que este livro insere um índice de nomes proprios e alguns apelativos mencionados no texto com a sua pronuncia figurada.
5. *Die «Cantes Flamencos» pelo Sr. H. Schuchardt.*—Critica a esse importante trabalho do professor austriaco que consiste em uma analise de um livro do sr. Machado Alvarez com aquele título. A noticia do sr. G. Viana in *O Positivismo*, t. IV, pg. 71—80, estabeleceu cordealissimas relações entre os dois escritores, e no remate dela iniciou o sr. G. Viana o estudo scientifico da fonologia histórica portuguesa, que ao depois desenvolveu.
6. *Études de grammaire portugaise.*— art. in *O Positivismo*, IV, pgs. 493—502. O dr. Julio Cornu, autor dos *Études*, é outro notavel professor hoje jubilado e que com o sr. G. Viana manteve sempre as mais affectuosas relações, havendo por duas vezes estado em Portugal:—1880 e 1892.
7. *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne par ... (Extrait de la Romania t. XII), Paris, 1883*—No fim: Imprimerie Daupleley—Gouverneur.—70 p.

Foi neste trabalho que se lançaram as bases para o estudo scientifico da fonologia portuguesa, e por ele se tornou conhecido em toda a

parte o nome de G. Viana. Mereceu os maiores elogios a Gastão Paris, a João Storm, ao Príncipe L. L. Bonaparte, e ao grande filólogo e foneticista Henrique Sweet, — lente e reitor da Universidade de Oxónia — que escreveu o seguinte:

«It gives me great pleasure to find that the subject has been taken up by a native phonetician so thoroughly well qualified as Mr Vianna evidently is. I only wish his paper had been published two years ago: it would have saved me an enormous amount of drudgery and groping in the dark».

Henrique Sweet e o Príncipe L. L. Bonaparte haviam-se ocupado antes da fonética portuguesa em trabalhos, que o sr. Gonçalves Viana, só depois de publicado o seu, veio a conhecer, por obsequiosidade dos seus autores, que entre si discorreram sobre o acerto das suas opiniões, defendendo-as com o trabalho de G. Viana. Sweet concluiu as suas observações com estas palavras:

«His paper (de Viana) is so much fuller than mine ... that it is quite impossible for me to do justice to it, except by earnestly recommending it to all phoneticians ... I only hope that he may be induced to publish a complete grammar and chrestomathy of this beautiful and interesting language on a phonetic basis».

É o que fez vinte anos depois o sr. Gonçalves Viana, para o que foi convidado pelo Dr. Guilherme Viçtor, de Marburgo.

8. *Estudos da lingua portuguesa, lexico, metaphoras, catachreses e similares determinativas e qualificativas usadas na lingua portuguesa.* — art. in *Panorama Contemporaneo*, revista dirigida pelo Dr. Trindade Coelho, Coimbra, n.º 4, 15 de janeiro de 1884, pg. 31-32.
9. *Études de grammaire portugaise (Romania, t. x et xi; articles de M. J. Cornu) par ... Extrait du Muséon. Louvain. Typographie de Charles Peteers, Libraire. 1884.* — 15 pags.
10. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie. Préhistorique. Compte-rendu de la neuvième session à Lisbonne, 1880. Lisbonne. Typ. de l'Académie Royale des Sciences, 1884.*
11. *Bases da ortografia portuguesa por ... e G. de Vasconcelos Abreu. Lisboa. Imprensa Nacional. 1865. Impresso para circular gratuitamente.* — 14 + 1 pgs.
12. *Máguas de Werther*, romance célebre de J. W. Goëthe, traduzido do original alemão, editado pela casa Guillard, Aillaud, de Paris em 1885. 1.º volume da Enciclopédia de Arte, Sciencia e Literatura.

13. *Os Terrenos auríferos e carboníferos na Republica da Africa Austral (Transvaal). Esboço commercial, politico e geographico, ácerca da importancia desses jazigos para a provincia portugueza de Lourenço Marques e para a transformação das relações mercantis entre a Europa continental e a Africa Sul-oriental, oferecido á Sociedade de Geographia de Lisboa pelo socio correspondente Haevernich. Trad. por A. dos R. Gonçalves Vianna.*—art. inserto a pgs. 171-177 do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*. 1886.

14. *A orthographia portugueza*—art. in *Revista de Educação e Ensino*, vol. I, pg. 183-184 e vol. II, pg. 81-84.

15. [*Notas Bibliograficas*] incluidas no art. do Ferreira-Deusdado acerca do livro «Grundriss der Romanischen Philologie von Gustav Gröber», o publicado a pg. 141 do t. 3.º da cit. *Rev. de Educ. e Ensino*.

16. *Nomenclatura geográfica portugueza em Africa*—art. a pg. 217-220 da cit. *Rev. de Educ. e Ensino*.

17. *A Afogada. Episodio do romance historico de Cesar Cantu. Margarida Pusterla, trad. do italiano por Gonçalves Viana*—art. in *Republicas*, revista politica e literaria. Director politico Tomas Ribeiro, e literario Camilo Castelo Branco, Lisboa, n.º 94, 95, 96 e 97 respectivamente de 14, 21 e 28 d'Outubro e 12 de novembro de 1886.

18. «*Cual*» castelhano funcionalmente analogo a «*quem*» português.—art. na *Revista Lusitana*. Archivo de Estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal dirigido por J. Leite de Vasconcelos, t. I, 1887, pg. 65-66.

19. *A Evolução da linguagem. Ensaio anthropologico apresentado á Escola Medica do Porto por J. Leite de Vasconcelos.*—art. in *Rev. Lusitana*, vol. I, pg. 74-86.

20. *Materiaes para o estudo dos dialectos portuguezes.*—art. na cit. *Rev. Lusitana*, vol. I, pgs. 158, 195 e 310.

21. *Nota sobre a fonetica alemtejana.*—art. na cit. *Rev. Lusitana*, vol. I, pg. 179.

22. *Livros. Anteckningar om Folkmälet i en trakt af vestra Asturien Akademisk Afhandlingen af Ake Wison Muntke. Upsala, 1887.*—art. critico a pgs. 279 do vol. I, cit. *Rev. Lusitana*.
23. *Livros. Miguel Lemos. Ortografia positiva, nota avulso, distribuição gratuita. Rio de Janeiro, 1888.*—art. critico vol. I, pgs. 389-390 da cit. *Revista Lusitana*.
24. *Transcripção usual portuguesa d'alphabets estranhos.*—art. na cit. *Rev. de Educação e Ensino*, t. 3.º, pgs. 66-71.
25. *Bibliographia. Linguistica Africana.—I Expedição Portuguesa ao Muatiãvua. Methodo pratico para falar a lingua de Lunda contendo narrações historicas dos diversos povos pelo chefe da expedição Henrique Augusto Dias de Carvalho—II. Grammatica elementar do Kimbundu ou lingua de Angola por Heli Chatelain.*—art. critico na cit. *Rev. de Educ. e Ensino*. 1889, pgs. 151-157.
26. *A reforma orthographica em França*—in. *Rev. de Educ. e Ensino*, 1889, pgs. 235-244.
27. *Frederik Wulf. Un chapitre de phonétique, avec transcription d'un texte andalou.*—Noticia critica publicada no vol. do *Le Maitre Phonétique*¹ orgão da Associação dos Professores de Linguas Vivas, à qual G. Viana pertenceu quasi desde o comoço e de cujo Conselho fez parte por sucossiva e ininterrupta eleição. «Neste orgão publicou grande numero de artigos em transcrição fonética, quasi todos em francês, relativos não só à pronuncia portuguesa e castelhana, e a varias outras questões filológicas, mas igualmente sobre teoria e pratica de transcrições fonéticas».
28. *Notre alphabet.*—Acerca do alfabeto da citada Associação dos Professores de Linguas Vivas insere *Le Maitre Phonétique*, 1889, um art. de G. Viana.

¹ Devo ao erudito bibliotecário da Sociedade de Geografia de Lisboa, sr. João Farnhouse, a consulta desta Revista, que só naquela Biblioteca se encontra, em Lisboa.

29. *Fôra com a marca ingleza.*—Nos apontamentos do autor vejo citade este escrito como publicado no jornal *O Dia*, de 9 de fevereiro de 1890¹.
30. *Transcrição portugueza de nomes proprios e comuns pertencentes a idiomas falados nas colonias portuguezas.*—na cit. *Rev. Lusitana*, t. II, pgs. 56-67, 143-155.
31. *Emprego dos verbos auxiliares «estar», «ir», «vir» seguidos de jerundio*—art. in. *Rev. Lusitana*, t. II, pgs. 76-77.
32. *Livros. Gramaticas portuguezas para uso de alemães: I. Portugiesische Konversations-Grammatik von Carl Marquard Sauer und G. C. Kordgien. II. Das Meisterschafts-System zur praktischen und naturgemäßen Erlernen der portugiesischen, etc. Geschäften und Umgangs-Sprache Portugiesische.*—critica publicada na cit. *Rev. Lusitana*, vol. II, pg. 89-90.
33. *Miscelanea. Etimologia de Moleiro*, antigo monleiro, de monlarium, de molinum, de mola, mó.—art. na cit. *Rev. Lusitana*, vol. II, pg. 180-181.
34. *Revue des Patois, Patois d'Eaux-Bonnes, de João Passy*—na cit. *Rev. Lusitana*, vol. II, pg. 185-186.
35. *Formas Converjentes.*—na cit. *Rev. Lusitana*, vol. II, pgs. 316-321.
36. *Fonolojia Histórica Portuguesa.*—na cit. *Rev. Lusitana*, II, pgs. 332-338.
37. *Necrologia. O Príncipe Luis Luciano Bonaparte.* Noticia sobre os trabalhos filológicos deste Príncipe, com quem o sr. G. Viana manteve relações—cf. o n.º 70 desta bibliografia,—na cit. *Rev. Lusitana*, II, pgs. 351-352.
38. *Livros. Kreolische Studien, do dr. Hugo Schuchardt.*—art. critico inserto na cit. *Rev. Lusitana*, II, pgs. 356-359.

¹ Creio haver engano na data, pois sou informado que em fevereiro de 1890 não saiu nenhum artigo com este titulo.

39. *Línguas e raças*.—No prefácio dos *Elementos de geographia geral* por Ferreira Deusdado. Guillard, Aillaud & C.º, Paris-Lisboa, 1891, escreve o autor:

«O capítulo línguas e raças devo-lo á honrosa colaboração do nosso presado amigo e ilustre glottologo sr. Gonçalves Viana. Com a competencia que o distingue prepara este sr. para 2.ª edição uma romanisação portugueza sistemática de nomes ethnicos e geograficos, como têm todas as línguas dos povos civilizados. Esse trabalho será acompanhado dum «omenclator» prosodico».

Além do citado capítulo de pags. 547 a 550 encontra-se uma *Advertencia* da autoria do sr. G. Viana.

- 40*. *Portugal no 9.º Congresso de Orientalistas*.—art. no jornal *Universal*, de Lisboa num.ºs relativos a 22 e 23 de setembro de 1891.
41. *Simplification possible de la composition en caractères arabes. Mémoire présenté à la 10^{me} session du Congrès International des Orientalistes par ... Lisboa. Imprimerie Nationale, 1892*.—8 pgs. Trata de regular o emprêgo de várias formas de cada letra para supressão dos pontos diacriticos, que embaraçam a leitura, plano que Henrique Sweet approvou.
42. *Deux faits de phonologie historique portugaise. Mémoire présenté à la 10^{me} session du Congrès International des Orientalistes par ... Lisbonne. Imprimerie Nationale, 1892*.—12 pgs. Trata do valor do *s* hispanico, representado pelos escritores arabes pela letra equivalente ao *x* português inicial, e do *f* igualmente hispanico como representante do *f* arabe e de tres sons guturais arábicos.
43. *Exposição da pronuncia normal portuguesa para uso de naciaes e estrangeiros. Memoria destinada á X Sessão do Congresso Internacional de Orientalistas por ... Lisboa. Imprensa Nacional, 1892*—2+101+3 pgs.—É precedida dum tratado de fonética geral e transcrições scientificas.
44. *Os Lusíadas* poema épico de Luiz de Camões, edição annotada para leitura da infancia e do povo por F. de Sales Lencastre e precedida de uma exposição sobre a pronúncia da lingua portuguesa por A. R. Gonçalves Viana. Canto I.

Lisboa. Imprensa Nacional, 1892. Este trabalho de G. Viana ocupa LIX paginas. Algumas das notas vêem assinadas.

45. *Sociedade de Geographia de Lisboa. Delimitação de Manica. Conforme o art. 2.º do Convenio de 11 de Junho de 1891 entre Portugal e a Inglaterra. Declaração da Comissão especial para a traducção e applicação exacta do aludido artigo. Lisboa. Typ. do Commercio de Portugal, 1893.*—Opusculo de nove pgs. ocupando o trabalho de G. Viana de pgs. 3 a 6, e estando datado de 27 de maio de 1893.
46. *Notr alfab.*—nota publicada a pgs. 23 do cit. *Le Maitre Phonétique*, 1893.
47. *Ethnographia de Angola.*—art. na *Rev. de Educ. e Ensino*, vol. III, pgs. 154-166.
48. *Les Langues Littéraires de l'Espagne et du Portugal*, castillan, catalan e portugais.—Art. inicial da *Revue Hispanique* «recueil consacré à l'étude des langues, des litteratures et de l'histoire des pays castillans, catalans et portugais publié par R. Foulché-Delbosc», 1894, pgs. 1-21.
49. *Sociedade de Geographia de Lisboa. Proposta para a fixação da acentuação gráfica portuguesa apresentada à Comissão Asiática pelo seu presidente Aniceto Gonçalves Viana. Lisboa. Typographia do «Commercio de Portugal», 1894*—opusculo de 14 pgs., datado de 23 de abril de 1894.
50. *O Evangelho de S. Lucas traduzido em lingua mirandesa*, por Bernardo Fernandes Monteiro, e precedido de algumas linhas de G. Viana.—Publicado na *Rev. de Educ. e Ensino*, vol. IX, 1894, p. 151-165.
51. *As cadeiras de linguas Africanas, creadas no Lyceu Central de Lisboa.*—art. na *Rev. de Educ. e Ensino*, vol. X, 1895, pg. 33-37. Preconiza aí o ensino do quimbundo, para a costa occidental, comparando com alguns idiomas da mesma familia, falados na costa oriental, e para esta o do árabe vulgar, onde predomina e que muito influe no quiasuáhile, cafríal tambem.

52. *Livros. Lautlehre zweier altportugiesischen Heiligenleben (Eufrosina und Maria Aegyptiaca, etc. von Clemens Rademacher. Bonn, 1899)*—art. crítico na *Rev. Lusitana*, vol. III, pgs. 91-94.
53. *Portugal no Estrangeiro.*—Nota a propósito do relatório apresentado ao Congresso de Orientalistas realizado em Londres, 1891, pelo professor Renato Basset.—inserta a pgs. 192, vol. III da cit. *Rev. Lusitana*.
54. *Bibliographia. I Biblia Sagrada ia Testamento Iakare na Ipsa, e Katekismo ia Doktrina Rakristao.*—crítica a pg. 192 do vol. IV da cit. *Rev. Lusitana*.
55. *Principesjaisjé fraisiziz o 18^m sjekl.*—art. a pgs. 105-107 do cit. *Le Maitre Phonétique*, 1896.
- 56*. *Les Vocables malais empruntés au portugais.*—art. no livro *Melanges Charles de Harlez*, publicação votiva dedicada a esse grande orientalista no 25.º ano do seu professorado na Universidade de Lovânia. (Leide, Brill., 1896).
- 57*. *Dicionario português-alemão*, de Luisa Ey e Gustavo Rolin. Berlim. Langenscheidt.—A introdução em alemão sobre pronuncia portuguesa é da autoria de G. Viana.
58. *Bibliographia. Ensaio de Diccionario Kimbundu-Portuguez coordenado por J. D. Cordeiro da Matta.*—art. crítico a pgs. 193-194 do vol. IV da *Rev. Lusitana*.
59. *Varia Quaedam. Kaiserliche Academie der Wissenschaften in Wien. Jahrb., 1890, nr. XVII-XVIII.*—art. a pgs. 194-196 do vol. IV, da *Rev. Lusitana*, acêrca de uma comunicação do dr. Hugo Schuchardt a respeito do volapuke.
60. *Mappa dialectologico do continente português por J. Leite de Vasconcellos precedido de uma classificação summaria das linguas por Gonçalves Vianna, 1897. Guillard, Aillaud & C.º Lisboa.*—16 pag. Com uma carta geográfica.
61. *Vocabulos esclavónicos em português. Moscou ou Moscovia.*—art. inserto na *Rev. Lusitana*, vol. V, pg. 78, 1897.

62. *Selecta de autores ingleses. Prosa e poesia por A. R. Gonçalves Viana e J. C. Berkeley-Cotter. Guillard, Aillaud & C.º, Paris-Lisboa, 1897—xxxvi + 1038 + 1 pg.*
63. *Selecta de leituras inglesas faceis por A. R. Gonçalves Viana e J. C. Berkeley-Cotter. Ensino Secundario Official. Guillard, Aillaud & C.º, Paris-Lisboa, 1897—xxv + 293 pgs.*
64. *João de Deus.*—art. in *Revue Hispanique*, vol. iv, 1897, pgs. 71-81.
65. A. G. V., *João de Deus (Extrait de la «Revue Hispanique», tome iv), Paris, 1897.*—Opusculo de 15 pgs., tendo no final o registo:—Macon, Protat frères, imprimeurs.
- 66*. *Leituras Allemãs por Th. Beck, director da Escola Alsaciana e . . . com notas e um vocabulario.*
- 67*. *Selecta de autores Francezes por J. Cheze, professor do Lyceu Janson de Sailly, anotada por G. Viana, 1897, xvi + 441 pgs.*
68. *Comptes rendus. Xavier da Cunha. Pretidido de amor. En-decha de Camões a Barbara Escrava seguidas da tradução respectiva em varias linguas e antecedidas de um preambulo. Lisboa.*—art. apreciativo a pgs. 202-207, vol. iv, da cit. *Rev. Hispanique*.
69. *Åse mã de låig o portygal*—art. a pgs. 72-73 da revista *Le Maître Phonétique*, 1898.
- A *Lenda dos Santos Barlaão e Josafate. I. Texto critico de um manuscrito que se lê no códice do Mosteiro de Alcobaça existente com o n.º 266 na Torre do Tombo em Lisboa. II. Estudo glotológico do Texto. III. Resumo histórico das origens e difusão literária e religiosa da lenda. Memoria apresentada à 2.ª Classe da Academia Real das Ciências por G. de Vasconcellos-Abreu e A. R. Gonçalves Vianna.*—É a primeira das «Memorias commemorativas do Quarto Centenario do descobrimento do Caminho Maritimo da India» que constituem a II parte do Tomo VII das *Memorias da Academia*. Só se publicou o Texto Critico com o titulo

supra citado e que pela capa e ante-rostro da separata se vê ser trabalho de G. de Vasconcelos-Abreu. Deduz-se pois que o trabalho de G. Viana era, talvez, a II parte, isto é: Estudo glotológico, que nunca se chegou a publicar.

70. *Correspondance philologique avec le Prince L. L. Bonaparte.* — Inserta de pgs. 5 a 51 da cit. *Rev. Hispanique*. A correspondencia versa principalmente sobre fonética portuguesa, mas tambem sobre outros assuntos filológicos. São quatorze as cartas do Principe Bonaparte, todas datadas de Londres, e sete de G. Viana. As de Bonaparte são de: 13 de Julho, 8 e 27 de agosto, 10 e 29 de setembro, 26 de outubro, 19 e 28 de novembro, 12 de dezembro de 1884; 26 de abril, 16 e 29 de setembro, e 11 e 24 de Outubro de 1887.

As de G. Viana são de: 29 de julho, 22 de agosto, 22 de setembro, 20 de outubro, 6 de dezembro de 1884, e 21 de setembro e 6 de outubro de 1887.

- 71*. *Sociedade de Geographia de Lisboa. Pareceres e projectos. N.º 11 (Nova série). Secção de ensino geographico, nomenclatura geographica, 1899.*

72. *Neues vollständiges Fachwörterbuch der Portugiesischen und deutschen Sprachen, de A. Dammann*, noticia crítica em francês muito desonholvida na *Die Neueren Sprachen*, revista de glotologia dirigida pelo Dr. Guilherme Viçtor, vol. VI, 1899.

73. *Ensino Secundario Official. Manual de phraseologia ingleza por ... e J. C. Berkeley-Cotter. Para o uso da III, IV e V classe do Curso dos Lyceus. Guillard, Aillaud & C.ª, Paris-Lisboa, 1899.* — 4 + 220 pgs.

74. *Gramática francesa por ... e R. Foulche-Delbosc. Lisboa, Guillard, Aillaud & C.ª, 1899.* — IV + 475 pgs. Nesta gramática pertence ao sr. Gonçalves Viana a tradução, quasi toda a exemplificação e dois capitulos, um sobre pronuncia e o outro sobre o emprego de *on*.

Informa o sr. Claudio Basto: «A edição adotada nos Lyceus é em ortografia normal, em obediencia ao decreto de

19 de Outubro de 1898, sendo a mudança ortográfica feita pelos editores. A edição original dos autores foi também posta á venda»¹.

75. *Ministerio do Reino. Direcção Geral de Instrucção Publica. Commissão para a revisião da nomenclatura geographica portuguesa (Portaria régia de 10 de maio de 1900). Bases de Transcrição Portuguesa de nomes estrangeiros. Projecto elaborado por A. R. Gonçalves Viana. Lisboa. Imprensa Nacional, 1900—37 pgs.*
76. *Proposta de um Questionario para se formularem as regras de orthographia portuguesa uniforme tendo-se em attenção as principais divergencias que se observam na maneira por que se encontram escritos os vocabulos portugeses nos diferentes escriptores antigos e modernos por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Proposta apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa na sessão ordinaria de 10 de maio de 1900. Lisboa. Por ordem e na typographia da Academia, 1900—22 pgs. a duas columnas, sendo una em branco. Suscitou a apresentação deste questionário «o ter-se reconhecido preciso determinar em prosença de dúvidas apresentadas pela tipografia academica, qual a orthografia que importava adotar nas publicações que dela houvossem de sair»², no entanto ele estava elaborado ha muitos anos, como G. Viana o declara a pg. VI do seu livro *A Orthografia Nacional*. Por proposta do presidente, sr. Silveira da Mota, foi logo impresso.*
77. *Bibliographia. J. Leite de Vasconcellos. Estudos de Philologia Mirandesa, Vol. I.—artigo crítico in O Seculo, n.º 6563, Lisboa, 16 de abril de 1900, 2.ª pg., 7.ª col. Saiu anónimo.*
78. [*Comunicação acerca de Gesellschaft für Romanische Litteratur, de Dresde, feita á Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa.—in Boletim da Segunda Classe, I, pgs. 126-127.*]
79. *Resposta aos quesitos do Questionario orthographico.—apresentada na sessão da Segunda Classe efetuada em 24 de janeiro de 1901 [v. n.º 85].*

¹ Cf. *Revista Lusitana*, xvii.

² Cf. *Boletim da Segunda Classe*, I, p. 130.

80. *Lexicologia. Aditamentos e correcções aos dicionários portugueses: cabide, catana, chá, chavena, pires, bule, (substantivo) leque, abano, pocira, porão.*—art. inserto a pgs. 200-211 da cit. *Rev. Lusitana*, vol. vi.
81. *Livros. Subsídios para um Dicionario Completo (Historico Etymologico) da lingua portuguesa, etc., por A. A. Cortesão. Coimbra, França Amado, editor.* art. crítico inserto em *O Seculo*, n.º de 24 de julho de 1901, 2.ª pg., 7.ª col. Saiu anónimo.
82. *Congresso de Orientalistas.*—art. no *Diario de Noticias*, de Lisboa, n.º de 7 de outubro de 1901, segundo o apontamento de G. Viana.
83. *A Casa dos Medos. Conto de Lord Bulwer Lytton The Haunted and the Hunters, or the (House and the Brain), traduzido do ingles por A. R. G. V.*—Inserto in *O Dia*, jornal de Lisboa, numeros correspondentes a 17 de Dezembro de 1901 até 10 de Janeiro de 1902.
84. *A Afogada*, episódio traduzido do romance histórico de Cesar Cantu, *Margherita Pusterla*, publicado in *O Dia*, n.ºs de 21 a 28 do Janeiro de 1902. É a républicação do n.º 17.
85. *As Orthographias Portuguesas. Estudo das suas anomalias e meios de as remediar instituindo-se orthographia nacional, por A. R. G. Viana. Mandado imprimir pela Segunda Classe da mesma Academia. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1902.*—xxvi+183 pgs.—O prefácio é datado de 20 de dezembro de 1901. De pgs. xxvii a xl insere o Questionário cit. sob o n.º 76. De pgs. 1 a 118 as respostas ao mesmo.
86. *Lusismos no Castelhana de Gil Vicente. Capitulo de um Estudo sobre a linguagem, a metrica e a poetica do primeiro poeta dramatico português.*—art. publicado a pgs. 2-11 da *Revista do Conservatório Real de Lisboa*, n.º 2. Junho de 1902.
87. *Zapom*—nota a pgs. 105 do cit. *Le Maître Phonétique*, 1902.

88. *Albanês e português*—Introdução ao estudo de Óscar Nobiling, publicado a pgs. 297-303 do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1903.
89. *Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes*. Lipsia. Treubner, 1903, 148 pgs. faz parte da colecção filologica *Skizzen lebender Sprachen*.
89. *Proposta de um Questionario para se formularem as regras de orthographia portuguesa uniforme tendo-se em attenção as principaes divergencias que se observam na maneira por que se encontram escritos os vocabulos portugueses nos diferentes escritores antigos e modernos por . . . Proposta apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa na sessão ordinária de 19 de maio de 1900.*—Já cit. sob os n.ºs 76 e 85 agora republicada a pgs. 304-318 do *Boletim da Segunda Classe*, 1, 1903.
90. *Respostas aos quesitos do Questionario Orthographico*, apresentadas na sessão da Academia das Sc. de Lisboa, de 24 de janeiro de 1901.—*Bol. da Seg. Classe*, 1, pgs. 131-134.
91. *Resposta ao quesito 19*—apresentada na sessão da Academia das Sciências de Lisboa, de 21 de fevereiro de 1901, inserta a pgs. 142-143 do vol. 1, do *Bol. da Seg. Classe*.
92. *Resposta ao quesito 20*—apresentada na sessão da Academia das Sc. de Lisboa, de 9 de maio de 1901, e inserta a pgs. 147, do vol. 1 do *Bol. da Seg. Classe*.
93. *Malaio e Português. II. Vocabulário malaio, derivado do português*.—art. publicado a pgs. 4-28, vol. VIII da cit. *Rev. Lusitana*.
94. *Manual elementar de gramática histórica española por A. Menendez Pidal*. Madrid, 1904—art. crítico in *Revue Hispanique*, vol. x, 1903, pgs. 608-614.
95. *E. R. Edwards, Étude phonétique de la langue Japonaise*—tese para o doutorado na Universidade de Paris. Notícia crítica favoravel e muito desenvolvida in *Le Maître Phonétique*, 1903, pgs. 69-73.

96. *Voyelles toniques du français «femme» et au portugais «cana»*. — Nota publicada na revista anteriormente citada, 1913.
97. *Langue internationale*. — análise do esperanto; pronuncia-se a favor da adopção do italiano literário como idioma internacional, com o que o director da afamada revista *Le Maître Phonétique*, Dr. Paulo Passy, concordou havendo antes proposto o dinamarquês.
98. *Etymologies Portugaises*. — art. in cit. *Revue Hispanique*, vol. XI, 1904 pgs. 157-163.
99. *Lingua internacional*. — art. inserto na *Revista Litteraria, Scientifica e Artistica*, d'O Seculo, jornal de Lisboa, n.º 78, de 22 de fevereiro de 1904.
100. *Ortografia Nacional. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Lisboa. Livraria editora Viuva Tavares Cardoso, 1904. — Composto e impresso na Typ. da Empresa Litteraria e Typografica, no Porto, xvi + 454 pgs. De pgs. ix a xvi insere o Questionário já cit. nos n.ºs 76 e 89. O ex. da Biblioteca da Academia das Sciências de Lisboa é muito curioso, porque tem as emendas mss. pelo autor.
101. *A Lingua do Japão*. — art. inserto na *Revista Litteraria, Scientifica e Artistica* d'O Seculo, n.ºs 101 e 102, de 8 e 15 de agosto, 1904.
102. *Alfabe*. — nota publicada a pg. 66 in *Le Maître Phonétique*.
103. *Otto Jespersen. Lehrbuch der Phonetik*. — art. extenso de análise a esta obra, in *Le Maître Phonétique*, pgs. 128-137, 1904.
104. *Bibliographia. Vademecum da Lingua Bantu, Chi-Yao, ou Adjana*. Padre Pedro Dupeyron. — art. in *Jornal das Colonias*, n.º de 1 d'Outubro de 1904.
105. *Subsidios para a bibliographia portugueza relativa ao estudo da lingua japoneza e para a biographia de Fernão Mendes Pinto por Jordão A. de Freitas ... Grammaticas, Vocabularios e Dictionarios com observações philologicas pelo*

Ex.^{mo} Sr. Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Coimbra. *Imprensa da Universidade*, 1905—De pgs. 73 a 82 insere cinco «Notas Adicionais» assinadas por Gonçalves Viana.

106. *Po do do 1700 frã.*—inserto de pgs. 67–78 *Le Maître Phonétique*, 1905.
107. *Alporão, alcorão.*—art. publicado no n.º 187 da *Revista Literária, Científica e Artística d'O Seculo*, de 9 de abril de 1906.
108. *Apostilas aos Dicionários portugueses, tom. 1. Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira & C.ª, 1906.*—Composto e impresso no Porto, *Imprensa Portuguesa*, XIII + 559 pgs.
—*Apostilas aos Dicionários Portugueses, tomo II, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira & C.ª, 1906.*—Comp. e impresso na *Imp. Portuguesa*, 599 pgs.—Nos dois volumes analisam-se milhares de vocabulos, abenam-se outros muitos e investigam-se-lhes scientificamente as origens.
109. *Quantidade prosódica das vogais em português. Diferenciações de Sentido.*—art. na cit. *Revue Hispanique*, vol. xv, pgs. 24–27, 1906.
110. *B. d. g. ispanik.*—nota a pgs. 79–80, in *Le Maître Phonétique*.
111. *Alfabz.*—a pg. 112 da mesma revista, 1906.
112. *Comptes-rendus. F. M. Josselyn. Études de phonétique espagnole, Paris, 1907.*—art. critico a pgs. 849–856, da *Rev. Hispanique*.
113. *Resumo de grammatica francesa para a I, II e III Classes do curso dos Liceus por R. Foulché Delbosc, Lisboa, 1907.*—198 pgs.
114. *Grammatica ingleza para a II e III Classes do Curso dos liceus. Approvada pelo decreto de 7 de Setembro de 1907. Ensino Secundario official. Paris-Lisboa. Aillaud & C.ª, editores, 1907.*—VIII + 98 pgs.

115. *Selecta ingleza colligida por J. C. Berkeley-Cotter e annotada por ... II e III Classe.* Livraria Aillaud. Paris-Lisboa, 1907. — VIII + 1 est. + 352 pgs. Aprovada por decreto de 7 de setembro de 1907.
116. *Léxico Português.* Dr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. *Contribuições para o futuro Dicionário Etimológico das linguas hispánicas.* — Estudo publicado a pgs. 238–247 do XI vol. da *Rev. Lusitana*, 1908. Nêle analisa varias das etimologias propostas, aceitando umas e discutindo outras, entre estas as de «taibo», que com Julio Moreira considera de procedencia arábica, e a de «estartalar» castelhano «destartalado».
117. *Palestras filológicas.* — Estudos lexicográficos, gramaticais, e de crítica literária e filológica publicados no diario *O Dia*, Lisboa, 23 de novembro de 1908 a 18 de outubro de 1910, [cf: adiante o n.º 122].
118. *Qual era a lingua de S. Francisco Xavier?* — art. inserto no *Oriente Português.* Revista da Comissão Archeologica da Índia Portuguesa, Nova Goa, v, 1908, pg. 332.
119. *Vocabulario Ortográfico e Ortoépico da lingua portuguesa conforme a Orthografia Nacional do mesmo autor,* Lisboa, Livraria Classica Editora de M. Teixeira & C.^o, 1909 — XXXVI + 1 + 943 pgs.
120. *Consiglieri Pedroso como poliglota.* — art. inserto no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1910.
121. *Palestras filológicas. I Vocabulario, II Gramatica, III Varias.* Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira & C.^o, 1910. — 295 pgs. Comp. e imp. no Porto, Imp. Portuguesa. — É a compilação de artigos publicados em diversas revistas e jornais diarios, principalmente em *O Dia*.
122. *Vocabulario ortográfico e ortoépico da lingua portuguesa. Conforme a Orthografia Nacional do mesmo autor.* Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira & C.^o — 1911 — XXXVI + 1 + 943 pgs.

123. *Acerca de Fernão Mendes Pinto*.—Observações a uma comunicação feita pelo academico sr. Cristovam Aires de Magalhães Sepulveda, na sessão da Academia das Sc. de Lisboa realisada em 29 de janeiro de 1903. Publicadas a pgs. 43-46 do vol. II, do *Bol. da Seg. Classe*.
124. *Lexicologia Bada, abada; ganda, bicha. Caruma, fôlha*.—art. na cit. *Rev. Lusitana* XIV, pgs. 36-40.
125. *Ortografia Portuguesa*.—art. na revista *Límia*, de Viana do Castelo, director João da Rocha, vol. I, pgs. 85-86.
126. *Parecer redigido pelo sr. Gonçalves Viana acêrca da candidatura de Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado a socio correspondente da Academia das Sciências de Lisboa*, publicado a pgs. 291-293, do vol. IV do *Bol. da Seg. Classe*.
127. [*Acêrca do estudo sobre a «Conjugação reflexa com verbos passivos», do sr. Julio Moreira*], opinião exposta na sessão da Academia das Sciências de Lisboa de 25 de maio de 1911, e publicada a pgs. 410-415, do vol. IV do *Bol. da Seg. Classe*.
128. [*Informação acêrca do s entre vogais, etimológico, ser substituido por z*], dada na sessão da Academia das Sc. de Lisboa em 8 de junho de 1911, e inserta a pgs. 455, do vol. IV do cit. *Bol. da Seg. Classe*.
129. *Relatorio da Comissão nomeada por portaria de 15 de fevereiro de 1911 para fixar as bases da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e nos documentos officiais e outras publicações feitas por conta do Estado*.—publicado no *Diario do Governo*, n.º 213, de 12 de setembro de 1911.
130. *Lettre a mr. Henry Vignaud*.—publicada a pgs. 673 e 764 dos *Etudes sur la vie de Colomb. Deuxième série. Histoire critique de la grande entreprise de Christophe Colomb . . . par Henry Vignaud, tome 1, 1476-1490, Paris*. A carta de G. Viana tem a data de 29 de abril de 1907.
131. *Portugal intelectual. Inquérito á vida literária*.—Este artigo de G. Viana, publicado no jornal *Republica* de 14 de se-

tembro de 1912, «faz parte da série de opiniões expressas a convite da redacção, por vários escritores para esse fim consultados, e que naquele ano foram publicadas naquele jornal. Conforme o parecer de G. Viana, a literatura portuguesa actual, comparada com a do periodo romântico, e mesmo com a do que lhe succedeu, só mantêm lugar primordial na poesia, em que sempre sobressaiu».

Foi republicado no livro de: Boavida Portugal. *Inquérito Literário, Lisboa, Livraria clássica editora de A. M. Teixeira 1915.* pgs. 59-74.

132. *Sociedade de Geographia de Lisboa. Antonio de Andrade. S. J. Viajante no Himalaia e na Tibete (1624-1630), por C. Wessels. Traduzido do Holandez por A. R. Gonçalves Vianna. Typ. Cesar Piloto, Lisboa, 1912.* — 25 pgs. Separata dos *Estudos*. Revista de Sciencia das Religiões e de Litteratura, ano xciv, parte 77⁴.
133. *Parecer sobre a obra manuscrita «Influencia do Vocabulario português em linguas asiáticas» da Sr. Dr. Sebastião Rodolfo Dalgado* — Lido na sessão da Segunda Classe da Academia das Sc. de Lisboa, de 18 de abril de 1912 e publicado a pgs. 108-111 do vol. vi, do *Bol. da Seg. Classe*, e republicado de pgs. vii a ix da citada obra, impressa em Coimbra na Imprensa da Universidade, 1913.
134. *Vocabulário ortográfico e remissivo da lingua portuguesa. Com mais de 100:000 vocabulos, conforme a ortografia oficial por A. R. Gonçalves Viana, relator da Comissão da reforma ortografica, autor da Ortografia Nacional e do Vocabulário Ortografica e Ortoépico da lingua portuguesa, 2.ª edição. Aillaud, Alves & C.ª — Francisco Alves & C.ª. Paris-Lisboa. Rio de Janeiro, 1913.* — 667 pgs.
135. *Parecer acêrca da candidatura da Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos a sócio correspondente da Academia das Sciências de Lisboa, lido na sessão de 30 de maio de 1912, e publicado a pgs. 123-128, do vol. vi, do Bol. da Seg. Classe.*

⁴ Informa-me o sr. João Farmhouse que tem em seu poder a tradução francesa do trabalho de Wessels, feita sob a tradução portuguesa de Gonçalves Viana, pela sr.ª D. Maria Teles da Gama L. de Rivadeneyra.

136. *Um verso de Gil Vicente «ora venha o car(r)ò à ré»*. — comunicação feita à Academia das Ciências de Lisboa em 13 de junho de 1912, e publicada a pgs. 267-269, do vol. VI, do *Bol. da Seg. Classe*.

Este eserito foi provocado por uma polémica filológica, acêrca do verso Vicentino, e á qual pertencem os seguintes escritos:

1. *Um serão Vicentino no Republica*. Art. de Sousa Pinto:

in *A Mascara*. Lisboa, Livraria Ferin, 1912 pgs. 8-19.

2. *Sôbre um erro de Gil Vicente*. Carta aberta ao eminente poeta Afonso Lopes Vieira, datada de 22 de Janeiro de 1912, por Henrique Lopes de Mendonça:

in *Diario de Noticias*, n.º 16596, de 25 de janeiro.

A Campanha Vicentina, por Afonso Lopes Vieira, pg. 221.

O Oriente Português, 1912, pgs. 38 a 41.

3. *Sôbre um verso de Gil Vicente*. Carta rectificando o titulo da anterior, datada de 25 de janeiro, por Henrique Lopes de Mendonça:

in *Diario de Noticias*, n.º 16597, de 26 de janeiro.

4. *Sobre um verso de Gil Vicente*. Carta de H. Lopes de Mendonça pedindo a publicação d'outra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, datada de 28 de janeiro:

in *Diario de Noticias*, n.º 16604, de 4 de fevereiro.

A Campanha Vicentina, pg. 225.

O Oriente Português, 1912, pgs. 90 a 99.

5. *Sobre um verso de Gil Vicente*. Carta aberta á sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, datada de 1 de fevereiro, por H. Lopes de Mendonça:

in *Diario de Noticias*, n.º 16606, de 6 de fevereiro.

A Campanha Vicentina, pg. 225.

6. *Sobre um verso de Gil Vicente*, por Oscar de Pratt:

in *Diario de Noticias*, n.º 16612, de 12 de fevereiro.

A Campanha Vicentina, pg. 236.

O Oriente Português, 1912, pgs. 96-99.

7. *Sobre um verso de Gil Vicente*, por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, datado de 27 de março:
 in *Diario de Noticias*, n.º 16698, de 8 de maio.
A Campanha Vicentina, pg. 241.
Oriente Português, 1912, pgs. 136-143.
8. *Sobre um verso de Gil Vicente*, por Henrique Lopes de Mendonça, datado de 2 de maio:
 in *Diario de Noticias*, n.º 16698, de 8 de maio.
A Campanha Vicentina, pg. 239.
Oriente Português, 1912, pgs. 135-136.
9. *Sobre um verso de Gil Vicente*. Carta á senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, por Afonso Lopes Vieira:
 in *Diario de Noticias*, n.º 16701, de 11 de maio.
Oriente Português, 1912, pg. 143.
10. *Sobre um verso de Gil Vicente*. Carta á ex.^{ma} sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, por Oscar de Pratt, datada de 12 de maio:
 in *Diario de Noticias*, n.º 16705, de 15 de maio.
Oriente Português, 1912, pgs. 145-148.
11. *Sobre um verso de Gil Vicente*. Complemento da carta anterior, por Oscar de Pratt:
 in *Diario de Noticias*, n.º 16746, de 25 de junho.
Oriente Português, 1912, pg. 182.
12. *Sobre o termo nautico «carro»*, por H. Lopes de Mendonça, comunicação á Academia das Ciências de Lisboa em 27 de junho de 1912:
 in *Boletim da Segunda Classe*, vi, 1912, pgs. 270-273.
13. *Um verso de Gil Vicente «ora venha o car(r)o à ré»*, por Gonçalves Viana, acima citado sob o n.º 136.
15. *Sobre um verso de Gil Vicente*, por Oscar de Pratt:
 in *Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal*, I serie, II, pgs. 99-103.
16. *Sobre um verso de Gil Vicente*, por Oscar de Pratt. Carta datada de 26 de junho:
 in *Diario de Noticias*, n.º 16756, de 5 de julho.
Oriente Português, 1912, pgs. 188-190.

17. *Sobre um verso de Gil Vicente*. Carta de Gouçalves Viana, datada de 25 de junho, em resposta à carta de Oscar Pratt, publicada no «Diário de Notícias» daquela data, com a reconstituição da comunicação feita à Academia das Ciências de Lisboa:

in *Diário de Notícias*, n.º 16756, de 5 de Julho.

Oriente Português, 1912, pgs. 190-192.

137. [Henrique Sweet], comunicação do seu falecimento à Academia das Ciências de Lisboa, na sessão de 27 de junho de 1912, nota inserta a pgs. 152, vol. VI do *Bol. da Seg. Classe*.
138. [Acêrca da comunicação «Ve-se sinais», feita pelo sr. dr. José Maria Rodrigues], palavras proferidas na sessão de 16 de Abril de 1913, publicadas a pg. 142, vol. VII do *Bol. da Seg. Classe*.
139. [Observação ao estudo do sr. dr. José Maria Rodrigues sobre o conjuntivo do imperfeito e infinito pessoal no português] pequena nota publicada a pg. 149, vol. VII do *Bol. da Seg. Classe*.
140. *Opinião acerca do vocabulo «momo»* — manifestada na sessão da referida Academia a 22 de maio de 1912, e inserta a pg. 157 do vol. VII do *Bol. da Seg. Classe*.
141. *Acerca de: um proverbio «presunção e agua benta cada um toma a que quer»; da origem do tponimo «Tondela»; das palavras «lapa» e «chela»* — Comunicação feita à Academia das Ciências de Lisboa na sessão de 26 de junho de 1913, publicada no vol. VII pgs. 162-164 e 165-166 do *Bol. da Seg. Classe*.
142. *Bibliographia. J. S. Harry Hirtzet. La Facilité de la langue chinoise* — art. critico in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1914, pg. 69, assignado G. V.
143. *O mais belo livro*. Resposta a um inquerito de *intelectuais*, promovido pelo diário *Republica*, de Lisboa, n.º 1156, de 2 d'Abril de 1914. G. Viana escreveu:

«É bem interessante o inquerito que a *Republica* vai realisar. A pergunta, todavia, é um tanto difficil para uma resposta immediata; não pela grande quantidade de bons livros mas pela preferencia que é preciso dar a um.

«Dentro destes 30 anos, ainda entre o Camilo e o Eça, o Antero, o Junqueiro, o Gomes Leal, o Julio Diniz, e uma multidão de outros mais novos.

«Dos livros mais belos que eu conheço publicados ha 30 anos para cá, deixe-me citar-lho *Os filhos de D. João I*, de Oliveira Martins, e a *Maria do Ceo*, de Malheiro Dias.»

«São estes os livros que mais me impressionaram, especializando, todavia, a *Maria do Ceu*. Tem paginas maravilhosas. A sua ação dramatica é intensa e dominadora. É o livro deste periodo que prefiro».

*

Antero do Quental. Zara, edição polyglotta. Lisboa, Imprensa Nacional, 1894. — Edição custeada pelo ex.^{mo} sr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro. Coordenadores F. Adolfo Coelho e A. R. Gonçalves Viana e Revisores: D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Consiglieri Pedroso, Gonçalves Viana, Xavier da Cunha e Santos Valente.

*

Acêrca do illustre filólogo sr. Gonçalves Viana, e de criticas á sua obra, reuni as seguintes notas:

1. J. Leite de Vasconcelos — *Les Vocables malais empruntés au portugais, par A. R. Gonçalves Viana.* — art. na *Rev. Lusitana*, 1896, pg. 388.
2. J. Leite de Vasconcelos — *Portugais, phonétique et phonologie; morphologie textes par A. R. G. Viana.* — art. na *Rev. Lusitana*, VIII pgs. 236-237.
3. Gomes de Brito — *Analecta Litteraria e Historica. Os Vocabulos Ábada, Abbada, Bada, Ganda, Bilha, considerados sob o aspecto da especie e do sexo que representam* — art. na *Rev. Lusitana*, XIII 1910, pgs. 46-65.
4. Leite de Vasconcelos — *Parecer acêrca da candidatura do sr. Gonçalves Viana a sócio efectivo da Academia das Sciências do Lisboa* — art. in *Bol. da Seg. Classe*, v pgs. 401-402.
5. Claudio Basto — *Breve noticia acêrca de A. R. Gonçalves Viana. Esta noticia foi primitivamente publicada na «Folha de Viana».*

(*Viana-do-Castelo*), números de 19, 22, 26 e 29 de setembro de 1914 e depois reproduzida com alterações na «*Revista Lusitana*», xvii, 209-221. Porto, Tip. Sequeira, 1914—15 pgs.

6. P[edro] de A[zevedo]—*Gonçalves Viana*—art. na *Revista de Historia*, 3.º vol., pgs. 254-255.

7. Oscar de Pratt—*A. R. Gonçalves Viana. Alocução proferida em sessão de 20 de novembro de 1914*,—in *Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal*. Primeira série, tomo II, segunda parte pgs. 93-98.

8. Leite de Vasconcelos—*Gonçalves Viana. Apontamentos para a sua biografia por . . . Academia das Ciências de Lisboa 1917*.—Separata do *Bol. da Seg. Classe*, vol. x, n.º 3. Opusculo de 42 + 1 pag. de errata, 2 retratos.

Fevereiro, 1917.

(Em: *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, x, 1917, pp. 41-48.)

Gonçalves Viana and the Study of Portuguese Phonetics

In my opinion, one of the most fitting ways to commemorate the one hundredth anniversary of the birth of Aniceto dos Reis Gonçalves Viana is to draw up a brief history of the study of Portuguese phonetics. The role of the man whom we are honoring this year will be so outstanding in such a history as to require no further comment.

A history of the study of Portuguese phonetics¹

1. The first study of the sounds of the Portuguese language made since the advent of the science of phonetics was a paper by Prince Bonaparte² entitled *On Portuguese simple sounds*, read before the Philological Society on November 21, 1879. To quote the author: «These sounds are given as I hear them used amongst cultivated society in Lisbon, and as they are generally admitted by João de Deus in his highly approved 'Diccionario Prosodico', Lisbon, 1878.» Thus the sole written work to which the Prince refers is this dictionary, a fact for which Sweet later criticized him, as we shall see.

The next article on the subject, the first written by a Portuguese and the first to appear in Portugal, was Gonçalves Viana's review of Schuchardt's *Die «Cantes Flamencos»*, containing many important notes on Portuguese phonetics and many observations on

¹ To be read in conjunction with the «Bibliography of works on the phonetics of standard Portuguese (arranged chronologically)», at the end of this article.

² Prince Bonaparte, who was born in 1813 and died on November 4, 1891, was a nephew of Napoleon I. His title was conferred on him by Napoleon III. He dedicated his life, not to politics, but to science, especially linguistics, and was a famous polyglot. See Gonçalves Viana, *O Príncipe Luis Luciano Bonaparte*, in *RL*, II (1890-2), 351-2, and also the *Correspondance philologique* of the two scholars.

the dialects. This review inaugurated in Portugal the scientific study of phonetics, as Dr. Leite de Vasconcelos has pointed out¹.

Inasmuch as Gonçalves Viana is to play a very prominent role in the history which we are writing, let us look into his life in order to become better acquainted with him as an individual.

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana² was born in Lisbon on January 6, 1840, just one hundred years ago. He was the son of the famous actor Epiphanio Aniceto Gonçalves and of Maria dos Anjos, both natives of the capital. The couple had six children, but only two attained adolescence, Torquato and Aniceto dos Reis. On October 5, 1857, Torquato died of yellow fever; ten days later the father also succumbed to the same malady.

Aniceto dos Reis thus found himself obliged, at the age of seventeen, to support his mother, had to abandon the commercial course he was taking, and on January 9, 1858, entered as an *aspirante* in the *Alfândega de Consumo* in Lisbon. He continued to work there all his life, eventually becoming chief of the *1.ª Repartição da Alfândega de Lisboa*. He died on September 13, 1914.

Gonçalves Viana inherited an extraordinary memory from his father, and is said to have known by heart Tasso's *Gerusalemme liberata*! He also had a fine ear; and, without a master, or laboratory, or foreign residence, or established tradition, he became a great phonetician. Only later in life, after having become known, did he travel a little abroad (France, Germany); he was in Paris in 1889. In addition to being a renowned phonetician he was a distinguished polyglot.

Personally, Gonçalves Viana was very nervous and very modest; he did not even trouble to make a will, and most of his books, which he was accustomed to annotate fully, were lost in an official auction after his death. Moreover, Gonçalves Viana was very fastidious about his dress.

The famous customs official is perhaps best known for his work in Portuguese and general phonetics, and for his efforts to simplify Portuguese spelling. The latter bore fruit in 1911, when the government adopted the reformed orthography. He also translated from foreign languages (for example *Die Leiden des jungen Wer-*

¹ *RL*, III, 372; *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris and Lisbon, 1901), p. 68.

² He earlier spelled his name *Vianna*, and indeed in *Ortografia Nacional* it appears as *Gonzálvez Viana*. Cf. *Vasconcellos*, old for *Vasconcelos*.

thers, published as *Mágoas de Werther* in 1885), wrote school textbooks, and did a large amount of work in Portuguese lexicology and etymology. He was a member of the *Sociedade de Geografia de Lisboa*, of the *Academia das Ciências de Lisboa*¹, and of other learned societies².

2. The following stage in the development of Portuguese phonetics is twofold. Independently of each other and without knowing one another's work, Henry Sweet and Gonçalves Viana were engaged in writing important treatises. The Portuguese scholar was the first to publish, the treatise being his well known *Essai* (1883). Sweet's paper, in which he employs a somewhat unusual system of spelling English, was «alredy set up in type, when Mr. Furnivall calld my atention to an articl on Portugeze sounds in the *Romania...*» as he tells us in the «Concluding Remarks», page 233. Sweet then goes on to cite points of agreement or disagreement between the two articles, and concludes, p. 236: «If my paper had apeard befor M. Vianna's, I might hav claimd the merit of having added considerably to our knowledge of the language; as it is, I can only claim that of having, with the help of Visibl Speech, perhaps defined the formation of sum of the sounds mor closely. . . » I might add that Sweet's employ of Melville Bell's Visible Speech³ does not prevent the reader unfamiliar with that alphabet from fully understanding the article, in spito of Paul Meyer's remark in his notice; it is very easy to learn the symbol for the corresponding Portuguese sound and follow through the article⁴.

¹ See *Parecer acérca da candidatura do sr. Gonçalves Viana a sócio efectivo* [he had been sócio correspondente], in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, V (1911), 401-2.

² For biographies of Gonçalves Viana, see Cláudio Basto, *A. R. Gonçalves Viana*, in *RL*, XVII (1914), 209-21; J. Leite de Vasconcelos and J. J. Nunes, *Vida e obras de Gonçalves Viana*, in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, X (1915-6), 607-48 (here we find photographs of the phonetician and of his father); Alvaro Nêves, *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana*, in *Boletim da Segunda Classe*, X, 972-1010 (here we find a good bibliography of his writings); and Oscar de Pratt, *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana*, in *Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal*, II, 2.^a parte, 93-98.

³ Alexander Melville Bell (1819-1905) was the father of Alexander Graham Bell (1847-1922).

⁴ As Meyer remarked, Sweet had explained the mechanism of the alphabet in *Sound-Notation*; in *Transactions of the Philological Society*, 1880-1, Part II (1881), 177-235.

Sweet tells us on the first page that his article is based on a careful study with an educated native of Lisbon, aided by Prince Bonaparte's *Simple sounds*, Vieyra's dictionary, and João de Deus's *Diccionario prosodico*, Lisbon, 1878. Thus he was not acquainted with Gonçalves Viana's article in *O Positivismo*. Sweet adds: «But my appreciation of the sounds differs considerably in sum respects from that of Deus, whom the Prince generally follows,» and says he had heard that João de Deus was from the Algarve, suggesting that there may possibly have been dialectal influence in his work.

Prince Bonaparte was slightly piqued by Sweet's remark that he generally followed João de Deus¹, and in reply wrote his article *Portuguese vowels, according to Mr. R. G. Vianna* [i. e., in *Essai*, not in *O Positivismo*, with which the Prince was not acquainted at this time], *Mr. H. Sweet, and myself* (1885), in which he carefully compared his own previous article, the *Essai*, and Sweet's article, confining himself to the vowels and accompanying the comparison with an elaborate chart. He said that in a future note he would perhaps speak of the consonant sounds, but such a note was never published to my knowledge².

3. After Gonçalves Viana's review of Dr. Leite de Vasconcelos's *A Evolução da linguagem*, which contains many useful notes on Portuguese phonetics, we find that the subject of Portuguese Phonetics became known and cultivated elsewhere on the continent of Europe. Jules Cornu, professor of Romance Philology at the University of Prague, who had been in Lisbon on two different occasions, in 1878 and in 1880, and who was to return in 1891³, published his article on the Portuguese language in Gröber's *Grundriss* in 1888, devoting pp. 715-717 to the pronunciation of the modern language.

¹ In *Correspondance philologique*, which contains the correspondence between the two scholars from July 13, 1884, to October 24, 1887, the Prince admits (p. 17) that «João de Deus («Vocabulario Sonico») m'a quelquefois induit en erreur.»

² Concerning Bonaparte, *Essai*, and Sweet, see *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, I (1890), p. 1; *Phonetische Studien*, VI (1893) 200-1; and Hermann Breyman, *Die Phonetische Literatur von 1876-1895* (Leipzig, 1897), p. 91.

³ See sheet 144 of the *Bibliografia Filológica Portuguesa*. In *Essai*, p. 35, n. 2, Gonçalves Viana says he knew Cornu in Lisbon in 1881.

The following year Gonçalves Viana published his first article in *Le Maître phonétique*; it contains a few notes on Portuguese phonetics, with a transcription of Garrett, *Folhas caídas*. This article appeared in the July-August, 1889, issue (7), and in the November issue (9) we find the Portuguese phonetician listed as a new member of the *Association phonétique des professeurs de langues vivantes*. His review of Wulff's work, in the same organ, contains notes on Portuguese [A], [a], and *nh*. The transcription of the *Lustadas* is also accompanied by good notes on Portuguese phonetics¹.

From 1890 on, Gonçalves Viana wrote several articles (cf. *a moyen*), reviews (cf. those of the works of Edwards and of Jespersen²), and notes³ for *Le Maître phonétique*, many of them shedding some light on the problems of Portuguese phonetics, of which he was most certainly the master during the pre-instrumental days: in the opinion of Rodrigues Lapa⁴ and of João da Silva Correia⁵, Gonçalves Viana's own hearing was his kymograph.

4. In the meantime Gonçalves Viana published his *Exposição* (1892), destined for a congress of orientalists which was to take place in Lisbon, but which never met⁶. Two years later he published his essay on the literary languages of Spain and Portugal, an article which gives a résumé of the chief phonetic features of Spanish, Portuguese, and Catalan.

¹ In *Le Maître phonétique* the author's name is not given, but in the errata in the back of *Exposição* Gonçalves Viana admits the authorship.

² Some statements in the review of Jespersen prompted a polemic between Gonçalves Viana and Julio Saavedra à propos of «b, d, g hispaniques». See *Le Maître phonétique*, 1906, 59-61, 79-80, 1907, 70-2.

³ See 1890, 105; 1893, 27, 176-8; 1896, 105-7; 1898, 72-3; 1902, 105; 1903, 74; 1904, 26-8, 154; 1905, 67-8; 1906, 112; 1907, 48-9; 1908, 82. Moreover, there is a phonetic transcription of Portuguese by Gonçalves Viana in *Exposé des principes de l'Association Phonétique Internationale*, 1900, p. 13, and another, unsigned, in *Aim and principles of the International Phonetic Association*, 1904, p. 17. Because he did not think the transcription of a Portuguese text in the supplement (p. 24) to the *Maître phonétique* of Sept.-Oct., 1912 (*The Principles of the International Phonetic Association*), was quite correct, António F. Botelho, although admitting he had no competence, furnished a transcription for *Le Maître phonétique*, 1928, p. 69. A short transcription of Portuguese, with a few notes («Final *f* is rather intermediate between *f* and *z* .»), is given by A. Machado in *Le Maître phonétique*, 1912, 69.

⁴ *A Língua Portuguesa*, II, 286-7.

⁵ *O problema da norma ortoépica na língua portuguesa* (in *Biblos*, IX, 1933, 1-22), p. 2.

⁶ See *Revista Lusitana*, III, 373.

In this same year (1894) Foulché-Delbosc published his grammar, of which Dr. Sá Nogueira wrote in the *Bibliografia Filológica Portuguesa*: «É particularmente notável o primeiro capítulo, que é consagrado à pronúncia.» I find, to the contrary, that this chapter is quite mediocre, indeed, in some cases definitely erroneous⁴. In 1893 the Portuguese scholar went into one of the many problems of Portuguese phonetics in his review of Radermacher's book, where he censures the German for having accepted João de Deus's three *e*'s²; the reviewer himself furnished several good notes on the value of this letter.

5. The next two works of capital importance are Gonçalves Viana's *Português* and his *Ortografia Nacional*. In 1906 we have the following studies: the second edition of Cornu's article, with modern Portuguese phonetics discussed (pp. 917-924) at greater length than in the first edition; Gonçalves Viana's *Quantidade prosódica*, in which that distinction in vowel length which makes possible a pun like «Matei hoje uma galinha, comia ontem» (see p. 26) is discussed; and the first edition of Passy's *Petite phonétique comparée*, which, in common with the later editions, contains a few notes on Portuguese and a transcription in that language of the text which the author transcribes into several other languages.

The last purely phonetic work which Gonçalves Viana published was his review of Josselyn, containing a few remarks on Portuguese phonetics.

6. Next follows a long period of inactivity, broken only by Rolin's article in 1910³, by the introduction into the United States in 1925 of a sound doctrine of Portuguese phonetics based primarily on Gonçalves Viana's *Português*⁴, and by Wengler's study in 1926, which is a «Mitteilung eigener Beobachtungen, die ich im

¹ Cf. p. 8: «*ll* se prononce comme les *ll* mouillés des mots français *filles*, *paille* . . . »

² For further discussion, see Sweet, *Spoken Portuguese*, and the 2nd ed. of Cornu's article in the *Grundriss*.

³ Rolin presents old and well-known material concerning a few questions of Portuguese pronunciation, chiefly as regards the unstressed vowels. He has largely copied his material from Gonçalves Viana without giving specific citations.

⁴ The section on pronunciation (pp. 1-34) in Hills, Ford, and Coutinho's grammar combines the doctrine of *Português* with a number of shrewd and very valuable original observations, especially concerning the so-called «close *e*» and concerning the closed *o*.

Verlauf der Sommermonate 1925 in Coimbra, Vianna do Castelo, Porto und Lissabon gesammelt habe.» Wengler had attended the first summer course for foreigners of the University of Coimbra¹; some of his observations are extremely good and very valuable.

As Rodrigues Lapa pointed out, «O labor de Gonçalves Viana não frutificou, como devia; o foneticista não deixou disepulos, nem era fácil deixar, isolado como andou do nosso meio universitário, onde, de resto, se não eura também de preparar sucessores...»² It was not until 1936 that Gonçalves Viana's work was really to fructify, with the founding of the excellent *Laboratório de Fonética Experimental* in the University of Coimbra, under the direction of Dr. Armando de Lacerda.

And yet the subject of experimental phonetics was taught in the Faculty of Letters of the University of Lisbon during the school year 1918-19 by Alfredo Apell, and the five lectures of the course were published³. Although Apell was praised in March, 1919, in a session of the Council of the Faculty, on the motion of Dr. Leite do Vasconcelos, «por ter introduzido em Portugal o estudo da fonética experimental»⁴, no one continued his studies and teaching, the first book published in Portugal on Portuguese phonetics since 1904 being Oliveira Guimarães's work (1927), although on June 24, 1926, at the University of Coimbra, M. le Chanoine J.-M. Meunier gave a lecture on various applications of experimental phonetics, a lecture that was published in the *Bulletin* of the *Institut de Coïmbre*⁵.

7. At the present time in Portugal, two centers for the study of the Portuguese language are functioning. One is the *Centro de Estudos Filológicos* in Lisbon, which was founded by decree No. 21,429 on June 30, 1932, as a dependent organisme of the

¹ See *Die Nueuren Sprachen*, XXXIV (1926), 57-60.

² *A Língua Portuguesa*, II, 287.

³ Alfredo Apell, *Algumas lições de fonética experimental na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*; in *Arquivo da Universidade de Lisboa*, VII, Lisbon, 1923, 42 pp. with 13 illustrations.

⁴ *A Língua Portuguesa*, II, 289.

⁵ Le Chanoine J.-M. Meunier, *Applications de la phonétique expérimentale à l'étude des langues étrangères et à la thérapeutique, c'est à dire à la correction des vices du langage et à la rééducation des sourds. Conférence donnée le 21 juin 1926 à l'Université de Coïmbre*; in *O Instituto*, LXXIV (1927), 161-85.

Junta de Educação Nacional (today the *Instituto para a Alta Cultura*). The management of the *Centro* was established by the *Diário do Governo* No. 263 (2nd series, November 9, 1932), and Dr. Rodrigo de Sá Nogueira was named secretary in the *Diário do Governo* No. 265 (2nd series, November 11, 1932)¹.

Dr. Sá Nogueira has dedicated himself not only to Portuguese phonetics but also to Portuguese philology in general. An ample discussion of his recent *Elementos para um tratado de fonética portuguesa* is to be found in the bibliography appended to this brief history.

9. The other center is the *Laboratório de Fonética Experimental* of the Faculty of Letters of the University of Coimbra, which was created by Decreto-Lei No. 26, 994 and founded on September 10, 1936, by the *Instituto para a Alta Cultura*². Its director has been, since the beginning, Dr. Armando de Lacerda.

Dr. Lacerda studied experimental phonetics for a number of years in Germany, first with Professor Giulio Panconcelli Calzia in Hamburg, and then with Professor Paul Menzerath in Bonn. He has written many articles on general experimental phonetics³, treating of such subjects as coarticulation, orientation (or «steering»), sound delimitation, phonic and sonic structure, tone inflection and sonic structure, tone inflection and criticism of the kymographic method. He is, moreover, the inventor of the chromographic method of registering speech, a method which is fully described in *Sons dependentes*.

Although many of his articles on general experimental phonetics contain notes concerning Portuguese phonetics⁴, Dr. de

¹ I am obliged to Dr. José Pedro Machado for these notes, as well as for many kindnesses shown me. I am also very much obliged to Dr. Sá Nogueira for having permitted me to work in the excellently organized and very well stocked library of the *Centro de Estudos Filológicos*.

² For a description of the laboratory, see *Laboratório de Fonética Experimental. Universidade de Coimbra. Publicação comemorativa por ocasião das festas do IV centenário do estabelecimento definitivo da universidade em Coimbra*; Coimbra, 1937, 11 pages.

³ For a complete list of Dr. de Lacerda's publications, see the bibliography of Lacerda and Rogers, *Sons dependentes da fricativa palatal áfona, em português*.

⁴ See also Paul Menzerath, *Die phonetische Struktur* (in *Acta Psychologica*, I, 1935, 241-62), p. 242, for an important note concerning the nature of Portuguese nasalization.

Lacerda is now working specifically on Portuguese intonation. His article entitled *Die Flexion des Sprechtones in Portugiesischen* laid the foundation of the study, and *Sons dependentes* represents the application of these new discoveries of experimental phonetics to the Portuguese language. *Sons dependentes* provides statistics on Portuguese phonemes and variphones which supplement those given by Zipf and Rogers¹.

*

We have now terminated our brief history of the study of Portuguese phonetics, and are in a position to realize what a great debt we all owe the first Portuguese phonetician, the man whose memory we are honoring this year. Non-Portuguese students of the language of Camoëns in particular are constantly, dependent on the *Essai*, the *Exposição*, *Portugais*, and *Ortografia Nacional*. Cornu in Prague, Passy in France, Rolin in Prague, and Hills, Ford, and Coutinho in the United States have one and all based themselves on the studies of Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.

Bibliography of works on the phonetics of standard Portuguese (arranged chronologically)

1. Carvalho, Antonio José de, and João de Deus, *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*; Lisbon, 1st ed., 1877, 2nd. ed., 1878, 3rd. ed., 1885.
There were other later editions, but only the first three interest the student of Portuguese phonetics.
2. Bonaparte, H. I. H. Louis Lucien, *On Portuguese simple sounds, compared with those of Spanish, Italian, French, English, etc.*; in *Transactions of the Philological Society*, 1881-1, Part I (1880), 23-41.
NOTICES: *Romania*, XI (1882), 622-3 (P[aul]. M[eyer].); Breymann, 91.
3. Gonçalves Viana, Aniceto dos Reis, Review of H. Schuchardt, *Die «Cantes Flamencos»*; in *O Positivismo*, Oporto, IV (1882), 71-80, 164-70.

¹ It is curious to note that I found the Seminary in Angra do Heroísmo, on the island of Terceira, in the Azores, to be quite a center of interest in experimental phonetics, due chiefly to the priests' acquaintance with Jean Larrasquet, *La phonétique expérimentale et ses applications pratiques*; in *Almanach catholique français pour 1931*, pp. 229-39. See the newspaper *A União*, Angra, July 26, 1939.

4. Gonçalves Viana, *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*; in *Romania*, XII (1883), 29-98.
NOTICES: *Biblio. Filol.*, 205-6 (Sá Nogueira)¹; Breymann, 91.
5. Sweet, Henry, *Spoken Portuguese*; in *Transactions of the Philological Society*, 1882-3-4, Part II (1883), 203-37.
NOTICES: *Romania*, XIV (1885), 309 (P[aul]. M[eyer].).
6. Bonaparte, *Portuguese vowels, according to Mr. R. G. Vianna, Mr. H. Sweet, and myself*; in *Transactions of the Philological Society*, 1882-3-4, Part III (1885), 404-8.
NOTICES: *Romania*, XIV (1885), 618 (P[aul]. M[eyer].).
7. Gonçalves Viana, Review of J. Leite de Vasconcelos, *A Evolução da linguagem*; in *Revista Lusitana*, I (1887-9), 74-86.
8. Cornu, Jules, *Die portugiesische Sprache*; in *Gustav Gröber's Grundriss der romanischen Philologie*, Strassburg, 1st ed., vol. I (1888), 715-803, 2nd ed., vol. I (1904-6), 916-1037.
The 2nd ed. was also published apart and entitled *Grammatik der portugiesischen Sprache*, 123 pp.
NOTICES: *Biblio. Filol.*, 141-4 (M. Paiva Boléo).
9. Gonçalves Viana, *Portugais*; in *Le Maître phonétique*, 1889, 79-80.
10. Idem, Review of Fredrik Wulff, *Un chapitre de phonétique avec transcription d'un texte andalou*; in *Le Maître phonétique*, 1890, 105-7.
11. Idem, *Portugais (os Lusíadas)*; in *Le Maître phonétique*, 1892, 21-2, 37-8, 53-4, 69-70, 85-6, 100-1, 113-4, 125-6, 137-38, 153-4, 1893, 20-1, 37-8, 52-3.
12. Idem, *Exposição da pronuncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros*; Lisbon, 1892; 106 pp.
Part II, i. e., pp. 43-101, with part of 96 omitted, was inserted in F. de Salles Lencastre, *Os Lusíadas, Canto I*, Lisbon, 1892, i-lx.
NOTICES: *Revista Lusitana*, III (1893-5), 372-3 (J[osé]. L[eite]. de V asconcelos.); Breymann, 91; *Romania*, XXII (1893), 337 (Gaston Paris); *Le Maître phonétique*, 1894, 74-5 (P[aul]. P[assy].).
13. Idem, *Les langues littéraires de l'Espagne et du Portugal*; in *Revue Hispanique*, I (1894), 1-21.
14. Foulché-Delbosc, R., *Abrégé de grammaire portugaise*; Paris, 1894, 270 pp.
Chapter I (pp. 1-28) treats of «Prononciation».
NOTICES: *Biblio. Filol.*, 64 (Sá Nogueira).
15. Gonçalves Viana, Review of Clemens Radermacher, *Lautlehre zweier altportugiesischen Heiligenleben*; in *Revista Lusitana*, III (1895), 91-4.
16. Bonaparte and Gonçalves Viana, *Correspondance philologique (entre le 13 juillet 1884 et le 24 octobre 1887)*; *Revue Hispanique*, VI (1899), 5-51.

¹ For a discussion of this very useful bibliography, known as the *Bibliografia Filológica Portuguesa (Dicionários, Gramáticas, Ortografias, etc.)*, and published in Lisbon by the *Centro de Estudos Filológicos* beginning in 1935, see the prologue of the bibliography, 1-6, and also *A Língua Portuguesa*, V, 80 81-4, 111, and *Boletim de Filologia*, IV, 84-91.

The *Centro* also publishes another bibliography, called the *Bibliografia Científico-Literária do Centro de Estudos Filológicos*, consisting of printed filing cards.

17. Gonçalves Viana, *a moyen*; in *Le Maître phonétique*, 1902, 138-40.
18. Idem, *Portugais. Phonétique et phonologie. Morphologie. Textes*; Leipzig, 1903, vi & 148 pp. Skizzen lebender Sprachen herausgegeben von Wilhelm Viëtor. 2 Portugiesisch,
 NOTICES: *Biblio. Filol.*, 139-40 (Sá Nogueira); *Revista Lusitana*, VIII (1903-5), 236-7 (J[osé]. L[eite]. de V[aseoneelos].); *Romania*, XXXIV (1905), 165.
 REVIEWS: *Le Maître phonétique*, 1905, 127-9 (P[aul]. P[assy].); *Le Maître phonétique*, 1907, 67-70 (Oskar Nobiling).
19. Idem, Review of Ernest Richards Edwards, *Étude phonétique de la langue japonaise*; in *Le Maître phonétique*, 1903, 69-73.
20. Idem, *Ortografia Nacional. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*; Lisbon, 1904, xvi & 454 pp.
 NOTICES: *Biblio. Filol.*, 68-71 (Sá Nogueira).
21. Idem, Review of Otto Jespersen, *Lehrbuch der Phonetik*; in *Le Maître phonétique*, 1904, 128-37.
22. Idem, *Quantidade prosódica das vogais em português, Diferenciações de sentido*; in *Revue Hispanique*, XV (1906), 24-7.
23. Passy, Paul, *Petite phonétique comparée des principales langues européennes*; Leipzig & Berlin, 1st. ed., 1906, 2nd ed., 1912, 3rd ed., 1922.
24. Gonçalves Viana, Review of F.-M. Josselyn, *Études de phonétique espagnole*; in *Revue Hispanique*, XV (1906), 849-56.
25. Rolin, Gustav, *Beiträge zur Kenntnis portugiesischer Orthoepie*; in *Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen (Herrigs Archiv)*, CXXV (1910), 373-92.
 NOTICES: *Revista Lusitana*, XVI (1913), 176-7 (Z.).
26. Hills, E. C., J. D. M. Ford, & J. de Siqueira Coutinho, *A Portuguese Grammar*; Boston, 1925, X & 393 pp. Heath's Modern Language Series¹.
27. Wengler, Heinrich, *Bemerkungen zur Aussprache des heutigen Portugiesischen*; in *Die Neueren Sprachen*, XXXIV (1926), 456-9.
28. Oliveira Guimarães, [José Joaquim de], *Fonética Portuguesa. Compêndio da ortologia nacional (Trabalho do Instituto Fonético da Faculdade de Letras)*; Coimbra, 1927, 161 pp.
 NOTICES: *Revue critique d'histoire et de littérature*, LXIII^e année, no. 1, Janvier, 1929, 40-1 (G. Le Gentil); *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, XXIX, Fasc. 2 (1929), 157 (A[ntoine]. M[eillet].).
 REVIEWS: *A Lingua Portuguesa*, II (1930-1), 286-96 (Rodrigues Lapa); 374-80 (Sá Nogueira); 381-5 (Rodrigues Lapa); 412-7 (Sá Nogueira); 418-26 (Rodrigues Lapa).
29. Botelho, António F., *Une transcription phonétique du portugais*; in *Le Maître phonétique*, 1928, 69.

¹ Three years later another Portuguese grammar was published by an American: Joseph Dunn, *A Grammar of the Portuguese Language*; Washington, 1928, xi & 669 pp. On pp. 2-63 and 92-100 we find a long treatise on Portuguese pronunciation, based largely on the works of Gonçalves Viana.

30. Sá Nogueira, Rodrigo de, *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*; Lisbon, Imprensa Nacional de Lisboa, 1938, xxxi & 380 pp.

As the author, in this work, merely republished, for the most part, many articles which he had published elsewhere, slightly altering them in some cases, I shall here draw up a list of correspondences:—

- Chapter I, «Breves noções de fonética geral», is presented for the first time.
- Chapter II, «Classificação dos fonemas portugueses», is § 86 (vol. II) of *Subsídios para o estudo da assimilação em português*¹.
- Chapter III, «Conceito de vogais, semi-vogais e consoantes», is *Assimilação*, § 88 (vol. II).
- Chapter IV, «Classificação e descrição das consoantes portuguesas», is *Assimilação*, §§ 89–115 (vol. II), with a long addition to § 102, i. e., § 51 of *Elementos*.
- Chapter V, «Classificação e descrição das vogais portuguesas», in *Assimilação*, §§ 14–40 (vol. I).
- Chapter VI, «Alfabeto fonético», is *Alfabeto fonético*, in *Boletim da Filologia* IV (1936), 14–23. § 87 of vol. II of *Assimilação*, which is a provisional explanation of the author's transcription, is naturally omitted in *Elementos*.
- Chapter VII, «Assimilação», is *Assimilação*, §§ 1–13 (vol. I), 41–67 (vol. I, with a long addition to §§ 66, i. e., § 131 of *Elementos*), 68–85 (vol. II), and 116–44 (vol. III). § 13 of *Assimilação* is § 105 of *Elementos*, 41 is 106, 67 is 132, 68 is 133, 85 is the first paragraph of 150, 116 is the rest of 150, and 144 is 178.
- Chapter VIII, «Dissimilação», is *Subsídios para o estudo da dissimilação em português*, in *Boletim de Filologia*, V (1937–8), 115–62. This article is republished intact, although at the end in the *Boletim* the author has «(Continua).»
- Chapter IX, «Metátese», is *Subsídios para o estudo da metátese em português* in *Boletim de Filologia*, I (1932–3), 33–40.
- Chapter X, «Onomatopeias», is *Subsídios para o estudo das onomatopeias em português*, in *Boletim de Filologia*, IV (1936), 221–84. This article is republished intact, although the index in the *Boletim*, § 133, is combined with the general index in *Elementos*, pp. 345 ff.

¹ *Boletim de Filologia*, I (1932–3), 249–72; II (1933–4), 153–72, 241–74; III (1934–5), 77–98.

Chapter XI, «Fonética Histórica Portuguesa», is Chapter X, «Fonologia vocabular histórica portuguesa», of his *Curso de Filologia Portuguesa, I Parte: Noções gerais de fonética histórica*, Lisbon, 1932, pp. 35-106, with many of the foot-notes left out. The glossary published in *Curso*, pp. 109-23, is included in the index in *Elementos*, pp. 345 ff.

This *Curso*, moreover, is a republication under separate cover of the series of articles which appeared under the same title in *A Língua Portuguesa*, I (1929-30), 30, 67-8, 86-92, 113-21, 158-62, 163-4, 188-96, 232-40, 287-97, 327-31, 377-84, II (1930-1), 33-8, 77-80, 117-9, 154-8, 428-33, III (1932-3), 75-81, 94, 146-8, and 207.

The bibliography, «Índice de termos fonéticos», and notes to *Elementos* are published for the first time.

31. Lacerda, Armando de, *Die Flexion des Sprechtones im Portugiesischen*; in *Proceedings of the third International Congress of Phonetic Sciences, Ghent, 1933*, Ghent, 1939, 396-402.
32. Zipf, George K., & Francis Millet Rogers, *Phonemes and variphones in four present-day Romance languages and Classical Latin from the viewpoint of dynamic philology*; in *Archives Néerlandaises de Phonétique Expérimentale*, XV (1939), 111-47.
33. Lacerda, Armando de, & Francis Millet Rogers, *Sons dependentes da fricativa palatal áfona, em português*; in *Biblos*, XV (1939), 259-377. Also apart, Coimbra, 1939, 127 pp.

FRANCIS MILLET ROGERS

Cambridge, Massachusetts
January, 1940.

(Em: *Boletim de Filologia*, vii, 1940, pp. 17-29).

NOTA DA REDACÇÃO:—Na página 21 representou-se por *nh* o símbolo correspondente da Associação de Fonética Internacional que, devido à rapidez que é necessária na composição do *Boletim de Filologia*, não pôde ser fundido a tempo.

The first of these is the fact that the United States is a young nation, and that its history is a history of growth and expansion. It is a history of a people who have been able to overcome all the difficulties which have been thrown in their way, and who have been able to build up a great and powerful nation.

The second of these is the fact that the United States is a nation of immigrants. It is a nation of people who have come from all parts of the world, and who have brought with them their own languages, customs, and traditions. This has made the United States a melting pot, and has given it a unique character.

The third of these is the fact that the United States is a nation of pioneers. It is a nation of people who have been able to overcome all the difficulties which have been thrown in their way, and who have been able to build up a great and powerful nation. This has made the United States a nation of pioneers, and has given it a unique character.

The fourth of these is the fact that the United States is a nation of freedom. It is a nation of people who have been able to overcome all the difficulties which have been thrown in their way, and who have been able to build up a great and powerful nation. This has made the United States a nation of freedom, and has given it a unique character.

The fifth of these is the fact that the United States is a nation of progress. It is a nation of people who have been able to overcome all the difficulties which have been thrown in their way, and who have been able to build up a great and powerful nation. This has made the United States a nation of progress, and has given it a unique character.

The sixth of these is the fact that the United States is a nation of peace. It is a nation of people who have been able to overcome all the difficulties which have been thrown in their way, and who have been able to build up a great and powerful nation. This has made the United States a nation of peace, and has given it a unique character.

The seventh of these is the fact that the United States is a nation of justice. It is a nation of people who have been able to overcome all the difficulties which have been thrown in their way, and who have been able to build up a great and powerful nation. This has made the United States a nation of justice, and has given it a unique character.

The eighth of these is the fact that the United States is a nation of hope. It is a nation of people who have been able to overcome all the difficulties which have been thrown in their way, and who have been able to build up a great and powerful nation. This has made the United States a nation of hope, and has given it a unique character.

*Curso de fonética e de fisiologia
da língua portuguesa desde os dialetos arcaicos*

II. Estudos de fonética portuguesa

por

A. R. Gonçalves Viana

TRADUÇÃO DE JOSÉ MACHADO

Volume primeiro

Este livro contém o curso de fonética e de fisiologia da língua portuguesa, desde os dialetos arcaicos até os modernos. O autor, A. R. Gonçalves Viana, é um dos mais importantes fonetistas portugueses. O curso é dividido em duas partes: a primeira trata da fonética e da fisiologia da língua portuguesa, e a segunda trata dos dialetos arcaicos da língua portuguesa. O curso é escrito de uma forma clara e acessível, e é muito útil para quem quer aprender a fonética e a fisiologia da língua portuguesa.

Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne

TABLEAU DES VOYELLES.

Voyelles orales.	Voyelles nasales.
à	—
è ɶ ò	— ã —
ê — ô	ẽ — õ
i ɛ u	ĩ — ù
(i) (y)	— —

L'accent circonflexe ^ sert à désigner en portugais les voyelles fermées, c'est-à-dire pour ê, ô les sons des lettres françaises é, ô. L'accent aigu ´ marque les voyelles ouvertes; je le remplace toutefois par le grave ` , l'aigu m'étant nécessaire pour indiquer la voyelle tonique du mot, ce qui d'ailleurs se trouve d'accord avec l'orthographe portugaise, où le signe ´ fait double emploi. Le ~ til exprime la nasalité, et, dans l'orthographe actuelle, il n'est employé que sur les lettres ã, õ, lorsqu'elles font partie de diphtongues nasales. Son emploi sur toutes les voyelles est ici parfaitement arbitraire; il en est de même des différents signes diacritiques dont j'affecte les consonnes, ainsi que du petit cercle souscrit dont je fais usage pour désigner les voyelles neutres ɶ et ɛ ou i. Les notations suivantes sont également conventionnelles: y o représentant un u (ou français) très bref et presque étouffé, tantôt écrit par u,

tantôt par *o*, dans l'orthographe usuelle ; *i* ξ désignant l'atténuation en *i* brévisissime de *e* ou *i* ; *û* δ pour la semi-voyelle labiale, *i* ξ pour la semi-voyelle palatale, lorsque ces lettres atones se trouvent devant une autre voyelle, ou font partie d'une diphtongue comme subjonctives réduites. L'orthographe portugaise ne connaît point ces signes, que j'emploie ici seulement pour me faire mieux comprendre. Pour plus de clarté, je vais mettre sous les yeux du lecteur deux tableaux, l'un des voyelles portugaises et l'autre des voyelles françaises, au moyen d'exemples.

Voyelles françaises.		Voyelles portugaises.		
	—		Sá	
çà	— —		— —	
	— — —		— — —	
			sé	da só
ces	— ce seul sotté		— — — —	
thé	— — ceux sceau		sê	— — — ' sou
	— — — —		— — — —	
si	— chapelain tu tout		si	— se — tu
	dieu zouave		cear	soar

TABLEAUX COMPARÉS DES VOYELLES DU CASTILLAN, DE L'ITALIEN, DU CATALAN ET DU PORTUGAIS.

Castillan.	Italien.	Catalan.	Portugais.
—	là	ha	Sá
—ya—	— — —	— — —	— — —
— — —	— — —	— — —	— — —
	è — nò	vosté — jo	sé da só
fe — yo	— — —	— mateix	— — —
— — —	se — voto	net — bot	sê — sou
— — —	— — —	— — —	— — —
sl —	tú si —	tu si —	tu si se tu

On peut considérer comme presque identiques les voyelles françaises et portugaises de la même ligne dans les deux premiers tableaux ; seulement la différence de quantité prosodique n'est pas appréciable en portugais, exception faite de la longueur des voyelles provenant d'une *crase*, et de leur brièveté dans les syllabes atones.

Dans la prononciation de Lisbonne, ainsi que dans celle de tout le sud du royaume, les voyelles nasales sont fermées : ainsi il n'y a point

de voyelles nasales qui répondent aux voyelles orales *è, ô, ê*, et la voyelle nasale correspondante à l'*à* de *Sá* ne se trouve que dans la crase : brève par exemple dans la phrase *vi-a andar* = je l'ai vue marcher, prononcée *vi äädr* ; longue dans *via-a andar* = je l'avais vue marcher, prononcée *vi äädr*.

La nasalité de ces voyelles à Lisbonne, ainsi que dans tout le sud du royaume, est de premier degré, c'est-à-dire qu'elle n'est pas accompagnée de gutturalisation, comme dans les voyelles nasales françaises ¹.

REMARQUES SUR LA PRONONCIATION DES VOYELLES.

Quoique la simple inspection des tableaux que j'ai dressés eût peut-être suffi à une appréciation assez correcte de ces sons, je dirai cependant quelques mots sur la prononciation de mes voyelles portugaises.

à est plus ouvert que l'*a* castillan et il n'est pas légèrement palatalisé comme l'*a* français, lequel, comparé à l'*a* italien, tient un peu du son d'un *e* très ouvert. L'*a* portugais devant *l* est un peu labialisé, c'est-à-dire il tient de l'*o* ouvert, presque autant que l'*o* bref anglais de *body*.

q est une voyelle neutre bien plus ouverte que l'*e* du français *me, te, le* ; moins ouverte cependant que l'*u* bref anglais de *bud* : il est tout à fait semblable à l'*a* atone de l'anglais *about, he gave me a book*.

è est un *e* aussi ouvert que l'*æ* danois, *è aperto* de l'italien dans *piède, gelo*, c'est-à-dire plus ouvert que l'*è* français, *ä* allemand ; un peu moins cependant que l'*a* bref anglais de *bad*, lequel ne se retrouve que dans quelques dialectes portugais ², dans l'Algarve ou Beira-baixa, par exemple.

ê est l'*é* fermé français, sans aucune distinction de quantité, cependant ; il se trouve plus près de *i* que l'*e* unique des Castillans ³. Dans le système de Bell, adopté par M. Sweet dans ses deux remarquables ouvrages « *A History of English sounds* » et « *Handbook of phonetics* », l'*e* fermé est appelé *mid-front-narrow-vowel* : l'*e* castillan est donc la *low-front-narrow-vowel*, selon la terminologie du même auteur. L'*ä* allemand de *Väter* se rapproche beaucoup de l'*e* castillan, ou plutôt ces

1. V. E. Sievers, *Grundzüge der Lautphysiologie*. Leipzig, 1876, S. 47 et 48, et Joh. Storm, *Engelsk Filologi*. Kristiania, 1879, p. 24 et 25.

2. J'appelle « dialecte » toute différence de prononciation ou autre, par rapport à une seule langue.

3. Assurément M. Storm n'est pas dans le vrai lorsqu'il écrit (*Remarques sur le vocalisme des serments de Strasbourg, Romania*, vol. III) *ustéd, quéd*, s'il veut désigner par l'aigu ' le son de l'*é* fermé français. Il n'y a que les Aragonais qui prononcent l'*e* castillan comme un *é* fermé, ou à peu près.

deux voyelles sont tout à fait identiques en ce qui concerne leur timbre.

ç est un *e* muet, comme on l'appelle généralement, bien plus étouffé, bien plus fermé, cependant, que l'*e* français de *me*, *le*. Que l'on essaye de prononcer le mot *rejeter* sans trop appuyer sur la seconde syllabe, mais sans dénaturer non plus le son du *j*, c'est-à-dire sans le remplacer par *ch* : on pourra par l'*e* de cette syllabe *-je-* se faire une idée du son de l'*e* muet en portugais, lorsqu'il se trouve en conjonction avec des consonnes sonores. Entre deux consonnes sourdes différentes, cet *e* est le plus souvent nul. Que l'on ne dise point qu'il l'est également ailleurs : aucun Portugais ne confondra jamais ces deux mots *trás* et *terás*, et la seule différence entre eux, du moins dans la prononciation de la presque totalité des Portugais du continent, est précisément le son de cet *e* muet entre le *t* et le *r* du second mot¹ ; et cependant le son de cet *e* est bien différent de celui de l'*e* français de *me* *le*, etc. La place que nous lui avons assignée dans la pyramide des voyelles nous paraît être parfaitement exacte. Dans le mot anglais *said* la syllabe est close par la consonne sonore *d*, tandis que dans les mots portugais *sêde*, *sêde* il y a deux syllabes distinctes *sê-de*, *sê-de*. Le son de cette voyelle est celui qui

1. On ne saurait nier que cet *e* est souvent nul, surtout devant *r*, et quelquefois après : ainsi le mot *merecer* se prononce le plus souvent *mercér*, mais dans *perecer*, on prononce les deux *eg*. Je prononce le substantif commun *pereira* = « poirier » comme *peráira*, et le nom propre *Pereira* comme *práira*.

Du latin *februarium*, on a fait *severeiro*, qu'on a dû prononcer *severáiru* ; on a introduit ç entre le *v* et le *r*, parce que le groupe *vr* était très rare en portugais ; aujourd'hui on continue d'écrire *severeiro*, mais on prononce *sevráiru*. Cet *e* ne représente plus la prononciation et il est contre l'étymologie ; il est toutefois le signe muet d'une ancienne *svarabhakti*. Il en est de même du mot *severa*, de *fibram*, prononcé *févra*. En général, le ç devant *r* et une autre voyelle est seulement prononcé dans les futurs et les conditionnels des verbes de la seconde conjugaison (en *-ér*) ; par exemple : *lerás*, *verás*, *será*, *cederei*, *cederia*, *perecerá*, *perecerá* (= *merceria*), *parecerá* de *parecer* (pron. *parcerá*, *parcer*). Cette voyelle se prononce également lorsqu'elle est précédée de *s* ou *z*. Avec les palatales *x*, *j*, *nh*, *lh* elle se prononce *i*, excepté lorsqu'elle est suivie de *r*, *l* ; donc *gerál*, et non pas *jíral*. Autrefois on prononçait *jerál* ; *jarál* est populaire.

Il faut ajouter que l'existence de ce ç rend possible la prononciation de certains groupes de consonnes, que l'on évite dans d'autres dialectes. Ainsi le mot *observar* se prononce *ôbeservár*, c'est-à-dire qu'il a quatre syllabes, tout à fait comme *obedeçer*, tandis que l'on dit en français *observer*, en anglais *observe*, et en italien *osservare*. Toutes les fois que deux consonnes appartenant à des genres différents (sourde et sonore, ou sonore et sourde) se trouvent en contact, l'insertion, la *svarabhakti* de cet ç, permet aux Portugais de ne pas en altérer le son et d'éviter des assimilations qui, autrement, seraient la conséquence de ces rencontres. On sait que le même phénomène a lieu dans les langues sémitiques, où l'on trouve souvent des groupes formés par des consonnes de genres différents, surtout par une sourde précédée d'une sonore : un ç rend intercalaire sépare ces consonnes incompatibles.

accompagne les fricatives douces, lorsqu'on s'efforce de les prononcer sans une autre voyelle ; ce son les précède lorsqu'elles sont initiales : c'est là un fait sur lequel M. Lepsius avait insisté dans son *Standard Alphabet*, et que M. Brücke paraît avoir méconnu ¹.

i a le son de l'*i* italien ou français, sans aucune distinction de quantité, lorsqu'il est accentué. Atone, devant une continue palatale, il se prononce *réduit*, c'est-à-dire plus bref et plus étouffé : nous marquons cet *i* avec le signe $\underset{\sim}{i}$. L'*i* atone devant ou après une voyelle, comme subjonctive de diphtongue, est encore plus bref ; nous le désignons par \dot{i} ; il est parfaitement analogue à l'*y* de l'anglais *boy, play, my* (*boi, plei, mai*). Dans ces trois cas l'*i* atone se confond avec l'*e* atone en un son unique, qui est celui d'un *i* chuchoté (*whispered*). Entre deux voyelles on peut considérer l'*i* comme l'équivalent de la semi-voyelle palatale ; mais il a bien moins le caractère d'une consonne que le *y* français ou castillan : ainsi le mot *mayor* est bien différent du portugais *maior* ; il n'y a de commun entre eux que les consonnes initiale et finale. Le mot portugais a deux syllabes, *maï-ôr*, dont la dernière est la tonique. La division phonétique du mot castillan au contraire est *ma-yôr*.

δ est l'*o* italien de « vuoto, » « loda, » « avrò, » sans aucune distinction de quantité, lorsqu'il est tonique ; cette voyelle est donc plus ouverte que l'*o* français de *vote, robe*. Dans le sud de la France on entend souvent cette voyelle dans des mots où l'on prononce généralement *o* fermé ailleurs, par ex. dans *chose, autre, chaude, etc.*

δ . Ce son est peut-être un peu moins ouvert que δ français de *trône, apôtre, beau*, beaucoup plus fermé cependant que l'*o* castillan de *no, yo, todo, etc.*, lequel se rapproche de *aw* anglais, bien plus fermé lui-même que l'*o* bref de *body, what*². La voyelle portugaise δ , lorsqu'elle est tonique, est plutôt longue que brève, et on y peut constater une pro-

1. Du moins ce son ne fait point partie de son tableau des voyelles (*Grundzüge der Physiologie u. Systematik d. Sprachlaute*, Wien, 1876, S. 24-33). Voy. cependant S. 153.

2. On a depuis longtemps constaté l'existence d'une classe spéciale de voyelles entre δ et δ - δ en anglais ; elles se trouvent dans les trois mots *bad, bud, body*. Cette dernière voyelle, entre δ et δ , doit peut-être son origine à l'influence progressive de *w*. Ce son se serait étendu dans la suite à tous les *oo* brefs qui ne sont pas devenus *u* (*bud*). Les Américains ont un *o* ouvert différent de l'*o* de *body*, c'est-à-dire moins ouvert. Cet *o* se trouve ordinairement dans des mots où la prononciation anglaise a des *oo* longs ($\delta\delta$ ou $\delta\delta$) ou des *uu* brefs (de *bud*), comme dans *home, none*. Un Américain me dit, il y a bien longtemps, que les mots *sun* et *son* n'avaient pas la même prononciation : il prononçait *son* comme le français *sonne*. Sur ce sujet, on peut consulter Marsh, *Student's English language* ; Whitney, in *Oriental and linguistic Studies*, 2nd. Series, « The Elements of English pronunciation », où ce son est représenté par δ , et Storm,

traction labiale plus prononcée qu'en français. Dans le dialecte de Lisbonne, ainsi que dans tout le sud du royaume, on ne fait aucune distinction entre *ô* et *ou* (la diphtongue *ôu* des dialectes du nord).

o, *u*. Cette voyelle a le son de *ou* français réduit, c'est-à-dire très bref et comme étouffé. Elle se trouve en portugais à la fin des syllabes atones. Lorsque, précédé d'une consonne, ce son termine un mot, on l'écrit par *o*, et il est en général le signe grammatical du genre masculin, comme l'*o* est le signe du féminin; les articles *o*, *a*, « le, la » ont respectivement cette prononciation. Tout *o* ou *u* atone se prononce généralement *u*. Comme exercice, nous présentons quatre mots distincts, qu'une oreille étrangère confondra aisément, mais que tout Portugais reconnaîtra comme parfaitement différents et suffisamment caractérisés dans la prononciation : *môra* = il demeure, *môro*, je demeure, *môre*, qu'il demeure, *môr* (contraction de *mãidôr*), majeur. L'atonie et l'obscureissement de la voyelle finale réduite rend ces mots identiques pour une oreille peu exercée.

Lorsque *o*, *u* atones se trouvent devant une voyelle, ou font partie d'une diphtongue comme subjonctives, ils sont encore plus brefs et plus imperceptibles : nous les désignons par *ô*, *ó*. Dans ce cas ils répondent au *w* anglais des mots *swell*, *now* (*naû*), *know* (*nôû*), à peu près l'*ou* français de *zouave*.

u accentué a le son de l'*u* italien, *ou* français, sans aucune distinction de quantité.

Toute voyelle orale suivie dans la même syllabe de *l* (gutturo-lingual) devient gutturalisée. Ces voyelles sont, sous ce rapport, identiques aux voyelles polonaises en conjonction avec *ł*. La consonne *l* dans ce cas s'atténue, elle est à peine perceptible, de sorte que, entre les mots *alto* et *auto*, par exemple, la différence de prononciation est presque insaisissable. C'est là ce qui explique que des mots latins tels que *saltum*, *altarium* sont devenus *souto*, *outeiro*, tout à fait comme s'ils étaient

op. cit. p. 35, 42, 182, 188, 313, où Ellis est cité; M. Storm représente cette voyelle par *ô* et l'identifie avec le *o* du français *homme*, ce qui le met d'accord avec mon Américain; le mot *son* n'est cependant pas cité.

L'*a* de *bad* se retrouve dialectalement en portugais, dans l'Algarve, où, dans des localités qui sont encore à déterminer, le pluriel du mot *pl* est *pæs* (*æ* = *a* anglais de *bad*). V. João de Deus, *Dicionário prosódico da língua portuguesa*, passim.

On trouve dialectalement d'autres voyelles en portugais : à Madère, par ex., l'*i* des syllabes ouvertes accentuées a le son de l'*y* polonais, et l'*u* et l'*e* de ces syllabes se rapprochent respectivement de l'*u* suédois et de l'*d* roumain, *ɛ* de Diez. Dans le continent même, l'*i* devant *l* gutturalisé est prononcé bien souvent comme le *y* polonais, *и* des Russes (l'*ij* de Lepsius, *y* de Diez), par ex. dans *barril*, *funil*, que je prononce avec un *i* ouvert.

sa utum, autarium. Il semble qu'une telle prononciation de *l* a existé en français à une certaine époque, ce que prouveraient les pluriels en *aux* (*âûs*) des mots en *al*, et des formes telles que *beau* (*bèû*) de *bel*, *fou* (*fòû*) de *fol*. Le changement de *l* en *û* est d'ailleurs fréquent dans plusieurs langues de la même famille comparées entre elles, par exemple le hollandais *goud* à côté de l'allemand *gold*. Il en est de *l* final en portugais comme de *r* en anglais : la voyelle qui précède ces consonnes en est modifiée en un certain sens, à cette différence près que les voyelles portugaises devant *l* ne sont que gutturalisées ; leur timbre ne change que très peu ¹. Pour en connaître la différence il serait bon de faire prononcer devant soi par un Portugais les mots suivants : *ato, alto, auto, sèta, cèta* ; *cèpa, fèlpa* ; *mirro, bilro* ; *sòta, sòlta* ; *souto, sòlto* ; *muta, multa* ; *mal, mel, barril, sol, sul*.

ã (*an, amp, amb*) est la voyelle *a* nasalisée. De toutes les nasales françaises, celle qui lui ressemble le plus c'est *un*. On écrit ce son de plusieurs manières.

ẽ (*en, emp, emb*) est un *ê* fermé nasalisé ; il n'est donc pas identique à *in* français.

ĩ (*in, im, imp, imb, en, emp, emb*) est un *i* nasalisé, voyelle qui n'existe pas en français.

õ (*on, om, omp, omb*) est un *ô* fermé nasalisé, différent de *on* français.

ũ (*un, um, ump, umb*) est *u* (*ou* français) nasalisé, lequel n'existe pas en français.

Je répète que la nasalité en portugais est bien différente de la nasalisation des voyelles françaises : d'abord parce qu'elle n'est point accompagnée de gutturalisation, et puis parce que le timbre de la voyelle ne change pas. En effet, il n'y a point en français de voyelles orales dont le timbre soit parfaitement égal à celui de ces voyelles nasales : *an, in, on* ; à peine si l'on reconnaît la voyelle *æ* (*eu*) dans la nasale *un*, tandis qu'en portugais les nasales *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ* ne diffèrent que par leur nasalité des voyelles orales *a, ê, i, ô, u* ².

1. M. J. Storm (op. cit. 18 et 44) trouve en anglais un *l* gutturalisé, qui serait parfaitement identique à *l* portugais après une voyelle. Il me semble que ce *l* ne se trouve en anglais que lorsqu'il forme une syllabe indépendante, précédé de *g*, comme dans *noble, sample, principle*. Ailleurs j'entends *l* gingival et rien de plus ; du moins son influence sur la voyelle précédente est nulle, ce qui ne permet pas de lui attribuer une puissance modificative semblable à celle de *r*. M. Storm donne à ce *l* le nom de *halvguttural*, sous-guttural, et le retrouve en allemand aussi bien que dans les langues slaves.

2. M. Jules Cornu, le savant et aimable professeur de philologie romane à l'université de Prague, que j'ai eu l'avantage de connaître personnellement à Lisbonne en 1881, et qui, à une connaissance approfondie de la langue

DIPHTONGUES.

Subjonctive *i*.

Orales.	Nasales.
àí	—
èí aí òí	āí (avec un <i>a</i> nasalisé)
— — òí	— — òí
— — uí	— — ũí

portugaise, éclairée par une méthode rigoureuse et sûre, joint une excellente prononciation, une délicatesse d'oreille qui le met en état d'apprécier et de reproduire les moindres nuances de la phonétique portugaise, à coup sûr l'un des plus difficiles à maltriser, ce phonéticien habile a néanmoins une tendance à gutturaliser les nasales portugaises, tout à fait comme dans le nord du pays. M. Cornu ne confond point les nasales portugaises avec les nasales françaises, il sait très bien les prononcer; et cependant la force de l'habitude le porte quelquefois à reproduire les nasales françaises, surtout *an*, lorsqu'il parle le portugais.

J'ai remarqué que les Portugais acquièrent aisément la prononciation de la nasale française *an*, les femmes surtout. J'ai enseigné le français à deux enfants, frère et sœur: la petite prononce très bien la syllabe *an*, son frère ne le fait jamais; tous les deux confondent ordinairement *un*, *an* et *in* en un seul son, qui est pour Frédéric le *ã* portugais, et pour sa sœur *an* français. Les Portugais n'imitent qu'à grand'peine la syllabe *in*, qu'ils remplacent par *ên* ou par *ain*. Moi-même j'ai quelque difficulté à reproduire *un*, que je remplace, lorsque je n'y fais pas attention, par *ã* portugais; lorsque la voyelle *un* n'est pas finale, par ex. dans *humble*, la difficulté disparaît pour moi.

J'ai consulté sur les nasales polonaises M. Adolphe Pawinski, professeur d'histoire à l'université de Varsovie, l'un des membres du congrès anthropologique réuni à Lisbonne en 1881. Je l'ai prié à plusieurs reprises de les prononcer devant moi. Pour mon oreille, *a* sonne toujours comme un *o* ouvert nasalisé sans gutturalisation, et par conséquent il n'est pas le *on* français; *e* me fit l'impression tantôt de *è*, tantôt de *a*, nasalisés.

Dans le dialecte du Minho il y a les voyelles nasales suivantes: *ã* (*à*) *ẽ*, *ẽ* (*è*) *ê* (*é*) *ĩ*, *õ*, *õ* (*ò*, *ó*) *ũ*; et les diphtongues *ãũ* (*àu*), *ãĩ* (*ái*), *ẽĩ* (*êi*), *õĩ* (*ói*), peut-être aussi *ẽũ* (*êú*). Les Portugais, lorsqu'ils prononcent le latin, donnent à la terminaison *-em* la valeur de cette dernière diphtongue nasale, par ex. dans *rem*, *fidem*, qu'ils prononcent *rẽũ*, *fidẽũ*, avec un *é* fermé; et ils prêtent au groupe *e um*, par ex. dans *deum*, la valeur de *ẽũ*, avec un *e* ouvert. Cette répugnance à prononcer des voyelles nasales dans des syllabes découvertes les porte à prononcer la terminaison latine *am* comme *ão* (*ãũ*), par exemple *nam*, *musam*, prononcés *nãũ*, *múzãũ*. Il paraît que cette répugnance à prononcer des nasales simples à la fin des mots était autrefois plus grande, car aujourd'hui les nasales *ã*, *ĩ*, *õ*, *ũ* sont assez communes comme finales, par ex. dans *lan*, *sim*, *son*, *atum*; ces nasales ont dû être prononcées jadis comme des diphtongues: *ãg*, *ĩi*, *õũ*, *ũũ*. (V. Duarte Nunes de Leão, *Orthographia da lingua portuguesa*.) La prononciation *bõa* est encore assez commune à Lisbonne, et la plupart des féminins en *-õa*, formés des masculins en *-ão*, avaient autrefois sans doute un *o* nasal. Aujourd'hui, les noms en *-ão* ont leur féminin tantôt en *-õa*, tantôt en *-õna*, tantôt en *ã*, comme *leão*, *leõa*, *valentão*, *valentona*, *allemão*,

Subjonctive *û*.

	âû								
êû	—	—						ãû (avec un ç nasalisé)	
êû	—	—			—			—	—
îû	—	—			—			—	—

Des diphtongues nasales *ãî*, *ôî*, *ãû* s'écrivent *ãe em en ...*, *õe*, *ão am* ; la diphtongue orale *ai* s'écrit ordinairement *ei*, surtout lorsqu'elle est la tonique du mot. Je ferai suivre ce tableau d'un autre, où, par des exemples, on pourra connaître l'orthographe commune de toutes ces diphtongues ; j'y ajouterai quelques remarques sur leur prononciation.

EXEMPLES DES DIPHTONGUES.

Subjonctive *î*.

Orales.	Prépositives.
<i>mais, paes</i>	à
<i>réis reis roes, heroico</i>	è ç ò
— sois	— ò
— <i>sues, fluido</i>	— — —
Nasales.	Prépositives.
— <i>mãe, bem, bens</i> —	—
— <i>pões</i>	· ã (neutre)
— <i>mui(to)</i> ce seul mot	— — ò (fermé)
	— — ù

Subjonctive *û*.

Orales.	Prépositives.
<i>mau, Macao</i>	à
<i>ceu, reo</i> — —	è — —
<i>seu</i> — —	ê — —
<i>riu</i> — —	î — —

alleman, que l'on écrit aussi *alle mã*, *alle mãã*. Un *ão*, devenu *oa*, change l'*ò* en *ô* (*û*) lorsque cette voyelle perd l'accent ; du substantif *coração* on forme le verbe (3^e prés. ind.) *descoroça* (*dĩskurysõã*) dont l'infinif est *descoroçar* (*dĩskurysõãr*) que l'on prononce aussi *dĩskursõãr*.

Les nasales de « Entre Douro e Minho » sont presque partout gutturalisées comme en français.

Nasales.

— *mão, tam* —

Prépositives.

ã (neutre)

Les diphtongues *âi*, *âû* se prononcent comme en allemand *ai*, *au* ; la diphtongue *êû*, à peu près comme l'*ow* dialectal anglais de *cow* (*keow*), ou *eu* de l'italien *neutro*, *Euro* ; seulement en italien l'*u* n'est pas réduit ; *ôi* ne diffère que très peu de l'anglais *oy*, *oi* ; *ôï*, *uï*, *êû* répondent à *ooi*, *oei*, *eeu* du hollandais. La diphtongue *lû* est formée par la voyelle *i* ouvert (à peu près *i* de l'anglais *bid*) et *u* réduit.

Nos diphtongues nasales ne se retrouvent peut-être que dans les langues aryennes de l'Inde¹. Quoique la diphtongue *ão* (*ãû*) soit considérée comme très difficile à imiter, comme un vrai *shibboleth* enfin, j'ai remarqué qu'en général presque tous les étrangers ont plus de peine encore à reproduire la diphtongue *ãe* (*ãï*). Il faut ne pas oublier que pour

1. V. Beames, *A Comparative Grammar of the Modern Arya languages of India*, v. II, p. 255, et Stevenson, *The Principles of Murathee Grammar*, p. 8, et aussi *Grammatica da lingua Concani composta pelo Padre Thomaz Estevão*, Nova Goa, 1857, p. 168 ; G. de Vasconcellos' Abreu, *Princípios Elementares da lingua Sâoskrita*, Lisboa, 1879, p. 9. Le savant professeur de sanskrit à l'École supérieure des lettres (*Curso superior de Letras*) de Lisbonne, que nous venons de citer, enseigne la prononciation *âû* pour l'*a* surmonté de l'anousvara nécessaire, c'est-à-dire devant une consonne fricative, comme dans *hâsa*, prononciation qui lui a été transmise par Mart. Haug, et qui, d'après cet illustre orientaliste qui habita longtemps l'Inde, y serait la plus commune.

J'ai également remarqué la prononciation *âû* pour *âw* chez des habitants de Goa qui connaissent le marâthl. Le professeur Vasconcellos Abreu m'a aussi communiqué la prononciation *hâû* pour l'allemand *haben*, dans le Wurtemberg.

M. Adolphe Pawinski, qui a appris à Lisbonne la prononciation de l'*ão* portugais, le représente dans son ouvrage récent *Portugalia* par *aq*, combinaison de lettres qui en imite le son aussi fidèlement que l'orthographe polonaise le permet.

Les Anglais peuvent s'en faire une idée par le groupe *oung*, et Stevenson (op. cit.) le représente par *anw*, qui répond à peu près à *âw*. La diphtongue *ãe*, *em* pourrait être représentée par *ây*, et *õe* par *ôy*, en supposant le *y* affecté du *virâma*.

L'orthographe *ain* pour des mots tels que *main*, *sain*, *saint*, indique en français une ancienne diphtongue nasale analogue à l'*ãe* portugais. Peut-être l'*a* était-il = *â*, comme dans le nord du Portugal. Son identification avec *in* a dû être postérieure. Le groupe *ain* a peut-être encore, dans quelques dialectes français la valeur d'une diphtongue ; je ne saurais dire cependant sous quelles conditions ni dans quels dialectes. J'ai vu, il n'y a pas longtemps, dans un journal, la prononciation de certains mots tels que *fin*, *moins*, indiquée *fain*, *moains*, attribuée à un personnage de roman.

toutes ces diphtongues la nasalisation embrasse les deux éléments, la subjonctive aussi bien que la prépositive, et que toutefois celle-ci doit être, autant que possible, réduite, atténuée. La vraie transcription de ces sons devrait donc être *ai*, *au*, *oi*, en surmontant chaque paire de voyelles d'un signe de nasalité qui les embrasserait toutes les deux.

Dans le sud du royaume (Alemtejo et Algarve), aussi bien que dans le Brésil, *em* est différent de *ãe*, *y* étant prononcé *êi*, ce qui est certainement sa valeur primitive, exprimée par l'ancienne orthographe *êe*. A Lisbonne, ainsi qu'à Coïmbre, cette diphtongue *êi* a tout à fait disparu.

SYLLABES.

Par le tableau ci-contre, on pourra se faire une idée de la constitution, soit de la syllabe, soit du mot en portugais. Nous ajouterons que la syllabe doit être formée par :

- a) Une voyelle orale ou nasale : *à, è, ã, õ, etc.*
- b) Une diphtongue orale ou nasale : *âi, ôi, etc., ãü, ãi, etc.*
- c) Une voyelle orale suivie de *-l* gutturalisé : *al, el, etc.* ; ou de *-r* simple : *ar, er, etc.*
- d) Une voyelle orale ou nasale suivie de la palatale réduite sourde : *aš* *eš*, laquelle devient *sonore* devant une consonne sonore.
- e) Une diphtongue orale ou nasale, suivie de la palatale réduite *š* sourde, ou sonore devant une consonne sonore.
- f) Une explosive quelconque suivie de l'une des formations précédentes : *ga, gã, gal, gar, gaš, gài, gãi, gâš, gâiš*.
- g) Une explosive quelconque, ou la fricative *f* (rarement *v*) suivie de *r* simple et des formations a) b) c) d) e) : *gra, pra, fra, crai, draš, frau, etc.*
- h) Une explosive quelconque, ou la fricative *f* suivie de *l* lingual (non gutturalisé) et des formations a) b) c) d) e) : *cla, pla, fla, clai* ; jamais *dl, vl*, cependant.
- i) Une nasale quelconque, une ancipite (*l* gutturalisé excepté, lequel ne peut jamais être initial), ou une fricative (la fricative réduite *š* fait exception) et les formations a) b) c) d) e) : *ma, saš, ja, za, ra, lai, etc.*
- j) Une explosive ou une fricative (la réduite *š* exceptée) suivie de *i* ou de *ü* et des formations a) b) c) d) e) : *pia, pũa, tia, tũa, sia, qua (kũa)* etc.

La syllabe constituée par une explosive ou la fricative *f* suivie de *l* liquide et d'une voyelle quelconque, c'est-à-dire des groupes tels que *pl, tl, fl, cl, etc.*, n'est pas foncièrement portugaise, pas plus qu'elle n'est italienne. En effet, dans le passage des mots latins aux mots portugais, la liquide *l* s'est changée en *r* après une explosive douce, et est

TABLEAU DES CONSONNES PORTUGAISES

D'APRÈS LE DIALECTE DE LISBONNE.

Ordres	Sonores						Sourdes		
	Continues					Arrêts	Continues	Arrêts	
	Semi-voyelles	Nasales	Ancipites			Fricatives douces	Explosives douces	Fricatives dures	Explosives dures
			Latérales	Centrales					
				Simple	Vibrante				
Culturales							gala, lago guerra, seguir	cala, lacar queda, aqui	

Palatales	réduites	faia, fiar	banha	malha		já, haja desde gelo, frigir	chd, raxa deste, das chita, dixe
Linguales	gutturalisées		pena, nada	mal, alto lá, placa, mola	ir, caro, crer	zé, carro	
Labiales		qual, soar	mala, fama			vá, cava bala, lobo	fato, mofa
							pala, lapa

devenue, précédée d'une sourde, la consonne composée *ch* (*tʃ*), qui se maintient dans les dialectes du nord, et s'est simplifiée en *ʃ*, par la chute de la prépositive *t*, dans tout le pays au sud du Mondego, et même dans presque tout le littoral au nord du Mondego, jusqu'à Vianna : les groupes latins tels que *gl*, *bl* sont devenus *gr*, *br* ; tandis que *pl*, *cl*, *fl* se sont changés en *ch* (*tʃ*, *ʃ*). Ce changement de *l* en *r* après une consonne sonore est vraiment l'un des caractères du portugais. Il y a aussi des exemples de ce changement après une consonne sourde, mais ils sont bien plus rares : *craro*, *cravo* de *clarum*, *clauum*, *prea* de *plenam* à côté de *cheia*, *pranto* de *plantum* à côté de *chanto* qui s'est perdu, et *prantar* (*plantare*) qui a vieilli, *prazer* de *placere*, etc. *Ch* me semble être en tout cas le traitement le plus ancien de ces groupes, tandis que *pl*, *cl*, *fl*, etc., sont tout à fait littéraires. Cependant, quelques-uns de ces mots, de formation savante et artificielle, sont devenus populaires et ont banni les formes anciennes : *craro* en est un exemple, il a été partout remplacé par *claro* ; *fròl* a de même disparu devant *flòr*.

CONSTITUTION DES MOTS.

Des syllabes, soumises aux conditions que nous venons de citer, sont formés les mots selon les règles suivantes, que nous pouvons constater.

Lettres initiales :

- a) Toutes les voyelles orales des deux côtés de la pyramide, à, è, ê, i, ò, ô, u, lorsqu'elles sont accentuées.
- b) Toutes les voyelles nasales accentuées, ã, ê, î, õ, û.
- c) Les voyelles atones a, i, ò, u, rarement ã.
- d) Les voyelles nasales ã, î, õ, û, lorsqu'elles sont atones.
- e) Toutes les diphtongues orales, à l'exception de *êi*.
- f) Toutes les consonnes (*r* simple, *nh*, *lh*, *l* gutturalisé, et les palatales réduites exceptées) suivies de voyelle ou de diphtongue accentuées.
- g) Les consonnes précédentes suivies de voyelle ou de diphtongue orale atone, ou de voyelle orale ou nasale atone.

Les consonnes *lh nh* sont très rares comme initiales de mots. *Lh* n'occupe cette place qu'au datif du pronom personnel de la 3^e personne *lhê lhêʃ* (prononcé *lê* dans les environs de Lisbonne et à Trás-os-Montes) ou dans des mots empruntés à l'espagnol, comme *lhano* (*llano*) à côté de *chão* ; *nh* ne figure comme initiale que dans des mots appartenant au dialecte brésilien ; le seul mot portugais est, peut-être, l'ancien *nhafete* de neophyto.

La consonne *d* fricatif ne commence jamais un mot après un repos.

Lettres finales :

Seulement les consonnes suivantes :

a) La réduite palatale ξ sourd, qui devient sonore devant la consonne sonore initiale du mot suivant, et prend le son de z lingual devant une voyelle, comme en français.

b) L gutturalisé, qui devient lingual devant la voyelle du mot suivant.

c) R simple.

d) N dans quelques mots latins ou grecs adoptés sans accommodement orthographique.

Les voyelles suivantes accentuées :

e) Orales \grave{a} , \grave{e} , (rarement) \acute{e} , i , \grave{o} , (rarement) \acute{o} , et u .

Nasales :

f) \tilde{a} , \tilde{i} , \tilde{o} , \tilde{u} .

Les diphtongues suivantes accentuées :

g) Orales : ai , ai , (rarement) ei , oi , (rarement) oi , ui au eu eu , $i\tilde{u}$ (seulement à la 3^e personne du singulier du prétérit parfait de l'indicatif, ex. $vi\tilde{u}$).

h) Nasales : \tilde{ai} , \tilde{au} , (rarement) \tilde{oi} .

i) Les voyelles atones a , e , u , et rarement i .

j) La diphtongue orale ai , suivie de s palatal réduit.

k) Les diphtongues nasales \tilde{ai} et \tilde{au} .

Lorsque le mot finit par l (gutturalisé) ou r (simple), ces consonnes ne peuvent être précédées que des voyelles claires \grave{a} , \grave{e} , \acute{e} , i , \grave{o} , \acute{o} , u , si cette dernière syllabe est accentuée, ou de \grave{a} , \grave{e} , i , \acute{o} si elle est atone.

Jamais une voyelle neutre a , e , ou réduite i , u , une voyelle nasale ou une diphtongue ne peuvent se trouver à la fin d'un mot, suivies de l ou r .

En résumé nous pouvons dire qu'un mot portant l'accent sur la dernière syllabe ne peut se terminer que : 1^o par une voyelle orale claire suivie ou non de l , r ou s palatal ; 2^o par une des voyelles nasales \tilde{a} , \tilde{i} , \tilde{o} , \tilde{u} ou les diphtongues, suivies ou non de s palatal ; que lorsqu'un mot n'a pas l'accent sur la dernière syllabe, il ne peut se terminer que : 1^o par une voyelle neutre ou réduite, les diphtongues ai , \tilde{ai} ou \tilde{au} , suivies ou non de s palatal ; 2^o par l ou r précédés de \grave{a} , \grave{e} , \acute{o} , rarement i .

Nous ajouterons encore que dans le corps d'un mot jamais une voyelle neutre ou réduite ne peut se trouver devant l gutturalisé ; jamais une diphtongue nasale ne peut commencer un mot ou former la syllabe médiale d'un mot primitif.

Toute syllabe atone finale de mot latin ou grec terminé par n exige a , i , \acute{e} ou \acute{o} comme voyelle, jamais \grave{a} , \grave{e} , e , \acute{o} ou u .

A la fin d'un mot latin e ou o atones se prononcent \acute{e} , \acute{o} , lorsque ces

mots n'ont pas subi d'accommodation orthographique, par ex. *retro*, *ipso facto*, *maxime*, pron. *rétrò*, *ipsò fàktò*, *máksimè*.

On trouvera souvent des mots portugais qui dérogent à quelques-unes des règles que nous venons de constater. De tels mots, formés contre les analogies de la langue populaire, se rencontrent surtout dans les livres modernes : ce sont des mots savants empruntés au latin, au grec, des noms bibliques, des vocables étrangers, qui ont été introduits après que la langue eut été formée. Il faut, cependant, se rappeler que le plus souvent ces anomalies ne sont rien moins que réelles. C'est l'orthographe qui déguise la prononciation ; elle perpétue le souvenir d'un son disparu ou transformé, en conservant le symbole qui le représentait. Il en est ainsi de presque toutes les langues néo-latines, l'italien et l'espagnol exceptés, lesquels ont une orthographe plus conforme à la prononciation, et parmi les langues germaniques l'anglais en est un exemple frappant. Nous ne citerons que peu de mots. Du latin *actum* l'ancien portugais avait formé *auto* : la gutturale *c* s'était vocalisée en *ú* après une voyelle gutturale¹. Le portugais moderne a repris le mot sous la forme apparente de *acto*, réelle de *dtu*, le *c* étant tout à fait nul dans ce mot, ainsi que presque partout devant *t* et *ç*. Autre exemple : le latin *directum* a donné *direito* ; le *c* s'est vocalisé en *i* après une voyelle palatale. Le portugais artificiel a pris le latin *directorem*, *directionem*, sous les formes apparentes de *director*, *direcção*, réelles de *dirètòr dirèçãú* ; le *c* est tombé, et par compensation, la distinction de quantité n'étant pas reconnue comme un élément de la langue, la voyelle *e* a gardé le son ouvert, elle n'est pas devenue neutre ; autrement cet *e* se serait changé en *ç*. Autre exemple : on écrit le plus souvent *edade*, *egual*, de *aetatem*, *aequalem*, et toujours *elogio*, mais on prononce *idádeç*, *igúdl*, *ilujíu*, car l'*e* atone initial est toujours prononcé *i*, lors même qu'il est nasal (*ĩ*).

Nous ferons encore remarquer qu'une voyelle atone qui n'est pas neutre, c'est-à-dire un *e*, un *a*, un *o* qui gardent la prononciation de *è*, *è* (*ê*), *ò* (*ô*) dans une syllabe ouverte, indiquent dans la plupart des cas la disparition d'une consonne, d'une voyelle, ou d'une syllabe entière. Ainsi le mot *pàdêiro* (*pàddîru*) est une contraction de *paadeiro* (castillan *panadero*) ; *caveira* (*kávâirã*) une contraction de *caaveira* (castillan *calavera* de *calvaria*, avec un *a* intercalaire) ; *credor* (*krèdòr*) est une contraction de *creedor*, de *creditorem* ; *aquecer* (*akècêr*) est pour *aqueecer calescere*.

1. Il me semble que le mot *feito* ne vient pas immédiatement de *factum*, mais bien de **fectum* ; la voyelle *a* se serait donc palatalisée avant la vocalisation du *c* en *i*. On trouve *fecto* pour *feito* dans *Vida do Ifante Josaphat*, *Cod.* 266 de la bibliothèque du monastère d'Alcobaça, déposé à la *Torre do Tombo* (Archives nationales), p. 1.

Le verbe assez moderne *optar* se prononce *òptár* ; le verbe plus ancien *adoptar* se prononce *qđòtár* et non pas *qđòptár* ou *qđytár*. Le *p*, de même que le *c*, est généralement nul devant *t* ; il rend ouvertes, cependant, les voyelles *a*, *e*, *o*, qui le précèdent, et qui sans cette consonne seraient devenues *q*, *ç*, *y*, en perdant l'accent.

REMARQUES SUR LA PRONONCIATION DES CONSONNES.

Pour ne pas introduire dans cet essai des innovations de nomenclature qui y seraient déplacées, parce qu'elles me forceraient à une discussion que je ne pourrais aborder sans trop m'éloigner de mon but, j'ai adopté la terminologie généralement connue, remplaçant seulement la dénomination de *dentales* par celle de *linguales*. J'appelle *linguales* toutes les consonnes qui sont produites par un contact ou un rapprochement formé par le bout de la langue et un autre organe. Je me suis écarté de l'usage commun seulement sur ce point : en effet, appeler *r* une dentale est un contresens manifeste, un *r* dental étant impossible.

Les quatre groupes dans lesquels j'ai distribué toutes les consonnes portugaises comprennent douze articulations différentes, produites par des organes distincts, ou par des parties diverses du même organe. J'ai divisé ces douze articulations en treize lignes, parce que je sépare des articulations palatales les consonnes fricatives réduites, sourde et sonore, qui jouent un rôle tout particulier, et qui sont soumises à des lois spéciales, dans le dialecte portugais dont j'entreprends de faire connaître la phonologie.

La première ligne de notre tableau des consonnes contient les deux explosives gutturales, douce et dure (sonore et sourde), françaises (*g*² et *k*² de E. Brücke) *g* et *c* devant *a o ou*, *r* ou *l*. Elles ne peuvent se trouver que devant les voyelles gutturales *à*, *ò*, *ô*, *u*, et leurs subordonnées neutres *q*, *ç*, ou une consonne. Devant *ç* on les écrit par *gu*, *qu*, comme en français.

Devant les voyelles palatales *è*, *ê*, *i*, *í*, elles se changent en *gu*, *qu* de la seconde ligne, qui se prononcent un peu plus avant, contre le palais : ce sont *g*¹ et *h*¹ de Brücke :

1. *Grundzüge der Physiologie u. Systematik d. Sprachlaute*, p. 60-61. Peut-être était-ce là le son des lettres latines *c*, *g* devant des voyelles palatales. Au siècle dernier, de Wailly a fait déjà fait observer que *c*, *g* n'avaient pas la même prononciation que *qu*, *gu*, çu'il disait avoir un son moins fort. « Principes généraux et particuliers de la langue française, » Paris, 1786, p. 383 et 395. Comme on sait, dans un grand nombre d'idiomes les gutturales *k* et *g* se palatalisent en *ki*, *gi*, *tç*, *dç*, etc. devant des voyelles palatales, et en français, provençal, portugais et castillan elles ont avancé jusqu'à *s* (ç), *ç*, *z*.

Il n'y a point en portugais de fricatives gutturales, pas plus que la nasale *ng* des langues germaniques.

La nasale de la 3^e ligne, *nh*, est la palatale représentée en castillan par *ñ* et en français par *gn*. Elle ne peut se trouver que comme médiale dans un mot portugais. C'est là un son simple, et non pas une diph-tongue *ni*, comme la plupart des phonéticiens allemands ou anglais le soutiennent.

Les palatales de la 4^e ligne sont un peu différentes des palatales fran-çaises correspondantes.

D'abord, l'ancipite *lh* a depuis longtemps disparu du langage com-mun en français ; elle y a été remplacée par un *i* consonne moins fricatif que le *j* allemand.

Le *lh* portugais est tout à fait semblable au *ll* castillan et catalan, et il n'est pas redoublé comme le *gli* toscan (= *llh* ou *llhi*). Il est à peu près identique au *l* polonais en conjonction avec des voyelles palatales, *li* russe, à cette différence près que la palatale slave est produite par une plus large surface de contact entre la langue et la partie antérieure du palais, ce qui a pour conséquence une plus large fissure labiale, et un rétrécis-sement latéral plus fort des deux côtés de la langue contre les parois de la bouche par où le souffle s'échappe, de sorte que les lèvres se trouvent écartées l'une de l'autre dans toute leur longueur. C'est là du moins la différence de formation qui résulte de mon observation personnelle.

Les fricatives *j* et *x* (*ch*) sont tout à fait identiques aux fricatives anglaises de *shall*, *visi*on. Les palatales françaises *j* et *ch* sont pronon-cées un peu plus en avant contre les gencives, et l'organe actif est positivement le bout de la langue ; en outre, pour prononcer le *ch* et le *j* en français, on arrondit les lèvres presqu'autant que pour le *sch* alle-mand. Les palatales portugaises *j*, *x* sont tout à fait indépendantes de cette labialisation ¹, et l'organe actif est un point de la surface supérieure de la langue, plus ou moins rapproché de son extrémité, selon que la voyelle précédente ou suivante est palatale ou gutturale. Le *ch* français, et surtout le *sch* allemand, sont pour nous des sons étrangers.

Les réduites *s* sourde et sonore ne sont que *x* et *j* atténués. Presque tous les étrangers ont une grande difficulté à les prononcer, surtout à la

1. Voy. Storm, *op. cit.*, p. 27. J'aurais quelque chose à ajouter à ce que M. Storm dit à propos d'un *s* *supradental* des basques : ce doit être le *s* des Castillans et des Portugais du nord, le *s* de Trás-os-Montes, différent de *ç* = *s* alvéolaire dans ce dialecte : *paço* s'y prononce *pásu*, tandis que dans *passo*, le groupe *ss* a une prononciation différente, qui ressemble, si elle n'est pas identi-que, à *s* du castillan *passo* ; peut-être le son portugais tient-il un peu plus du son du *ch* français que le *s* castillan, l'ouverture par où le souffle s'échappe étant plutôt circulaire.

fin d'un mot. Il faut remarquer que *s* palatal réduit se prononce *sourd* lorsque, à la fin d'un mot, il est suivi d'un repos quel qu'il soit ; qu'il se prononce également *sourd* devant une consonne sourde ; qu'il devient *sonore* devant toute consonne sonore, à quelque classe qu'elle appartienne, c'est-à-dire devant les fricatives et les explosives douces, ainsi que lorsqu'il est suivi d'une nasale ou de *l*.

A la fin d'un mot, devant la voyelle initiale du mot suivant, *s* palatal devient lingual = *z*, tout à fait comme en français, formant l'initiale d'une syllabe avec la voyelle du mot suivant, parce que les palatales réduites ne peuvent pas se trouver devant des voyelles ; ainsi *os arcos* se prononce *u zárkyš*.

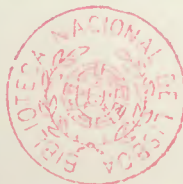
Devant *r*, *x* et *j* le *š* réduit est nul, ou bien *r*, *x*, *j* sont redoublés.

Pour apprendre à reproduire les fricatives palatales réduites du dialecte commun, il ne faut pas consulter les habitants du Minho ou de Trás-os-Montes, qui les prononcent d'une manière différente. Dans ces dialectes elles sont analogues au *s* castillan, lequel est formé dans un canal qui est le résultat du rapprochement de la surface inférieure de la langue et des gencives des dents supérieures. Cette prononciation est désignée par l'épithète *xabancas*, chez les habitants de Lisbonne, pour lesquels le mot *santo*, par ex., prononcé par un habitant du nord, sonne comme *xãty*.

L'*i* de *faia*, *fiar*, n'est que l'*i* atone, réduit parce qu'il se trouve devant une autre voyelle. Il est analogue à l'*i* de *Dieu*, *mien*, et tient plus de la voyelle que de la consonne, tandis que *y* de l'anglais *young* et du castillan *yunque* se trouve plus près de la consonne ; pour produire ce dernier son, le rapprochement des organes facteurs est bien plus grand que pour l'*i* portugais. Le Portugais croira toujours que *faia* est un mot de deux syllabes, qui doit se diviser *fai-a* ; l'*i* forme une diphtongue avec le premier *a*, la syllabe suivante est formée par le second *a* ; le portugais *faia* contient donc une diphtongue décroissante¹ suivie d'une voyelle : le mot espagnol *haya* a pour éléments une voyelle suivie d'une diphtongue croissante, quand même on n'y regarderait pas le *y* comme une vraie consonne.

Les consonnes de la 6^e ligne sont prononcées plus en arrière contre le palais. Elles se trouvent seulement en conjonction avec les voyelles palatales, *ê*, *ê*, *i*, *î*. Elles ne sont pas tout à fait identiques à *ś* et *ź* polonais, car l'aplatissement de la langue n'y est pas aussi considérable, l'étendue

1. V. *Romania*, III, 323. J'accepte la désignation proposée à cet endroit par M. L. Havet pour distinguer les deux sortes de diphtongues *ai*, *ia*, que Lepsius proposait d'écrire *aĩ*, *iã*, en affectant la voyelle atone de la marque de la brève.



de la fissure étant à cause de cela moindre que pour les palatales slaves. La fricative sonore de cette ligne est le plus souvent représentée par *g* suivi de l'une des voyelles *e*, *i*.

Les fricatives réduites *s* sourd et sonore deviennent plus palatalisées lorsqu'elles se trouvent en conjonction avec des voyelles palatales.

L'ancipite centrale vibrante *rr* (*r*) est le *r* initial ou *rr* double des langues néo-latines, le français excepté. Elle est prononcée un peu plus en arrière que *r* simple, et est généralement linguale. On trouvera individuellement des *r* vibrantes uvulaires, même parmi des gens qui prononcent *r* simple comme une linguale. En général, les Français et les Allemands, ceux-là même qui ne *grasseyent* point, ont l'habitude de gutturaliser le *rr* linguale, ce qui n'a jamais lieu chez les Portugais, les Espagnols ou les Italiens. En italien, *r* simple après une consonne est souvent prononcé double ; en espagnol et en portugais ce *r* liquide est toujours simple.

Quelquefois je prononce le *r* initial comme une fricative sonore, une espèce de *rz* (non pas *rż* comme le *rz* polonais). J'ai rarement trouvé cette particularité dans la prononciation d'autres individus portugais. Ce *r* fricatif sonore est cependant assez fréquent dans la prononciation des Brésiliens, et remplace chez eux le *r* vibrant ; je ne saurais dire, toutefois, jusqu'à quel point cette prononciation est individuelle ou dialectale ; je l'ai surtout remarquée chez des naturels de Pernambuco et de São Paulo.

R de *cara*. C'est le *r* médial ou final. Il ne se trouve jamais comme initiale du mot, pas même lorsque ce mot est précédé d'un autre terminé par une voyelle atone. C'est là une différence qui sépare l'italien du portugais et de l'espagnol. Un Italien prononcera le *r* de *rosa* tout à fait comme un Espagnol ou un Portugais ; lorsque, cependant, ce mot est précédé d'une voyelle atone, celle de l'article par exemple, l'Italien dira la *rosa*, l'Espagnol la *rrosa*, le Portugais a *rrosa* ; les lois de la position faible ou forte des consonnes en italien n'étant pas connues dans la Péninsule hispanique, si ce n'est peut-être en Catalogne.

Il faut s'abstenir de toute gutturalisation dans la prononciation de *r* simple, lequel est bien plus près de *d* que le *r* germanique ou français.

La neuvième ligne ne contient qu'une consonne, le *l* gutturalisé, lequel, parmi toutes les langues néo-latines, est propre au portugais. Tandis que le bout de la langue s'appuie contre les gencives, ou plutôt contre les alvéoles des dents incisives supérieures, le dos s'en élève vers le point guttural. La seule différence entre le *l* portugais après une voyelle et le *ł* polonais consiste, ce me semble, en ce que pour celui-ci le bout de la langue se trouve en contact positivement avec les dents, ce qui détermine une moindre flexion de cet organe ; d'où il résulte que la gut-



turalisation est plus perceptible à l'oreille. Outre cela, le *t* des langues slaves peut précéder une voyelle gutturale aussi bien que la suivre ; le *l* gutturalisé du portugais, au contraire, ne peut que suivre la voyelle, qu'elle soit d'ailleurs gutturale ou non ; il la gutturalise en même temps, et de cette particularité provient une série de voyelles qui ne se trouvent que devant *l* dans la même syllabe. Il n'y a généralement que la voyelle *a* qui soit affectée par la prononciation de *l*, lorsque cette consonne est médiale, comme dans *malla*, *salla* (*mât-g*, *sât-g*). Bien des personnes, cependant, gutturalisent toutes les voyelles devant *l* dans le corps du mot, parce qu'elles gutturalisent aussi le *l* médial entre deux voyelles. On pourrait à la rigueur considérer le *l* gutturalisé réduit comme la subjonctive de diphtongues analogues aux diphtongues anglaises *are*, *ere*, *ire*, *ore*, *ure*, *oor*, et en dresser le tableau suivant, qui viendrait s'ajouter aux quatre tableaux que nous avons donnés des diphtongues portugaises, comme contenant des éléments spéciaux de cette langue.

DIPHTONGUES ORALES AYANT POUR SUBJONCTIVE *t* RÉDUIT.

Exemples.

	<i>ât</i>				<i>mal</i>
<i>êt</i>	—	<i>ôt</i>		<i>mel</i>	— <i>sol</i>
<i>êt</i>	—	<i>ôt</i> (rares)		<i>feltro</i>	— <i>sôlto</i>
<i>ît</i>	—	<i>ut</i>		<i>mil</i>	— <i>sul</i>

La voyelle *i* devant *l* dans la même syllabe est plutôt ouverte, presque autant que l'*i* bref anglais de *till*, *bid* ; elle est en outre gutturale comme toutes les prépositives de ces diphtongues.

De même que pour les diphtongues anglaises à subjonctive *ɛr* et les nasales françaises, le *l* a une valeur double lorsqu'il se trouve à la fin d'un mot suivi d'un autre mot qui commence par une voyelle : il sert à former la subjonctive de la diphtongue, et il se lie en outre à la voyelle initiale pour former une autre syllabe ; il a donc la valeur de deux *ll*, dont le premier est gutturalisé et réduit, et le second lingual et plénisonant. Ainsi *sal amargo* se prononce *sât lqmárgu*, tout comme en anglais *pure angel* = *piùç réindjçl* et en français *mon ami* = *mon nami*.

Il y a des Portugais qui ne prononcent dans ces cas que le seul *l* de liaison, ne gardant du *l* gutturalisé que son influence sur la voyelle qui le précède : ils disent donc *sa lamargo*, prononciation analogue à celle de l'anglais *hç ryn'kçl* au lieu de *hçç ryn'kçl* (*her uncle*).

La 10^e ligne contient l'ordre des linguales sous-dentales, lesquelles sont prononcées, surtout les explosives *t d*, bien plus près des dents

incisives que les sons analogues en français, beaucoup plus que *t* et *d* anglais, lesquels sont, comme on sait, des consonnes sous-cacuminales, qui deviennent de vraies cacuminales devant *r*. Lorsque la consonne *d* se trouve entre deux voyelles, elle est le plus souvent fricative, c'est-à-dire qu'elle se prononce comme le *d* danois après une voyelle longue. C'est là ma prononciation du *d* entre voyelles, même d'un mot à l'autre, lorsque je fais l'éliision de l'*e* muet. Il y a cependant des personnes qui ne *sifflent* cette consonne que lorsqu'elle se trouve en contact avec une fricative sonore, comme dans l'exemple que nous en avons donné, ou dans cet autre : « a casa de Deus », prononcé *q kázq ðε δέúš*, ou plutôt *q kázq δδέúš*, l'*e* neutre de la préposition *de* y étant le plus souvent tout à fait nul.

La consonne *n*, lorsqu'elle ne se trouve pas devant une voyelle dans le même mot, ne sert qu'à rendre nasale la voyelle qui la précède. Ainsi non seulement on prononce *canto*, comme si l'on écrivait *kātŷ*, mais encore les deux mots *lan azul*, par exemple, se prononcent *lā qzút*, sans faire aucune liaison entre la nasale *ā* et la voyelle initiale du mot suivant. Il en est de même de la nasale labiale *m* : on écrit *rombo* et *com a casa*, et l'on prononce *rōbŷ*, *kō q kázq*. Cette nasalité d'une voyelle devant une autre voyelle se retrouve dans le corps d'un mot dans les dialectes de Minho et Douro : on y prononce *bōú* au lieu de *bō* (*bom*), *ūq* au lieu de *uma*. A Lisbonne on entend souvent *bōq* au lieu de *bōq*, comme je l'ai dit plus haut. Cette prononciation était autrefois générale : on disait *kumūq* (*commūa*) pour le féminin de l'adjectif *commun*, lequel est à présent uniforme à côté des substantifs *communa* = *commune*, *commúa* (= sentine, lieux d'aisance). On disait aussi *lūa*, et Garret a voulu rétablir *ūa* à la place de *uma*, féminin de *um*, devant un mot dont l'initiale serait *m*.

Son exemple n'a pas été suivi. Aujourd'hui, la suppression de *n* entre deux voyelles, dans des mots où autrefois il nasalisait la voyelle tonique, est un fait accompli dans le dialecte usuel, et toute autre prononciation sentirait le provincialisme. Il me semble que l'ancienne orthographe *āa* pour *ā* ou *an* indiquait aussi une diphtongue qui a depuis longtemps disparu.

Les consonnes des deux dernières lignes n'offrent rien de particulier. Elles sont tout à fait semblables aux sons exprimés par ces lettres en français, pourvu que pour la nasale *m* on observe la règle que nous venons de mentionner à l'égard de *n*. La semi-voyelle *u* de *quando*, o de *soar* répond à ou français de *zouave*, *u* de *équateur*.

Pour l'orthographe des voyelles nasales, nous ferons remarquer que le *til* ~ ne se place que sur *a*, o lorsqu'ils font partie d'une diphtongue nasale, *āo*, *āe*, *ōe* (*āú*, *āi*, *ōi*) ; quelques-uns le mettent aussi sur l'*a*

des finales *ã*, que d'autres écrivent *an*, et aussi *ãa*, selon l'ancienne façon de représenter ces terminaisons. Toutes les autres nasales s'écrivent par *m* à la fin des mots et devant *b p*, et par *n* partout ailleurs, par ex. *campo*, *som*, *atum*, *santo*, *sons*, *atuns*, prononcés *kãpy*, *sõ*, *ãtũ*, *sãty*, *sõs*, *ãtũs*. La diphtongue *ãi* s'écrit *em* à la fin d'un mot, et *ens* lorsqu'elle est suivie de l'*s* qui sert à former les pluriels, comme on vient de voir pour les mots *sons*, *atuns*; il en est de même de tout *m* désignant la nasalité : il se change en *n* devant l'*s* des pluriels ou de la 2^e personne des verbes.

Le pluriel du mot *mãe* et les pluriels en *ãis* de mots qui se terminent au singulier par *ão* s'écrivent toujours par *ães*. J'ai déjà fait observer que dans les provinces de l'Alemtejo et de l'Algarve *ãe* et *em* se prononcent différemment, le premier étant égal à *ãi*, et le second à *êi*, avec un *e* fermé. Cette différence coïncide partout avec la prononciation *êi* à la place de *ãi*, attribuée à la diphtongue *ei*.

Lorsque la diphtongue *ãũ* (*ão*) est atone, on l'écrit communément par *am* dans les verbes et dans quelques noms assez rares qui ont cette diphtongue comme finale atone, tels que « *Estevam*, *Christovam*, *orpham*, » prononcés *ĩstêvãũ*, *krištóvãũ*, *órfãũ*; ce dernier mot reprend l'orthographe ordinaire de la diphtongue au pluriel, *órfhãos*, car la lettre *m* ne saurait être suivie de *s*.

Il faut se rappeler que *am*, *em* ne sont pas des diphtongues dans le corps des mots devant *p*, *b*; elles n'y sont qu'une simple variation orthographique de *an*, *en*, et la voyelle qui les précède se prononce comme une nasale simple, *ã*, *ê* (*ĩ*, lorsque *em* est initial). Il y a des personnes qui écrivent le mot *tão* (aussi) par *am*, et je suis de ce nombre; le mot *tambem* (également, de même) s'écrit toujours par *m*, et on le prononce tantôt *tãbãĩ*, tantôt *tãũbãĩ*; la dernière syllabe, cependant, en est toujours la tonique. Garret voulait que l'on distinguât *tambem* (*tãbãĩ*) = de même, de *tam bem* (*tãũ bãĩ*) (également bien, aussi bien que), et son opinion fut un temps respectée sur la scène; elle ne l'est plus.

On ne trouve des consonnes réellement doubles dans aucun mot portugais; on les rencontre seulement d'un mot à l'autre, et c'est ordinairement la suppression de l'*ç* des monosyllabes *de*, *me*, *te*, etc., qui y donne lieu; on vient de voir un exemple de ce redoublement dans la phrase « *a casa de Deus* ».

La consonne *rr* ne saurait être non plus regardée comme le redoublement de *r*, car les points où les deux consonnes sont produites ne sont pas identiques : leur *sthãna* est différent.

On ne doit donc pas dire qu'il y ait des *assimilations totales* de consonnes en portugais : mais il y a plutôt des *absorptions*. Le mot *acto* est prononcé *átũ* et non pas *atto* comme en italien; le *c* tombe devant

le *t*, il ne devient pas *t*. C'est à une absorption semblable qu'est due la simplification de *tʃ* en *ʃ*, dans les dialectes du sud, pour le groupe *ch*. Dans des mots tels que *director*, *acção* (*dirètôr*, *àsãú*), il y a d'abord la chute du *c*, puis la compensation de cette consonne dans les voyelles *a*, *e*, qui restent *à*, *è* au lieu de devenir *ã*, *ê*, sons qui autrement seraient le résultat de leur atonie.

On connaît certainement des assimilations partielles, par exemple dans la prononciation de *ʃ* palatal comme *ʒ* devant une consonne sonore ; mais on ne saurait trouver des assimilations totales, je le répète, que d'un mot à l'autre.

Nous terminerons cette revue des consonnes portugaises par quelques observations sur la prononciation de *s*, *ʃ*, *ç* ; *z* ; *x*, *ch* ; *b* et *v*.

Dans presque tout le domaine de la langue portugaise, *s* et *ç*, *ʃ* et *z*, *x* et *ch* sont identiques deux à deux, et répondent à peu près aux lettres françaises *s*, *z*, *ch*. Dans la province de Trás-os-Montes et dans quelques endroits du Minho, les habitants des villages et des hameaux gardent encore l'ancienne prononciation qui distingue *s* de *ç*, *ʃ* de *z*, *x* de *ch*, distinction tout à fait perdue, du moins dans le dialecte moderne, depuis le fleuve Douro jusqu'à l'extrémité méridionale du royaume, aussi bien que dans les colonies et dans le Brésil. Je ne saurais dire jusqu'à quel point cette différence se maintient dans toute la province de Trás-os-Montes. A Bragança et dans ses environs, tout près de la frontière espagnole, *s* et *ʃ* (doux) sont la sourde et la sonore d'un ordre spécial ; ces deux consonnes, comme toutes les fricatives, sont produites par le passage du souffle ou de la voix à travers un canal formé par le rapprochement de deux organes : la surface inférieure de l'extrémité de la langue et les gencives derrière les dents incisives supérieures. La sourde est pour ainsi dire tout à fait semblable à *s* castillan, et on les retrouve toutes les deux en Catalogne et dans quelques dialectes italiens¹. J'appellerai ces consonnes *sous-cacuminales*. La fricative *s* de cet ordre se prononce sourde au commencement des syllabes, à la fin d'un mot,

1. Trouve-t-on en Auvergne ces deux sons, *s* et *ʃ* ? C'est aux phonéticiens français de le décider. M. Jules Cornu, dans un article, excellent sous tous les rapports, sur le dialecte grüérin, publié dans la *Romania* (vol. IV), nous dit que *s* et *z* ne s'y trouvent que dans les composés *ts*, *dz*, et que partout ailleurs ils se prononcent *x* (*ch* français) et *j*. J'avais des doutes là-dessus, et j'avouerai qu'ils ne se sont pas entièrement dissipés. Je croirais plutôt que *s* et *z* y sont notre paire de fricatives sous-cacuminales. J'ai consulté personnellement M. Jules Cornu, il n'est pas de mon avis ; je le prierais cependant de faire de nouvelles épreuves, car il connaît maintenant ces deux sons, dont j'ai eu occasion de lui expliquer le mécanisme dans le portugais dialectal.

Pour les dialectes italiens, j'ai remarqué que l'actrice Pezzana et l'acteur Rossi prononçaient la sourde comme *s* commune, mais que leur *s* douce (de *rosa*) était toujours sous-cacuminale.

devant un repos quelconque, devant une consonne sourde et entre deux voyelles, quand elle est redoublée (écrite, non pas prononcée, deux fois). Médiale entre deux voyelles, ainsi que devant une consonne sonore, elle se prononce douce.

Les consonnes *ç* et *z* ont le son de *s* et *z* français, seulement ils sont produits plus en arrière par le dos de la langue, non pas avec son extrémité; toutefois *z* à la fin d'un mot se prononce *s* (*ç*), de sorte que les mots *dez*, *feliz*, s'y prononcent *dèç*, *feliç*, et non pas *dèš*, *feliš* comme dans les dialectes du sud, et presque partout ailleurs.

A cause de cette distinction entre *s* et *ç*, *š* et *z*, les mots *passo* et *paço*, *coser* et *cozer* ne sont point des homophones; on les prononce respectivement *pásu* (un pas) et *páçu* (un palais), *kušêr* (coudre) et *kuzêr* (cuire, bouillir).

C'est aussi à cause de cette distinction que l'orthographe *-ês*, *-eses* de la terminaison des adjectifs dérivés de noms propres de nations, suivie par Alexandre Herculano et autrefois presque générale, est préférable à l'orthographe *-ez*, *-ezes*, adoptée par la plupart des écrivains modernes, car, à Trás-os-Montes, des mots tels que *português*, *francês*, se prononcent toujours « *purtuguêš*, *frâcêš* », au pluriel « *purtuguêšês*, *frâcêšês* », et non pas *purtuguêš*, *frâcêš*, *purtuguêziš*, *frâcêziš*, comme ailleurs.

Dans la province de Beira-Alta, il semble que l'on ne prononce *s*, *š* sous-cacuminales que lorsqu'elles sont finales de mots ou se trouvent devant des consonnes, par ex. *flores*, *estrada*, pron. *flòrêš*, *êštrada*.

Dans presque tout le nord *x* est une fricative analogue à *sh* anglais; *ch* répond au *ch* de cette langue et de l'espagnol, c'est-à-dire à une consonne composée, *tš*.

Dans tout le sud et dans la partie moyenne du royaume, *b* et *v* sont parfaitement distincts: *b* est l'explosive bi-labiale douce, *v* la fricative labio-dentale également douce et plus ou moins bourdonnée. Dans la région la plus septentrionale du royaume, on confond *b* et *v* en un seul son: lorsqu'ils se trouvent dans la position forte, c'est-à-dire après un repos ou une consonne, ils sont tous les deux explosifs = *b*; dans la position faible (entre deux voyelles) ils deviennent fricatifs, et alors ils ont tous les deux la valeur du *v* simple entre voyelles du dialecte romain, analogue au *w* dialectal allemand, c'est-à-dire ils ont le son de la fricative bi-labiale douce, tout à fait comme dans une grande partie des dialectes espagnols.

A Porto, et probablement dans toute la région environnante, on fait un échange entre les sons de ces deux consonnes, phénomène analogue à la permutation du *v* et du *w* à Londres: *b* a le son du *v*, et *v* a le son du *b*. On dit par exemple, et le plus souvent les gens peu instruits l'écrivent, *binho vom*, au lieu de *vinho bom*. A Trás-os-Montes, le son *b*

prédomine pour ces deux consonnes. On sait que presque partout en Espagne *b* et *v* se trouvent confondus. La prononciation du *b* comme fricative bi-labiale douce, dans la position^o faible, et surtout sous l'influence médiate ou immédiate d'autres fricatives, n'est pas d'ailleurs rare, même à Lisbonne, ce qui met ce son d'accord avec l'assibilation du *d* dont j'ai parlé plus haut¹.

Le catalogue des sons d'une langue ou de ses dialectes, qui, quoique méconnus ou déguisés par l'imperfection de l'orthographe ou l'uniformité littéraire, n'en existent pas moins, serait curieux à dresser. J'ai tâché d'en relever quelques-uns, et je serais plus long si je ne craignais pas de trop m'éloigner de mon sujet. J'ai constaté, par exemple, une autre nasale, moins palatale que le *nh*, et qui ne se trouve que devant une voyelle à la suite de la diphtongue *ãi*, dans la prononciation de Bragança; par exemple, la phrase *em altos montes* s'y prononce *ẽĩ ñdltũs mõĩtẽs*, et cette sorte de *glide*, ou phonème nasal d'union qui évite l'hiatus, n'est autre chose que le π^1 de E. Brücke, le *ng* allemand de *stengel*, c'est-à-dire le *ng* germanique en conjonction avec des palatales².

PHONOLOGIE DES VOYELLES.

On doit établir deux divisions spéciales pour les voyelles portugaises.

a) Voyelles ouvertes	à	è	ò				
Voyelles fermées	â	ê	ô				
Voyelles indifférentes	ɛ	i, î	u, y				
b) Voyelles pleines	à	è	ê	i	ò	ô	u
Voyelles réduites	ɑ	ɛ	(i)	î	(ê)	u	

Les voyelles pleines se trouvent dans les syllabes accentuées; les voyelles des syllabes atones, au contraire, sont réduites toutes les fois

1. V. dans *O Positivismo*, 4^e anno (1882), nos 1 et 2, mes articles sur la phonétique du dialecte de l'Andalousie, à propos d'un travail analogue de M. Schuchardt (*Zeitschr. f. Rom. Phil.* V), où je traite la question de *s*, *z*, *b* et *v* en portugais.

2. On doit s'être aperçu que je n'ai rien dit de l'explosive pharyngienne qui est l'initiale des mots allemands qui, en apparence, commencent par une voyelle, tels que *ander*, *Art* etc., et que l'on représente ordinairement par l'apostrophe. Elle n'existe pas en portugais; les voyelles qui se trouvent en contact, comme on verra plus loin, forment des crases ou des diphtongues, ou bien on évite l'hiatus par la semi-vocalisation. On pourrait à peine constater l'existence de cette consonne, que j'indiquerai par *ɜ*, entre le mot *treze* et le mot suivant, commencé par *i* atone, par ex. *treze irmãos* (treize frères) pour le distinguer de *tres irmãos* (trois frères), ou dans des cas analogues.

qu'elles ne sont ni nasales, ni suivies de *l* gutturalisé, ni protégées par une consonne anormale fermant la syllabe, que cette consonne soit d'ailleurs prononcée ou nulle. Les syllabes terminées par *s*, ainsi que les syllabes médiales ou initiales commençant par une consonne et terminées par *r*, sont traitées comme des syllabes ouvertes, c'est-à-dire que la voyelle qui précède ces deux consonnes *s* et *r* devient réduite, tout à fait comme si elle terminait la syllabe.

Les seules diphtongues atones soumises à la réduction sont *âi*, *âi* (écrites *ai*, *ei*) devant des voyelles.

La voyelle réduite *i* ne se trouve que devant ou après une consonne palatale, dans une syllabe atone. L'*i* et l'*ü* jouent le rôle de subjonctives dans les diphtongues, comme nous avons déjà vu.

Les voyelles *i* (*î*) *ü* (*û*) s'écrivent tantôt par *i*, *u*, tantôt par *e*, *o*. Seulement *î*, *û* ne peut s'écrire *e* que devant une autre voyelle, comme subjonctive de diphtongue, ou en conjonction avec des palatales (*ç*), et cela parce que la voyelle *e* atone a une prononciation différente, celle de *ç*, toutes les fois que, hors des circonstances que nous venons de constater, elle appartient à une syllabe atone ouverte ou terminée par *r*. La voyelle réduite *ü* (*û*), au contraire, répond aux trois voyelles pleines *ò*, *ô*, *u*; il serait donc indifférent pour la prononciation de l'écrire par *o* ou par *u*. Quelques exemples éclairciront ce point.

Des mots primitifs	<i>gôla</i> , <i>bôlo</i> , <i>mula</i>
on forme les diminutifs	<i>golinha</i> , <i>bolinho</i> , <i>mulinha</i> ,
qui se prononcent	<i>gulinha</i> , <i>bulinhü</i> , <i>mulinhã</i> ;
tandis que de	<i>prêto</i> , <i>fêro</i>
on forme les diminutifs	<i>prêtilho</i> , <i>ferrinho</i> ;
et du mot	<i>fittã</i> on forme <i>fittinhã</i> , sans

atténuation de la voyelle devenue atone par le déplacement de l'accent que les terminaisons *-inho*, *-inha* exigent.

Le son de l'*â* fermé coïncide avec celui de l'*â* neutre, seulement celui-ci est plus faible, surtout après l'accent; ces deux voyelles *â*, *ã* sont entièrement identiques en ce qui concerne leur timbre. Les rapports entre *â* et *ã* ne sont pas analogues à ceux de *è* et *ê*, *ò* et *ô*¹.

1. Le son de *ã* pour *a* ne dépend point de l'origine de cette voyelle, mais bien de la place qu'elle occupe par rapport à l'accent et aux sons contigus. En principe *e* et *o* fermés proviennent de *ê*, *ô* ou de *ĩ*, *ũ* latins. L'*a*, au contraire, se prononce *ã* par l'influence de la consonne nasale suivante, lorsqu'il est tonique, ou bien c'est l'absence de l'accent qui l'assourdit : son origine n'y est pour rien.

Quelques mots sur ce son en provençal.
Le *Donatus Provincialis* (éd. de 1838 par M. Guessard, la seule que je possède et que je puisse consulter pour le moment), dans la partie qui traite des *Rimas*, outre des *e* et des *o* larges (ouverts) et estreits (fermés), nous donne

On peut établir cette règle générale que lorsqu'une syllabe est ou est devenue atone, sa voyelle orale devient réduite dans les conditions exprimées par le tableau suivant :

Voyelles pleines	Voyelles réduites devant des consonnes	devant des continues palatales	devant des voyelles
à, â ^a	— a	a	a (ordinairement forme crase en à)
è, ê	— e	i	i que l'on écrit par e, et que nous représenterons par e, ê = i, î
i	— i, e ^b	i	î que l'on écrit par i

aussi des *a largs* et *estroits*. Quel son avait donc l'*a estroit*? Si nous voulons suivre l'analogie de *e* et de *o*, nous avons devant nous trois hypothèses, c'est-à-dire trois sons plus fermés que à : l'*a* anglais de *bad*, qui se retrouve dans quelques dialectes italiens et dialectalement aussi en portugais; l'*a* anglais de *wad*, *what*, soit un *a* palatalisé ou labialisé; et enfin l'*u* bref anglais de *bud* dans la série moyenne ou neutre (v. la pyramide des voyelles et la note 6), ou quelque chose d'analogue. Dans le *Donatus Provincialis* (p. 45), les *a estroits* se trouvent réunis en deux sections, et dans tous les mots cités, *abbas* excepté, on voit que *n* a été supprimé, si l'on compare tous ces mots aux mots latins correspondants. Dans les dialectes portugais parlés dans la région comprise entre le Mondego et l'extrémité méridionale du royaume, l'*a* accentué devant une consonne nasale est fermé, c'est-à-dire il a un son neutre un peu moins ouvert que l'*u* anglais de *bud*, par ex. dans *mundão*, vocable que nous retrouvons dans le *Donatus* sous la forme *mundas*, subordonné à la rubrique *a estroit*. Cette terminaison *-as* se prononçait-elle *as*? Précisément, un grand nombre de ces *e* et des *o* fermés ou ouverts cités dans le *Donatus* coïncident avec le son de ces voyelles dans les mots portugais correspondants, lorsque celles-ci n'ont pas subi l'influence de sons contigus; c'est là une raison de plus en faveur de notre hypothèse : *a estroit* du *Donatus* = *a* portugais de *cama*, *canna*, *manha*. V. Milá y Fontanals, *De los Trovadores en España*, p. 460, n. 8; et aussi sur la prononciation de *o* = *u* et *e* ou *a* = *a*, lorsque ces voyelles sont atones, dans quelques dialectes catalans, anciens aussi bien que modernes, ib., p. 461-464 et les n. 10, 11 et 12. Je suis cependant bien loin de me conformer pleinement à la doctrine de la note 8 citée, et encore moins à la terminologie adoptée par le savant romaniste. Qu'est-ce, en effet, qu'une voyelle *gan-gosa*, *sucia*, *limpia*, et *una articulacion pronunciada con mas ó menos suavidad*? Il serait assez difficile d'attribuer à cette *vaguedad* d'épithètes un sens précis.

1. J'appelle « continues » toutes les consonnes qui ne sont point formées par le contact pralait de deux organes, c'est-à-dire toutes les fricatives, les ancipites *l* et *r*, les nasales et les semi-voyelles.

ò, ô — u u ù que l'on écrit par o, et que nous représentons par ø, ô = u, ù

u — y y ù que l'on écrit par u.

a) Dans la notation que j'ai adoptée, *â* désignera dorénavant l'*a* neutre accentué, ou *a* fermé; *ã*, l'*a* neutre atone, *ä* l'*a* neutre sans aucun rapport à l'accentuation; je le répète cependant, le timbre en est partout le même; et si nous voulions établir une échelle de l'acuité de ces trois *a*, nous dirions que *ä* accentué (*â*) est celui qu'on entend le mieux; puis vient *ä* prétonique, puis enfin *ä* posttonique qui est le plus bref et le plus obscur de tous.

b) Les voyelles *e* et *i* atones devant une continue palatale ou une voyelle sont identiques; il en est de même lorsqu'elles forment la subjonctive d'une diphtongue. Devant une autre consonne quelconque, *e* se prononce *ɛ*, et l'*i* est plénisonant, et à la fin des mots (très rare) il s'atténue en *ĩ*. Dans une suite de syllabes atones dont la voyelle sera toujours *i*, le dernier *i* seulement garde le son qui lui est propre; ceux des syllabes qui le précèdent se prononcent *ɛ*: ainsi les mots *ministro*, *militar* se prononcent *mɛnístɾo*, *mɛlítár*. Toute autre prononciation sentirait le pédantisme. Cet obscurcissement de l'*i* est très ancien: l'ancienne orthographe le démontre. Nous avons donc deux lois: *ɛ* devient *ĩ*, *i* devient *ɛ*.

Du concours de ces deux lois, il résulte que le mot *vicejar* se prononce *vɛçijár*, et le mot *privilegiado* communément *prɛvɛljiádø*.

Il y a sans doute des exceptions à cette règle du changement de *i* en *ɛ*: les *i* des terminaisons du conditionnel des verbes, *-ir-ia*, *-ir-ias* etc. ne sont pas soumis à cette atténuation: on prononce *viria*, *dividiria* (*dɛvidiriä* ou *dɛvɛdiriä*); c'est là un fait qui démontre l'existence indépendante du suffixe *-ia* dans cette forme, d'un usage d'ailleurs assez restreint, puisqu'elle est presque toujours, dans le style ordinaire, remplacée par l'imparfait de l'indicatif, son emploi dans le langage commun étant presque borné à exprimer le prétérit d'un mode dubitatif, dont le présent est formé par le futur simple en *-r-ei*, lequel, à son tour, est rarement employé dans le sens du futur.

Nous avons déjà vu que les syllabes formées par des voyelles nasales ou gutturalisées (devant *l* gutturalisé) ne se modifient pas lorsqu'elles deviennent atones: *rênda*—*rendêr*, *fálta*—*fáltár* ont à la première syllabe des voyelles identiques. Il en est de même pour les terminaisons en *-r*, dont la voyelle atone est toujours ouverte, *âr*, *êr*; cette voyelle ne devient réduite que lorsque le mot s'accroît d'une syllabe, par exemple: *Césâr*, au pluriel *Césãrês*; *çadãvêr*, au pluriel *çãdãvêrês*. Ces mots, cependant, ne sont pas populaires, surtout au pluriel.

Les voyelles *ä*, *ɛ*, *ũ* offrent quelques particularités: *ɛ* ne saurait être

l'initiale d'aucun mot, comme nous l'avons vu dans la constitution de la syllabe : lorsqu'un mot commence par *e* (ou *he*) atone, cet *e* se prononce *i* devant une continue palatale, *i* devant toute autre consonne ; *elogio*, *esposo* se prononcent *ilujijy*, *işpôzy*. Il en est de même de la voyelle nasale *en em*, qui se prononce *ĩ* au lieu de *ẽ* au commencement d'un mot, et dans le langage ordinaire la préposition *em* (*ãĩ*) sonne également comme *ĩ* ; la phrase *entrei em tua casa* se prononce donc *ĩtrãĩ ĩ túq kãzq* ou bien *ĩtrãĩ ãĩ túq kãzq*, jamais *ẽtrãĩ*... etc., du moins dans le dialecte commun.

Les voyelles *a* et *o*, lorsqu'elles sont initiales d'un mot dans une syllabe fermée, gardent généralement le son ouvert ; on prononce donc *hortelão*, *hospedar*, *armario* et aspirante comme *õrtelãũ*, *õspeddr*, *ãrmãriy*, *ãspirãtẽ*. On entend souvent *ũrticultũrq* (*h*orticultura), *ãrmãzãĩ* (*ar*mazem) et surtout *ãspirãr* ; cette prononciation, cependant, n'est pas celle du peuple, quoique assez commune parmi les gens instruits, qui se sont fait une prononciation à eux ; le peuple continue de dire *ũ* *ãrmãzãĩ* (um armazem), *ũ* *õrtelãũ* (um hortelão), *ũ* *mõspedãriq* (uma hospedaria).

Lorsque la voyelle *ẽ* se trouve dans le corps d'un mot, suivie de *r* ou précédée de cette consonne dans la même syllabe, elle est tellement obscure qu'une oreille exercée peut seule distinguer la place qu'elle occupe par rapport à *r*. De là une foule de fautes d'orthographe. Des gens instruits même s'y trompent souvent. En effet, les deux vocables *predicção* (*prẽdiçãũ*) et *perdição* (*perdiçãũ*) sont très difficiles à distinguer. On voit communément dans les journaux et même dans des livres *pertencção* au lieu de *pretensão*, le mot *pertencer* (appartenir) servant à égarer ceux qui n'en connaissent pas l'origine. Cette confusion, due à la prononciation obscure de l'*e* de la première syllabe (*ẽ*), est sans doute très ancienne, ce dont fait preuve le mot *perguntar*, qui a dû être prononcé *prẽguntãr*, car autrement le premier *c* du latin *percunctare* ne serait point devenu *g*. L'orthographe *perguntar* a été certainement refaite sur le latin, car le peuple, par exemple celui des environs de Lisbonne, prononce ce mot avec un *e* ouvert à la première syllabe, *prẽguntãr*, ce qui le rapproche du castillan *preguntar*.

Il y a une prononciation de *e* atone devant l'*r* de la syllabe suivante très commune parmi le peuple, c'est-à-dire celle de *ã*. Ainsi on entend souvent *ãmericãno* au lieu de *ãmericãno*, *jãrdã* au lieu de *jẽrdã* (*geral*).

Quelquefois aussi on prononce à tort l'*e* atone comme *ũ* lorsqu'il est en conjonction avec des labiales, par ex. *prũmetãr* = « permettre. » J'ai vu, il n'y a pas longtemps, une enseigne de cabaret qui portait *bubidas* au lieu de *bebidas*, « des boissons ». Le mot « prometter » (*prũmetãr*) est souvent prononcé *prũmetãr*. C'est là sans doute l'origine de *por* (*prũ*) = « par » au lieu de *per* du latin *per*.

Les deux prépositions *per* et *por* se trouvent confondues dès les premiers monuments de la langue, et *per* a presque disparu du langage actuel, après y avoir laissé les composés *pelo*, *pelos*, *pela*, *pelas* (*perlo*, etc.), écrits à tort avec un seul *l*, et prononcés tantôt *pêly*, *pêlɔ*, etc., tantôt *pêly*, *pêlɔ*, etc. La distinction que Duarte Nunes de Leão voulait établir me semble plutôt ingénieuse que vraie¹; elle aurait cependant en sa faveur le fait cité plus haut de *pyrmetêr* au lieu de *prymetêr*. Selon sa théorie, *per* serait le latin *per* et répondrait par conséquent au français *par*, tandis que le latin *pro* se retrouverait dans *por*, qui aurait pour correspondant en français *pour* dans le sens de *à la place de*, *en faveur de*. Pour exprimer le but on emploie en portugais la préposition *para* = *per ad*², qui se distingue de *q* en ce que cette dernière répond plutôt à *jusqu'à*, et suppose l'idée de retour. On dira, par exemple, *vou a*

1. Voy. Fréd. Diez, *Grammatik d. Romanischen Sprachen* Th. II, S. 484; Th. III, S. 175-179.

M. Jules Cornu, dans un article récent (*Romania*, t. X), sous le titre de « Influence des labiales sur les voyelles aiguës atones », nous présente une suite de mots portugais où l'*e* est devenu *u*, *o* (*y*) sous l'influence progressive ou régressive d'une consonne labiale. Le savant romaniste nous dit : « Le portugais surtout fournit un nombre fort considérable d'exemples, et la langue populaire doit en posséder bien d'autres. » Certainement, elle en possède. A la longue liste dressée par M. Cornu, j'ajouterai : *derrubar* à côté de *derribar*, *forçura* à côté de *fressura* qui est rare dans le dialecte populaire, *supultar* au lieu de *sepultar*, *luvar* pour *levar*, *pçssôal* pour *peçsôal*, etc. Dans cette liste nous voyons *bubida*, que nous avons cité dans le texte avant de lire l'article intéressant dont nous nous occupons maintenant. Le peuple confond souvent *sorragens* avec *ferragens*. Au lieu de *ruselução*, qui n'est plus usité, je mettrais *rozulção*, qui est assez commun. Le mot *escandula* pour *escandalo*, dans le sens d'offense, tort, est très répandu à Lisbonne : *accupação* au lieu de *ocupação*, *aratorio* au lieu d'*dratorio* sont aussi très fréquents. Ce sont des cas de dissimilation. M. Cornu ne cite pas *incômmodo* au lieu de *incômmodo* qu'il doit avoir entendu très souvent, même parmi des gens d'une certaine instruction. Ce dernier changement de la voyelle posttonique me semble être dû à un effort fait pour éviter la réduction du mot, qui serait aisément devenu *incôndo* (*incommedo*, *incom'do*) sans la dissimilation. Son explication de *velume* au lieu de *volumê* me semble être tout à fait satisfaisante. C'est là un cas semblable à celui de *militar* pour *militar*, que nous avons mentionné dans le texte. Nous nous occuperons bientôt des remarquables articles de M. Cornu sur le portugais.

2. La préposition *para* (*para*) a théoriquement l'accent sur la première syllabe comme en castillan. Cependant la prononciation usuelle met l'accent sur la seconde syllabe ; la première devient atone et l'*a* est changé en *ɛ* ou il disparaît tout à fait. Cette prononciation *para*, *perɛ*, ou plutôt *prɛ* est sans doute très ancienne, comme l'ancienne orthographe *pera* le prouve. Nous citerons Damião de Goes, *Chronica del rei dom Emanuel* :

.... do dinheiro que se tomou dos orphãos *perà* (= *para a*) mesma guerra, (P.^{te} 1a, cap. 1).

.... que *perà* (= *para a*) paga destas dividas del Rei seu pai, et *pera* has (as) suas se apartassem.... (ib., ib., ib.).

.... *pera* o qual trato.... (ib. P.^{te} 3a, cap. LXXII).

V. Milá y Fontanals, *De los Trobadores en España*, p. 463, sur la prép. *per*,

Cintra e volto hoje mesmo, « je vais à Cintra, et j'en reviendrai aujourd'hui même » ; mais on dira *vou para Cintra*, si l'on a l'intention d'y rester ; *vou a casa*, « je vais chez moi et je reviendrai » ; *vou para casa*, « je vais chez moi et j'y reste ». Le portugais est la seule langue, que je sache, qui fasse une telle distinction de rapports par le seul emploi de prépositions différentes.

INFLUENCE DES SONS CONTIGUS SUR LES VOYELLES.

Nous avons à examiner les cas suivants :

1° Influence des voyelles sur les voyelles ;

2° Influence des consonnes sur les voyelles.

Le premier de ces points se subdivise naturellement ; on a donc les influences de :

A. Voyelles accentuées sur les voyelles atones qui les suivent ;

B. Voyelles accentuées sur les voyelles atones qui les précèdent ;

C. Voyelles atones sur des voyelles atones.

Ces rencontres de voyelles peuvent se retrouver dans le corps du mot (a) ou (b) d'un mot à l'autre.

1 Aa. — TRAITEMENT DES VOYELLES ATONES APRÈS DES VOYELLES ACCENTUÉES DANS LE CORPS DU MOT.

à	+ a	=	âa, que l'on écrit aia. Ex. <i>atraia</i> (pr. <i>atrâîa</i>), de <i>atrâhr</i> .
à	ê		âî, que l'on écrit ae. Ex. <i>saes</i> (pr. <i>sâîš</i>) ; <i>es, e</i> sont les terminaisons de la 2° et 3° personne du présent.
à	ï		âi, que l'on écrit ai. Ex. <i>judaica</i> (pr. <i>juddîka</i>).
à	âi		âîâî, que l'on écrit aem. Ex. <i>saem</i> (pr. <i>sâîâî</i>).
à	o	}	âû, que l'on écrit au ou ao. Ex. <i>mau, mao</i> (pr. <i>mâû</i>).
à	y		
âi	âi		âîâî, âî, que l'on écrit eem, êm. Ex. <i>teem</i> (pr. <i>tâî'âî</i> ou <i>tâî</i>).

pron. *par* (*par*). Ces prépositions, comme toutes les autres, sont à la rigueur atones en catalan, comme elles le sont en portugais. L'auteur a parfaitement raison sur ce point.

On peut aussi constater la prononciation populaire *par* = *para*, à Lisbonne et dans ses environs, chez les *saloios*. Ces populations ont en général un dialecte très archaïque, et leur prononciation ne l'est pas moins. On y remarque *êi* au lieu de *ai*, *ê* au lieu de *êû*, atone, comme dans *mê pâi* = *mêû pâi* (*meu paê*), etc. ; *Calros* pour *Carlos*, *vigairo* pour *vigarío*, *trouve* pour *trouxe*, *havéra* pour *houvera*, *haveria* et *havia*. J'ai aussi constaté la cacographie *Carrols* (*Kárrylus*) pour *Carlos* dans un document contemporain.

è	a	èiç, que l'on écrit <i>ea</i> . Ex. <i>idea</i> (pr. <i>idèiç</i>).
e	ç	èi, que l'on écrit <i>ei</i> . Ex. <i>anneis</i> (pr. <i>anèis</i> , pl. de <i>annèl</i>).
è	ç	èù, que l'on écrit <i>eu</i> ou <i>éo</i> . Ex. <i>mantéo</i> , <i>ceu</i> (pr. <i>mâtèù</i> ,
è	u	<i>cèù</i>).
ê	a	êiç, que l'on écrit <i>ea</i> , <i>eia</i> , <i>êa</i> . Ex. <i>europa</i> (pr. <i>eûrupâiç</i>).
ê	u	êiç, que l'on écrit <i>eio</i> , <i>éo</i> . Ex. <i>receio</i> , <i>recêo</i> (pr. <i>reçâiç</i>).
e	i	êi, que l'on écrit <i>ei</i> . Ex. <i>protheico</i> (pr. <i>pruçtâiky</i>).
ei	e	êi, <i>êiç</i> , que l'on écrit <i>eie</i> . Ex. <i>rodeie</i> (pr. <i>rydâi</i> , <i>rydâiç</i>).
ê	û	êù, que l'on écrit <i>eu</i> . Ex. <i>judeu</i> (pr. <i>judêù</i>).
ê	âi	êâi, que l'on écrit <i>em</i> . Ex. <i>dêem</i> (pr. <i>dê'âi</i>).
i	a	iç, que l'on écrit <i>ia</i> . Ex. <i>Maria</i> (pr. <i>Mariç</i>).
i	e	î, <i>iç</i> , crase, le seul cas d'allongement. Ex. <i>fie</i> (<i>fî</i> , <i>fîç</i>).
i	ç	îç, que l'on écrit <i>io</i> . Ex. <i>rio</i> (pr. <i>riç</i>).
i	u	iù, que l'on écrit <i>iu</i> (3 ^e pers. prét. des verbes de la conj. en <i>-ir</i>). Ex. <i>riu</i> (pr. <i>riù</i>), différent de <i>rio</i> .
ò	a	òç, très rare. A l'origine, <i>ò + ç</i> a donné <i>ò</i> . Ex. <i>mó</i> (anciennement <i>moo</i>) pr. <i>mò</i> du lat. <i>molam</i> .
ò	ç	òi, que l'on écrit <i>oe</i> . Ex. <i>soes</i> (pr. <i>sòis</i> , pl. de <i>soi</i>) <i>heroe</i> (pr. <i>iròi</i>).
ò	i	òi, que l'on écrit <i>oi</i> . Ex. <i>heroico</i> (pr. <i>iròiky</i>).
ò	âi	òâi, écrit <i>oem</i> . On intercale <i>i</i> pour éviter l'hiatus. Ex. <i>doem</i> (pr. <i>dòâi</i>).
ò	a	òç, écrit <i>òa</i> . Ex. <i>dòa</i> (pr. <i>dòç</i>).
ò	e	òi, écrit <i>òe</i> . Ex. <i>sòe</i> (pr. <i>sòi</i>).
ò	i	òi, écrit <i>oi</i> . Ex. <i>oiro</i> (pr. <i>òiry</i>). Cette diphtongue s'écrit aussi <i>ou</i> = <i>ò</i> .
ò	ç	òç, écrit <i>òo</i> . Ex. <i>dòo</i> (pr. <i>dòç</i>).
ò	u	ò, écrit <i>ou</i> . Ex. <i>dou</i> (pr. <i>dò</i>). Dans le nord, cette diphtongue se prononce <i>òù</i> . Il est généralement indifférent, surtout devant <i>r</i> , de prononcer et d'écrire <i>ou</i> ou <i>oi</i> (<i>ò</i> ou <i>òi</i>).
ò	âi	òâi ou <i>òâi</i> , écrit <i>oem</i> . Ex. <i>perdoem</i> (pr. <i>peçdòâi</i> ou <i>peçdòi'âi</i>).
ø	âi	òi'âi, écrit <i>øem</i> . On intercale <i>i</i> . Ex. <i>pøem</i> (pr. <i>pòl'âi</i>).
u	a	úç, écrit <i>ua</i> . Ex. <i>rua</i> (pr. <i>rúç</i>).
u	ç	úi, écrit <i>ue</i> . Ex. <i>azues</i> (pr. <i>azúis</i> , pl. de <i>azul</i>).
u	i	úi, écrit <i>ui</i> . Ex. <i>fui</i> (pr. <i>fúi</i>).
u	o	ũ, <i>úç</i> , écrit <i>uo</i> (crase). Ex. <i>destruo</i> (pr. <i>djstrúç</i> ou <i>djstrú</i>).
u	âi	úâi, écrit <i>uem</i> . Ex. <i>suem</i> (pr. <i>Súâi</i>). On n'évite pas l'hiatus.

Par ces tableaux nous voyons que les seuls cas d'allongement en portugais sont dus à des crases, à la rencontre de deux voyelles semblables,

c'est-à-dire contiguës dans la même série, ou classe. Nous avons des *aa*, des *uu*, des *ii* longs, mais non pas des *êê*, des *êê*, des *òò* ou des *òò*, parce que de tels sons ne sauraient concourir et se rencontrer dans des mots portugais. Nous y voyons encore que l'*ɛ* neutre ne peut se trouver qu'entre deux consonnes, ailleurs il se dénature en *i*; que généralement une voyelle atone (l'*a* excepté) forme diphtongue avec la voyelle tonique qui la précède, et que l'on a le plus souvent recours à la semi-voyelle *i* pour éviter l'hiatus, lorsque les deux voyelles ne sauraient former diphtongue ou crase. Ils nous montrent aussi que deux voyelles peuvent se rencontrer sans former de diphtongue, lors même que la réduite est *y*. Toutefois, ce phénomène n'a lieu, pour ainsi dire, que d'un mot à l'autre, comme nous le verrons dans le tableau suivant, car c'est l'union de l'objectif du pronom de la 3^e personne avec le verbe dont il est le complément qui, le plus souvent, donne lieu à ces rencontres.

Nous allons étudier la rencontre d'une voyelle accentuée finale avec la voyelle du mot suivant; le concours de ces deux voyelles donne lieu, en général, à des phénomènes semblables à ceux que nous venons de voir.

1 A B. TRAITEMENT DES VOYELLES ATONES APRÈS DES VOYELLES ACCENTUÉES, D'UN MOT A L'AUTRE.

Nous ne citerons que les cas fréquents; les autres se règlent sur 1 A A. Nous citerons quelques exceptions remarquables.

$\grave{a} + \grave{a} = \bar{a}$, crase, le seul cas d'allongement en portugais. Ex. *dá-a* (pr. *dā*).

$\grave{a} \quad u \quad \grave{a}u$ différent de *âû*. On l'écrit *á-o*. Ex. *dá-o* (pr. *dāu*).

$\grave{a}i \quad \grave{a} \quad \grave{a}i\grave{a}$, écrit *ae-a*. Ex. *dae-a* (pr. *dāi\grave{a}*).

$\grave{a}i \quad y \quad \grave{a}iu$, écrit *ae-o*. Ex. *dae-o* (pr. *dāiu*).

$\grave{a}\grave{u} \quad \grave{a} \quad \grave{a}\grave{u}\grave{a}$, écrit *āo-a*. Ex. *dāo-a* (pr. *dāū\grave{a}*).

— — *āūŋ\grave{a}*, écrit *āo-na*, qui est préférable. Ex. *dāo-na* (*dāūŋ\grave{a}*).

$\grave{a}\grave{u} \quad u \quad \grave{a}\grave{u}u$, écrit *āo-o*. Ex. *dāo-o* (pr. *dāūu*).

— — *āūnu*, écrit *āo-no*, préférable, *dāo-no* (pr. *dāūnu*).

$\grave{a}i \quad a \quad \grave{a}i\grave{a}$, écrit *em-a*. Ex. *tem-a* (pr. *tāi\grave{a}*).

— — *āiŋ\grave{a}*, écrit *em-na*, préférable *tem-na* (pr. *tāiŋ\grave{a}*).

$\grave{a}i \quad u \quad \grave{a}iu$, écrit *em-o*. Ex. *tem-o* (pr. *tāiu*).

— — *āinu*, écrit *em-no*, préférable *tem-no* (pr. *tāinu*).

Pour éviter l'hiatus, on intercale *n* à cause de la diphtongue nasale précédente. Lorsqu'on n'évite pas l'hiatus par l'insertion de *n*, les subjonctives des diphtongues nasales *āo*, *em* deviennent des semi-voyelles nasalisées.

ê + a = êa. On n'évite point l'hiatus. Ex. dê-a (pr. dêa).

ê u êu, différent de êú. Ex. dê-o (pr. dêu).

eú u êúu, différent de êú et de êu. Ex. deu-o (pr. dêúu).

N. B. Il faut savoir distinguer ces trois expressions, que nul Portugais ne confondra : *Deus* = Dieu, *dê-os* = donnez-les, *deu-os* = il les a donnés, pron. *Dêúš, dêuš, dêúuš*.

êu + a = eu-a. Ex. deu-a (pr. dêúa).

i a ía. Ex. vi-a (pr. vía).

i u íu, différent de ïú et de íy. Ex. vi-o (pr. víu)

N. B. Il faut distinguer *vi-o*, *viu* et *viu-o*, je l'ai vu, il a vu, il l'a vu : on les prononce *víu, vîú, vîúu* : aucun Portugais ne les confondra.

ô + u = ôu, écrit *ou-o*. Ex. *you-o* (pr. *vôu*). Un habitant du nord fera une différence entre *vôo* (*vôu*), je vole, *you-o* (*vôúu*), je le vais, et *vou* (*vôú*), je vais. Le concours de *ôúu*, quoique rare dans le dialecte commun, peut se trouver, par exemple, dans *perdôo-o*, prononcé *pêrdôúu*, *rôo-o*, je le rongé, prononcé *rôúu*, ou plutôt *rôú*.

úy a úúa ou úa, écrit *uo-a*. Ex. *destruo-a* (pr. *dîštrúúa*, ou *dîštrúa*).

úu u úúu ou úú, écrit *uo-o*. Ex. *destruo-o* (pr. *dîštrúúu* ou *dîštrúu*).

Il faut remarquer que la semi-voyelle *ú* dans de telles combinaisons se rapproche beaucoup du *w* bi-labial de quelques dialectes allemands, et que les mots *destruo-o*, lorsqu'ils ne sonnent point *dîštrúu*, se prononcent plutôt *dîštrúwu* que *dîštrúúu*.

1 B a. VOYELLES ATONES DEVANT DES VOYELLES ACCENTUÉES, DANS LE CORPS DU MOT, OU D'UN MOT A L'AUTRE.

Ces groupes de voyelles, appelés diphtongues croissantes, ne sont pas considérés comme de vraies diphtongues en portugais. Les tableaux suivants montrent les modifications que subissent les voyelles atones dans ces groupes.

a + à = aâ, ââ ou â, qui est ma prononciation habituelle. Dans le nord on intercale *i*, pour éviter l'hiatus ou la crase; cet *i* serait ridicule à Lisbonne. Ex. *a arma* (pron. *aárma, âárma, árma*, dans le nord *aíárma*). Il en est de même de l'*a* devant les diphtongues *âi, âú*.

a ê aê. Ex. *a era* (pr. *aêra*).

a è aê. Ex. *a Emma* (pr. *aêma*).

ç	i	ai. Ex. <i>a ida</i> (pr. <i>aidã</i>).
ç	ò	çò. Ex. <i>a hora</i> (pr. <i>çòrã</i>).
ç	ô	çô. Ex. <i>a olha</i> (pr. <i>çôlhã</i>).
ç	ũ	çũ. Ex. <i>a unha</i> (pr. <i>çúnha</i>).
ç	ai, +	au, se règle sur la prononciation de ç + à.
ç	â =	çç, on allonge l'â. Ex. <i>a ama</i> (pr. <i>ââmã</i>).
ç	ã	çã, <i>ãã</i> , on allonge <i>ã</i> fermé, ou on les sépare. Ex. <i>a anta</i> (pr. <i>çãtã</i> ou <i>ããta</i> , qui est ma prononciation ordi- naire).
ç	âi	ââi, on allonge la prépositive. Ex. <i>a eira</i> (pr. <i>ââitã</i>).
ç +	diphthongue	qui ne commence point par <i>a</i> se sépare dans la prononciation. Ex. <i>a oiça</i> , pr. <i>ç õiçã</i> , c'est-à-dire on a un hiatus.

è
ê
ê
i
i

} + une voyelle orale ou nasale, ou une diphthongue, deviennent *i*

dans le corps du mot; d'un mot à l'autre seulement *ê i* sont possibles et ils se changent également en *i*, sans varier cependant d'orthographe. Ex. *tear*, *fiar*, *e hoje* etc., pr. *tiár*. *fiár*, *iõji*.

ò
ô
y, écrit o
ũ, écrit u, ou o

} + une voyelle orale ou nasale, ou une diphthongue,

deviennent *ũ* dans le corps du mot; d'un mot à l'autre seulement *o* et *ũ* sont possibles et ils deviennent également *ũ*. Ex. *soar*, *suar*, *moer*, *o ouro*, *o homem*, prononcés *sũár*, *mũer*, *ũòry*, *ũòmãi*. Il faut distinguer *quando* (*kũãdõ*) de *coando* (*kuãdõ*).

Les seules diphthongues atones qui se modifient devant des voyelles toniques sont : *âi*, qui se change en *ai*, écrit *ai*. Ex. *caiar* (pr. *kãiár*); *âi*, écrit *ei*, qui se change en *i*, écrit *e*, ou *ei*. Ex. *recear*, ou *receiar* (pr. *reçêár*).

Ces deux verbes font au présent de l'indicatif, par exemple, *caio*, *receio* prononcés *kãiy*, *reçãiy*, parce que les diphthongues *ai*, *ei* deviennent toniques. Toutes les autres diphthongues sont inaltérables, qu'elles soient accentuées ou non. Il en est de même de *ai*, *ei* devant des consonnes, dans les dialectes du sud du Mondego. On y prononce donc *pãrãr*, *pãt-
nêl*, *pẽitoril* (*ẽ = ç*).

C. RENCONTRE DE VOYELLES ATONES AVEC DES VOYELLES ATONES.

a) Devant la syllabe tonique :

ç + ç = à, ã. Ex. *a armação* (pr. *ãrmaçãõ*).

ã + e, + i = ai, ai. Ex. *a igreja* (pr. a igɾãjã).
 — — — baetilha (pr. baɿtilha).

ã + ò = aò. Ex. *a oração* (pr. aòɾaçaũ).

ã ò aò. Ex. *a horrível* (pr. aòɾrivèl).

ã u aú. Ex. *o imhadu* (pr. aũnhãdã).

N. B. a préposition + o article fait ao (pr. aú, ãũ, populaire ò. Ex. *ao rei*, pr. aú raí ou ~~ai~~ ò raí).

ã + ãi = aĩ. Ex. *a airosidade* (aĩɾuzidãde).

ã ãũ aũ. Ex. *a audacia* (ãũdãcia).

ã ã à (a ouvert nasal bref). Ex. *a Antonia* (ãtõniã).

ã ã àà (a ouvert nasal long). Ex. *d Antonia* (ããtõniã).

u (écrit u ou o) devant une voyelle quelconque = u. Ex. *o Antonio* (uãtõniũ).

e, i, i devant une voyelle quelconque = i ou i ou i. Ex. *e acaso* (iakãzu),
de ouro (dĩ õru).

u (ø) + u = ū. Ex. *o unheiro* (ũnhãũū)

u + u (ø) u (populaire ò). Ex. *todo o dia* (tõdudĩã, tõdõdõĩã).

b) Après la syllabe tonique :

ã + a = ã. Ex. *dava-a* (pr. dãvã).

ã o(u) aú, aũ ou ò. Ex. *dava-o* (pr. dãvãu, dãvõ).

N. B. La prononciation ò est toujours permise dans la conversation ; a-o se prononce toutefois aú ou aũ dans le style oratoire, ainsi que sur la scène, ou dans une lecture soignée.

On trouvera rarement d'autres rencontres de voyelles après l'accent, exception faite de celles qui forment des diphtongues, et dont la plus commune est ai (écrite ei), qui sert à former le pluriel des noms en -vel (*-v-eles, *-v-ees, -v-ei's), ainsi que de rares noms en -il atone, comme *faceis* (fãçãi's) de *fácil*; car l'hiatus dũ à la rencontre de l'accusatif du pronom de la troisième personne, est le plus souvent évité par l'insertion de -n- lorsque la désinence du verbe est une diphtongue nasale, que celle-ci soit d'ailleurs accentuée ou atone ; et cela malgré la confusion qui résulte de l'identité de cette forme d'accusatif avec l'objectif du pronom de la première personne du pluriel. Ainsi, « ils les achètent, » « qu'ils les achètent » se traduisent par *compram-os*, *compre-mos*, et par l'insertion de -n-, ces deux formes deviennent *compram-nos*, *compre-mos* (kõprãũnu's, kõprãĩnu's), tout à fait comme *compram-nos* = « ils nous achètent, » *compre-mos* = « qu'ils nous achètent, » le trait d'union après le n n'étant pas usité.

En ce qui concerne les rencontres de voyelles atones après l'accent, il faut encore remarquer que o, u se prononçant tous les deux ã, et que e, i ayant de même une valeur égale, celle de i, il est tout à fait indifférent pour la prononciation d'écrire *lingoa* ou *lingua*, *glorea* ou *gloria* :

autrefois on préférait *o*, *e* pour désigner *û*, *i* après une consonne ; aujourd'hui on a égard à l'étymologie ou à l'analogie et on écrit *lingua*, *egua*, *agua*, *gloria*, mais on se sert de l'*o* pour les mots *mágoa*, *nódoa*, à cause des verbes *magôa*, *ennodôa*, quoique l'étymologie semble exiger un *u* (*macula*, *notula*). L'orthographe *o* pour *û* est encore plus commune que celle d'*e* pour *i* : on trouvera des personnes qui écrivent *agoa*, *egoa*, mais qui ne s'aviseraient point de préférer *e* à *i*, en écrivant *gloreia* comme *marmorea*, quoique ces deux mots forment une rime parfaite.

Je dirai quelques mots sur un changement de voyelle dans les verbes de la 1^{re} conjugaison, lequel est dû tout simplement à une fausse analogie.

Nous avons vu que *e* atone devant une voyelle se prononce *i*, et que l'on préférait anciennement l'orthographe *e*. Dans le tableau 1A nous avons vu également que, lorsque cet *e* reçoit l'accent et se trouve dans le corps d'un mot, on intercale *i* pour éviter l'hiatus, c'est-à-dire, *e* se change en *ei* (*âi*) ; par exemple, le verbe *recear* (*reçîâr*) devient *receio* (*reççâiü*). D'un autre côté, il y a une foule de verbes où le suffixe *-ar* de l'infinitif est précédé de la voyelle *i* (*i*). Ils sont pour la plupart dérivés de substantifs et ils appartiennent à l'élément littéraire de la langue, non pas au vocabulaire primitif et populaire, quoique un grand nombre d'entre eux soient devenus d'un usage général dans le dialecte populaire : tels sont *odiar*, *negociar*, etc. Cependant, le mot populaire pour *odiar*, = haïr, est encore aujourd'hui *aborrecer*. Lorsque la dernière voyelle de la base, c'est-à-dire l'*i*, reçoit l'accent, cet *i* se change en *ei* (*âi*), et on dit : *odeio*, *negoceio* (*ôdâiü*, *negysâiü*). Il y a ici deux fautes. D'abord, c'est le verbe qui dérive du nom et non pas le nom qui dérive du verbe, comme c'est le cas pour ceux en *-ear* ; puis on a confondu les deux voyelles *e* *i*, qui, quoique identiques dans une syllabe ouverte atone, ont une valeur différente lorsqu'elles reçoivent l'accent.

Cette confusion regrettable se trouve surtout dans les verbes en *-ci-ar*, et elle tend à disparaître dans tous ceux qui ne sont pas devenus populaires : on dit aujourd'hui *evidencia*, *providencia*, et l'on ne dira plus *gloreia* au lieu de *gloria* dans le verbe *gloriar*, dérivé de *glória*. Selon l'ancienne orthographe du mot *historia* (*estorea*) on pouvait dire *estoreia*, qui serait blâmable aujourd'hui à la place de la seule forme correcte *historia*¹.

1. Il me semble que l'orthographe *estorea* (on trouve aussi *estoria*) a été tout simplement un expédient pour éviter la prononciation *istorja* (*istorža*) lorsqu'on n'avait pas encore introduit la lettre *j*. M. J. Cornu n'est pas de mon avis et suppose une prononciation différente pour l'*e*. Dans les « *Chronicas Breves* de

Nous venons de voir que dans la rencontre de voyelles d'un mot à l'autre on observe en général les mêmes règles que lorsque cette rencontre a lieu dans le corps du mot. J'ajouterai seulement un tableau séparé de ces rencontres entre *a*, *e* et d'autres voyelles prétoniques :

ç	ç	= à. Ex. <i>a avelan</i> = àvçlá.
ç	à	ā, un à long. Ex. <i>a armação</i> = ārmaçãũ.
ç	ç	ā, un ç long. Ex. <i>ç avelan</i> = āvçlá.
à	à	āā, c'est-à-dire un ā plus long. Ex. <i>ç armação</i> = āārmaçãũ.
ç	ç	iç, ou ç par élision de ç. Ex. <i>forte abrigo</i> = fòrtiçbrigu = fòrtçbrigu.
ç	à	id, ou à par élision de ç. Ex. <i>pobre artista</i> = pòbrtiartistã = pòbrtartistã, prononcé aussi pòbrtartistã.
ç	è	iè, ou è par élision de ç. Ex. <i>grande epocha</i> = grãdièpuçã, plus rarement = grãdèpuçã.
ç	ê	iê, ou ê par élision de ç. Ex. <i>triste ermo</i> = tristêtèrmu, plus rarement = tristèrmu.
ç	i	ī, ou ī par élision de ç. Ex. <i>deve evitar</i> = dèvīvitār, plus usuel = dèvivitār.
ç	î	i, ou î par l'élision de ç. Ex. <i>deve estabelecer</i> = dèvīstãbçlççèr, ou dèvīstãbçlççèr.
ç	ò	io, ou ò par l'élision de ç. Ex. <i>deve optar</i> = dèviòptār, plus usuel = dèvòptār.
ç	ô	iô, ou ô par élision de ç. Ex. <i>grande horror</i> = grãdiòrròr' = grãdòrròr.
ç	u	iũ, ou u par élision de ç. Ex. <i>grande unheiro</i> = grãdiunhãĩru, plus usuel = grãdunhãĩru.
ç	û	iũ, ou simplement u, non pas û. Ex. <i>deve o homem</i> = dèvi-ûómãĩ, plus usuel = dèvuómãĩ.

Ces élisions de l'*e* muet sont assez capricieuses.

Lorsque la voyelle initiale du mot suivant est accentuée, la prononciation la plus commune rejette l'élision, et l'*e* devient *î*, suivant la règle. Ainsi l'expression *nove horas*, « neuf heures », doit se prononcer *nòvîórãs*; *nòvòrãs* serait un provincialisme.

L'*e* neutre des monosyllabes *me*, *se*, *te*, *lhe*, *que* et celui de la préposition *de* s'élident le plus souvent, et ce dernier principalement lorsque le mot suivant n'est pas le sujet d'une proposition infinitive ; ainsi on dira

Sancta Cruz de Coimbra » (*Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, v. I, f. I, Olisipone, Typis Academicis M DCCC LVI, passim), on trouve la forme *Leirca* (Leiria), qui semble indiquer une prononciation *lèirtã* ou bien *lèirtã* ou *lèiria*, qui sont moins probables, à moins que l'on ne suppose un déplacement de l'accent, qui d'ailleurs n'est pas rare dans des noms communs devenus propres.

a casa d'elles (a káza d'êlîs), mais la phrase : *no caso de elles não irem se* prononcera *ny kázy dî êlîž nâũ trãĩ*, = « s'ils ne vont pas. » Cependant, bien des écrivains ne font pas cette distinction ; ils écrivent dans les deux cas *d'elles* ou *delles*. Je fais cette distinction spontanément, même en parlant rapidement.

Il serait assez minutieux et assez difficile de constater les différentes circonstances où l'e des monosyllabes, et surtout celui de la préposition *de* et du pronom-conjonction *que*, lequel se prononce *e* devant une consonne, s'élide devant la voyelle du mot suivant : on entendra souvent *d'ouro*, *dî ouro*, *dî biro*, jamais *d'ouro*, du moins à Lisbonne, où la diphtongue *ôĩ* pour *ou* (*ô*) est d'ailleurs presque générale, surtout devant *r*. On ne dira pas non plus : *porqu'eu*, *porqu'elle*, *sem qu'outro*, *dô qu'antes*, *para qu'homens*, *diz qu'ha*, mais bien *porque eu*, *porque elle* (*purkiêũ*, *purkiêlê*) ; *sem que outro* (*sãĩ kiôtrũ*), *do que antes* (*dũ kiãĩs*), *para que homens* (*paraũ ou pra kiômãĩs*), *diz que ha* (*diš kid*). On peut dire qu'à Lisbonne on fait seulement l'élimination de l'e de *que* devant une voyelle palatale atone d'elle-même, ou devenue atone par le mouvement de l'accent oratoire. Ainsi on dira : *É porque isio é bom*, *é porque este é bom* (*ê purkiêstũ è bõ*, *è purkiêstè bõ*), mais on prononcera *è purkiêstĩ ômãĩ è bõ* (*è porque este homem é bom*), parce que l'emphase frappe le substantif *homem*, et non pas l'adjectif *este* qui le précède, et qui fait, pour ainsi dire, un seul mot avec lui. Il est évident que ces voyelles devenues atones par le déplacement de l'accent oratoire ne deviennent pas pour cela réduites, d'autant plus qu'elles ne sont pas proprement atones, mais seulement moins accentuées que celle du mot suivant qui porte l'accent oratoire : l'accent principal devient secondaire, voilà tout (voyez plus loin ACCENTUATION).

INFLUENCE DES CONSONNES SUR LES VOYELLES ACCENTUÉES QUI LES PRÉCÈDENT.

Cette influence est le résultat : I, d'une consonne nasale ; II, d'une consonne palatale.

I. Influence régressive d'une consonne nasale.

Nous avons déjà vu que les voyelles nasales *ã* *ẽ* *õ* sont toutes fermées dans le sud du royaume. Les voyelles *ê* *ô* toniques devant une consonne nasale sont également fermées, lorsque la voyelle de la syllabe suivante n'est pas *e* : ainsi on prononce *mõno*, *pẽna*, *pẽnna* (*poena* et *penna*) ; mais *fome*, *homem*, se prononcent *fõmẽ*, *õmãĩ*¹, parce que la voyelle de la syllabe suivante est *e*.

1. La prononciation de *õ*, *õ* sous l'influence de la terminaison *em* indique

Il en est de même des mots italiens en *-one*, *-oni* employés en portugais, tels que *trombone*, *Manzoni*, qui ont un *ò* ouvert, malgré l'*o* fermé qu'ils ont dans la langue italienne¹. La voyelle *o* est fermée devant *nh*, quelle que soit d'ailleurs la voyelle finale, pourvu que l'*o* soit accentué : ex. *vergõnha*, *envergõnho*, *envergõnhẽ*, *envergonhãr*.

Sur la voyelle *e* devant *nh*, voyez plus loin « Influence régressive des consonnes palatales sur *ê* et sur *ê* ».

La voyelle *a* devant *n* se prononce toujours fermée *ã* (*â*, *ɑ*) ; ex. *canna*, *mano*, *damne*, prononcés *kãŋɑ*, *mãny*, *dãŋɑ*.

Devant la nasale *nh*, l'*a* est toujours fermé, exception faite du verbe *ganhar* et de ses dérivés, car cet *a* radical reste toujours ouvert, qu'il soit accentué ou atone, *gãno*, *gãnhêi*. Cf. l'*a* long du français *gagner*.

Devant la nasale *m*, l'*a* est partout fermé, à la seule exception de la terminaison *-amos* de la 1^{re} personne du pluriel du prétérit parfait de l'indicatif des verbes de la 1^{re} conjugaison (en *-ar*). L'*a* de cette terminaison se prononce ouvert à Lisbonne et Coïmbre, et on fait une différence entre cette désinence et celle de la 1^{re} personne du pluriel du présent de l'indicatif des verbes en *-ar*, ainsi que de celle du subjonctif des verbes en *-êr* et en *-ir*. Dans le Minho, dans Trás-os-Montes, dans l'Alemtejo, on ne fait pas cette distinction, et les 1^{res} personnes du pluriel des deux temps, présent et parfait, se confondent dans la 1^{re} conjugaison, de même qu'à Lisbonne et Coïmbre celles de ces temps dans les deux conjugaisons en *-er* et en *-ir*.

Il serait difficile d'assigner une origine certaine à cette distinction, qui d'ailleurs doit être très ancienne.

Nous avons, par conséquent, des différences dialectales dans ces formes de la 1^{re} conjugaison.

Verbes en <i>-ar</i> .	Indicatif.	
	Présent.	Parfait.
Nord du royaume	<i>ãmãmos</i>	<i>ãmãmos</i>
Sud du royaume	<i>ãmãmos</i>	<i>ãmãmos</i>
Centre du royaume	<i>ãmãmos</i>	<i>ãmãmos</i>
Latin	<i>amãmus</i>	<i>amãuimus</i> .

Ordinairement on distingue dans l'écriture *ãmãmos* de *amãmos*.

clairement que la valeur ancienne de cette diphtongue, écrite *êe*, était *êi* et non pas *âi*. Cette prononciation s'est maintenue, comme je l'ai dit plus haut, dans l'Alemtejo, l'Algarve, ainsi qu'au Brésil, et même dans les environs de Lisbonne, chez les *Saloios*, qui parlent un dialecte très archaïque.

1. L'influence de la voyelle finale sur la voyelle accentuée des mots paroxytoniques, de même que celle de la consonne suivante, domine tellement la langue, que les Portugais ont une difficulté extrême à bien prononcer les

	Verbes en <i>-êr</i> et en <i>-îr</i> .	Indicatif.
		Présent. Parfait.
Nord du royaume	<i>dêbemoš, oûbimoš</i>	<i>dêbêmoš, oûbîmoš</i>
Sud et centre	<i>dêvêmoš, ouvîmoš</i>	<i>dêvêmoš, ouvîmoš</i>
Latin	<i>debēmus, audīmus</i>	<i>debuīmus, audivīmus</i>
		Subjonctif.
		Présent.
Nord du royaume	<i>dêbâmoš, oûçâmoš</i>	
Sud et centre	<i>dêvâmoš, ouçâmoš</i>	
Latin	<i>debeāmus, audiāmus.</i>	

On voit que la seule différence dialectale de quelque importance pour le sens se limite à la 1^{re} conjugaison. Il se peut, cependant, que jadis on ait distingué dans ce dialecte le présent du parfait (1^{re} pers. pl.) dans les deux conjugaisons en *-êr* et en *-îr*.

INFLUENCE RÉGRESSIVE DES CONSONNES PALATALES SUR *ê* ET SUR *î*.

A Lisbonne surtout, l'*e* fermé tonique devant les palatales *nh*, *lh*, *j* et *x* se prononce *â*. Je désignerai cette espèce de palatalisation de *ê* par deux points sur l'*e*. Ainsi on dit *tênhô*, *qûêlhq*, *vêjô*, *fêcho*, au lieu de *têno*, *qûêlha*, *vêjo*, *fêço*. L'*e* fermé devant une palatale ne se trouve de nos jours que là où les diphtongues *ei*, *em* se prononcent *êi*, *êi* au lieu de *âi*, *âi*, qui est leur valeur à Lisbonne: Cet *ê* devant les fricatives *j* et *x* peut prendre un *i* subjonctif et il devient alors *êi* (= *âi*), par exemple dans *seja*, *reixa*, que l'on prononce *sâjq* ou *sâijq*, *râxq* ou *râixa*. (Voy. *O Dialecto Mirandez*, par M. Leite de Vasconcellos. Porto, 1882, p. 17.)

L'*e* ouvert ne change pas de prononciation et l'on dit *vêlho*, *gêlha*, non pas *vêlho*, *gêlha*.

Il me semble qu'à l'origine cet obscurcissement de l'*ê* fut produit par l'épenthèse de *i*, introduit sans doute pour faciliter la prononciation de la palatale. Cet *i* épenthétique devint donc la subjonctive d'une diphtongue *ei*; et lorsque cette diphtongue, par dissimilation de ses deux éléments, vint à se prononcer *âi*, comme partout ailleurs, des mots tels que *vêrmêlho*, *egrêjq* se changèrent en *vêrmêilho*, *igrêijq*, et par la chute de l'*i* en *vêrmêlho*, *igrêjq*, qui est leur prononciation actuelle à Lisbonne.

voyelles *e* et *o* de l'italien; leurs habitudes de prononciation les forcent à régler le son de ces voyelles sur les consonnes suivantes ou sur les voyelles finales: un Portugais dira toujours *piêno*, *piêna*, au lieu de *piêno*, *piêna*, *ôlleno* au lieu de *êlleno*, *ôro*, *môrto* au lieu de *ôro*, *môrto*, *mištôro* au lieu de *mîstôro*, *êssa* au lieu de *êssa*, *piêno* au lieu de *piêno*, *têmpo* au lieu de *têmpo*, *dôna* au lieu de *dôna*.

Devant *j*, *x*, comme nous avons dit, plusieurs personnes gardent encore l'*i*. (Voy. sur le même phénomène en catalan Milá y Fontanals, *De los Trovadores en España*, p. 462, n. 9.)

Nous ne dissimulerons pas qu'une autre explication pour les mots *seixo*, *eixo* est aussi possible. *Seixo* (pr. *sâšy*) de *saxum* serait d'abord pour **saiso*, **saiso*, par vocalisation du *k* de **sakso*; puis *ai* serait devenu *ei* par assimilation, rapprochement des deux éléments de la diphtongue. Cependant, dans une note précédente, nous avons exprimé notre répugnance à accepter dans la généralité la diphtongue *ei* comme venant de *ac-*, et quoique la palatale suivante rende la vocalisation en *i* moins invraisemblable, l'explication que nous venons de proposer nous paraît encore plus plausible. Dans cette hypothèse, *seixo* viendrait de *saxum* à travers les formes **sašu*, *sašu*, *sašsu*, *sêšsu*, *sâšsu*. Comparez les mots *baixo* (*bašy*) de *bassum* et *caixa* (*kašq*) de *capsum*, que l'on prononce aussi *bâšy*, *căšq*. Cette dernière prononciation est encore assez commune à Lisbonne, et *baxo*, *caxa* étaient autrefois tout à fait analogues aux formes de l'ancien castillan *baxo*, *caxa* (*bâšo*, *kâša*) devenus plus tard *bajo*, *caja* (*bâjo*, *kâja*), par une gutturalisation de la fricative palatale dure, peut-être unique, et assez difficile à expliquer¹. Nous avons donc deux

1. Les Andalous ont conservé les anciennes fricatives douces lorsqu'elles sont médiales, et se trouvent entre deux voyelles. Ils prononcent le *j* médial comme γ (du grec moderne) et non pas comme χ . Dans un mot tel que *bajo* (andalous *bayo*, castillan *baxo*) de *bassum* nous pourrions supposer les formes suivantes intermédiaires : *basso*, *baxo*, *bažo*, *bafo*, *bayo*, *bayo*; *ceja* ($\theta\chi\alpha$) de *cilia* à travers *cila*, *cela*, *ceγ'a*, *ceya*, *ceja*. Une foule de mots se sont arrêtés à *i* ou γ' (γ palatal) : *leyes*, *hoyo*, etc. Ainsi nous dirions que *i* latin est devenu χ à travers γ' , γ , le changement de *i* en γ' (du grec moderne $\gamma\tilde{\iota}$, $\gamma\acute{\epsilon}\mu\omega$) étant physiologiquement très naturel et assez commun. Diez avait déjà démontré que l'existence de χ en castillan n'est pas ancienne, et qu'elle n'est pas due à l'influence arabe : en effet, les fricatives postéro-gutturales *ha*, *xa* se trouvent représentées en castillan par *f* ordinairement, tandis que χ répond le plus souvent à *l* ou *gim* arabes. Le mot « Badajoz », prononcé par les Castillans modernes *badaxós*, se trouve sous la forme *Badalhouce*, dans les anciens monuments portugais, et est prononcé à présent chez nous *badajós*. Cette dernière prononciation est due sans doute à l'influence de l'orthographe espagnole.

Pedro de Alcalá, que je cite de mémoire, représente le $\chi\alpha$ par une modification de *k* et le regarde comme un son difficile; il représente le *fin* par *x*. Aujourd'hui le *j* castillan ne diffère que très peu du $\chi\alpha$; il est seulement un peu moins *grasseyé*, le $\chi\alpha$ arabe se prononçant, comme on sait, à peu près χr , avec un *r* guttural. On a proposé chez nous une autre théorie : la prononciation gutturale du *j* castillan serait due à l'influence allemande. Cette théorie est insoutenable. D'abord le *ch* allemand n'est pas le *j* castillan; puis le *ch* allemand se modifie sous l'influence des voyelles palatales (les dialectes suisses peut-être seuls exceptés), ce qui n'est pas le cas pour le *j* castillan; puis le *ch* allemand, comme le כ hébreu, ne se trouve qu'après des voyelles, tandis que le *j* castillan est, à peu près, toujours initial de syllabe; enfin, et c'est la raison la plus forte, il n'y a pas d'exemple d'une telle importation de sons étrangers pris dans une langue aussi différente que l'allemand de l'espagnol. La

formes dialectales dans le temps ou dans l'espace : l'une comparable à l'ancien castillan *caxa*, l'autre au catalan *caixa*, provençal *caissa*, vraisemblablement prononcée *kaïša*.

L'a fermé (c'est-à-dire l'a neutre accentué) n'est dû en portugais, comme nous venons de voir, qu'à l'influence régressive d'une nasale sur l'a, ou d'une palatale, y compris l'i, sur l'é fermé; car les mots *para*, *cada* sont toujours subordonnés à l'accent du mot suivant, le premier étant encore presque toujours prononcé *pa*, comme il l'a été dans le passé, ainsi que le prouve l'ancienne orthographe *pera* (*pepa*).

Une autre influence régressive de la palatale fricative (sonore ou sourde) atténuée ou plénisonante, est celle qui est produite sur l'ê neutre, lequel devient *i* en conjonction avec ces palatales; ex. *historia*, *desdizer*, *chegar*, *hoje*, prononcés *istória*, *diždzizêr*, *šigâr*, *ôžî* : nous en avons parlé plus haut.

Le *s* (palatale atténuée sourde ou sonore), de même que *x* et *j*, ont dans ce cas une prononciation plus palatale, c'est-à-dire qu'ils sont prononcés avec une partie de la surface de la langue plus près de sa partie moyenne, et sur la limite du palais et des gencives; tandis que *s* (réduit), *x* et *j* en conjonction avec *a*, *q*, *ô*, *ô*, *u*, voyelles gutturales, sont formés un peu plus en avant sur les gencives par la partie antérieure de la surface supérieure de la langue, tout près de son extrémité. Si nous marquons par un trait cette palatalisation, nous avons les combinaisons suivantes, où *š*, *ž*, *š'*, *ž'* désignent les palatales réduites : *xâ*, *xq*, *xô*, *xô*, *xu*, *jà*, *jq*, *jô*, *jô*, *ju*, *âš*, *qš*, *ôš*, *ôš*, *uš*, *âž*, *qž*, *ôž*, *ôž*, *už*, union d'une consonne palatale avec une voyelle gutturale d'un côté; et de l'autre, *x'ê*, *x'ê*, *x'i* (*xê* ou *xi*), *j'ê*, *j'ê*, *j'i*, *âix'*, *qix'*, *âij'*, *qij'*, *êš*, *êš*, *is* (*es*, *is*) *is*, *êž*, *êž*, *iz* (*es*, *is*), *iz*, union d'une voyelle palatale ou de la neutre *ê* avec une consonne palatale modifiée.

On voit bien que ces palatalisations ne sont pas tout à fait analogues

gutturalisation de l'ancienne palatale, qui semble être contemporaine de l'assourdissement des anciennes fricatives sonores, doit être due à des causes physiologiques, ou bien elle se trouvait dans des dialectes et peu à peu elle a remplacé la palatalisation dans la langue commune. La première de ces origines est la plus vraisemblable, et je viens de présenter une hypothèse de plus pour tâcher de l'expliquer.

Les gutturales arabes *'ha*, *çâ*, et aussi *he* se trouvent représentées en portugais par *f*, comme en espagnol; cette dernière langue a aussi *h* à côté de *f*, ce qui n'arrive jamais en portugais, si ce n'est dans des mots qui ne nous sont pas parvenus directement de l'arabe, comme *alcohol*, *Sahara* : ce dernier se retrouve sous la forme *Safâra*, nom d'une localité. Les formes *Mafoma*, *Mafamede*, par exemple, ont été modernement et à tort remplacées par *Mahomet*, et chez quelques écrivains qui se piquent d'une plus grande exactitude par *Mohammed* : cette exactitude, toutefois, n'est qu'apparente, car les anciennes formes étaient bien plus près de la prononciation arabe. Il en est de même pour *Sahara*.

à la palatalisation des langues slaves, car dans celles-ci, ce sont les linguales qui deviennent sous-palatales devant les voyelles palatales, *s* se changeant en *ś*, et *z* en *ź*.

INFLUENCE MÉDIATE OU IMMÉDIATE DES VOYELLES ATONES FINALES *e o a*
(*ê î, y, æ*) SUR LES VOYELLES ACCENTUÉES DE LA SYLLABE PRÉCÉDENTE :
RÉFRACTION.

On connaît les phénomènes appelés *Brechung* et *Umlaut* dans les langues germaniques, et dont on trouve encore des vestiges remarquables dans le haut-allemand moderne, en danois, en suédois, et surtout en islandais. Ces phénomènes se réduisent à deux :

1° La voyelle palatale de la syllabe atone finale palatalise la voyelle gutturale de la syllabe accentuée précédente ; ainsi *a, o, u* deviennent *ä, ö, ü* : c'est la *périphonie*, le *Umlaut* des Allemands.

2° Une voyelle sombre, *u, o*, de la syllabe finale altère la tonique précédente en un certain sens ; ainsi en islandais, où l'on retrouve d'ailleurs la périphonie très développée, *a* devient *ö* par l'influence régressive de *u* ou de *ú* ; tandis que *ö* devient *a* par la réfraction de l'*a* final atone. Cette influence est, comme on voit, toujours régressive et n'a donc rien de commun, si ce n'est dans quelques-uns de ses résultats, avec l'*homophonie* ou *parallélisme* des voyelles dans les langues ouralo-altaïques ou ougro-finnoises ; dans cette famille de langues, c'est la voyelle tonique qui palatalise ou gutturalise les voyelles atones des syllabes suivantes, et non pas la voyelle tonique qui subit l'influence des voyelles atones finales. En hongrois, par exemple,

on dit : *bab*, fève, *babok*, fèves, au pluriel ;

szék, chaise, *székek*, chaises ;

mais *üst*, chaudron, *üstök*, chaudrons.

La voyelle du suffixe se règle sur la voyelle du radical.

Des deux cas de réfraction ou influence régressive de la voyelle atone que nous venons de citer, le portugais ne connaît que celui d'une voyelle obscure rendant obscur, c'est-à-dire fermé, le *e* ou le *o* de la syllabe tonique précédente. La réfraction palatale lui est inconnue¹.

Les lois de la réfraction en portugais n'ont pas été étudiées, que

1. On pourrait à la rigueur considérer comme un cas de réfraction palatale l'épenthèse de *i*, populaire dans le mot *quãzi*, *quãze* = *quãsi*, analogue à celle de *ü* dans le mot *ãũgũã* pour *ãgua*, phénomène bien fréquent dans le zend, par ex. *airia*, *hauriã*, répondant au sanskrit *ãria* (*ãrya*), *sarva*. Elle serait en tout cas assez rare. J'ai aussi entendu dire à une dame, dans le nord du pays, *lõji* pour *lõje* (longe), et à des enfants *tãbãa* pour *tãba*.

je sache, dans toutes leurs importantes manifestations. Je ne ferai que les citer, me réservant de chercher à les expliquer plus complètement dans une autre étude. Elles sont d'autant plus remarquables que, dans un dialecte du moins, celui de Bragança, elles ne sont pas, à ce qu'il semble, observées : ce seul fait nous autoriserait à supposer deux dialectes, bien différents, de l'ancien portugais : l'un dans le midi, où la réfraction aurait lieu, un autre au nord, où ce phénomène ne se serait pas manifesté ; car il doit être antérieur à la domination arabe, et a sans doute son origine dans la prononciation du latin populaire dans cette partie de la péninsule. Ainsi le mot *ovo* avec un *o* fermé s'expliquerait par le latin *ouum*, c'est-à-dire par l'influence de la voyelle sombre *u* de la terminaison *-um* ; et le pluriel *ovos* avec un *o* ouvert, par le pluriel *oua*, dont la terminaison est un *a*, voyelle claire. La réfraction vocale se serait peu à peu répandue dans le nord, et l'absence de cette distinction dans quelques lieux, qui sont encore à déterminer, serait la preuve d'une distinction dialectale antérieure à l'invasion arabe.

Ce qui est hors de doute, c'est que ce phénomène constitue l'un des caractères les plus frappants du portugais, comparé aux autres idiomes néo-latins. Nous ne trouvons rien de semblable en castillan, en français, en italien, etc., et ce n'est que dans le roumain, où la voyelle *o* du masculin devient *oa* au féminin, que quelque chose d'analogue pourrait être signalé.

RÉFRACTION DANS LES VERBES DE LA 2^e ET DE LA 3^e CONJUGAISON
(EN *-êr* ET EN *-ir*).

Verbes de la 2^e conjugaison en *-êr* et *-ecêr*.

La voyelle finale *ç* rend ouvert un *e* ou un *o* de la syllabe tonique précédente, lorsque ces voyelles ne sont point nasales¹.

Ex. *Deyêr*—*dêvç*, *deves* (*dêvîs*)

Çomêr—*cômç*, *comes* (*kômîs*)

Rôêr (*rûêr*)—*rôe* (*rôî*), *roes* (*rôîs*).

N. B. On voit par le dernier exemple que l'*e* atone devient *i* parce qu'il est immédiatement précédé d'une voyelle : c'est donc par analogie

1. Dans le nord, la nasalité n'empêche point la réfraction (v. Barboza Leão, *Collecção de Estudos e documentos a favor da Reforma da ortografia em sentido sónico*, p. 919, Lisboa, 1878). J'ai eu l'occasion de m'en assurer : à Porto les nasales toniques subissent l'influence de la réfraction, tout comme les voyelles orales du dialecte commun. Ainsi le verbe *vender* s'y conjugue : *vândr* (*ñ = ç* nasalisé), *vêndy*, *vêñdes* ; le verbe *romper* : *ryñpêr*, *rôñpy*, *rôñpes*, et toutes ces voyelles nasales sont gutturalisées.

que l'on écrit la diphtongue *ô* par *oe*, parce que la désinence du présent de l'indicatif à la 2^e et à la 3^e personne du singulier, dans les verbes en *-er* et en *-ir*, est *-e*, *-es* et non pas *-i*, *-is*. Les formes *deves* = *dêvîs*, *comes* = *kômîs*, montrent l'influence régressive exercée par la palatale *ʃ* sur l'*e* qui la précède : nous avons vu plus haut que *e* devient *i* en conjonction avec une consonne palatale ¹.

Les voyelles finales *o*, *a* rendent fermées les voyelles *e*, *o* de la syllabe tonique précédente, quand elles sont muettes à l'infinifitif.

Ex. *Dêvêr* — *dêvø*, *dêvø*
Comêr — *cômø*, *cômø*
Rôêr — *røø*, *røø*.

Nous venons de voir que *ʃ* final n'empêche point la réfraction ; il en est de même de la terminaison *m* formant la subjonctive d'une diphtongue nasale, avec l'*e* ou *a* précédent (*ãũ*, *ãi*) :

Ex. *devem*, *comem*, *roem* (*dêvãi*, *kômãi*, *røãi*)
devam, *comam*, *roam* (*dêvãũ*, *kômãũ*, *røãũ*).

Nous voyons donc que dans les verbes de la 2^e conjugaison régulière en *-êr*, la voyelle radicale a un des trois sons, lorsqu'elle est *e* ou *o* oral :

- e* 1^o atone = *e* — *dever*, prononcé *dêvêr*
i — *descer*, prononcé *dîssêr*
- 2^o tonique, terminaison *e*, *ãi* ; } *deve*, *devem*, *desce*, *descem*
prononcée ouverte } *dêvê*, *dêvãi*, *dêssê*, *dêssãi*
- 3^o id. term. *u*, *ø*, *ãũ* ; } *devo*, *deva*, *devam*, *desço*
prononcée fermée } *dêvø*, *dêvø*, *dêvãũ*, *dêssø*
- o* 1^o atone = *ø* — *comer*, prononcé *kômêr*
ũ — *roer*, prononcé *røêr*
- 2^o tonique, terminaison *e*, *ãi* ; } *come*, *comem*, pr. *kômê*, *kômãi*
prononcée ouverte } *roe*, *roem*, pr. *røi*, *røãi*
- 3^o id., term. *u*, *ø*, *ãũ* ; } *como*, *coma*, *comam*, prononcés
prononcée fermée } *kômø*, *kômø*, *kômãũ*
- prononcée fermée } — *røo*, *røø*, *roam*, prononcés *røø*,
røø, *røãũ*.

Les terminaisons claires sont : *e*, *es*, *em* (*e*, *î*, *l* ; *îs*, *lîs* ; *ãi*).

Les terminaisons sombres sont : *o* ; *as* ; *a* ; *am* (*ø* ; *øs* ; *ø* ; *ãũ*).

1. Cette palatalisation est propre aux dialectes de l'Estremadura, Alemtejo et Algarve. Ailleurs on prononce *dêvês*, *cômês*, parce que le *s* n'y est point palatal, mais plutôt sous-cacuminal.

Les verbes dont la voyelle radicale est *a* n'ont que deux modifications de cette voyelle, qui y dépendent de l'accent, l'*a* tonique n'étant point soumis à la loi de réfraction. Ex. *bātēr*, *bāto*, *bāte*.

Les verbes dont la voyelle radicale est *i*, *u*, une nasale, ou une diph-tongue, ne subissent aucune modification de cette radicale. Les voyelles *i*, *e*, *u*, *o*, et les diphtongues *āi*, *ēi*, devant d'autres voyelles, se prononcent *i*, *ū*, *qī*, *i*, lorsqu'elles sont atones, comme nous avons vu plus haut, et constituent par là autant d'exceptions dans ces verbes, pour suivre seulement la règle générale des voyelles atones ou accentuées.

Les verbes dont la voyelle radicale atone est ouverte à l'infinitif n'éprouvent aucun changement. Ex. :

Esquecer, *esqueço*, *esqueça*, *esquece*
 pr. *īškēsēr*, *īškēsū*, *īškēsā*, *īškēsē*
Arrefecer, *arrefeço*, *arrefeça*, *arrefece*
 pr. *ārrefēsēr*, *ārrefēsū*, *ārrefēsā*, *ārrefēsē*.

Je présenterai au lecteur la conjugaison du présent de l'indicatif dans tous ces cas.

La voyelle radicale n'éprouve aucun changement :

Verbe *vender* (*vēdēr*) = vendre.

vendo, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*
vēdū, *vēdīs*, *vēdē*, *vēdēmūs*, *vēdāīs*, *vēdāī*.

Verbe *romper* (*rōpēr*) = rompre, déchirer.

rompo, *rompes*, *rompe*, *rompemos*, *rompeis*, *rompem*
rōpū, *rōpīs*, *rōpē*, *rōpēmūs*, *rōpāīs*, *rōpāī*.

La voyelle radicale devient neutre en devenant atone :

Verbe *bater* (*bātēr*) = battre, frapper.

bato, *bates*, *bate*, *batemos*, *bateis*, *batem*
bātū, *bātīs*, *bātē*, *bātēmūs*, *bātāīs*, *bātāī*.

La voyelle radicale, en devenant la tonique, s'altère par l'effet de la réfraction :

Verbe *receber* (*reçēbēr*) = recevoir.

recebo, *recebes*, *recebe*, *recebemos*, *recebeis*, *recebem*
reçēbū, *reçēbīs*, *reçēbē*, *reçēbēmūs*, *reçēbāīs*, *reçēbāī*.

Verbe *comer* (*kūmēr*) = manger.

Como, *comes*, *come*, *comemos*, *comeis*, *comem*
kômū, *kômīs*, *kômē*, *kômēmūs*, *kômāīs*, *kômāī*.

Verbe *roer* (*rūēr*) = ronger.

roo, *roes*, *roe*, *roemos*, *roeis*, *roem*
rōū, *rōīs*, *rōī*, *rūēmūs*, *rūāīs*, *rūāī*.

Mexer (*mĩsêr*) = remuer. (L'e fermé devient *ë* = *â*.)

mexo, mexes, mexe, mexemos, mexeis, mexem
mâsy, mèsĩs, mèsĩ, mĩsêmys, mĩsâĩs, mèsâĩ.

La voyelle radicale ouverte ne change point :

Aquecer (*akêsr*) = réchauffer.

aqueço, aqueces, aquece, aquecemos, aqueceis, aquecem
akêsy, akêsjĩs, akêse, akêsel'mys, akêsa'ĩs, akêsâĩ.

Exemple d'un verbe en *-ecêr* qui subit les changements dus à l'accentuation et à la réfraction :

Parecer (*pařêsr*) = paraître, sembler.

pareço, pareces, parece, parecemos, pareceis, parecem
pařesy, pařesĩs, pařese, pařesêmys, pařesâĩs, pařesâĩ.

Les verbes irréguliers de la conjugaison en *-er*, ainsi que les verbes monosyllabes (également irréguliers) ne subissent pas en général l'effet de la réfraction : leur voyelle radicale est soumise à d'autres altérations, ou bien ne change pas. Ainsi par exemple :

Saber (*şabêr*) = savoir.

sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem
sâĩ, sâĩs, sâbe, şabêmys, şabâĩs, sâbâĩ.

Ver (*vêr*) = voir.

Vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem
vâjy, vês, vê, vêmys, vêdjĩs, vê'âĩ.

Ter (*têr*) = tenir, avoir.

tenho, tens, tem, temos, tendes, teem, têm
tânhy, tâĩs, tâĩ, têmys, têdjĩs, tâĩâĩ, (tâĩ).

Ser (*şêr*) = être.

sou, ês, é, somos, sois, são
sô, ês, è, sômys, sôĩs, sâũ.

RÉFRACTION DANS LES VERBES EN *-ir*.

La réfraction dans les verbes irréguliers de la 3^e conjugaison en *-ir*, dont la voyelle radicale est *u* ou *o*, *i* ou *e*, est toujours exprimée par l'orthographe, et elle s'étend aux verbes dont la voyelle radicale *e* est nasale ; mais elle n'est pas générale, comme pour ceux en *-êr*.

Verbe *fugir* (*fujĩr*) = fuir.

fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem
fujy, fôjĩs, fôji, fujĩmys, fujĩs, fôjâĩ.

Verbe *divertir* (*divertír*) = amuser.

divirto, divertes, diverte, divertimos, divertis, divertem
đevirtũ, divertiš, diverte, đevertimũš, đevertiš, divértai

ou bien

divirtu, — — *divertimũš, divertiš* —

Verbe *vestir* (*vistir*) = vêtir, habiller.

visto, vestes, veste, vestimos, vestis, vestem
vistu, vètiš, vèšte, vštímũš, vštis, véstai.

La seule difficulté que présentent les verbes à voyelle radicale *u* ou *i*, c'est de savoir si l'on doit écrire cette radicale par *u* ou *o*, par *i* ou *e*, lorsqu'elle est atone : l'étymologie est généralement consultée ; on écrit donc *cuspo*, *dormir*, *despir*, *frigir*, les voyelles radicales de ces verbes étant *u*, *i*. Ils font au présent de l'indicatif :

Cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspis, cospem
kušpu, kòspiš, kòspe, kušplimũš, kušpis, kòspai
Durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
dũrmũ, dormiš, dorme, đurmimũš, đurmis, dõrmai
Frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
frijũ, frèjiš, frèji, frijimũš, frijis, frèjai
Dispo, despes, despe, despimos, despis, despem
dĩšpu, dèšpiš, dèspe, đĩšpimũš, đĩšpis, dèšpai.

Il y a encore une différence entre la réfraction à la 2^e conjugaison et la réfraction à la 3^e conjugaison. Dans la 2^e conjugaison en *-êr* elle est de règle dans les cas cités. Dans les verbes en *-ir* elle n'est pas si commune : un grand nombre de verbes échappent à ce changement de voyelle radicale. Nous citerons, par exemple, *luzir*, *rugir*, *entupir*, *permitter*, etc. Dans plusieurs de ces verbes la réfraction n'est pas de longue date. Ainsi nous trouvons dans les *Lusiades* (*canto III, est. 105*) *acude* à l'impératif, tandis que l'on dirait aujourd'hui *accòde* dans le dialecte commun. Il y a donc deux conjugaisons différentes des verbes en *-ir*, dont l'une a sa voyelle radicale soumise à la réfraction, et l'autre a cette voyelle inaltérable par rapport à la voyelle finale atone.

La réfraction dans les verbes en *-ir*, je le répète, embrasse ceux dont la voyelle radicale est *e* nasal (*ê*).

Verbe *mentir* (*mêtir*) = mentir.

Minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem
mĩtu, mêtis, mêtê, mêtimũš, mêtis, mêtai.

Comme on voit par cet exemple, la voyelle radicale ne change qu'à la condition d'être accentuée, et la voyelle nasale devant les terminaisons

claires *ɛ*, *ĩs*, *ã* reste fermée, du moins dans le dialecte commun : *i* devient *ê* au lieu de monter jusqu'à *è*, les voyelles nasales étant toutes fermées. L'effet est d'ailleurs analogue, car il y a autant de différence entre *ê* et *è* qu'il y en a entre *i* et *ê*.

RÉFRACTION DANS LES NOMS.

Les adjectifs en *-oso* ont au singulier masculin *ô* fermé ; cet *o* devient ouvert au pluriel, ainsi qu'au féminin des deux nombres.

J'y vois un cas de réfraction, c'est-à-dire d'influence de la voyelle finale atone sur la voyelle de la syllabe tonique, qui doit avoir sa source dans le latin vulgaire. Ainsi *formôso* de *formōsum* ; mais *formôsoŝ* de *formōsos*, *formôsa*, *formôsaŝ* de *formosam*, *formōsas*, l'*u* final seul y jouant le rôle de voyelle obscure.

Que je sache, il n'y a pas d'autre exemple de cette flexion interne dans les différents dialectes néo-latins, si ce n'est dans le roumain, où elle se borne au féminin *frumôŝ*, *frumôŝsi*, *frumôŝsa*, *frumôŝse*. Dans tous les autres dialectes romans, l'*o* garde toujours le même son dans ce suffixe. Le toscan et le catalan ont un *o* fermé dans les quatre formes *-oso*, *-osi*, *-osa*, *-ose* ; *-ôs*, *-osos*, *-osa*, *-osas* ; le français a *eux*, *euse*, *euses*, avec *æ* également fermé. Le castillan nous présente partout *o*, lequel dans ce dialecte est un son entre *ò* et *ô*, dont le timbre ne change jamais, quelle que soit la place qu'il occupe dans le mot par rapport à l'accent.

Les participes contractés, généralement employés comme des adjectifs ou des substantifs, et dont la syllabe tonique est fermée et a pour voyelle *o*, suivent la règle des adjectifs en *-ôso*, *-ôsa*. Ex. :

tôrto ; *tôrtos*, *tôrta*, *tôrtas*
môrto ; *môrtos* ; *môrta*, *môrtas*
pôsto ; *pôstos*, *pôsta*, *pôstas*
um pôsto ; *uns pôstos*, *uma pôsta*, *umas pôstas*.

Il y a un certain nombre de substantifs paroxytons dont la syllabe tonique a un *o* fermé au singulier, et un *o* ouvert au pluriel. M. Epiphânio Dias, dans sa *Grammaire portugaise*¹, nous donne une liste de tous ces substantifs, lesquels sont les suivants :

Abrolho, *almoço*, *cachopo*, *caroço*, *choco*, *choro*, *composto*, *corcovo*, *corno*, *corpo*, *corvo*, *despojo*, *destroço*, *escolho*, *esforço*, *esposo*, *estorvo*, *fogo*, *forno*, *foro*, *fosso*, *imposto*, *fogo*, *meolo*, *olho*, *osso*, *ovo*, *pescoço*, *poço*, *porco*, *posto*, *preposto*, *reforço*, *renovo*, *rogo*, *soro*, *soccorro*, *supposto*, *tijolo*, *tojo*, *tordo*, *torno*, *trenoço*, *troco*, *troço*.

1. *Grammatica Portugueza*, 2^a edição. Porto e Braga, 1878, p. 21.

Il ajoute au bas de la page, dans une note, qu'il ne faut pas faire ce changement dans les mots *adorno*, *bolso*, *estajo*, *folho*, *globo*, *mêlho*; mais il ne nous en dit pas la raison. Le mot *adornos*, cependant, est généralement prononcé avec un *o* ouvert au pluriel. J'ai aussi entendu prononcer *góstos* (pl. de *gósto*) à des Algarviens.

Nous avons supprimé dans cette liste le mot *avó*, parce qu'il est oxyton. Ce mot fait au pluriel *avós* (*avôš*) pour les deux genres, au féminin singulier *avó* (*avò*). A Bragança, on dit *avò* au masculin et *avò* au féminin. Il y a des personnes qui distinguent *avôs* = aïeux de *avós* = grands-pères.

Si de la liste donnée par M. Ep. Dias on élimine les dérivés *composto*, *imposto*, *preposto*, *supposto* (de *posto*) et même ce dernier, parce qu'il est un participe, ainsi que les composés ou dérivés *abrolho*, *esforço*, *reforço*, *renovo*, nous avons devant nous une quarantaine de vocables, plus ou moins primitifs, qui sont soumis à cette loi dans le dialecte commun.

Nous l'avons déjà dit : il nous semble que l'origine de ce singulier changement se trouve dans les noms latins neutres, qui avaient *-um* au singulier et *-a* au pluriel; c'est donc un cas de réfraction qui s'est étendu à d'autres mots par une fausse analogie. On a formé *tremôcos* de *tremôco* comme on avait formé *fôgos* de *fôgo*, *côrvos* de *côrvo*, par une fausse analogie avec le mot *ôvos* (*ouâ*) de *ôvo* ou *uum*; ou plutôt le thème a un *o* ouvert, qui devient fermé au singulier par l'influence de l'*u* de la terminaison, car dans les mots latins cités l'*o* a dû avoir un son ouvert, comme le prouve l'italien *fôrza*, *côrpo*, *pôrto*, *côrno*, etc.

Il faut remarquer que le mot *espôso* fait au pluriel *espôsos*, mais que le féminin a un *o* fermé dans les deux nombres : *espôsa*, *espôsas*. En italien ce mot est également une exception à la règle des terminaisons *-ôso*, *-ôsa*, car l'*o* y est toujours ouvert (*spôso*, *spôsa*) lorsqu'il est accentué.

Quelques adjectifs paroxytons, dont la voyelle accentuée est un *o* dans une syllabe ouverte, suivent la règle des adjectifs en *-ôso*, *-ôsa*, par ex. *nôvo*; *nôvos*, *nôva*, *nôvas*. D'autres gardent l'*o* fermé partout; ex. *tôdo*; *tôdos*, *tôda*, *tôdas*. Dans ce dernier mot l'*o* est régulièrement fermé, parce qu'il répond à *o* long en latin; dans *nôvo* il est fermé au masculin singulier par l'influence de la voyelle finale; dans les autres formes il garde le son ouvert parce qu'il répond à *o* bref en latin : c'est donc l'inverse des adjectifs en *-ôso*, dans lesquels le changement de voyelle s'opère au pluriel masculin et au féminin des deux genres, puisque l'*o* est long dans ces formes en latin. Les résultats sont cependant identiques.

Les noms paroxytons dont la voyelle accentuée est *e* gardent généralement le son étymologique de l'*e*, c'est-à-dire *ê* pour *ē*, *ÿ* et *i* de syl-

labé fermée en latin, è pour è et e de syllabe fermée; ex. grêgo, grêga; sêcco, sêcca; lêdo, lêda; azêdo, azêda, etc.; bêllo bêlla; cêrto, cêria; fêro, fêra; vêlho, vêlha, etc., parmi les adjectifs; cêra, segrêdo (à côté du mot savant *secrêto*), dêdo, cêlla, frêsta, etc., parmi les substantifs.

On trouve cependant *mêda* de *mêtam*¹, *mêdo* de *mêtum* (castillan *miedo*, régulièrement); *cêgo*, *cêga* de *caecum*, *caecam*, de même qu'en italien *cieco* et en castillan *ciego*, est régulier, puisque l'*ae* en latin vulgaire était traité comme *e* bref.

En général, dans les mots proparoxytons il y a une tendance à prononcer ouvert l'*e* ou l'*o* de la syllabe accentuée, comme en italien, ce qui peut être comparé à la règle des voyelles brèves *a e i o* des proparoxytons en anglais.

La voyelle *e* dans les noms n'est donc pas soumise à l'influence de la voyelle finale, comme il arrive pour *o*. On peut cependant citer les pronoms démonstratifs *êste*, *êsse* et le pronom personnel *êlle*, lesquels, quoiqu'ils ne changent pas au pluriel masculin, font au féminin *êsta*, *êssa*, *êlla*, *aquêlla* dans le dialecte commun. Il est évident que c'est là encore un phénomène de réfraction, puisqu'ils sont dérivés des nominatifs *iste*, *ista*, *ipse*, *ipsa*, *ille*, *illa*, au pluriel *isti*, *istae*, *ipsi*, *ipsae*, *illi*, *illae*, et non pas des accusatifs *istum*, *istam*, *istos*, *istas*, etc.²

VERBES DE LA PREMIÈRE CONJUGAISON (EN -ar).

Dans les verbes de la conjugaison en *-ar*, on constate un changement de la voyelle radicale accentuée, si on les compare aux substantifs de forme identique, changement qui n'est pas aussi évidemment dû à la réfraction.

Toutes les fois que l'*e* ou l'*o* deviennent toniques, ils sont ouverts, tandis que dans les substantifs ou adjectifs à radicaux identiques, ces voyelles sont fermées. Elles gardent le son ouvert quelle que soit d'ailleurs la voyelle finale de la forme verbale, pourvu qu'elles soient accentuées, orales, et qu'elles ne se trouvent pas devant une consonne nasale.

Ce changement de son dans la dernière voyelle radicale est analogue, comme fonction, aux différentes voyelles des mots anglais *bleed*, *blood*, *sing*, *song*, grecs λέγω, λόγος, à l'allongement de l'*e* dans la forme ver-

1. M. Camillo Castello Branco écrit *mêda*, ce qui indique une prononciation différente et régulière (*ê = è*) dans le nord.

2. Dans le Minho, l'*e* des pronoms démonstratifs et personnels reste fermé au féminin, comme en italien; on dit donc: «êlle, êlla, êste, êsta, êsse, êssa, êlles, êllas, êstes, êstas, êsses, êssaç.» Un de mes amis, né à Cabeceiras de Basto, et qui habite Lisbonne depuis trente ans, trahit son origine par ce seul provincialisme, peut-être.

bale *fërme* comparée à l'adjectif *fërme*, ou au déplacement de l'accent dans les ^{verbes} dissyllabes anglais d'origine romane, tels que *to desért*, *to présent*, comparés aux noms *désert*, *présent*. Ce déplacement de l'accent dans les verbes est aussi de règle en portugais et en castillan; beaucoup plus dans le portugais, car tandis qu'en italien on dit *la fábrica*, *egli fábrica*, on prononce en portugais, aussi bien qu'en castillan, *a fábrica*, *elle fábrica*, avec un déplacement de l'accent; tandis que le castillan dit *el principio*, *yo principio*, on dit en portugais *o principio*, *eu principio*.

Je donnerai quelques exemples de ces changements de voyelles.

A côté de l'adjectif *sêcco*, *sêccos*, *sêcca*, *sêccas* (latin *siccum*, etc.) il y a le verbe *sêccár*, dessécher, qui se conjugue de la manière suivante :

sêcco, *sêccas*, *sêcca*, *sêccamos*, *sêccais*, *sêccam*
sêky, *sêkq̄s*, *sêkq̄*, *sêkâmũs*, *sêkâis*, *sêkãũ*.

De ce verbe on forme le nom d'action *sêcca*.

A côté du substantif *ròlo* = rouleau, cylindre, on a les verbes *ròlar*, *enròlar*, qui se conjuguent :

ròlo, *ròlas*, *ròla*, *ròlâmos*, *ròlais*, *ròlam*
enròlo, *enròlas*, *enròla*, *enròlâmos*, *enròlâis*, *enròlam*.

A côté du verbe *encêrrar* = enfermer, qui se conjugue :

encêrro, *encêrras*, *encêrra*, *encêrrâmos*, *encêrrâis*, *encêrram*,

on a le substantif *encêrro*, dont la voyelle tonique *e* est fermée.

A côté des substantifs *cêrco* = cercle, siège, et *cêrca* = cimetière d'église, et de la préposition *à cêrca de* = à l'égard de, on trouve le verbe *cêrcár* = entourer, assiéger, qui se conjugue :

cêrco, *cêrcas*, *cêrca*, *cêrcâmos*, *cêrcâis*, *cêrcam*.

Du substantif *pòrto*, *pòrtos*, on forme le verbe *apòrtár*, dont le présent (1^{re} sing.) est *apòrto*.

A côté du verbe *gêlár*, dont le présent (1^{re} sing.) est *gêlo*, on a le substantif *gêlo* = glace, avec un *e* fermé, quoique l'*e* du substantif latin soit bref, et par conséquent celui de l'italien *gelo* soit ouvert (*gèlo*).

Il en est de même de *cêra* subst., *encêra* verbe; *fòro*, *afòro*; *fòrro*, *fòrro*; *tòrto*, *entòrto*. Ce dernier mot est un exemple frappant de tous ces changements de voyelles :

Adjectif *tòrto*, *tòrtos*, *tòrta*, *tòrtas*;

Verbe dérivé *entòrto*, *entòrtas*, *entòrta*, inf. *entòrtár*, 1^{re} conj.

Verbe primitif *tòrço*, *tòrces*, *torce*, inf. *tòrcêr*, 2^e conj.

Subst. dérivés *rejtòrta*, *tòrtúra*, *tòrmênto*, adj. *tòrmentôso*, verbes *qitòrmentár*, *tòrturár*; subst. composé *tòrcicòllo*.

On peut signaler quelques exceptions à ces lois de l'altération des voyelles *e* ou *o* dans les verbes de la conjugaison en *-ar*.

a) Lorsque l'e ou l'o sont nasalisés, ils gardent, comme partout, le son fermé :

assento, assentas, assenta, assentamos, assentais, assentam
asêty, asêtas, asêta, asêtamyš, asêtâiš, asêtâũ
conto, contas, conta, contâmos, contais, contam
kôto, kôtas, kôta, kõtamyš, kõtâiš, kõtâũ,

lesquels ne se distinguent point des substantifs *assento, conto, conta*.

b) Lorsque les voyelles e o sont immédiatement suivies d'une consonne nasale, elles deviennent également fermées en recevant l'accent tonique :

rêmo, rêmas, rêma, rêmâmos, rêmâis, rêmam

à côté du substantif *rêmo* = aviron.

Mais on fait la distinction lorsque la nasale ne suit pas immédiatement les voyelles e o :

tôrno, tôrnas, tôrna, tórnamos, tórnaîs, tôrnam

à côté de *tôrno, tôrnos* = un tour, des tours ; *rêtôrno* = retour ; *emtôrno* = autour.

Le verbe *tômár* = prendre, a un o ouvert dans toutes les formes où cet o est accentué :

tômo, tômas, tôma, tômâmos, tômâis, tômam.

c) Lorsque la syllabe douteuse contient une diphtongue, *ei* ou *ou* = *âi, ô* :

feiro, feiras, feira, feiramos, feirais, feiram
fâiry, fâirâs, fâira, fâirâmus, fâirâis, fâirâũ

à côté du primitif *feira* (*fâira*) = foire ;

roubo, roubas, rouba, roubamos, roubais, roubam
rôby, rôbâs, rôba, rôbâ'myš, rôbâîs, rô'bâũ

à côté de *roubo* (*rôby*) = vol, rapt. A Lisbonne le peuple prononce *rôbâr, rôbâmos*, etc., avec un o ouvert atone,

Lorsque la dernière syllabe radicale contient la voyelle o suivie de l gutturalisé, cet o est ouvert dans les formes du verbe où il est accentué, fermé lorsqu'il est atone, mais il n'est jamais muet, comme nous avons vu plus haut. Ainsi à côté de l'adjectif *sôlto, sôltos*, il y a le verbe *sôltár*, qui se conjugue au présent de l'indicatif :

sôlto, sôltas, sôlta, sôltâ'mos, sôltâis, sôltam

Le peuple de Lisbonne, cependant, prononce l'o ouvert dans toutes les formes de ce verbe et d'autres analogues, comme *vôltár, môldár*, etc.

d) Lorsque la dernière voyelle radicale o appartient à une syllabe découverte, c'est-à-dire lorsqu'elle est suivie immédiatement de la

voyelle de la flexion, elle garde le son fermé, quand elle est la tonique :
mãgôo, mãgôas, mãgôã, mãgôãmos, mãgôãis, mãgô'am
à côté du substantif *mãgôã*.

e) Lorsque la voyelle douteuse est *e* suivi d'une consonne palatale, cet *e* se prononce *i* lorsqu'il est atone, et toujours *ã*, que nous marquons par *ê*, lorsqu'il est accentué. Ex. *fêcho, fêchar, fêcha*; *grênhã, dêsgrênhãr, dêsgrênhã*; *bãfêjãr, bãfêjã, bãfêjõ*; *espêlho, espêlhãr, espêlhã*. Quelquefois devant *lh* l'*e* reste ouvert quand il est accentué, comme dans *gêlha, grêlha, engêlhãr, grêlhãr*.

Il y a un mode assez connu de dérivation dans les langues romanes, au moyen duquel on forme des substantifs dérivés de verbes, par le retranchement de la terminaison de l'infinitif, laquelle est remplacée en portugais par *ã* pour désigner l'action, et par *o* pour désigner le produit ou le résultat, quelquefois aussi l'instrument. Dans ces substantifs, l'accent recule sur la pénultième.

Lorsque cette pénultième est formée par les voyelles *e* ou *o*, et que ces voyelles ne sont pas suivies immédiatement d'une nasale (et l'*e* aussi d'une palatale), ou qu'elles ne sont pas elles-mêmes des nasales ou des prépositives de diphtongues, *ei*, *ou*, on prononce *ê*, *ô*, lorsque le substantif est féminin, formé par la terminaison *ã*, et désigne l'action, et *ê*, *ô*, lorsqu'il est masculin, formé par la terminaison *o*, et sert à indiquer le résultat, le produit ou l'instrument, quelle que soit d'ailleurs la prononciation de ces voyelles dans le mot primitif d'où dérive le verbe.

Nous donnerons quelques exemples :

Du substantif *ôvo*, pluriel *ôvos*, on forme le verbe *dêsôvãr, dêsôvã*, d'où le substantif d'action *a dêsôvã*. Ce verbe a un *ô* ouvert exceptionnel partout, lors même qu'il est atone. Il en est de même du verbe *emmôlhãr*, dérivé de *môlho* = faisceau.

Du substantif *rôda* = roue, on forme le verbe *rođãr rôđã*, d'où le substantif masculin *rôđo* = râteau, cylindre (voyez plus loin).

Du substantif *cêra* = cire, on forme le verbe *encêrãr, encêrã*, d'où le substantif d'action *a encêrã*.

Du substantif *têrrã* = terre, on forme le verbe *entêrrãr, entêrrã*, d'où le substantif masculin *o entêrrõ*.

Nous avons bien des substantifs terminés par *a* avec des *e* ou des *o* toniques fermés : mais ce sont des mots primitifs, et la qualité de la voyelle dépend de son origine. Les substantifs *cêra, gôttã*, par exemple, ont leur voyelle tonique fermée, parce qu'ils dérivent des mots latins *cera, gutta, u* et *i* des syllabes fermées, et *ẽ, õ* répondant à *ê, ô* en portugais, comme en italien. La seule différence entre ces deux langues consiste en ce que l'italien garde partout la qualité de ses *e* ou *o* accen-

tués, tandis que le portugais ne la conserve qu'à la condition de ne pas troubler les analogies et les lois qu'il s'est créées.

Je présenterai une suite de mots primitifs suivis de leurs dérivés, où ces lois et ces analogies pourront être pleinement analysées.

Adj. *gôrdo*, *gôrda*, verbe *engordár*, *engôrdo*, *engôrda*, substantif d'action *a engôrda*.

Subst. *gôtta*, verbe *esgottár*, *esgôtto*, *esgôtta*, subst. d'action *a esgôtta*, subst. de produit, instrument, *o esgôtto* (on écrit le plus souvent ces mots avec un seul *t*).

Subst. *môlho* = jus, sauce, verbe *molhár* = mouiller, *môlho*, *môlha*, subst. d'action *a môlha*.

Adj. *revôlto*, *revôlta*, verbe *revoltár*, *revôlto*, *revôlta*, subst. d'action *a revôlta*.

Subst. *dôbro*, verbe *dôbrár*, *dôbro*, *dôbra*, subst. d'action *a dôbra*. Ce subst. désigne aussi le produit.

Verbe *rogár*, *rôgo*, *rôga*, subst. *rôgo*, pl. *rôgos*.

Subst. *jôgo*, verbe *jogár*, *jôgo*, *jôga*.

Subst. *fôrro* = doublure, verbe *fôrrár*, *fôrro*, *fôrra*.

Adject. *fôrro* = libre, affranchi, verbe *fôrrár*, *fôrro*, *fôrra*, subst. *a desfôrra* = la revanche, de *desfôrrár*.

Verbe *consolar*, *consôlo*, *consôla*, subst. *o consôlo*.

Adj. *fôrte*, subst. *fôrça*, verbe *confôrta*, *confôrto*, *confôrta*, subst. *confôrto*.

Subst. *fôlha*, verbe *esfolhár*, *esfôlho*, *esfôlha*, subst. *esfôlha*, subst. *um fôlho* = un volant de robe.

Subst. *fôgo*, pl. *fôgos*, verbe *refogár*, *refôgo*, *refôga*.

Subst. *fêrro*, verbe *fêrrár*, *fêrro*, *fêrra*, subst. d'action *fêrra*, subst. *affêrro* = attachement opiniâtre.

Adj. *cêrto*, *cêrta*, verbe *acêrtár*, *acêrta*, *acêrta*, subst. *acêrto* = réussite, bon sens.

Subst. *cêvo*, verbe *çevár*, *cêvo*, *cêva*, subst. *cêva* = engraissement.

Verbe *pêgar*, *pêgo*, *pêga*, subst. *pêga*, subst. *apêgo* = attachement.

Subst. *rêgo* = sillon, verbe *regár* = arroser, *rêgo*, *rêga*, subst. *rêga*.

Adj. *sêcco*, *sêcca*, verbe *sêccar*, *sêcco*, *sêcca*, subst. *sêcca*, la sécheresse, le manque d'eau de pluies.

Verbe *esperár* = espérer, attendre, *espêro*, *espêra*, subst. *espêra* = attente; verbe *desesperár* = désespérer, *desespêro*, *desespêra*, subst. *desespêro* = désespoir.

Verbe *gêlár*, *gêlo*, *gêla*, subst. *gêlo*, *regêlo*.

Subst. *grêlo*, verbe *grêlár*, *grêlo*, *grêla*.

Il faut remarquer que ce sont seulement les substantifs dérivés de verbes qui sont soumis à ces flexions internes. De l'adj. *azêdo*, *azêda* =

acide, âcre, on forme le substantif *azêdas* = oseille, et le verbe *azêdâr*, *azêdo*, *azêda*, dont on pourrait former un substantif d'action, en remplaçant *-dr* par *-g*, et qui serait *azêda*, et non pas *azêda*. On trouve un substantif *azía* (pour *azedía*), acidité d'estomac, qui répond au castillan *acedía*, l'e cependant serait atone, s'il n'avait pas disparu avec le *d* (*azêdía*; *azela*; *azía*).

Il y a dans les langues romanes un autre procédé de dérivation nominale, qui a reçu un grand développement en portugais, et dont la vitalité ne s'y est pas encore éteinte. Ce procédé consiste dans le changement de terminaison de certains substantifs, désignant le plus souvent un objet matériel.

En changeant la terminaison, on change aussi le genre : si le substantif primitif se termine par *a* et est par conséquent féminin, le dérivé deviendra masculin par le changement de cet *a* en *o*. Quelquefois c'est le primitif qui est terminé en *o*, et le dérivé remplace cet *o* par *a* et devient féminin. Ordinairement le vocable formé par ce mode de dérivation désigne un objet qui a une grande ressemblance ou quelque rapport évident de signification avec celui qui est désigné par le substantif primitif. On peut même dire qu'il y a un certain symbolisme dans ce procédé de dérivation nominale : lorsque le primitif est féminin, le dérivé masculin exprime communément un amoindrissement, une atténuation de forme ou de volume ; un dérivé féminin désignera, au contraire, l'expansion, l'élargissement.

Or dans ces mots, qui sont toujours des paroxytons, la voyelle accentuée peut être *e* ou *o*. Lorsque la voyelle accentuée d'un primitif masculin est *ê* ou *ô*, ces voyelles deviennent *è* ou *ò* dans le dérivé féminin. Quand le substantif est féminin, et se termine par conséquent en *a*, les voyelles *è*, *ò* de la pénultième tonique se changent en *ê*, *ô* dans le dérivé masculin.

On peut constater les particularités suivantes :

a) Les pénultièmes nasales, ou qui se trouvent devant des consonnes nasales, et l'*e* devant les palatales, ainsi que les prépositives des diphthongues *ei*, *ou*, ne changent pas.

b) Les voyelles *ê*, *ô* de primitifs féminins se maintiennent, comme de raison, dans ces dérivés masculins.

c) Lorsque d'un nom masculin désignant un animal quelconque on forme le féminin par ce procédé de dérivation, la règle est ordinairement celle des adjectifs en *-ôso*, *-ôsos*, *-ôsas* : *ô* devient *ò*, *ê* reste inaltérable. On trouve cependant bien des exceptions à cette dernière règle : à côté de *pôrco*, *pôrcos*, *pôrca*, on a *rôlo*, *rôlos*, *rôla*, *lôbo*, *lôbos*, *lôba*. Il ne serait pas difficile d'expliquer la différence : *lôbo*, par exemple, venant de *lũ pum*, l'*ô* y est primitif et non pas dû à l'influence de la voyelle finale.

Je ferai suivre ces observations de quelques exemples, choisis parmi les nombreux cas qui se trouvent dans la langue, de cette espèce de dérivation, laquelle, comme nous l'avons dit, a encore assez de vitalité pour produire chaque jour de nouveaux dérivés.

SUBSTANTIFS A VOYELLES INVARIABLES.

Primitifs masculins.

Machado, cognée ;
Çapato, soulier ;

Bico, bec, pointe ;
Rio, fleuve, rivière ;

Lagarto, lézard ;
Rato, souris ;
Carneiro, mouton, bélier ;
Bezêrro, veau ;
Vitêllo, bouvillon ;
Bicho, ver ; bête ; chat ;

Primitifs féminins.

Têta, mamelle ;
Cabêça, tête ;
Bôda, noce ;

Cêstã, corbeille ;
Cortiça, écorce, liège ;
Casca, écorce, pelure, coquille ;
Candeia, lampe ;
Veia, veine ;
Casaca, frac ;
Caldeira, chaudière ;

Dérivés féminins.

machada, hache.
çapata, botte de paysanne ; console pour soutenir une poutre.
bica, tuyau de fontaine.
ria, embouchure d'une rivière, bras de mer.

lagarta, chenille.
rata, rat.
carneira, peau de mouton tannée.
bezêrra, génisse.
vitêlla, génisse.
bicha, sangsue ; couleuvre ; chatte.

Dérivés masculins.

têto, mamelon.
cabêço, monticule.
bôdo, repas donné aux pauvres à l'occasion d'une solennité.

cêsto, panier.
cortiço, ruche d'abeilles.
casco, crâne ; sabot.
candeio, pharillon.
veio, filon ; raie.
casaco, surtout, paletot.
caldeiro, chaudron.

SUBSTANTIFS A VOYELLE VARIABLE.

Primitifs masculins.

ovo, pl. *ovos*, œuf ;
Pôço, puits ;
cachôpo (dialectal), garçon ;
sôgro, beau-père ;
Capêllo, capuchon ;
Sôldo, solidum, paie.

Dérivés féminins.

ôva, œufs de poissons.
pôça, mare d'eau.
cachôpa (dialectal), fille.
sôgra, belle-mère.
capêlla, couronne de fleurs.
sôlda, solidam, soudure.

Primitifs féminins.	Dérivés masculins.
<i>Rôda</i> , roue, tour ;	<i>rôdo</i> , râteau ; cylindre.
<i>Ourêlla</i> , bord ;	<i>ourêllo</i> , lisière d'une étoffe.
<i>Cancèlla</i> , herse ;	<i>cancêllo</i> , porte grillée.
<i>Maçarôca</i> , épi de maïs ;	<i>maçarôco</i> , pain, gâteau cru ; boucle de cheveux laineux.
<i>Carôcha</i> , carabe ;	<i>carôcho</i> (adj.), noir (familier).
<i>Canêlla</i> , tibia ; bobine ;	<i>canêllo</i> , os long.

ACCENTUATION.

L'accentuation des mots portugais à l'état de radicaux est ordinairement la même que celle de toutes les langues néo-latines, le français moderne excepté.

Chaque mot a un accent tonique, qui frappe ordinairement l'avant-dernière syllabe, lorsque la dernière se termine par une voyelle orale seule ou suivie de *s*, et retombe sur la dernière lorsque celle-ci est terminée par une consonne autre que *s* (*l, r, z*), par une diphtongue ou par une voyelle nasale. Les mots qui dérogent à ces lois générales sont relativement peu nombreux.

Toutes les autres syllabes du mot, lorsqu'elles sont ouvertes ou fermées par *s*, ou terminées en *r* avant l'accent, ont leurs voyelles réduites, si ces voyelles sont *a, e, o, u*, qui se prononcent *ɶ, ɛ (i), ʉ*. L'atténuation des voyelles est plus grande après l'accent.

La différence d'acuité entre la voyelle tonique d'un mot et ses voyelles atones est plus considérable en portugais qu'elle n'est en italien ou en castillan, beaucoup plus qu'en français, presque autant qu'en anglais, ce qui est dû sans doute à la réduction qu'éprouvent les voyelles atones.

L'accent de l'avant-dernière syllabe domine la langue : pour arriver à ce résultat, les mots se sont raccourcis comme en français, et en général c'est l'avant-dernière syllabe qui a été sacrifiée dans les vocables latins dactyliques, ex. *combro* de *cumŭlum*, *linde* de *limĭtem* ; bien souvent aussi la dernière, ex. *caco* de *calcŭlum* (cast. *cacho*), *marginem* (ancien et encore aujourd'hui *marge*), de *marginem*.

Cette particularité donne lieu dans le langage actuel à bien des doubles avec ou sans changement de signification, comme c'est le cas en français ; pour les mots cités nous avons les formes suivantes : *cúmulo*, *limite* (sous l'influence du français, car le castillan a *límite*), *cálculo*. De telles formes ne diffèrent des formes françaises que par la permanence de l'accentuation latine, dont la tradition ne s'est jamais perdue en Portugal et en Castille, comme il arriva pour la France et les pays de langue d'oc. En français c'est l'accentuation de la dernière syllabe qui a pré-

valu, et les mots d'origine populaire y sont communément plus courts que dans les autres idiomes néo-latins. L'italien possède et a toujours possédé un plus grand nombre de mots proparoxytons, accentuation pour laquelle on peut dire que cette langue, de même que l'anglais moderne, a une prédilection, comme des mots tels que *cristianésimo*, *fantásima*, etc., avec un *i* intercalaire, le démontrent.

L'accentuation du portugais, de même que celle du castillan et de la langue d'oc, est donc conforme à celle de la grande majorité des idiomes connus.

Lorsque l'avant-dernière syllabe est ouverte et que la dernière est une voyelle, l'accent recule ordinairement sur l'antépénultième. Cela ne contrarie nullement la règle générale, puisque ces voyelles *e i, o u* deviennent respectivement *i, û*, c'est-à-dire des semi-voyelles, en quelque sorte des consonnes; les mots *agua*, *gloria* peuvent donc être regardés comme des dissyllabes, *a-gûa*, *glo-ria*. L'ancien portugais changeait cette sorte de mots en de parfaits dissyllabes, car il disait *âuga*, *grôira*; il ne saurait souffrir des proparoxytons, pas même ceux dont la dernière syllabe serait simplement une voyelle. Cette métathèse est bien connue par le grec littéral et l'ancien français.

La flexion seule dans les verbes était et est encore exceptée.

Hors de la flexion verbale, les proparoxytons appartiennent presque tous à la langue savante, quoiqu'un grand nombre d'entre eux soient depuis longtemps passés dans la langue populaire. Du latin *rigĭdum* la langue populaire a formé *rijo* en supprimant la dernière syllabe; la langue savante a repris le mot latin sous la forme *rigido*, tout à fait comme en français *roide* et *rigide*; la seule différence entre le portugais *rigido* et le français *rigide* est due à ce que la tradition de l'accentuation latine s'est perdue en France.

Aucun mot par lui-même ne peut avoir trois syllabes atones après la syllabe accentuée, pas même dans la flexion verbale, comme il arrive en italien. Les seuls exemples d'une telle accentuation en portugais ne se trouvent que par suite de l'inclinaison des cas obliques des pronoms personnels, lesquels se placent toujours après le verbe dans les propositions principales affirmatives. Ces pronoms sont : *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos*, *o*, *os*, *a*, *as*, lorsqu'ils viennent s'ajouter à des formes verbales paroxytoniques ou proparoxytoniques; ex. *contavam-se-lhe*, *davamos-l'o*, prononcées *kōntávãuselhe*, *dávãmuštũ*. Quatre syllabes atones après la tonique ne sauraient se trouver dans aucune de ces combinaisons phraséologiques en portugais. Elles sont possibles en castillan et en italien : ex. *dábamos-telo*, *portándomivelo*.

Il faut encore avoir égard à ce que les cas obliques des pronoms personnels *o*, *lhe*, *me*, etc., sont tout à fait atones. Jamais un accent secondaire ne vient les faire ressortir dans la phrase.

Lorsqu'on veut ajouter l'emphase à un de ces pronoms régimes, on emploie le prépositionnel, toujours accentué (*mim, ti, si, elle, elles, ella, ellas, nós, vós*), précédé de la préposition *a* à l'accusatif personnel et au datif, ou d'une préposition quelconque quand on veut exprimer une autre relation. Les formes absolues des cas, nous le répétons, sont parfaitement atones; tandis qu'en castillan ces cas des pronoms ont un accent secondaire, lequel dans certains dialectes se change en accent principal¹, ou du moins allonge la voyelle qu'il frappe. Comparez entre elles les phrases suivantes castillanes et portugaises : *decialé, decialē, deciatē*, portugais *diziã lhē; dābatelō, dābatelō, dābatelō*, portugais *dávat'ô*.

Il en est de même pour le rythme des proparoxytons. Dans ces vocables, les deux dernières syllabes sont tout à fait atones; en castillan, au contraire, la dernière syllabe peut avoir un accent secondaire : cast. *tūmuló*, port. *túmulo*².

En castillan on allonge souvent la dernière syllabe atone d'un mot, lorsqu'on parle emphatiquement, ce qui n'a lieu en portugais que bien rarement, par exemple dans les *pregões* de fruits, légumes, poisson, etc., qui se font dans les rues et qui sont à demi chantés : castillan *cásā* ou *cásā*, portugais *cásā*.

Les syllabes qui précèdent la tonique sont toujours atones, à moins que le mot ne soit d'une longueur extrême. Le mot portugais *contribuição* n'a qu'un accent, sur la syllabe *-ção* qui le termine; en anglais le mot correspondant a deux accents, dont le dernier est le principal, *contribution*. C'est là une particularité qui dénonce immédiatement un Anglais qui parle le portugais : il dira toujours *contribuição''*³. Le défaut contraire dénoncera le Portugais lorsqu'il s'exprime en anglais. La manière dont un Anglais prononce nos longs mots est en effet assez caractéristique : le vocable *brincadeira* = badinage, par exemple, se change en deux mots consécutifs, *brim* = toile écrue, *cadreira* = chaise.

Il n'y a en portugais que quatre cas de mots à deux accents :

1° Les mots composés : *trága-málho, pórtā-machādo, quebra-nōzes, quátrocētos*. Plusieurs mots composés n'ont cependant qu'un accent : *ábrólhos, maçãpães, torcicólo*.

2° Les adverbes formés d'adjectifs au moyen de la terminaison *-mente* : *ricamēte, cândidamēte, sêccamēte, tristemēte, felizmēte, gloriósamēte*⁴.

1. V. *Gramática de la lengua castellana por la Academia Española*. Madrid, p. 300-301.

2. *Ibid.*, p. 301.

3. Lorsque, par la longueur du mot ou la difficulté de prononcer plusieurs voyelles atones de suite, on place l'accent secondaire sur quelque syllabe prétonique, le plus souvent sa place est différente de l'anglais; ex. portugais *constituição*, anglais *constitution*, *predisposição* — *pre disposition*, etc.

4. Les grammairiens espagnols regardent l'accent de l'adjectif comme le

N. B. La terminaison *-mente* est un mot indépendant dans la locution adverbiale *de boa mēte* = volontiers, *gern*.

3° Les diminutifs et les augmentatifs formés au moyen de l'infixe *z* placé entre le radical et la terminaison diminutive ou augmentative : *prégozínho*, *mulhérzínha*, *hómemzarrão*'. Ceux qui n'intercalent pas le *z* n'ont, au contraire, qu'un seul accent qui frappe le suffixe, et les syllabes prétoniques suivent la règle d'atténuation des mots primitifs, c'est-à-dire leurs voyelles deviennent réduites; ex. *préguínho*, *mulherínha*, *mulheróna*, *portáo*, *regrínha*.

Cet accent secondaire frappe toujours, comme nous venons de voir, la syllabe du radical qui était affectée de l'accent plein à l'état de primitif, et la voyelle de cette syllabe garde le son qu'elle avait au primitif. Cette règle des deux accents est tout à fait opposée à l'accentuation des langues germaniques, puisque dans celles-ci l'accent principal se maintient ordinairement sur le mot radical, exception faite de quelques suffixes romans en anglais.

Nous avons déjà vu que, dans le nord, les diminutifs ont toujours deux accents : on dit *rôsínha*, *bôttínha*, qui seraient ridicules dans le dialecte commun, où il faut prononcer *rûsínha*, *bytínha*, en suivant la règle des syllabes atones. On dira cependant *rôsazínha*, *bôttazínha*, à cause de l'infixe *z*.

Aucun mot à deux accents ne saurait avoir l'accent principal le premier; celui-ci est toujours le dernier. Ainsi, si l'on veut faire ressortir la première syllabe des verbes *surprehender* et *apprehender*, ce qui n'a lieu que par emphase, on prononcera *sûrprîédêr* î *âpriédêr*, non pas *sûrprîédêr* î *âpriédêr*, et l'a initial gardera le son *q*.

Le quatrième cas de double accentuation se trouve dans les futurs et les conditionnels avec des pronoms régimes infixes, c'est-à-dire placés entre l'infinitif et le présent ou l'imparfait du verbe *haver*, formation bien connue dans les langues romanes.

L'accent secondaire frappe la terminaison de l'infinitif; ex. *contá-lo-hão*'', au lieu de *contarão-o* = ils le raconteront, *recomendá-lo-ia* (pr. *rekyumêddlũiã*) au lieu de *recomendaria-o* = je le recommanderais.

Exception faite de la loi qui détermine que l'accent radical dans les verbes ne peut dépasser la dernière syllabe de ce radical, la flexion respecte en général la quantité de la pénultième latine : c'est-à-dire que les suffixes flexifs restent atones lorsqu'ils sont brefs en latin, et reçoivent

principal dans les adverbies en *-mente*. Selon leur théorie, l'adverbe *pública-mente* se prononce *públicamênt*:. Mon oreille cependant me dit que c'est là tout simplement une théorie : l'accentuation réelle est en espagnol, comme en portugais, *públicamênte*.

l'accent lorsqu'ils y sont longs. Il n'y a que deux exceptions, l'une générale, l'autre populaire, résultant de l'analogie.

A la première et à la seconde personne du pluriel de l'imparfait, l'accent, au lieu d'affecter le suffixe personnel, se conserve, comme en castillan, sur le radical, malgré la longueur de la pénultième latine. Ex. :

<i>amáya,</i>	<i>amávamos,</i>	<i>amáveis</i>
<i>amābam,</i>	<i>amabāmus,</i>	<i>amabātis</i>
<i>devla,</i>	<i>devlamos,</i>	<i>devleis</i>
<i>debēbam,</i>	<i>debebāmus,</i>	<i>debebātis</i>

Par analogie, comme nous venons de dire, le peuple reporte, en général, l'accent sur le radical au présent du subjonctif également, à la première et à la seconde personne du pluriel dans les conjugaisons en *-er* et en *-ir*. Ex. :

<i>dēya,</i>	<i>dēyamos,</i>	au lieu de <i>devāmos</i>
<i>fúja,</i>	<i>fújamos,</i>	— <i>fujāmos.</i>

Ce serait là une faute grave dans le langage cultivé, inadmissible même dans la conversation; elle est cependant assez commune, aussi bien en Espagne que dans le Portugal, et n'est à vrai dire qu'une extension de l'analogie qui a irrémisiblement déplacé l'accent à l'imparfait de l'indicatif dans les deux langues de la péninsule, déplacement qui s'étend aux verbes irréguliers, comme *éramos, vlnhamos, íamos, víamos, éreis, vinheis, íeis, vieis*, etc.

Ce vulgarisme est devenu la règle dans le dialecte mirandais (voy. l'intéressant opuscule récemment publié par M. Leite de Vasconcellos, *O Dialecto Mirandez*, Porto, 1882, p. 21-25, et n. 23). Aux observations qui terminent la monographie du jeune et habile folkloriste, j'ajouterai qu'un autre dialecte, que j'appellerai le « bragançais » (*bragancês*) constitue la transition entre le dialecte général du nord du pays et le mirandais. J'y ai fait allusion plusieurs fois dans cet essai, et avant peu je m'en occuperai avec toute l'étendue que mérite ce *fallar especial*, dont la phonétique si caractéristique s'écarte beaucoup de celle de la langue générale.

Les mots dont la pénultième syllabe est fermée ou naturellement longue (formée par une diphtongue ou une voyelle nasale) ne sauraient être des proparoxytons. Des vocables tels que le grec littéral *μέλοδος*, *μέλιαινα*, *πέρευγα*, ou l'italien *O'tranto* (rare), l'anglais *character, scavenger*, l'allemand *annehmen, arbeiten* ou le russe *úliça* (polonais *ulica*) seraient impossibles en portugais. Les seuls cas de pénultième atone longue, précédée de la tonique, se trouvent dans les verbes suivis des pronoms régimes, par ex. *dávam-t'o, comprávamos-t'o, fizéram-n-o* ou *fizeram-o*, que l'on peut comparer à l'exception déjà citée de mots *bisdruccioli*, dont le second de ces vocables est aussi un exemple.

On trouve assez rarement des mots dérivés ayant trois accents, tels que *misericordiosíssimamente* (*mizɛrikɔɾdjuzɪsimãmẽ'tẽ*) : ce dernier en est toujours le principal.

Dans une combinaison phraséologique de deux ou plusieurs mots, c'est ordinairement le dernier qui porte l'accent principal; ex. *dêste nóvo livro que te dôu, aprenderás o sufficiẽte para entendêres a questãõ*'' de que se tracta.

On voit par cet exemple qu'il peut y avoir en portugais une suite d'ɛ atones, et que l'usage français de supprimer les uns et d'accentuer les autres, ordinairement les impairs, n'est pas observé. Les phrases suivantes ont en français et en portugais un autre mouvement, une accentuation différente : *dé cẽ que jẽ té dis* — *dɔ quẽ te digo, dẽ sẽ tẽ rɛçẽbẽr*. Dans cette dernière, on dira tout au plus *dẽ sẽ tẽ' rɛçẽbẽr*. La période que nous avons citée plus haut se prononcera : *dẽ'stẽ nõvu livru kẽ tẽ dô', aprẽdẽráz u suffisã' tẽ parã itẽdẽ'rezã kistãũ'' dẽ kẽ s trãtu*.

L'ɛ des cas obliques des pronoms personnels et du réflexif *se* est souvent tout à fait supprimé, surtout devant la voyelle ou la consonne du même genre que celle du pronom (sourde ou sonore) qui est l'initiale du verbe auquel ces pronoms appartiennent logiquement; on vient de voir un exemple dans « de que *se tracta* ».

L'accentuation des mots primitifs se règle sur la quantité de la pénultième du mot latin correspondant, et il faut la voir dans les dictionnaires¹. Ordinairement on ne marque l'accent que sur les vocables qui pourraient se confondre avec d'autres vocables dont l'orthographe est identique, mais dont la prononciation est différente. On marque encore l'accent sur tout mot finissant par *ã, ê, é, ò, ô u*, dans une syllabe ouverte ou fermée par *s*, lors même que de tels mots sont des monosyllabes, par ex. *chá, pé, sé, sê, só, avô, avò, cajú*. L'*i* et l'*u* accentués, quelle que soit la place

1. On peut aussi consulter sur cette matière, comme sur bien d'autres sujets se rapportant à la langue portugaise usuelle, et avec une grande utilité, la *Nouvelle Méthode pour apprendre la langue portugaise, composée d'après les principes de F. Ahn*, par F. de Lencastre. Leipzig, chez F. A. Brockhaus, 1883, 4 livraisons.

M. de Lencastre a fait preuve d'une grande sagacité et d'un esprit sérieux dans la rédaction de son petit traité; pour la mise en œuvre, il s'est surtout réglé sur la *Grammaire complète de la langue anglaise*, par Charles Græser, Leipzig, Brockhaus, 1878. Comme dans celle-ci, la prononciation des mots est presque partout indiquée au moyen de signes purement conventionnels, généralement d'une grande clarté. Je souhaite et j'espère, cependant, que dans une autre édition de son excellente *Méthode*, l'auteur adopte une notation plus conforme aux principes de la transcription scientifique; son ouvrage n'en acquerra qu'une plus grande utilité; plusieurs observations importantes, en effet, courent le risque de n'être pas assez bien comprises, à cause de la notation contradictoire dont M. Græser lui a donné l'exemple.

qu'ils occupent dans le mot, sont rarement marqués de l'accent, lequel, selon l'usage le plus général, est en tous cas l'aigu ', parce qu'il n'y a qu'une seule espèce d'*i* et d'*u*. L'*i* surtout n'est presque jamais accentué.

Les mots terminés en *z*, qui sont toujours des oxytons, ne sont pas marqués de l'accent, quelle que soit la voyelle qui précède le *z*. Ex. *rapaz*, *marquez*, *nariz*, *arroz*, *alcaçuz*, prononcés *rapás*, *markés*, *narís*, *arrós*, *alcçús*. Le plus souvent *e* et *o* devant ce *z* ont le son fermé *ê*, *ô*.

Les mots terminés en *el*, *ol* sont presque tous des oxytons, et les voyelles *e*, *o* sont ouvertes (*ê*, *ô*) dans ces vocables.

Les mots en *ôr* ont toujours l'accent sur cette syllabe qui se prononce avec *o* fermé (latin *-ōrem*), à l'exception peut-être unique des mots *côr* (latin *cor* — *cordis*) employé dans la phrase *de côr* = par cœur, *môr* (contraction de *maïôr*), *maïôr* et *pêôr*, *menôr*.

Il n'y a que de très rares mots latins en *-or*, employés en portugais sans accommodation, qui gardent l'accent sur la pénultième; ils ont par conséquent l'*o* de la dernière syllabe ouvert; ex. *sôrôr* (écrit *soror*), sœur, religieuse.

Les mots en *ol* ont, à peu d'exceptions près, toujours l'accent sur la dernière syllabe, et l'*o* y est toujours ouvert, par ex. *arreból*, *çaçacól*, l'ancien *frôl* (du latin *flor em*, par le changement de la liquide *l* en *r* et par dissimilation du *r* final en *l*, non pas, comme les étymologistes portugais le prétendaient, par métathèse¹⁾); la forme *flôr* a prévalu; elle doit être, cependant, d'origine savante: l'ancienne forme est *frôl*.

Les pluriels des mots en *-ol*, *al*, *ul* sont formés au moyen des diphthongues *oes*, *aes*, *ues* (pr. *ôís*, *âís*, *uís*) par la chute de *l* médial, et c'est pour cela que l'*ô* a le son ouvert, et qu'on en écrit la subjonctive par *e* au lieu de *î*. Ainsi nous avons *rôes* de *rôl*, le nom de famille *Frôes*, pluriel de l'ancien *frôl* = *flôr*, qui a donné lui-même le nom de famille *Flôres*.

Les adjectifs terminés en *vel* sont cependant des paroxytons, et l'*e*, également ouvert au singulier, devient *êís* au pluriel (*eis* = *ees* = *eles*). Ex. *amávêl*, *temívêl*, au pluriel *amávêís*, *temívêís*. Lorsque la terminaison *el* est, au contraire, accentuée, la diphtongue *ei* du pluriel est ouverte. Ex. *painêl*, *docêl*, au pluriel *painêís*, *docêís*.

Presque tous les adjectifs et tous les substantifs en *il* sont des oxytons; ex. *subtil* (*suítíl*), *fynil*, au pluriel *subtís*, *funís*. Les adjectifs *facil*, *util*, *difficil*, *inconsutil* et quelques autres encore sont des paroxytons; au pluriel *-il* se change donc en *-êís* (*eis* = *iles*), *faceis*, *uteis*, *difficeis*, *inconsuteis*, prononcés *façêís*, *útêís*, *defiçêís*, *ikôsútêís*; le peuple prononce

1. La preuve, c'est que le mot *frol* se trouve en prose dans les anciens écrivains, et dans le vers hors de la rime.

jacèl, útèl, defisèl par une fausse analogie avec les adjectifs en *-avel, -ivél*. Les pluriels de ces adjectifs deviennent alors *facèis, útèis, dif-
ficèis*.

Les substantifs en *-êr*, à peu d'exceptions près et encore celles-ci d'origine savante, ont l'accent sur la dernière syllabe; ex. *mulhêr* (le latin vulgaire disait *muliêrem*). Le mot *charâcter* fait au pluriel *charac-
têres*. On ne marque pas ordinairement l'accent, pas même lorsqu'il frappe l'avant-dernière syllabe de ces mots.

Les mots en *-êr* (des infinitifs de verbes de la 2^e conjugaison) ont toujours l'accent sur cette syllabe, lors même qu'ils sont dérivés de verbes en *-êre* latins; ex. *fazêr, dizêr, cozêr*. En effet, la conjugaison en *-êre* n'a laissé aucun vestige dans le portugais ou le castillan; à peine si l'on peut supposer qu'à l'origine le verbe *poer* (*poner*, actuellement *pôr*) ait eu l'accent sur la syllabe *po*, puisque la contraction de *o + êr* tonique en *ô* n'a peut-être pas d'exemple dans la langue. Les verbes de la 3^e conjugaison latine se sont répartis entre la conjugaison en *-êr* (*êre*) et celle en *-ir*, bien souvent d'une manière différente dans les deux langues; ex. *cadêre*, port. *caír*, castill. *caer*; *dicere*, port. *dizer*, castill. *decir*, ou dans deux périodes de la même langue. Plusieurs de ces verbes suivaient anciennement une conjugaison différente et qui s'accorde souvent avec celle choisie par le castillan¹. Il semble que le verbe *caír* est encore aujourd'hui *caêr* à Goa; du moins je l'ai entendu prononcer ainsi à des gens de Goa, dont le portugais a depuis longtemps remplacé leur langue naturelle, le concani.

Je terminerai cet essai en faisant remarquer que la prononciation classique du latin dans nos écoles entre pour beaucoup dans la valeur que l'on donne aux voyelles dans les mots que l'on emprunte chaque jour à cette langue. Le latin est prononcé chez nous à peu près comme le portugais; nous pouvons cependant signaler les exceptions suivantes.

1. V. Milá y Fontanals, *Los Trovadores en España*, p. 456; Diez, *op. cit.* pass., et surtout F. Adolpho Coelho, *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*, Lisboa, 1871, p. 64-66. Le choix arbitraire de l'une des deux conjugaisons latines *-êre* ou *-ire* pour les verbes dérivés des verbes latins en *-êre* me semble être parfaitement expliqué, du moins en espagnol et en portugais, par la perte absolue de cette conjugaison. Il est à désirer que le savant romaniste portugais fasse une seconde édition de son remarquable ouvrage, et qu'il y étudie la question intéressante du rôle des voyelles dans la conjugaison portugaise. Cette question offre des problèmes intéressants et assez difficiles à résoudre. En voici un. Tous les verbes réguliers ont le futur du subjonctif égal à l'infinitif, et l'imparfait de ce mode est en apparence formé en remplaçant le *r* de l'infinitif par *sse*. Exemples :

<i>amâr</i> , futur sub.	<i>amâr</i> , prêt. subj.	<i>amâsse</i>
<i>cedêr</i> ,	<i>cedêr</i> ,	<i>cedêsse</i>
<i>partir</i> ,	<i>partir</i> ,	<i>partisse</i> .

Mais presque tous les verbes dits irréguliers, y compris la grande majorité

Les voyelles *e*, *o* ont toujours le son ouvert lorsqu'elles sont toniques

des verbes monosyllabes, se comportent bien autrement. Dans ces verbes, quelle que soit d'ailleurs leur conjugaison, le futur du subjonctif est presque toujours différent de l'infinitif, et il est formé quelques verbes, surtout monosyllabes, exceptés, par le suffixe *-er* avec un *e* ouvert; et le prétérit du subjonctif est formé par le suffixe *-sse* précédé de la même voyelle qu'a le futur de ce mode, c'est-à-dire le plus souvent *è*. En outre l'*e* de la terminaison de la 1^{re} personne pl. du prétérit de l'indicatif est ouvert, tandis que dans la seconde conjugaison régulière il est fermé. Pour le futur et le prétérit du subjonctif, la voyelle radicale est généralement la même que celle de la 1^{re} personne du singulier du prétérit de l'indicatif. Exemples :

Seconde conjugaison régulière.				
Infinitif.	Parfait sing.	Parfait pl.	Prétérit. subj.	Futur subj.
<i>dever</i>	<i>devi</i>	<i>devêmos</i>	<i>devêsse</i>	<i>dever</i>
<i>querer</i>	<i>quiz</i>	<i>quizêmos</i>	<i>quizêsse</i>	<i>quizer</i>
<i>fazer</i>	<i>fiz</i>	<i>fizêmos</i>	<i>fizêsse</i>	<i>fizer</i>
<i>trazer</i>	<i>trouxe</i>	<i>trouxêmos</i>	<i>trouxeisse</i>	<i>trouxêr</i>
<i>dizer</i>	<i>disse</i>	<i>dissêmos</i>	<i>dissêsse</i>	<i>disêr</i>
<i>podêr</i>	<i>pude</i>	<i>pydêmos</i>	<i>pydesse</i>	<i>pydêr</i>
<i>havêr</i>	<i>houve</i>	<i>houvêmos</i>	<i>houvêsse</i>	<i>houvêr</i>
<i>Cabêr</i>	<i>côube</i>	<i>coubêmos</i>	<i>coubêsse</i>	<i>coubêr</i>
<i>Pôr</i>	<i>puz</i>	<i>puzêmos</i>	<i>puzêsse</i>	<i>puzêr</i>
<i>têr</i>	<i>tive</i>	<i>tivêmos</i>	<i>tivêsse</i>	<i>tivêr</i>
<i>Vir</i>	<i>vim</i>	<i>viêmos</i>	<i>viêsse</i>	<i>viêr</i>
<i>ir</i>	<i>fui</i>	<i>fômos</i>	<i>fôsse</i>	<i>fôr</i>
<i>sêr</i>	<i>fui</i>	<i>fômos</i>	<i>fôsse</i>	<i>fôr</i>
<i>vêr</i>	<i>vi</i>	<i>vimos</i>	<i>visse</i>	<i>vir</i>
<i>dar</i>	<i>dei</i>	<i>dêmos</i>	<i>dêsse</i>	<i>dêr</i>

Comme on voit, ces verbes appartiennent généralement à la conjugaison en *-êr* et ils ont tous la 1^{re} p. pl. du parf. ind. en *-êmos*, le prétérit subj. en *-êsse* et le futur de ce mode en *-êr*, tandis que les verbes de la 2^o conj. régulière ont un *é* fermé dans toutes ces formes. Quelle est donc la cause de ce changement? Il est évident que l'origine de ce suffixe *-esse* exigerait un *e* fermé, et cependant dans le verbe *vir*, où nous le trouvons indépendant, *viêsse*, il a un *e* ouvert. Dans les conjugaisons régulières le suffixe se trouve réduit à *-sse*, et la voyelle qui le précède est toujours celle de l'infinitif du verbe, *amâ-sse*, *devê-sse*, *fugi-sse* : dans les verbes irréguliers que nous venons d'examiner, cependant, le suffixe paraît être *-êsse*, à l'exception des formes *fôsse* et *visse*, où la voyelle est disparue. On peut en dire autant des suffixes *-êmos* et *-êr* du prétérit ind. et du futur subj.

Dans un petit traité de la langue portugaise (*Compendio de Litteratura Nacional — I — A lingua portugueza*), publié l'année dernière à Porto, et qui est d'ailleurs un livre bien fait, l'auteur, M. F. Adolpho Coelho, consacre une petite note, à peine, aux voyelles portugaises dans des mots identiques en ce qui concerne l'orthographe, mais dont la voyelle tonique a différentes valeurs. Ce sujet méritait sans doute, de la part du savant romaniste, quelque chose de plus détaillé, et surtout de plus précis. Il est vraiment dommage que l'éminent professeur n'ait pas cru nécessaire de donner à la phonétique une place plus importante dans son récent ouvrage, si remarquable sur plusieurs points, et qui sera longtemps consulté avec un avantage réel.

Décidément, il y a encore beaucoup à étudier en ce qui regarde les voyelles des langues néo latines, et le portugais est certainement l'un des dialectes les plus instructifs sous ce rapport, comme sous bien d'autres. Cet essai n'a d'autre but que d'éveiller la curiosité des romanistes et d'appeler leur attention sur l'intéressante phonologie de cet idiome, encore si incomplètement étudiée jusqu'à ce jour, malgré les précieux travaux de Diez, de F. Adolpho Coelho et d'autres romanistes.

et qu'elles ne sont pas suivies d'une nasale fermant la syllabe ou suivie elle-même de *a*, *o*, *u*. C'est à cause de cette prononciation conventionnelle du latin que des mots tels que *tela*, *forma* ont la voyelle tonique ouverte en portugais, tandis que dans les mots populaires *têia*, *fôrma* (moule), l'*e* et l'*o* sont fermés comme dans l'italien *tela*, *forma*. C'est aussi cette prononciation conventionnelle qui, vraisemblablement, a fait donner la préférence au son ouvert de ces voyelles dans les proparoxytons, tels que *rêplica*, *històrico*, etc. *E* et *o* ont de même le son ouvert à la fin des mots, et l'on prononce donc en latin *pàrcè*, *fòrò*. Ce dernier mot se trouve représenté en portugais par deux vocables, *fôro* et *fóro* ou *forum*.

Cette prononciation ouverte de l'*e* et de l'*o* final n'est employée en portugais que dans les mots qui n'ont pas subi d'accommodation orthographique, par exemple *francò-prussiano*, *anglò-luso*, *minimè*, *rétrò*.

Les voyelles *e* et *o* ont encore le son ouvert devant l'accent dans les syllabes fermées par quelque consonne que ce soit, excepté *s*, et ces consonnes sont toujours prononcées; ainsi on dit en latin *actòrem*, *infectiònem*, *sèptem*, *nòctúrnum*, quoiqu'on prononce en portugais *átò'r*, *ífèsãũ*, *sètç*, *notúrno* (aussi *nòtúrno*).

Les *i* et les *u* ne sont jamais réduits, lors même qu'ils appartiennent à des désinences: entre le mot latin *sèrvuš* et le mot portugais *sèrvòš*, la différence consiste en ce que l'*u* de *servus* est plénisonant. L'accusatif pluriel latin se prononce *sèrvòš*.

La voyelle *a* suit les analogies du portugais.

La consonne *t* se prononce *d* à la fin des mots: le mot *fiat* se prononce donc *fiãd*. Devant *i* et une autre voyelle, il se prononce *c* comme en français; on le change toutefois en *c* lorsque le mot latin est employé en portugais.

On ne fait aucune différence entre une consonne double et une consonne simple; les seules exceptions sont *r* et *rr*, *s* et *ss*, car le *rr* est vibrant, et le *s* médial devient sonore comme en français.

J'indiquerai la prononciation que l'on donne à quelques combinaisons de lettres en latin: *ae* — *e*; *oe* — *e*; *ai* — *ãi*; *ei* — *ãi*; *ui* — *ui*; *au* — *ãũ*; *eu* — *êũ*; *eũ* — *êũ*; *y* — *i*; *am* — *ãũ*; *em* — *êũ*; *eum* — *êũ*; *im* — *ĩ*; *um* — *ũ*; *an* — *ãn*; *en* — *ẽn*; *in* — *in*; *on* — *õn*; *un* — *un*.

Les consonnes se prononcent généralement comme en portugais; *x* cependant a la valeur de *ks* après l'accent, et celle de *iz* devant la syllabe accentuée; à la fin des mots il sonne *ks*, qui devient *kçz* devant la voyelle initiale du mot suivant. *Qu gu* se prononcent *kũ*, *gũ* devant toutes les voyelles, excepté *u*; devant cette dernière la subjonctive *u* est nulle. La consonne *s* suivie d'un repos ou d'une consonne sourde a la valeur

de *ś*; devant une consonne sonore elle devient *ž*, et devant une voyelle *z*, même d'un mot à l'autre : elle suit donc entièrement l'analogie de la prononciation portugaise. On ne fait aucune distinction entre les longues et les brèves, si ce n'est dans la pénultième syllabe des polysyllabes pour déterminer la place de l'accent.

La prononciation du grec dans les écoles se règle sur celle du latin, avec les exceptions suivantes : χ et γ devant des voyelles palatales se prononcent comme *qu* et *gu* avec un *u* muet en portugais, c'est-à-dire comme *ch* et *gh* en italien ; $\zeta = z$; $\chi = k$; $\theta = t$; $\varphi = f$; τ toujours comme *t* ; σ devant une voyelle = *s* ; devant une consonne ou un repos = *ś*, *ž* ; ς suit l'analogie de *s* portugais final ; $\rho = r$; $\rho\rho$, $\rho\rho\rho = rr$; ϵ , $\eta = \dot{e}$; \omicron , $\omega = \dot{o}$; $\upsilon = u$ français ou *u* portugais ; comme subjonctive de diphtongue = *á* ; $\omicron\upsilon = \delta u$; $\epsilon\iota$, $\eta\iota = \dot{a}i$; $\omicron\iota$, $\omega\iota = \dot{o}i$ devant une voyelle, = *ôi* devant une consonne ; μ et ν (γ) n'indiquent la nasalisation de la voyelle qui les précède que lorsqu'ils sont suivis d'une consonne ; α , ι suivent l'analogie de l'*a* et de l'*i* portugais ; les esprits n'ont aucune valeur. L'accentuation se règle sur la quantité de la pénultième ; on ne tient aucun compte des accents.—Il faut cependant remarquer que cette prononciation du grec littéral subit des altérations selon l'opinion de chacun, et l'on peut même constater une réaction salutaire contre toutes ces absurdités ; celle du latin est peut-être irrémisiblement fixée, la connaissance de cette langue étant incomparablement plus générale que celle du grec. La prononciation des noms propres grecs employés en portugais, ainsi que celle des mots scientifiques empruntés à cette langue, se conforme à l'analogie des noms latins selon la prononciation conventionnelle des écoles, qui résulte de la transcription latine des mots grecs. On peut toutefois signaler l'accentuation de certains mots en *-ia* comme étant due à une manière différente de lire le grec ; on prononce par exemple *philosophía* ($\varphi\iota\lambda\omicron\sigma\sigma\varphi\acute{\alpha}$) et non pas *philosóphia* ; on dit *academia* ($\acute{\alpha}\kappa\alpha\delta\eta\mu\acute{\iota}\alpha$) et non pas *académia* comme le font les Espagnols ou les Italiens.

Pour les noms hébreux on met en général l'accent sur la dernière syllabe lorsqu'ils se terminent par des consonnes ou des diphtongues et sur la pénultième lorsqu'ils se terminent par une voyelle. (Voy. passim le *Nomenclator*, à la suite de l'ouvrage du professeur Consiglieri Pedroso, *Compendio de Historia Universal*, Porto, sans date.)

Nous le répétons, la prononciation des mots d'origine savante dépend beaucoup de la prononciation artificielle du latin ; elle s'écarte donc sur plusieurs points de l'analogie des mots d'origine populaire.

Exposição da pronúncia normal portuguesa

para uso de

nacionais e estrangeiros

ERRATAS

Pag.	Linh.	Onde se lê	Lê-se
6	15	ancipites, ciciadas :	ancipites, ciciadas
23	36	padiola ;	padiola,
26	9	sóbria	sobria
32	22	arabe.	árabe.
37	1	l.	ĩ.
42	24	conhecidas, w :	conhecidas : w,
42	26	o . inicial	o ð inicial
46	42	aínda ; (ð)	aínda (ð)
64	32	semelhantemente	semelhantemente,
65	42	construe,	construc
76	24	sýmbolo ï,	sýmbolo ï

Á bibliographia indicada a p. 1-2 devemos acrescentar :

Paul Passy : *Les sons du français*, 1892 : livrinho de aspecto modesto, mas de subido valor, e que deve estar nas mãos de todos os professores de francêes.

Johan Storm : *Englische Philologie. Anleitung zum wissenschaftlichen Studium der Englischen Sprache. I. Die lebende Sprache. I Abtheilung : Phonetik und Aussprache*. 1892.

É a Parte 1 da 3.^a edição (2.^a allemã) do livro citado a p. 2. Mal o pudemos percorrer por emquanto ; examinámo-lo comtudo já o sufficiente para reconhecermos que é digno do abalisado professor de philologia românica e inglesa na Universidade de Christiania.

Escrepto em allemão, está assim mais ao alcance dos estudiosos; é de sentir, porém, que o illustre glossólogo o não tivesse de preferencia editado em franceés, para que o conhecimento e aprêço delle se diffundissem ainda mais, tam manifesta é a sua utilidade, e tamanho o seu merecimento.

Folgamos em ver que o competentíssimo phoneticista (p. 70) tem agora por bôa a distincção que fizemos entre o *s* normal e o *s* (*ʃ*) castelhano, objecto sôbre o qual tivemos larga discussão em 1889, fallando ambos em hispanhol, idioma em que se expressa com muita facilidade.

Acêrea das vogaes nasacs portuguezas seguidas de consoante explosiva (p. 64), confessei já que não tinha eu razão. Leia-se neste opúsculo o que digo a p. 52-53: *canta* é effectivamente *cãntg*, e não *cãtg*; já o reconhecera no *Maitre Phonétique*, 1892, p. 54.

Repetimos: o livro, tal qual se apresenta, é o mais completo e perfeito tratado de phonética applicada de que temos noticia, e certissimamente aquelle cuja leitura é mais agradável e instructiva, mesmo para os que o consultem por mera curiosidade. A grande copia de observações pessoacs e autorizadas dá-lhe um realce, que é raro encontrar em trabalhos desta natureza. Com muito encarecimento pois o recommendamos a todos os que sôbre este objecto queiram ampla informação, dada num estilo ameníssimo e pittoresco. Anciosamente esperamos o seguimento de publicacção tam valiosa, não só para o conhecimento em especial do inglêz, mas igualmente para o estudo da glossologia em geral.

PARTE I

NOÇÕES PRELIMINARES

Nomenclatura

1. Para melhor intelligencia do que vae ser exposto, julgamos não serem descabidas aqui algumas generalidades sôbre a phonética ou theoria dos sons da falla humana, mormente porque não há, que nós conheçamos, em portugûes mais que um escrito que trate della com certo desenvolvimento, e êsse, em razão do exiguo número de exemplares que foram dados á estampa, nunea pôde chegar ás mãos do público, nem jamais foi exposto á venda, sendo boje impossivel adquiri-lo. Refiro-me á *Evolução da Linguagem*¹ do douto e competentíssimo philólogo e romanista José Leite de Vasconcellos, á qual remetto o leitor para elucidação da constituição anatómica do apparelho da falla, transcrevendo aqui essa descrição, doutrina que também se pode ver em qualquer tratado de anatomia, e, entre outras, nas seguintes publicações especiaes, muito recommendáveis :

Chavée : *Enseignement scientifique de la lecture.*

Alexander Melville Bell : *Popular Manual of Vocal Physiology.*
R. Lepsius : *Standard Alphabet*, 1863.

E. Brücke : *Grundzüge der Physiologie und Systematik der Sprachlaute*, 1876.

Eduard Sievers : *Grundzüge der Lautphysiologie*, 1876.

H. Sweet : *Handbook of Phonetics*, 1877.

¹ ... Ensaio anthropologico (apresentado á Eschola Medica do Porto) como dissertação inaugural. Porto, Typographia Occidental, 1886.

Johann Storm: *Engelsk Filologi*, 1879. *Omrids af Fonetik*, in *Norvegia I*.

J. A. Lyttkens och O. A. Wulff: *Svenska Språkets Ljudlära och Beteckningslära*, 1885.

Wilhelm Viector: *Elemente der Phonetik und Orthoepie des Deutschen, Englischen und Französischen*, 1887.

J. A. Lundell: *Det Svenska Landsmålfabetet*.

Beyer: *Französische Phonetik für Lehrer und Studierende*, 1888.

P. Passy: *Étude sur les changements phonétiques et leurs caractères généraux*, 1890.

Beyer und Passy: *Das gesprochene Französische*, 1893. 2ter Teil.

«O aparelho phonador no homem compõe-se das seguintes partes: a *larynge*, continuação natural da tracheia, que por seu turno communica com os pulmões por meio dos bronchios; a *pharynge*, que se relaciona com a parte superior da larynge; as *fossas nasales* e a *bôca*, que estão em correspondencia directa com a pharynge. Não posso aqui fazer uma descripção minuciosa de todas estas partes; por isso deter-me hei apenas um momento com a larynge, reservando-me para fallar dos outros órgãos mais tarde, quando isso me fôr necessario.

Nota-se na larynge um esqueleto, um revestimento e uma cavidade. O esqueleto é constituído fundamentalmente pelas seguintes cartilagens: *tyroideia*, — ou simplesmente *tyroide* ou *cartilagem scutiforme*, como lhe chamavão os antigos médicos portuguezes —, ímpar, que representa a parede anterior do órgão; *arytenoideia*, porque, com as cartilagens accessorias (de Santorini e de Wrisberg), concorre para formar a parede posterior; *cricoideia*, — ou simplesmente *cricoide* ou *cartilagem anular*, ímpar, que não passa de um simples anel modificado da tracheia, e serve de base á larynge; accresce ainda a *fibro-cartilagem sesamoideia* (pouco constante) e a *epiglote* ou *opérculo*. — O revestimento é composto de ligamentos, músculos, mucosa, vasos e nervos. Interessa-me agora só fallar de músculos: elles servem para fazer mover a larynge na sua totalidade (músculos extrínsecos) e para actuar directa ou indirectamente na parte vibrante do órgão (músculos intrínsecos). — Costuma-se dividir a cavidade laryngea em duas secundarias, tomando como ponto de partida a *glotte*: cavidade *supra-glóttica* e cavidade *infra-glóttica*. A *glotte*, a parte mais importante de todo o aparelho phonador, é uma estreita abertura, limitada adiante pelas *cordas vocales inferiores* (*glotte vocal* ou *ligamentosa*), e atrás pela face interna das cartilagens arytenoideias (*glotte respiratoria* ou *cartilaginea*); representa um triângulo de vértice anterior, mas pode tomar muitas formas, pois se alonga na occasião do repouso e durante a producção dos sons graves, e se estreita durante a producção dos sons agudos,

e em geral na phonação. O diametro ántero-posterior no homem regula por 20—24 millim.; na mulher por 16—18. Este facto tem importancia para a apreciação da physiologia da voz nos dois sexos. As cordas vocaes inferiores, em número de duas, uma de cada lado, não são, como á primeira vista parece, verdadeiras cordas, mas simples relevos da superficie interna da larynge, constituídos pelo músculo thyro-arytenoideu interno, pelo ligamento thyro-arytenoideu inferior, e pela mucosa.—Na cavidade supra-glóttica, em que podemos incluír o orificio de communicação da larynge eom a pharynge, distingue-se ainda: o *vestíbulo da larynge*, que vae desde aquelle orificio até ás cordas vocaes superiores; e a *porção inter-ventricular*, que vac desde aquellas cordas até ás inferiores. As cordas vocaes superiores, também em número de duas, uma para cada lado, são formadas por uma prega da mucosa e pelo ligamento thyro-arytenoideu, e inserem-se anteriormente no ángulo da cartilagem thyroideia, três millimetros acima das *cordas vocaes inferiores*, e posteriormente na faec anterior da arytenoideia. Ao lado da glotte, entre as duas cordas superior e inferior, do mesmo lado, há um fundo de sacco chamado *ventrículo da larynge* ou de *Morgagni*, que como que faz destaear as cordas vocaes inferiores, e permite assim que ellas vibrem.—A eavidade infra-glóttica continúa-se insensivelmente com a tracheia.”

2. Os sons da falla humana são produzidos por um de dois modos: 1.º *Expiração*, 2.º *Inspiração*, do ar.

Êstes elementos ou sons denominam-se *phonemas*, quando preferidos, e *letras* quando representados pela escrita. Assim letra é o símbolo gráfico que expressa para a vista um elemento da falla humana, um sóido della, um *phonema*.

3. Todos os sons se subordinam a um de dois systemas: 1.º *Vogaes*, 2.º *Consoantes*.

No primeiro systema de sons, os elementos, *Vogaes*, são produzidos por expiração e mediante disposição dos órgãos da falla, sem contacto delles, ou fricção do ar na sua passagem: *a, i, u*. No segundo systema, *Consoantes*, o *phonema* é produzido, ou pela fricção do ar, eonstrangido a passar pelo canal formado por dois órgãos factores do som, e êsses *phonemas* são então chamados *Consoantes continuas*: *f, v, s, z, x, j*; ou pela expulsão do ar após a separação súbita de dois órgãos factores, entre os quaes se havia estabelecido preclusão, ou contacto previo, e neste caso os *phonemas* denominam-se *Consoantes dividuas* ou *momentaneas*: *p, b, t, d, k, g*.

Os *phonemas* que podem ser considerados como *vogaes* ou como *consoantes* appellidam-se *semivogaes*: *i, u*.

4. O contacto dos dois órgãos factores pode ser perfeito, como nas dividuas, ou imperfecto. Neste último caso, o de contacto imperfecto, podem ainda os órgãos factores interceptar completamente a passagem do ar em um ponto, e deixarem-na livre em outro; ou pode o ar ser interceptado por dois órgãos factores em um ponto, e ter passagem livre em outro diverso do contacto desses órgãos. No primeiro caso temos as consoantes ancípites: *l*, *l*[*h*], *r*, *r̄*; no segundo as rssonantes ou nasaes: *m*, *n*, *n*[*h*], *ɲ*. Ambas estas classes pertencem á categoria das Continuas, ou porque a passagem do ar não é de todo vedada pelos órgãos factores, e a consoante é emitida durante o contacto parcial, como nas ancípites; ou porque, no momento da separação súbita dos dois órgãos factores, já o ar adquiriu resonancia nas fossas nasaes, e começou a ser expellido antes da separação desses órgãos, como nas consoantes nasaes.

5. As Continuas, nas quaes a passagem do ar é ininterrupta, e portanto o sibile por elle produzido é homogeneo e sensível ao ouvido, podendo prolongar-se indefinidamente, chamam-se Fricativas e Sibilantes: *v*, *f*, *x*, *j*; *s*, *z*.

6. As ancípites e até as explosivas sonoras, quando são assibiladas, isto é, quando na sua emissão há uma fricção, ainda que tenue, do ar nas paredes formadas pelos órgãos factores, são por isso uma casta de fricativas: *b*, *d*, de cabo, medo; o *r̄* inicial em contacto com fricativa, *r̄* de Israel.

7. O limite entre vogal e consoante, comquanto estabelecido pelas semivogaes, não é completamente definido. Assim, a vogal extrema de serie, *i*, *u*, é o primeiro termo de progressão de apêto dos órgãos factores, cujo termo derradeiro são as momentaneas da sua serie: *u*, *ú*, *v*, *ũ*, *l*, *p*.

8. Estas progressões chamam-se series primarias. Dellas há três: 1.^a Faucaal, que tem origem na glotte e termina no ponto de contacto entre o ápice da lingua e os gumes dos dentes incisivos superiores; 2.^a Palatal, comprehendida entre o extremo posterior do palato duro (céu-da-boca) e a depressão que o separa das gengivas dos incisivos superiores; 3.^a Labial, que vem da glotte aos labios.

9. O limite entre vogal e consoante não é perfeitamente definido: as quatro Categorias primarias, 1.^a Vogaes, 2.^a Semivogaes, 3.^a Continuas, 4.^a Momentaneas, ou Dividuas, vão-se succedendo gradualmente em cada serie.

10. Com fundamento ainda no maior ou menor apartamento dos órgãos factores, estabelecem-se divisões nestas quatro categorias. Assim, as Contínuas repartem-se em nasaes, ancípites e fricativas; as Dividuas, ou Momentaneas, em assibiladas, explosivas, implosivas e inspiradas.

Estas últimas são produzidas por sucção, exercida sobre o órgão passivo pelo órgão activo, que é sempre o mais móbil dos dois, e o ar, expirado até o momento da detonação, isto é, até aquelle em que o contacto cessa, reverte por inspiração. Estas consoantes são como elementos de falla articulada, peculiares das linguas dos hottentotes, boximanes e cafres zulos, não existindo actualmente, nem tendo existido, que deixassem memoria, em outras, nomeadamente as europeias, senão interjectivamente, ou como imitação de soídos estranhos a ella. Um desses phonemas muito nosso conhecido é o que emittimoa como interjeição de impaciencia, tirando dos alvéolos dos incisivos superiores, com o ápice da lingua, o soído.

Indicamos as consoantes inspiradas por um traço anteposto ao símbolo da explosiva surda, e paralelo á haste delle: /p, /t, /k, ou pelo signal (,) subscripto. Esta divisão das categorias diz-se por classes.

11. As ancípites dividem-se em duas sub-classes. Ou a passagem do ar se opera nas margens da lingua, formando esta contacto no centro, e neste caso a ancípite é lateral: l; ou essa passagem é effectuada pelo centro, e então a ancípite é central: r, r̄. Pode haver, por assimilação parcial, t e d lateraes, como no inglês fiddle = fīdl. Um traço horizontal rematando a haste da letra (d) pode indicar essa particularidade.

12. Há duas variedades da ancípite central. Na primeira, o ar é expellido de uma vez sem interrupção, e a consoante chama-se ancípite lene: o r de caro; na 2.ª variedade a expiração do ar é intermittente, por contactos successivos, mais ou menos repetidos, resultante da vibração communicada ao órgão activo, e assim, a ancípite central tem o nome de vibrante ou vibrada: o r de carro, que representamos pelo símbolo tradicional (R).

13. Há um r lene que começa pela emissão de l, e é proferido com a ponta da lingua na parede anterior da depressão que separa das gengivas dos incisivos superiores o palato duro. Devia ser esse o valor do símbolo védico ᳚, pelo qual este phonema é também representado no coneani escrito em devanágrico: figuramo-lo por ᳚.

14. Na emissão dos sons pode, ou não, haver concurso da aproximação das cordas vocaes, vibradas pela passagem do ar. Na

condição da vibração das cordas vocaes produz-se a voz (*h*); na de ausencia della há sómente fôlgo, sópro (*h*)¹.

Temos, portanto, dois géneros de elementos: 1.º phonemas sonoros ou vozeados, que são aquelles na formação dos quaes concorre a vibração das cordas vocaes: *a, e, i, o, u, v, b, d, z, j, g[a], m, n, l, r*, etc.; 2.º phonemas surdos ou aphonicos, formados sem êsse concurso: *f, p, t, s, x, k*, etc.

15. A divisão natural dos géneros é em especies.

O 1.º género, phonemas sonoros, comprehende as seguintes especies: Vogaes oraes, vogaes nasaes, semivogaes, consoantes nasaes, sibilantes brandas, fricativas brandas, assibiladas brandas, explosivas brandas, e ancipites brandas, com suas assibiladas sonoras.

O 2.º género, phonemas surdos contém as seguintes especies: Semivogaes, nasaes, ancipites, ciciadas; sibilantes, fricativas, explosivas, medias; sibilantes, fricativas, explosivas, fortes, e inspiradas.

16. Medias são as brandas ciciadas, isto é, proferidas em segrêdo, e são pecculares de alguns dialectos allemães e do dinamarquês, em que substituem as brandas sonoras; pode fazer-se idéa cabal do seu valor, proferindo sem voz as brandas; para exemplo, attenda-se á differença que há entre os dois vocábulos *faço* e *vaso*, pronunciados em segrêdo. Diferençamos as medias e as ciciadas das brandas e sonoras pelo signal (*˘*) anteposto: *'b, 'v, 'm, 'd, 'z, 'j, 'l, 'r, 'n, 'm*. Êste mesmo signal pode indicar o cicio nas vogaes e semivogaes proferidas em segrêdo: *'a, 'e, 'i, 'o, 'u, 'i, 'ú*.

Sibilantes são uma variedade das fricativas, e comprehendem o chamado *h* aspirado, surdo *h*, sonoro *h*, ou ciciado *h*, e as varias articulações de *s, z*, e *z* ciciado. Costunam ser associadas estas consoantes com as demais fricativas em uma só classe. É todavia indubitável que a pronuncia do *s* diverge muito da do *ʃ* ou *th* inglês de *bath*, assim como também o *z* se differença consideravelmente do *ð* ou *th* também inglês de *buthe*.

A differença de formação entre *s, x* e *ʃ*, por exemplo, não está por emquanto perfeitamente averiguada.

¹ No excellente Manual do Francês fallado, de Beyer e Passy, recentissimamente publicado, a pag. 80, lemos esta observação, relativa á differença entre voz o fôlgo: «Se taparmos ambos os ouvidos com as palmas das mãos e proferirmos uma vogal por muito tempo, percebemos um zumbido audível, que immediatamente cessa quando passamos a proferir uma consoante surda, *ssa*, por exemplo. Êsse zumbido percebe-se igualmente por todo o tempo que pronunciamos uma consoante sonora, *mmm*, por exemplo, ou *zzz* francês».

17. Conforme os pontos de contacto, fricção ou aproximação dos órgãos factores, dividem-se as consoantes em *series secundarias* ou *ordens*, subordinadas ás *series primarias*. Estas são, como dissemos, três: Faucaal, Palatal e Labial.

As ordens podem ser as seguintes:

1.ª *Pharyngeas*: proferidas além do palato molle, ou velum palati.

2.ª *Gutturaes*: com o dorso ou a raiz da lingua no palato molle e no extremo posterior do palato duro.

3.ª *Palatinas*: com a superficie superior da lingua, (convexa, estando o ápice della dirigido para os incisivos inferiores), em toda a abóbada palatina.

4.ª *Linguaes*: com a parte anterior da lingua, desde o ponto culminante da abóbada palatina até os gumes dos dentes incisivos superiores.

5.ª *Labiaes*: nos labios.

18. Os órgãos factores são pelo menos dois: um activo, que é o mais móbil, como dissemos, e o outro passivo, do qual o primeiro se aproxima, ou em que toca.

Pode qualquer movimento de outros órgãos entrar como auxiliar na produção do phonema, modificando o seu effeito acústico, a impressão que elle produz no ouvido, e nesse caso tomam os phonemas o nome de *mixtos*. Desta natureza são, por exemplo, o *ç* labializado (*š*) do francês *ch*, ou do allemão *sch*, as consoantes nasalizadas das linguas cafricas, *ā*, *b̄*, *z̄*, etc., as palatalizadas das linguas eslavónicas, *š*, *z̄* polacos, por exemplo, etc.

19. Ás divisões dos elementos plónicos, fundamentada nos órgãos activos chamaremos *secções*.

Estas secções são caracterizadas, pois, por movimentos dos órgãos activos na direcção do ponto em que o som há de ser emittido.

Contamos as seguintes secções:

1.ª *Glottaes*: com a glotte.

2.ª *Uvulares*: com a úvula (campaínha).

3.ª *Dorsaes*: com o dorso da lingua.

4.ª *Paginaes*: com a página superior da lingua, na sua parte anterior.

5.ª *Apicaes*: com a ponta da lingua.

6.ª *Sub-superficiaes* ou *reversas*: com a superficie anterior ou inferior da lingua.

7.ª *Marginaes*: com uma ou as duas margens da lingua.

8.ª *Labiaes*: com o labio inferior.

20. A divisão dos phonemas fundada sómente nos órgãos passivos, nos pontos, em que elles são produzidos pelos órgãos activos, nas posições, está subordinada ás Series, e como tal podemos denominá-la Divisão por Sub-series ou Series secundarias.

Contamos as seguintes:

- 1.^a Pharyngeas: além do palato molle.
- 2.^a Velares: no palato molle.
- 3.^a Póstero-palataes: na parte posterior do palato duro.
- 4.^a Medio-palataes: no meio do palato duro.
- 5.^a Ántero-palataes: na parte anterior do palato duro.
- 6.^a Cacuminaes: na depressão que separa das gengivas dos incisivos superiores o palato duro.
- 7.^a Gíngivae: na parte convexa das gengivas.
- 8.^a Alveolares: nos alvéolos dos dentes incisivos superiores.
- 9.^a Lateraes: nos alvéolos dos molares.
- 10.^a Dentaes: da superficie interna dos incisivos superiores.
- 11.^a Interdentaes: entre os incisivos superiores e os inferiores.
- 12.^a Labiaes: no labio superior.

21. Nas Ordens estabelecem-se sub-divisões, nas quaes mais determinadamente estão fixados os pontos dos órgãos passivos em que os activos, pelas suas aproximações mais ou menos íntimas, produzem os soídos.

Chamamos-lhes articulações, e tomaremos os nomes dellas, ora nas Secções ora nas Sub-series, ora em ambas estas divisões.

Mencionamos as seguintes articulações:

- 1.^a Pharyngeas: além do palato molle: o *h* e o *y* hebraicos, o *h* aspirado e o *h* arábico.
- 2.^a Póstero-gutturaes: com a raiz da lingua no palato molle: o *q* hebraico, o *j* castelhano (*χ*).
- 3.^a Medio-gutturaes: o *c* e o *g* portuguezes antes de *a*, *o*, *u*.
- 4.^a Ántero-gutturaes: o *qu* e o *gu* portuguezes antes de *e*, *i*. Ambas estas já no palato duro.
- 5.^a Póstero-palataes: no palato duro, com disposição convexa da lingua: o *ch* allemão antes de *e*, *i*, o *nh* portuguez.
- 6.^a Medio-palataes: na parte anterior do palato duro, com o dorso da lingua: o *x* e *j* portuguezes antes de *e*, *i*.
- 7.^a Ántero-palataes: na metade anterior do palato duro, com a superficie superior do ápice da lingua, convexa na metade anterior: o *x*, *j*, portuguezes antes de *a*, *o*, *u*, o *c*, *g*, italianos antes de *e*, *i*, estes últimos dúplices e labializados.
- 8.^a Linguae: com a ponta da lingua desde as gengivas até os dentes incisivos.

9.^a **Gütturo-dentaes**: linguas proferidas com um movimento do dorso da lingua para o ponto guttural: o *l* português de *sal*, as empháticas semíticas.

10.^a **Marginaes**: com as margens da lingua nos alvéolos dos dentes molares: o *l* é marginal.

11.^a **Gingivae**: com o ápice da lingua nas gengivas: *s*, *z*, portugueses.

12.^a **Alveolares**: nos alvéolos dos incisivos superiores, com a lingua cóncava: *t*, *d*, *n*.

13.^a **Dentaes**: com a ponta da lingua nos dentes: o *th* inglês.

14.^a **Interdentaes**: entre os incisivos superiores e inferiores.

15.^a **Cacuminaes** ou **Cerebraes**: com a ponta da lingua na depressão que separa do palato duro as gengivas: o *r* português, e varias consoantes dos idiomas áricos e anáricos da India.

16.^a **Reversas** ou **sub-cacuminaes**: com a superficie anterior ou inferior da lingua nas gengivas: *s* português do norte.

17.^a **Linguo-labiaes**: com o ápice da lingua no labio superior: talvez o $\pi\tau$ (*pt*) do grego antigo, como no $\pi\tau\acute{\alpha}\lambda\iota\varsigma$ (*ptólis*) homérico, por $\pi\acute{\alpha}\lambda\iota\varsigma$ (*pólis*).

18.^a **Labio-dentaes**: com o labio inferior nos incisivos superiores: *f*, *v*.

19.^a **Bilabiaes**: com o labio inferior no superior: *p*, *b*, *m*.

20.^a **Extra-labiaes**: com os labios, mas na aresta externa delles: o *b* em alguns fallares do Minho.

22. As divisões das series por ordens, articulações e secções dizem-se orgánicas; assim, dois ou mais phonemas são orgánicamente idénticos ou diversos.

As divisões por sub-series ou posições dizem-se locais; assim, dois ou mais phonemas são localmente idénticos ou diversos.

As divisões por classes dizem-se formativas: dois ou mais sons podem ser formativamente diversos ou idénticos.

As divisões por géneros e por especies, enfim, denominam-se genéricas ou específicas.

Daremos exemplos: *t* com relação a *p*: são dois phonemas formativa e genéricamente idénticos, porque ambos são consoantes explosivas surdas, mas orgánica e localmente diversos, visto que o primeiro é proferido com o ápice da lingua nas gengivas, e o segundo com o labio inferior no superior; *z* e *f* são formativamente idénticos porque ambos são fricativos; mas são local, orgánica e genéricamente diversos, porque o primeiro é proferido com o ápice da lingua nas gengivas e é sonoro, o segundo é pronunciado com o labio inferior nos gumes dos dentes incisivos superiores, e é surdo.

Pyramide das vogaes

					à (á)				
				a		u(á)			
			à		â (ã)		ô		
			ä(ä)		ä		ö		
			æ(ê)	ä(ä)	ê (é)	ä	ø(ø)		
		è(è)		é	ê		ý(ý)	ò(ò)	
	é(é)		é		ê		ÿ(ÿ)	ó(ó)	
	e(ê)	ø			ø		ʔ(ʔ)	ø(ø)	
i(í)		é (é, ê)			ÿ		ür	ü(ü)	
i(í)	é(ê)				ÿ (ÿ)		ü(ü)	ü(ü)	
!(!)	é(ê)				ÿ		ür	ü(ü)	

Das vogaes em especial

23. Como é sabido, são dois os principaes systemas de classificação das vogaes. Consiste o primeiro delles em dispô-las em triângulo, cujo vértice é occupado pela vogal *à*, sendo a base formada pelas duas vogaes mais distintas entre si, e mais diferentes de *à*, isto é, *i*, *u*. Êste systema tem por fundamento principal o effeito acústico de cada uma dellas, a impressão produzida no ouvido. Na página anterior verá o leitor a construção respectiva, na qual adoptamos uma transcrição mais geral e comprehensiva do que a que usamos na Parte II dêste trabalho, indicando porém entre parêntese os símbolos que ali lhe correspondem, e que foram determinados pela conveniencia de não alterarmos a escrita usual dos vocábulos. Em seguimento verá o leitor a exemplificação de todas as vogaes comprehendidas na dita pyrâmide, comparadas com as portuguezas.

Portuguezas

Peregrinas

à (â) : á portuguez de cá.

â :

a : a portuguez de cal.

a inglês de far.

ã :

ã (ã) : e algarvio de *pês* ;

æ (ê) e portuguez de *fel* ;

a francês de *malle*.

a inglês de *bad*.

e italiano de *gelo*.

â (a) : á minhoto de cá ;

ã :

â (g) a portuguez de *cada* ;

â (a) : a portuense de *mas*.

â :

a castelhaño de *capa*.

u inglês de *hud*.

a inglês de *abide*.

(ö, ð) concani de पति, *pâti*.

ô :

ö :

o (ô) : o alto-beirão de *pó* ;

â francês de *mâle*.

o inglês de *body*.

o inglês de *lord*, *aw* de *law*.

ê (è) : é portuguez de *sé* ;

ê (é) : e algarvio de *pé* ;

ê (e) : ê portuguez de *sê* ;

e americano de *care*.

e castelhaño de *jesé*.

ee allemão de *see*.

ê :

è :

ê :

ir inglês de *bird*, *er* de *her*.

e francês de *le*.

e norte-allemão de *gabe*.

eu :

ö :

œ :

eu francês de *jeune*.

ö suéco de *för*.

eu francês de *feu*.

ý (ø) :	o francês de <i>homme</i> .
ý (ø) ou baixo-beirão de <i>touro</i> ;	ö allemão de <i>hölle</i> .
? (ø) ou açoreano de <i>touro</i> ;	ö allemão de <i>höhle</i> .
ò (ò) :	o português de <i>pó</i> .
ó (ó) :	o transmontano de <i>pó</i> ;
o (o) :	o castelhano de <i>polvo</i> .
q (q) :	o allemão de <i>loos</i> .
l (l) :	i português de <i>riu</i> ;
i (i) :	i inglês de <i>bid</i> .
! (i) :	ie allemão de <i>bieten</i> .
! (i) :	i francês de <i>lii</i> .
ê (e, z) :	e português de <i>se</i> .
ê (z) :	y polaco de <i>syn</i> .
ç (z) :	i açoreano de <i>navio</i> .
ÿ :	ü allemão de <i>füllen</i> .
ÿ (ü) :	ü allemão de <i>fühlen</i> .
ÿ :	u francês de <i>tu</i> .
û :	u suéco de <i>upp</i> .
û (y) :	u baixo-beirão em <i>tudo</i> ;
u (u) :	u noruêgo de <i>hus</i> .
u :	u suéco de <i>sju</i> .
ù (ù) :	o mirandês de <i>ôlhq</i> ;
ù (u) :	u inglês de <i>full</i> .
u (u) :	u allemão de <i>du</i> .
u (y) :	ou francês de <i>fou</i> .

O segundo systema, no qual se descrevem e designam as vogaes, não já pelo effeito acústico, mas pelas posições dos órgãos da falla que empregamos para as produzir, consiste em dispô-las num diagramma quadrangular contendo 36 casas, em que se localizam as 36 vogaes consideradas normaes, divididas da seguinte forma: 3 vogaes posteriores, 3 mixtas e 3 anteriores, sendo a 1.^a dellas superior, a 2.^a media e a 3.^a inferior. Qualquer destas pode ser ou tensa ou frouxa, conforme a maior ou menor tensão do órgão activo que concorre para a sua emissão, do que resultam 18 vogaes diferentes. Como qualquer pode ainda ser labializada, proveem dessa condição outras 18 vogaes. Tudo isto se verá no eschema de pág. 13, no qual precedemos do signal [?] aquellas em cujo valor acústico temos dúvida, e o pospusemos nas que nos pareceu terem ahí cabimento, comquanto sejamos nós os únicos que assim as localizamos: os phoneticistas divergem na sua distribuição, não estando nella de accôrdo com Bell, o inventor desta classificação, nem mesmo H. Sweet, o seu mais abalisado propugnador.

Systema orgânico das vogaes

	TENSAS			FROUXAS		
	Posteriores	Mixtas	Anteriores	Posteriores	Mixtas	Anteriores
	Superiores.....	[?] ɤ	ɨ (ɜ̃)	i (i)	ɤ [?]	ɨ (e)
Medias.....	ɛ	ɘ	e (e)	ɛ (a)	ɘ (a)	e (e)
Inferiores.....	ɛ [?] (a)	ɘ	e (è)	ɛ (à)	ɘ [?] (a)	ɛ̃ (ã)
Labializadas						
Superiores.....	ú (u)	ú (u)	ÿ (ü)	û (ü)	ü	ÿ
Medias.....	o (o)	ó [?]	œ	ó (ó)	ó (?)	o [?] (o)
Inferiores.....	ò (ò)	ou [?] (ó)	ô	ou	ó	o [?] (o)

Vê-se que não cabem no quadro as seguintes vogaes, que na pyrámide incluímos: ă ɤ i ɛ ɥ ɨ ũ ɥ.

24. Tomando por base da nossa classificação o systema triangular, vemos que se comprehendem nelle cinco series :

1. ^a a i	} Das quaes a 1. ^a e 5. ^a se denominam primarias, e as outras secundarias ou sub-series, e mixtas as vogaes que as compõem.
2. ^a a e	
3. ^a a y	
4. ^a a u	
5. ^a a u	

As classes são constituídas pelas linhas horizontaes, e são pois :

1. ^a a a	} Cada classe abrange três sub-classes, com excepção da 1. ^a a, que só tem duas. Assim, podemos dizer que a pyrâmide contém onze classes de vogaes.
2. ^a æ œ	
3. ^a e o	
4. ^a i u	

25. O ponto de intersecção da classe com a serie fixa á vogal a sua posição, gráphica e orgánicamente, e com referencia ao seu effeito acústico determina a sua qualidade, o seu timbre.

O que constitúe as classes nas vogaes é, como nas consoantes, o maior ou menor apêrto dos órgaos factores.

O que constitúe as series são os órgaos empregados para produzir essas vogaes.

As vogaes são ainda gutturaes ou palataes, conforme na sua emissão o ápice da lingua está fluctuante, ou dirigido para os incisivos inferiores, conservando-se a página superior da lingua distintamente convexa, e encurtando-se consequentemente o canal buccal.

Gutturaes, ou duras, são à, a, d e todas as da 2.^a e 5.^a series : æ e, œ u; palataes, ou lenes, são todas as outras, isto é, á i, œ y e 9 u.

Vogaes nasaes

26. As vogaes são ordináriamente produzidas no tubo buccal sómente. Podem, porém, ser acompanhadas de resonancia nasal. As da 1.^a especie chamam-se oraes, as da 2.^a nasaes.

A nasalidade pode acompanhar a emissão da vogal sem continuar além della : assim são as vogaes nasaes portuguesas do snl, ã, ê, õ, etc., e o diacrítico para as designar é o chamado til (˘); denominam-se também vogaes nasaes de 1.^o grau. Pode, todavia, essa nasalidade acompanhá-las, prolongando-se por gutturalização além dellas : são estas as vogaes nasaes de 2.^o grau, que se ouvem no norte do reino ã, ê, õ por exemplo, e cujo diacrítico pode ser o

til dirigido em sentido contrario; o seu effeito acústico lembra os ditongos, e dêste modo o *ã* é quasi *ãũ*, e quasi *ẽz*. Assim são as nasacs francesas, principalmente as do norte.

Accidentes intrinsecos das vogaes

27. A. QUANTIDADE. É o tempo durante o qual os órgãos permanecem immóveis na emissão de um som.

Com referencia a quantidade as vogaes podem ser :

a) Brevíssimas	1	unidade de tempo	<i>õ</i>
b) Breves	2	" "	<i>ã</i>
c) Ambiguas	3	" "	<i>ã</i>
d) Longas	4	" "	<i>ā</i>
e) Prolatas	5, ou mais	unidades de tempo	<i>α</i> , <i>α</i> ...

Chamam-se duvidosas as que podem durar quaesquer unidades de tempo: *ã*. As vogaes portuguezas são em geral ambiguas quando tónicas, breves se pretónicas e brevíssimas se postónicas.

28. B. ACCENTUAÇÃO MUSICAL E DE INTENSIDADE. A accentuação é de duas especies: 1.^a musical, 2.^a expiratoria.

Diz-se **accento musical**, **accento prosódico**, ou simplesmente **accento**, a maior elevação de voz em uma syllaba, com relação ás outras de que se compõe o vocábulo ou a phrase; por exemplo, *tu vens?* O signal de elevação da voz pode ser (´), e de abaixamento (˘): *α´*, *α˘*.

Diz-se **accento expiratório**, ou **accento tónico**, ou também simplesmente **accento**, porém melhor **icto**, a maior energia de expiração de uma syllaba, com relação ás demais do vocábulo ou da phrase; por exemplo: *cámara*; *se tu vens*. O signal do icto ou **accento tónico** é o agudo (´).

Com relação ao icto, ou intensidade, as vogaes, pois é nellas que este accidente é mais perceptível, dividem-se em tónicas e átonas. Subdividem-se do seguinte modo:

a) Plenamente accentuadas, com **accento pleno**, vogaes plenas: quando uma só sobresac desta maneira entre as outras; ex.: *rápido*, *pêla*, *fará*.

b) **Primaria** e **secundariamente** accentuadas, com **accento primario** e **secundario**, **principal** e **subordinado**; ex.: *rápidamente*, *pórta-machádo*.

Chama-se também **predominante** o **accento** mais forte, e **dominantes** os outros, com relação ás syllabas átonas que acompanham as dêste modo accentuadas.

Assim, os dois primeiros versos dos *Lusíadas* medem-se, com respeito á accentuação, da seguinte maneira, designando (◌) as syllabas átonas:

As armas e os barões assinalados,
 Que da occidental praia lusitana

As vogaes accentuadas chamam-se **tónicas**, quer o accento seja primario, quer secundario; **átonas** são as que não tem accento algum, as que não são dêsse modo differençadas.

A accentuação, quer vocabular, quer phrásica, só relativamente pode ser apreciada.

A distancia entre a tónica e as átonas, isto é, a differença de intensidade entre ellas, pode ser maior ou menor. Dêste modo, a differença entre as tónicas e as átonas das linguas germánicas é máxima; menor a que se dá em português; menor ainda a do castelhano; e mínima a francesa.

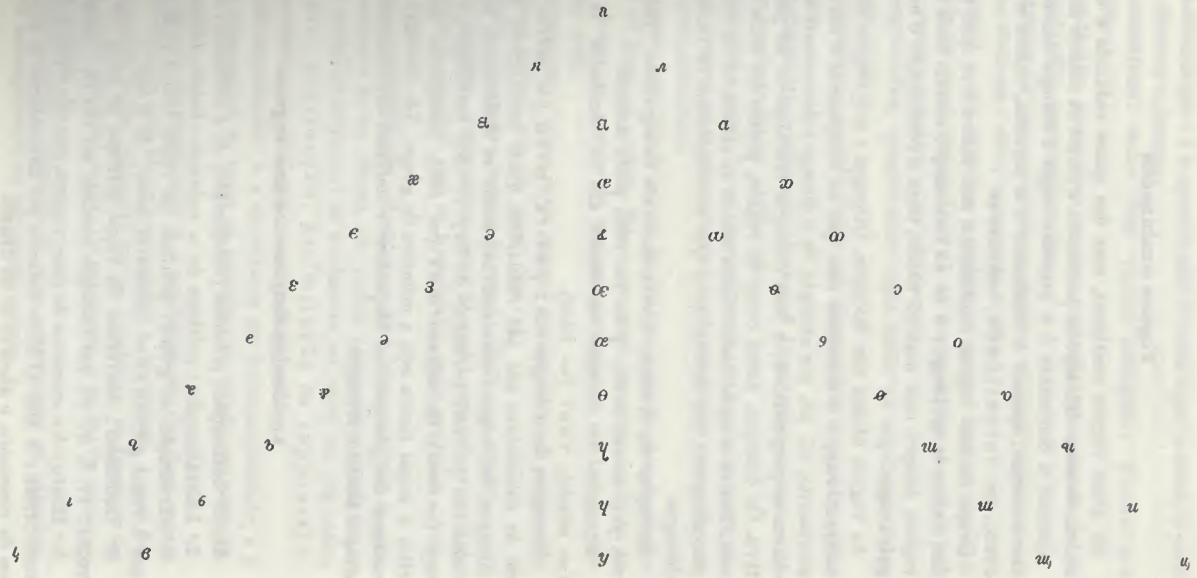
Quando as átonas são brevíssimas denominam-se **reduzidas**, e o seu diacrítico é (◌); ex.: *l̄geir̄q̄*. Se as átonas mudam de timbre, passando de qualquer das series primarias ás secundarias, 2.ª e 4.ª, ou a 4., dizem-se **obscuras**, e indicam-se com o signal (◌) subscripto; ex.: *l̄vrad̄q̄*.

29. As vogaes dizem-se **abertas** quando mais se approximam do vértice da pyrámide, à; **fechadas** quando estão mais perto da base; **medias** quando o seu timbre é entre o das abertas e o das fechadas; assim, è chama-se e aberto; é, e medio; ē, e fechado, sendo (◌), (◌), e (◌) os seus diacríticos respectivos.

Todavía, qualquer dêstes symbolos representa uma vogal differente, que num systema de transcrição rigorosamente monogrammatico deverá ser figurada por letra diversa.

Em seguimento damos uma pyrámide das vogaes, restrictamente monogrammatica, na qual conservamos os symbolos que na pyramide diacrítica designam as vogaes medias, diversificando-os gradualmente para as abertas e para as fechadas de cada grupo de três (V. p. 11 e 12).

Pyramide monogrammática das vogaes



Vogaes combinadas

30. Duas vogaes contiguas, uma das quaes reduzida e a outra tónica, formam ditongo se pertencem a series ou classes diversas.

Quando a dominante é a primeira vogal o ditongo denomina-se *decrecente*; quando a dominante é a segunda, chama-se *crecente*, em intensidade, entende-se.

Grupo de três vogaes combinadas, uma tónica e as duas reduzidas, chama-se *tritongo*; e se na combinação entram mais de três vogaes, sempre com uma só tónica, toma a combinação o nome de *polytongo*.

As vogaes átonas dos ditongos, tritongos e polytongos dizem-se *subjuntivas*, e o diaerético com que as designamos é um círculo sobrescrito, *aï*, *au*, por exemplo. Se o ditongo é decrecente a tónica chama-se *prepositiva*, e taes ditongos intitolam-se de *prepositiva*. Os ditongos, assim como as vogaes, podem ser oraes ou nasaes. Nestes a nasalidade affecta ambos os elementos da combinação, mormente nos decrecentes que se consideram os verdadeiros ditongos.

Exemplos de ditongos decrecentes são os seguintes: *pâi*, *paï*, *viü*, *fuï*, oraes; *mãe*, *pão* (= *mâi*, *pâü*), nasaes.

Exemplos de ditongos crescentes são os vocabulos *meüdo* (= *miúdo*), *voar* (= *viar*).

Exemplos de tritongos são: *poeira*, *miau* (= *pâira*, *miãü*). Se as subjuntivas não são reduzidas, quasi semivogaes, não há ditongos, há vogaes consecutivas; assim se differencam os vocabulos *lei* (= *lai*) portuguez de *ley* (= *lei*) castelhano, o inglés *my* (= *mâi*) do italiano *mai* (= *mâi*), comquanto em todos elles a vogal tónica seja a primeira do grupo. Não obstante isto, é costume dos grammaticos hispanhoes e italianos denominarem esses grupos também ditongos.

Accidentes extrinsecos das vogaes

31. 1.º *Iotização*: próthese (anteposição) de *i* reduzido; *idé(i)a*.
- 2.º *Labialização*: próthese de *u* reduzido: *beirão lô(n)a*.
- 3.º *Gradação* ou *guna*: próthese de vogal tónica mais aberta que a vogal gunizada: samscrito *laud'*, de \sqrt{bud} .
- 4.º *Oclusão*: conversão da vogal extrema de serie em semivogal: *i*: *î*, *u*: *û*; por exemplo *vaidade* em vez de *vãidade*.
- 5.º *Hiato*: é o encontro de duas vogaes, que não formem ditongo nem crase: *a era*. O hiato corta-se por intercalação de semivogal ou de consoante, e absorve-se na *crase*.

6.º **Assimilação**: é a aproximação de uma vogal a outra, e pode ser de diversas naturezas:

a) **imediate**: entre duas vogaes contiguas: feíssimo (= *físimo*).

b) **mediata**: entre duas vogaes separadas por consoante ou semivogal: *ella*, comparado a *élle*.

c) **parcial**: a que aproxima os timbres de duas vogaes, mantendo-as distintas: *dêvo*, comparado a *dêve*.

d) **total**: a que as reduz a ambas ao mesmo timbre, isto é, a conversão da vogal assimilável ao timbre da assimilante: *crêdor*, antes *creedor* < *creditorum*.

e) **progressiva**, quando uma vogal inflúe na seguinte: *dá-g*, pronunciado *dã*.

f) **regressiva**: quando inflúe na antecedente: *popular*, *viria* por *veria*.

g) **Metaphonia**: influencia da vogal átona sôbre o timbre de outra antecedente tónica: *subo*, *sobe*.

A assimilação total diz-se **homophonia**, e a parcial **parallelismo** de vogaes se é progressiva; o **nivelamento** comprehende ambos estes accidentes.

h) **Crase**: assimilação mutua de duas ou mais vogaes contiguas em uma só longa ou prolata. Dá-se em geral na mesma serie ou na mesma classe, em vogaes de timbre aproximado: *mata-o*, pronunciado *mátò*.

i) **Contração**: crase entre vogaes e consoante, por supressão de qualquer dellas: *pra* de *para* (*para*).

j) **Elisão**: desaparecimento de vogal: *dalli* por *de alli*.

k) **Absorção**: desaparecimento de vogal sem deixar vestigio da assimilação anterior, real ou hypothética, que o precedeu: *fruto*, dantes *fruito*.

7.º **Incompatibilidade**: chamam-se sons incompatíveis os que, pela phonologia de um idioma, não podem permanecer contiguos, e tem de assimilar-se parcial ou totalmente, ou ceder uns aos outros por crase, contração, assimilação ou supressão.

Supressão: é a elisão por incompatibilidade.

8.º **Accommodação**: é a assimilação por incompatibilidade, e é portanto susceptível de todas as modificações citadas na assimilação.

Uma especie de assimilação é a **condensação** das duas vogaes de um ditongo em uma só, ordinariamente a dominante, a qual fica sendo primeiro longa, passando depois a ambigua, ou breve; o *ou* antigo e ainda dialectal = *ou*, do português, é no sul do reino *o*; *ai* é no Alentejo *ã*.

9.º **Dissimilação**: alteração de sons semelhantes ou idénticos, por serem incompatíveis, ou por outras causas.

A dissimilação pode ser também :

Mediata ou immediata.

Progressiva ou regressiva.

Total ou parcial.

Recíproca.

Uma especie de dissimilação é a **dissolução** de uma vogal longa em dois elementos, que ficam constituindo um ditongo; assim, as vogaes longas inglesas do século passado, \bar{a} , \bar{e} , \bar{o} = \bar{e} , \bar{i} , \bar{u} , iato é, *ee*, *ii*, *oo*, são actualmente, no dialecto normal, *ei*, *ií*, *ou*, por dissimilação do segundo elemento deasas longas, e consequente atenuação delle. No Algarve o *e* deacoberto passa em geral a *ei*.

10.º **Enfraquecimento** : alteração phonética das átonas por influencia das tónicas: *tēnir* por *tinir*.

11.º **Diferenciação** : alteração phonética com fundamento ideológico, e portanto funcional: *fabrica* a par de *fábrica*.

12.º **Interealação**, ou **suarabácti** : vogal interposta para deaunir consoantes incompatíveis: como em *carapinteiro* por *carpinteiro*, *alocçova* por *aleaçva*.

Os accidentes das vogaes são, na sua maioria, applicáveis ás consoantes; não os definiremos, portanto, ao tratar destas.

Accidentes intrinsecos das consoantes

32. 1.º **Geminação** : a consoante é repetida; neste caso, se é continua prolonga-se, como em *dĩs* por *disae-ae*; se é dividua repete-se. sendo a primeira parte della implosiva e atenuada e a segunda explosiva, o que se indica subscrevendo (,) ao símbolo da primeira; exemplo: *baate-te*, pronunciado abreviadamente *baítte*, differente de *baste*; fique *ea* = *fičká*. O signal da geminação, quer se effectue pelo prolongamento, quer pela repetição é (˘) : *cham* = *cham[e]m[e]*. Temos pois consoantes geminadas, longas e repetidas.

2.º **Enfraquecimento**, ou **redução** : a consoante é reduzida, proferida com menos energia, ou abreviada; ex.: o *l* de *mal*, o *n* do castelhano *pan*, o *s* ou *z* (= *x*) do portugüê diz = *dix*, differente de *dixe* = *dix̄*. As consoantes podem pois ser breves ou **reduzidas**. O signal de redução é (˘).

Ás consoantes geminadas, quer roboradaa, quer longas, dá-se o nome de **dobradas**; e ás consoantes simples o de **singellas**, quando nos referimos á sua graphia. Em italiano todas as consoantes, incluindo a dúplici *z* (= *ts* e *dz*), e as **africatas** *č*, *ǰ* (= *tš*, *dž*, isto é *tš*, *dž*) podem ser geminadas, sendo neste caso implosivos os phonemas prepositivos *t*, *d*; assim, *coi*, *zz*, *ggi* são propriamente iguais a *tš*, *tš*, *dž*, *dž*; ex.: *faccia* = *fátšjá*, *razza* = *rátšá*, *maggio* = *máđđjo*.

3.º **Roboração**: as consoantes podem ser tensas ou frouxas. Nas consoantes tensas o órgão activo é applicado com maior firmeza para produzir o contacto. Assim, as explosivas francesas são tensas, as portuguezas frouxas; compare-se tu portuguez com t out (= 'tu) francês. O diacrítico pode ser o agudo (') anteposto ou sobreposto á consoante.

4.º **Affricção**: as affricatas são ditongos consonánticos, constituídos por uma explosiva seguida da fricativa do mesmo órgão; ex.: o *k* dos dialectos allemães da Suíça = *kʰ*; o *ch* trasmontano beirão, e minhoto = *tʃ*; o *pf* de vários dialectos allemães = *pʃ*; o *g* do crioulo de Macau, igual ao *j* inglês (= *dʒ*). Na affricção o primeiro elemento é enfraquecido, reduzido. O signal da affricção é (ʻ); ç, por exemplo.

5.º **Aspiração**: chamam-se consoantes aspiradas os ditongos de subjuntiva *h* quando a prepositiva é surda, *h* quando é sonora. Assim se proferem tradicionalmente as aspiradas na India (𑀧, *kʰ* = *kh*, 𑀩, *gʰ* = *gh*, etc.), e assim também o *k*, *t*, *p* portuguezes antes de *e* átono final, como *bote* (= *bol*), as de varios dialectos allemães, ingleses, e até franceses, e as do dinamarquês, em que substituem as tenues fortes. Chama-se tenue a consoante que não é aspirada. Parece averiguado que as consoantes gregas *χ*, *θ*, *φ* foram successivamente *kʰ*, *tʰ*, *pʰ*, *kʰ*, *tʰ*, *pʰ*, para chegarem á sua pronunciação actual, que parece ter sido já a do dialecto commum áttico, *χ*, *θ*, *φ*. Assim, as aspiradas podem definir-se: consoantes em que o sôpro, surdo, ou sonoro, isto é, vozeado, continúa além da separação dos órgãos que produzem a tenue. O signal da aspiração é (ʻ).

6.º **Glottização**: consoantes glottizadas são as explosivas surdas que são acompanhadas da explosiva pharyngea *γ*, pela qual começam os vocábulos allemães aparentemente iniciados por vogaes, o que explica alliterarem éstes entre si na poética medieval germânica. (Veja-se a definição do symbolo *γ*). O signal da glottização é (ʻ): *tʰ*, *kʰ*. Estas consoantes são peculiares das linguas do Cáucaso.

7.º **Palatalização**: consoantes palatalizadas são aquellas em que a lingua toma a disposição dorsal, parallela á abóbada palatina, como nas palataes; assim se proferem o *t* e o *qu* açoreanos precedidos de *i* ou *ɨ*. A palatalização indica-se por (˘); assim o açoreano *piqênq* (= pequeno) *pinqor* (= pintor).

8.º **Gutturalização**: consoantes gutturalizadas são aquellas em que a parte posterior da lingua se arqueia para o palato molle sem o tocar, e a pharynge se expande, como acontece com o *l* portuguez final de syllaba, com as vogaes nasaes francesas e portuguezas do norte, com as consoantes empháticas semíticas, hebraicas 𐤀, 𐤁, arábicas ٤, ٥, ٦, isto é *t*, *s*, *d*, *z*. O nosso signal diacrítico da gutturalização é (˘), ou um traço cortando o corpo da lettra; assim, mal em portuguez = *ma˘t*; *da˘t* em polaco.

9.º **Cacuminalização**: consoantes cacuminalizadas são aquellas em que a lingua toma a posição reversa, para formar approximação com o caeúmen ou ponto culminante da abóbada palatina. O signal é um ou dois pontos subscriptos; assim: *ṭ, ḍ*, etc., são consoantes cacuminaes, *ṭ, ḍ* concanis; *ṭ, ḍ* o *t, d* ingleses, sub-cacuminaes; *ṣ* o *Ṡ* samscritico; um *s*, como o trasmontano e o castelhano, sendo este último melhor figurado por *ṣ*, isto é, *s* aspirado; e mais ou menos o *r* português.

10.º **Lateralização**: consoantes lateralizadas, são os *ll* e *dd* parcialmente assimilados a *l*, como no allemão *müttel*, em que o *t* é homorgânico com o *l*, consoante lateral; o signal diacrítico é um traço paralelo á haste da letra e posposto a ella ou horizontal e sobreposto, rematando-a, (*d*).

11.º **Labialização**; consoantes labializadas são aquellas em que há protractão dos labios, como em *u*, acompanhando-as. Também podem chamar-se *protractas*, por isso que essa labialização tem por effeito o alongamento do tubo buccal. Assim se proferem *ch* e *j* francezes, e o *sch* allemão, differentes de *ç, j* portuguezes; o signal é, como o das affricatas, (´), ou então (ˆ).

12.º **Vibração**: consoantes vibradas são os ditongos em que as prepositivas são *z, γ*, isto é, as fricativas gutturaes, surda e sonora, e a subjuntiva um *r* guttural assibilado, surdo ou sonoro; assim se proferem em muitos dialectos árabes o *ẓ* e *ḡ*, os quacs são respectivamente iguaes a *ẓ, ḡ*. Segundo as descrições, são vibrados também *ṭ* e *ḍ* dravidicos, o *Ṣ* concani (= *ḷ*), etc.

Assibilação: consoantes assibiladas são as ancípites *l, r*, affricatas, o *z* e *ʒ* brasileiros, o *rz* polaco, o *ř* (= *τ*) cheque, o *ll* gallês (= *ʎ*). O signal da assibilação é (ˆ). Também se chama *assibilação* á separação lenta, ou incompleto contacto, dos órgãos factores que deviam formar preclusão para produzir una explosiva media ou sonora, e cujo resultado é quasi o manifestar-se a fricativa homorgânica; assim, o *ʃ* de *ca bo* é uma assibilação.

Accidentes extrinsecos das consoantes

33. 1.º **Epenthese de *i***, como por exemplo no mirandês *biilha*, «velha». Denomina-se tambem *iotização*.

2.º **Epenthese de *u***, como no português do Porto, *puôrto*, em que o *u* porém é proferido só com o lábio inferior.

3.º **Nasalização**: próthese da nasal homorgânica; designa-se pelo til (ˆ) sobreposto; assim, nas linguas cafricas *ḡ, ḃ, ḥ, ḡ*; *ḥ, ḡ*; *ḥ, ḡ*; *ḥ, ḡ*, etc., são iguaes a *ˆmp, ˆmb, ˆmf, ˆmv*; *ˆnt, ˆnd, ˆnz*; *ˆnc, ˆng*, sendo as nasaes attenuadas, cnfraquecidas. Chama-se tambem a essa próthese *infeção*, e em alguns idiomas é agravada

com affricção; assim, em japonês a syllaba di é pronunciada *ndzi* (*dzi*) comquanto escrita di.

4.º **Liquidacção**: é a propriedade que teem algumas consoantes, as líquidas e as nasaes, de formarem as subjunctivas de ditongos consonánticos; assim em português antigo *br*, *dr*, *gr*, posterior *pr*, *tr*, *kr*, *pl*, *bl*, *kl*, *gl*; em grego estas duas e mais as subjunctivas *m* e *n*. As que não são assim líquidas dizem-se mutas; taes são nos grupos citados *p*, *b*, *t*, *d*, etc.

4.º **Vocalização**: consoantes vocalizadas são as que se convertem em vogaes, em geral reduzidas; assim, no português antigo *auto*, do latim *actum*, diz-se que o *c* se vocalizou em *u*.

5.º **Elisão**: português moderno, *recto* = *reto*, lat. *rectum*. O signal da elisão é o apostropho ('). Assim o *h* é nullo no vocabulo *Judáh'*.

6.º **Oclusão**: consoantes oclusas são as fricativas pronunciadas como explosivas; allemão austriaco *rek* por *reç* (*weg*). A oclusão indica-se pelo signal (^).

7.º **Abrandamento**: é toda a modificação tendente á aproximação da vogal pura em cada serie: assim esta progressão é de abrandamento: *p*, *p'*, *b*, *b'*, *v*, *v'*, *w*, *u*, *u'*, *u*; *populum*: *poboo*: *povo*.

8.º **Endurecimento**: é a modificação opposta a esta; *u*, *u'*, *w*, *v*, *v'*, *b*, *b'*, *p*, *p'*.

9.º **Assimilação**:

a) total: latim *actum*: italiano *atto* (*atto*).

b) parcial: desde (*dčjdč*): o *s* = *š* fez-se sonoro, *č*, como o *d*, sem contudo se fazer explosivo.

c) progressiva: desde (= *dčjdč*): o *č* mudou o *d* em *d*.

d) regressiva: desde (*dčjdč*): o *d* mudou o *s* = *š* em *č*.

e) immediata: desde: qualquer das assimilações deu-se em consoantes em contacto uma com a outra.

f) mediata: *lamparina*, em que o *d* de *lampada* passou a *r*, por influencia progressiva do *l*: o *d* fez-se ancípite (*r*) para se aproximar do *l*, sem que estivesse em contacto com elle.

10.º **Dissimilação**: é a modificação contrária á assimilação; as consoantes distanciam-se, differenciam-se mais uma da outra, como em *padiola*; cast. *parihuela*, lat. **palcōla*, em que as dissimilações são ambas mediatas e regressivas. Todas as subdivisões da assimilação podem dar-se na dissimilação.

11.º **Acommodação**: confronte-se *entabuar* (= *intabuar*) *embalouçar* (= *imbalousár*) e *enfiar* (= *ifiar*), em que a nasal do prefixo *en*, se vac modificando para se accommodar á consoante seguinte, quando com ella é incompativel.

12.º **Supressão, absorpção**, o português antigo fez de *actum auto*, por vocalização de *c* em *u*; o moderno fez *ato* de *actum e apto*, por supressão, ou antes absorpção do *c* e do *p* no *t*.

Permutações

34. Denomina-se permutação a mudança ou conversão de um som em outro. São as permutações determinadas em geral pela lei denominada do *minimo esforço*, a qual faz que se facilite quanto possível a pronunciação, tendo essa facilitação por único impedimento e limite a comprehensibilidade, pois que todos fallam para serem entendidos.

As diversas permutações ficam já indicadas nos accidentes intrínsecos e extrínsecos das vogaes e consoantes, e entram numa de três categorias:

1.^a São orgánicas: o *s* dos pluraes accomoda-se á consoante ou vogal seguinte, adquirindo portanto, além do seu valor de *ê* na pausa, os de *j* e *z*; ex.: os gados, as árvores.

2.^a São imitativas: as fricativas gutturacs arábicas *ħ*, *h*, *ç* passaram todas como *f* para o portugûes, por não haver neste outra fricativa surda, que mais se lhes aproximasse no effeito acústico.

3.^a São inorgánicas, devidas a analogía falsa: nos verbos em *-iar* o radical accentuado passou a *-ei*, por confusão com os verbos em *-ear*, em que se deu iotização do *e* por ser incompatível com *g*, *q*; assim de *ansiar*, *ansêia*, permutação de *i* em *ei* inorgánica, por analogía falsa com os verbos como *cear*, *ceia*, nos quaes a mudança de *e* em *ei* foi orgánica; assim também no participio popular *ouvisto*, por ouvido, há uma permutação de *do* em *sto* inorgánica, por analogía falsa com o participio visto do verbo *ver*.

Syllaba, vocábulo e pausa

35. Uma só vogal, ou diferentes associações de phonemas em que entre pelo menos uma vogal, proferidos numa só emissão de voz, numa só expiração, são denominados *syllaba*: *a*, *ba*, *as*, *tra*, *cli*, *fril*, etc.

Se uma *syllaba* constitúe vocábulo, êste diz-se *monosyllabo*; os vocábulos de duas *syllabas* denominam-se *dissyllabos*, os de três, *trisyllabos*, os de maior número de *syllabas*, *polysyllabos*; ex.: *paz*, *capa*, *parede*, *aparecer*, *desacompanhado*.

A *syllaba* diz-se aberta quando termina na vogal, por ex.: *dá*; fechada, quando acaba em consoante: *dás*, *par*, *cal*.

A *syllaba* de um vocábulo qualquer é coberta quando se lhe segue outra *syllaba*, ou quando é fechada; descoberta, no caso contrario: nas phrases *o cabo*, *os cabos*, o artigo *o*, *os* é um *monosyllabo* coberto.

Há consoantes que podem constituir *syllaba*, funcionando como vogaes: são ellas as sibilantes *s*, *z*, as ancípites *l*, *r*, e as nasacs

m, *n*, etc. (V. 5 e 6). Em português há interjeições que não contêm vogal propriamente dita, funcionando uma dessas consoantes como tal; ex.: *h...m*, de dúvida, *hm* de afirmação, *pxt* para chamar *st* para afugentar, etc.; em perfeito, prefeito, = *pxfeito*, o 'r' vale por vogal. Pode todavia considerar-se que a verdadeira vogal de taes syllabas é um *z*, proferido em segrêdo com 'r, *s*, e sonoro com *m*.

Vocábulo é uma syllaba, ou um agrupamento de syllabas, que expressa uma idéa, ou uma relação entre idéas.

Pausa é a duração de silencio entre vocábulo e vocábulo, o intervallo de silencio entre elles.

Os intervallos podem ser maiores ou menores, estão porém sempre em relação de duração, conforme a interdependencia dos vocábulos. A falta de observancia dessa conformidade, produzindo maior intervallo do que a relação pede, chama-se *reticencia*, ou *suspensão de sentido*.

A pausa menor que separa os vocábulos, delimitando-os todas as vezes que elles tem accento proprio, não costuma ser indicada gráphicamente. Pode ser representada por um ponto superior ('); assim como nos primeiros versos dos *Lustadas*:

As armas e os barões assinalados,
que da occidental praia lusitana,
por mares nunca de antes navegados
passaram inda além da Taprobana;

Pode esta pausa, a que chamarei *ponto*, julgar-se equivalente a uma fracção de tempo igual a metade da duração da pausa representada pela vírgula, e deve durar o tempo que se gasta em proferir uma syllaba aberta, o numeral um, por exemplo (= *ũ*).

Temos, pois, que os valores das pontuações gráphicas devem corresponder, em leitura cadenciada, ás seguintes unidades e fracções de unidade de tempo, cuja base seja a duração da pausa vírgula:

(.) ponto : $\frac{1}{2}$ unidade, a menor pausa, correspondente a um silencio igual á duração do nome de uma letra, formado com o valor della e uma vogal, *d*, por exemplo (= *dê*).

(,) virgula : 1 unidade : *d d*.

(;) ponto e virgula : $1 \frac{1}{2}$ unidade : *d d d*.

(:) dois pontos : 2 unidades : *d d d d*.

(.) ponto final : $2 \frac{1}{2}$ unidades : *d d d d d*.

(*) tres pontos : 3 unidades : *d d d d d d*, nova alinea.

(::) quatro pontos : 4 unidades : *d d d d d d d d*, novo título ou secção.

(..) (...) (...) pontos suspensivos : 5 ou mais unidades : 5, 6, 7, e assim seguidamente.

Transcrição e notações

36. Os símbolos fundamentaes que empregamos para a transcrição pertencem ao alphabeto histórico, o tradicional latino.

Consta elle, depois dos acrescentamentos que lhe fizeram posteriormente ao seu emprêgo na imprensa, de 26 letras, 6 vogaes e 20 consoantes; mas o abecedario romano era apenas de 20 letras:

A B C D E F G H I L M N O P Q R S T V X

É êste alphabeto manifestamente insufficiente para a transcrição, mais sóbria mesmo que se possa immaginar.

Por três modos pode elle ser ampliado: primeiro, differenciando-se uns símbolos de outros por meio de signaes diacriticos, isto é, de pontos ou quaesquer outras mareas addicionaes, como aconteceu com *é, ê, ò*, etc.; segundo, introduzindo nesse alphabeto novos símbolos, o que já se tem feito, por exemplo com o *u*, com o *w*, etc.; terceiro, aproveitando as differentes formas conhecidas de uma mesma letra, para fins diversos, como vemos que se fez com *u* e *r*, *i* e *j*.

Seguindo qualquer destes processos, não faremos mais do que continuar a tradição recebida, proseguir na evolução do abecedario latino, dando-lhe direcção scientifica, porém.

Nenhum destes métodos pode nem deve ser seguido com exclusão dos outros. O primeiro sobrecarregaria demasiadamente a escrita, difficultando a leitura; o segundo traria consigo tal multiplicidade de caracteres differentes, que seria impraticável o seu uso, logo que se houvesse de notar grande número de sons diversos e de accidentes possiveis do mesmo som; o terceiro processo dará em resultado a falta de homogeneidade na escrita, todas as vezes que a differença entre símbolo e símbolo consista, não em desenho differente da letra, porém na sua inclinação, altura ou largura, com relação aos demais caracteres que com elles se combinarem.

Para fugirmos aos inconvenientes que resultariam da adopção exclusiva de um dos três modos, é de necessidade que a todos três recorramos, completando-os uns pelos outros, mas subordinando a escolha a principios certos.

A transcrição é monogrammatica quando as principaes divisões dos sons são expressas por caracteres distintos; taes são: o formosíssimo alphabeto itálico inventado por Sundevall, aperfeiçoado por Lundell, e usado no excellent archive dialectológico sueco *Dialectos suecos e Vida do povo sueco*¹; o redondo empregado

¹ *Nyare Bidrag till k nnedom om de svenska landsm ten och svenskt folklied.*

no *Mestre Phonético*, dirigido por P. Passy¹; o inglês de Pittman, redondo ou itálico; os de Bell² e de Brücke³, inteiramente novos, mas de difficil leitura e complicada composição typográfica.

Pode a transcrição ser diacritica, e nesta só as principaes distincções dos sons se representam por caracteres distintos, sendo as outras differençações marcadas com diversos signaes acrescentados ás letras; destes o mais afanado é o de Lepsius⁴.

Finalmente, pode ella ser polygrammática, quando se agrupam varias letras para que cada grupo indique um som diverso; assim, por exemplo o usado por H. Sweet na primeira edição da *Historia dos sons ingleses*⁵. Os dois primeiros modos de transcrição combinam-se freqüentemente; é isso o que fizemos, porque o exclusivamente monogrammatico traria difficuldades typográficas que retardariam esta publicação, não obstante a diligencia e intelligente direcção e execução empregadas na Imprensa Nacional de Lisbôa em todos os trabalhos que lhe são confiados, nomeadamente êstes.

Para obter monogrammas para as principaes distincções dos phonemas há varios processos, sendo o mais conhecido o de empregar os caracteres itálicos e romanos para tal expressão, ou ainda os maiúsculos e os minúsculos, direitos ou invertidos; sendo êste último expediente uma continuação ainda da tradição romana, o que se nos torna evidente ao compararmos *u* e *n*, *p* e *d*, *b* e *q*, no abecedario minúsculo, ou letra-de-mão latina.

Os caracteres de differente desenho e valor igual, são, nos três typos, itálico, redondo e versalete, os seguintes:

<i>a</i>	<i>b</i>	<i>d</i>	<i>e</i>	<i>f</i>	<i>g</i>	<i>h</i>	<i>i</i>	<i>j</i>	<i>k</i>	<i>l</i>	<i>m</i>	<i>n</i>	<i>p</i>	<i>q</i>	<i>r</i>	<i>t</i>	<i>u</i>	<i>v</i>	<i>w</i>	<i>x</i>	<i>y</i>	
a				f	g														v	w	x	y
A	B	D	E	F	O	H	I	J	K	L	M	N	P	Q	R	T	U					Y

Todos estes expedientes utilizámos, e assim differencamos *g* de *g*, *y* de *y*, *ç* de *h*, *a* de *a*, *ω* de *ω*, *r* de *r*; *j* de *f*, *g* de *g*, etc.

Pela inspecção do quadro synóptico das consoantes verá o leitor que distinguimos constantemente por símbolos diversos: friativas de sibilantes e de explosivas; assibi-

¹ *Le Maître Phonétique*.

² *Visible Speech*.

³ *Über eine neue Methode der Transkription*.

⁴ *Standard Alphabet*.

⁵ *A History of English Sounds*. 1874.

ladas de lenes; brandas de fortes; continuas de dividuas; nasaes de oraes; e sempre umas series de outras series.

Na transcrição monogramática das consoantes que temos organizada, mas que por difficuldades typográficas invencíveis nesta urgencia de tempo não pode ser, como dissemos, dada á estampa por agora, como o é a das vogaes a páginas 17, as differenciações vão muito mais longe, porque, não só todas as ordens teem símbolos diversos para as principaes divisões horizontaes, isto é, para cada uma das 8 primeiras e 4 últimas articulações, distinguindo-se também por símbolos especiaes os três grupos de linguaes; mas igualmente as nasaes, as semivogaes e as ancípites surdas são differencadas das correspondentes sonoras, como o são no alphabeto de Lundell. Assim no numero de diacríticos é consideravelmente menor, sendo substituídos por modificações nos caracteres básicos, ou por novos caracteres, de modo que a cada classe, a cada ordem, a cada género, a cada especie a cada variedade compete o seu símbolo peculiar.

No método diacrítico aqui empregado introduzimos somente os caracteres novos absolutamente indispensáveis; e no estudo sobre a pronuncia portuguesa, que se lhe segue, adoptámos uma transcrição convencional, que, não estando em desaccôrdo com esta, nos permittiu conservarmos as letras de cada vocábulo escrito, conforme a orthographia usual, indicando os differentes sons ou accidentes por signaes diacríticos, em harmonia com uma transcrição systemática. Podem esses diacríticos servir não só para a figuração dos sons do dialecto culto, mas do mesmo modo para os dialectaes vernáculos, e para qualquer trabalho grammatical ou lexicographico que tenha por objecto as línguas da Península Hispânica¹.

Para se evitar o emprêgo das letras gregas γ , γ , que propriamente deveriam aqui ser figuradas por x , ν , que melhor se combinam com os caracteres itálicos, podem usar-se os elzevires x , y , sufficientemente distintos de x , y .

¹ Tal seria, por exemplo, um vocabulario comparado das dlecções que a todos elles são communs, e no qual a pronuncia fosse rigorosamente representada, á semelhança dos ingleses, allemães e escandinavos, trabalho que conto poder um dia publicar, se outrem me não atceder, o que muito desejaria, por o julgar urgente, e para o qual tenho colligidos subdídios que me parecem importantes.

Quadro synóptico das consoantes

CLASSIFICAÇÃO ORGÂNICA			SONORAS															SURDAS															CLASSIFICAÇÃO ORGÂNICA								
Series	Ordens	Articulações	EXPIRADAS															EXPIRADAS															Articulações	Ordens							
			CONTINUAS										DIVIDUAS					CONTINUAS										DIVIDUAS													
			ANCIPITES										EXPLOSIVAS					SIBILANTES					FRICATIVAS					EXPLOSIVAS													
			Centraes			Lateraes		SIBILANTES					FRICATIVAS					Centraes		Lateraes			Fracas		Fortes			Fracas		Fortes											
SEMIVOGAES	NASAE	Lenes	Vibrantes	Asibiladas	Lenes	Vibrantes	Asibiladas	SIBILANTES	FRICATIVAS	Asibiladas	Affricatas	Aspiradas	Temes	Lateralizadas	IMPLOSIVAS	INSPIRADAS	Diacríticos das articulações	SEMIVOGAES	NASAE	Lenes	Vibrantes	Asibiladas	Lenes	Asibiladas	Fracas	Fortes	Fracas	Fortes	Fracas	Affricatas	Aspiradas	Fortes	Lateralizadas	IMPLOSIVAS	INSPIRADAS						
Faucaes...	Pharyngeas...	posteriores.....	1. ^a						h																										1. ^a	posteriores.....	Pharyngeas				
		anteriores.....	2. ^a						ħ																										2. ^a	anteriores.....					
Gutturaes..	Velares.....	posteriores.....	3. ^a	ñ	ɹ	ʁ			ɣ				ʒ					ɰ	ʷ	ʋ	ɹ																3. ^a	posteriores.....	Velares		
		medias.....	4. ^a	ñ					ɣ		ʒ	ʒ'	ʒ''	ʒ'''					ɰ	ʷ	ʋ	ɹ															4. ^a	medias.....			
		anteriores.....	5. ^a	ɲ					ɣ		ʒ	ʒ'	ʒ''	ʒ'''					ɰ	ʷ	ʋ	ɹ																5. ^a		anteriores.....	
Palatinas....	Palatinas....	posteriores.....	6. ^a	j	ɲ		ʎ	ʎ'	j		ɟ	ɟ'	ɟ''					j	ɲ																		6. ^a	posteriores.....	Palatinas		
		medias.....	7. ^a	j	ɲ		ʎ	ʎ'	j		ɟ	ɟ'	ɟ''						j	ɲ																	7. ^a	medias.....			
		anteriores.....	8. ^a	ʃ	ɲ		ʎ	ʎ'	j		ɟ	ɟ'	ɟ''						ʃ	ɲ																		8. ^a		anteriores.....	
Linguaes...	Dorsaes.....	posteriores.....	9. ^a	ŋ			ɹ	ɹ'	ɹ''				ɖ					ɹ	ŋ																		9. ^a	posteriores.....	Dorsaes		
		medias.....	10. ^a	ŋ			ɹ	ɹ'	ɹ''				ɖ						ɹ	ŋ																	10. ^a	medias.....			
	anteriores.....	11. ^a	ɳ	ɹ	ɹ'		ɹ''	ɹ'''					ɖ					ɹ	ɳ																		11. ^a	anteriores.....			
	Paginaes.....	posteriores.....	12. ^a	ɳ	ɹ	ɹ'		ɹ''	ɹ'''					ɖ					ɹ	ɳ																		12. ^a		posteriores.....	
		medias.....	13. ^a	ɳ	ɹ	ɹ'		ɹ''	ɹ'''					ɖ					ɹ	ɳ																		13. ^a		medias.....	
Reversas.....	Reversas.....	posteriores.....	14. ^a	ɳ	ɹ	ɹ'		ɹ''	ɹ'''				ɖ					ɹ	ɳ																		14. ^a	posteriores.....			
		medias.....	15. ^a	ɳ	ɹ	ɹ'		ɹ''	ɹ'''					ɖ					ɹ	ɳ																	15. ^a	medias.....			
		anteriores.....	16. ^a	ɳ	ɹ	ɹ'		ɹ''	ɹ'''					ɖ					ɹ	ɳ																	16. ^a	anteriores.....			
Labiaes....	Labiaes.....	linguo-labiaes...	18. ^a	w	m				ɸ				b					w	m																	18. ^a	linguo-labiaes...	Labiaes			
		labio-dentaes...	19. ^a	w	m				ɸ				b						w	m																	19. ^a		labio-dentaes...		
		bilabiaes.....	20. ^a	w	m				ɸ				b						w	m																	20. ^a		bilabiaes.....		
		extra-labiaes...	medias.....	21. ^a	w	m				ɸ				b						w	m																			21. ^a	medias.....
			anteriores.....	21. ^a	w	m				ɸ				b						w	m																			21. ^a	anteriores.....

STATE OF CALIFORNIA

GENERAL INFORMATION										ANNUAL STATEMENTS														
PERSONAL INFORMATION					BUSINESS INFORMATION					FINANCIAL STATEMENTS					TAX INFORMATION									
NAME		ADDRESS			CITY		STATE			BUSINESS TYPE		REVENUE			EXPENSES			NET INCOME		TAXES				
First	Last	Street	City	State	City	State	City	State	City	State	City	State	City	State	City	State	City	State	City	State	City	State	City	State
John	Doe	123 Main St	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA	Los Angeles	CA
Additional rows would follow here, but the image is too blurry to read																								

Exemplificação das consoantes

Faucaes

37. 1.ª Artioulação. Pharyngeas posteriores \hat{h} h ɣ ɣ .

\hat{h} : é a aspiração vocalizada, sonora, que se ouve, por exemplo, em inglês, na união syntáctica de vocábulo terminado em consoante sonora com outro que comece por h ou entre vogaes: *the hand, our horse, mohair*, etc. A. Schleicher foi, que nós saibamos, o primeiro que modernamente notou¹ a existencia da aspiração vozeada, averiguada hoje. No sámscrito é sabido que o ह é pelos grammáticos da India contado como sonoro. Paulo Passy encontra um h sonoro nos patoás dos Vosges (Granges, Vâ d'Ajo e Cleuri), que compara ao samserítico, ao arábico e ao andaluz. Parece-me, no emtanto, haver differença entre êstes três, e é de presumir que o dito phonema, que o eximio phoneticista representa por h , seja o j medial andaluz, a que eu já me referira em 1882 no *Positivismo*, representando-o por \hat{h} , para o differençar da surda h , e que figuro na tabella das consoantes por δ .

O som \hat{h} pertence também ao systema de consoantes do quimbundo, do lundês e talvez da maioria das linguas cafríaes. Como se vê, o symbolo pelo qual o represento é uma modificação de h , que para fim análogo tenho usado em varias publicações.

h . Êste mesmo, proferido em segrêdo, ciciado: é talvez o valor normal do h inglês, e do antigo h aspirado francês, ainda dialectal, e que me parece differir do h allemão, manifestamente aphonico.

h , o h inicial allemão e escandinavo. Assim seria o h latino, attenta a sua permutação com f , e do mesmo modo o (') espirito áspero dos gregos, que os romanos transcreveram por h . Em portuguezs só o ouvimos precedendo a vogal que emittimos ao rir: *ha' ha' ha*.

ɣ : consoante explosiva sonora quasi imperceptível, que precede os vocábulos iniciados por vogal: devia ser êste o espirito brando dos gregos ('), differente do ɣ , ou explosiva forte pharyngea.

ɣ : é o (") arábico, ח hebraico, a consoante explosiva pharyngea forte que precede os vocábulos iniciados por vogal tónica nas lin-

¹ *Compendium der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*. Weimar, 1876, p. 17: «*h* ist stets hörbar, und gilt als tönender laut, ist also wie unser *h*, jedoch mit stimton zu sprechen... *h* lässt sich mit und ohne schwingung der stimm-bänder, tönend und stumm, hervor bringen»: «O h ouve-se sempre (em sámscrito) e valo por phonema sonoro; deve pronunciar-se portanto como o nosso h (allemão), mas com voz... o h pode proferir-se acompanhado, ou não, de vibração das cordas vocaes, sonoro ou surdo».

guas germánicas, exceptuando-se o inglês, e que em dinamarquês pode terminar syllaba, como por ex.: em *hund* = *huyh*. Uma variedade desta consoante (γ) é o phonema que proferimos quando tossimos. É esporádica em Portugal a substituição de *k* por γ , constituindo um defeito de pronúncia mais commum do que se poderia suppor.

2.ª Articulação. Pharyngeas anteriores: \aleph 'h \aleph 2.

\aleph : é o *h* sonoro das linguas semíticas, \aleph hebraico, \aleph arábico, cuja fricção é muito perceptível ao ouvido, e exige muito maior esforço de expiração que o *h*, de que sensivelmente se distingue, bem como do *h* e do \aleph (\simeq).

'h: êste mesmo ciciado, por exemplo, quando é final; talvez o \aleph hebraico, o \aleph de \aleph , que me parece não ser o \aleph inicial, sendo também certo que se differença do \simeq .

\aleph : é o \aleph hebraico, o \aleph arábico, sibilante peculiar das linguas semíticas, de difficil imitação para quem de muito novo não contrahi o hábito de a proferir, comquanto seja distintíssima para o ouvido. João de Sousa compara-a ao som que emitimos quando procuramos aquecer com o fôlgo as mãos, e a comparação é exacta.

Todas estas sibilantes, bem como \aleph , converteram-se em *f* nos vocábulos portuguezes e hispanhocos que passaram em tradição para as linguas hispanicas, derivados auricularmente do arabe.

2: é o γ hebraico, o \simeq arábico, de difficilima emissão. Uma boa descripção desta consoante encontra-se na *Grammática Árabe*, de Silvestre de Sacy, e em Brücke¹; Gesenio compara-o a uma especie de *r*, muito lene, o que explica a nossa figuração por metade de *n*.

E ordinariamente transcrito por ('), e Lepsius representa-o por (?). Poderia também representar-se o \simeq por \mathcal{F} ou \mathcal{G} voltado, ou reservar êste último symbolo para uma variante sonora; parecendo-me todavia que o 2 é já por si sonoro, sendo effectivamente assim considerado por varios phoneticistas.

Gutturaes

3.ª Articulação. Velares posteriores: \aleph \aleph 2 \aleph \aleph 2 \aleph \aleph

\aleph , \aleph : o *ng* germánico, sonoro e surdo, porém muito fundo; parece existir em groenlandês: Lepsius representa-o neste por \aleph .

\aleph , \aleph : o *r* uvular, guttural, lene, sonoro ou surdo.

¹ *Grundzüge und Systematik der Sprachlaute*, p. 14: considera-o uma especie de *r*, proferido com as cordas vocaes.

u, *u*: o *r* guttural, parisiense e allemão do norte, esporádico em português; é o que nós chamamos *carrregar* no *r*; pode ser sonoro como no francês *rare*, ou surdo, isto é, proferido em segrêdo, como em *theâtre*.

2: é um *u* assibilado sonoro, o é arábico, que esporadicamente se ouve também na pronuncia parisiense, em substituição do *u*.

ç: análogo, porém surdo, o ç arábico, quasi ç'u, o *ch* suiço.

ð: o *j* medial andaluz, som entre *h* e *γ*, isto é, com maior apartamento dos órgãos factores que o *γ*.

ʃ: este mesmo, ciciado.

ħ: é o *j* inicial andaluz, o *h* polaco, o *g* gallego do sul; talvez o (i) visarga samscritico; assim é proferido também o *s* final e antes de consoante surda nos dialectos andaluzes e da Extremadura hispanhola, em parte, e o *c* florentino entre vogaes, das quaes a que o preceda seja átona, como *la casa* = *la házà*.

ȷ: o *γ* do grego moderno γάγγαζα, que se costuma figurar por *gh*.

ȷ̇: este mesmo, porém ciciado.

ך: o *j* castelhano, ך hebraico, final de syllaba, que é uso representar por *kh* nas trauscrições polygrammáticas.

ġ: um *g* proferido no palato molle.

ġ̇: este mesmo, ciciado.

כ: um *k* proferido no palato molle; é o ך hebraico, כ arábico, os quaes, porém, são precedidos de glottização.

4.ª Articulação. Velares medias: *n* *ṅ* *ȷ* *ȷ̇* *g* *ġ* *ğ* *g* *g̃* *ğ̃*
k *k̃* *k̄* *k̄̃* /*k*.

n, *ṅ*: o *ng* germánico, sonoro e surdo, norte-allemão *lang*, *angst*; o ञ devanágrico: um *n* proferido no ponto em que se pronuncia o *k*, e que em português só se ouve em conjunção com *k* ou *g*; por ex.: *frango*, *franco*.

ȷ: o *g* medial do allemão do norte, como em *tage*.

ȷ̇: este mesmo, porém ciciado.

ך: o *ch* allemão, em conjunção com *a*, *o*, *u* ou consoante, por exemplo, em *bach*.

g: o *g* medial português e castelhano em conjunção com *a*, *o*, *u*; ex.: *lago*, pronunciado por uns *lago*, por outros *lago*.

ġ: o *g* inicial português antes de *a*, *o*, *u* ou consoante, como em *gallo*, *gola*, *gume*, *grude*.

ğ: este mesmo implosivo.

g̃: um *g* proferido em segrêdo, *g* dialectal allemão e dinamarquês de *gunst*.

g̃̇: *g* aspirado, isto é, *gh*; o ञ devanágrico.

g̃̇̃: vale *gȷ̇*.

k': é o *k* aspirado, como em *fico*, o *k* de muitos dialectos allemães, do dinamarquês, o क devanágrico.

k̂: o *k* dos dialectos suiços, como em *kommen* = *kχòm̃n*.

k̃: o *c* português antes de *a*, *o*, *u* ou consoante, ex.: *cá*, *cré*.

k̄: *k* implosivo.

lk: som peculiar dos dialectos boximanes, que F. Müller representa por *ɾ*. É o estalido guttural, com que incitamos animaes de carga.

5.ª Articulação. Velares anteriores: *ɲ* *ɳ* *ɣ* *ʕ* *ɤ* *ʕ* *ʕ* *k*.

ɲ, *ɳ*: as nasaes do allemão *singen*, *sinken*, muito semelhantes no *nh* português, o qual é já palatino.

ɣ: som muito fraco, parecido com o *g* allemão de *tage*.

ʕ: êste mesmo, ciciado.

ɤ: o *ch* allemão, mas proferido mais adeante, quási no ponto em que proferimos *nh*.

ʕ: o *gu* de guerra, *guita*, *gh* italiano de *ghirlanda*.

ʕ: êste mesmo, dito em segrêdo.

k̂: o *qu* de deliquio, um *k̂* aspirado.

k̃: o *qu* de queda, quite, *ch* italiano de *chiesa*, *cheto*.

Linguaes

6.ª Articulação. Palatinas posteriores: *j* *ĵ* *ñ* *ɲ* *ʎ* *ʎ̂* *j̄* *ɣ̂* *ɣ̄* *ç*.

j: o *i* francês de *bien*.

ĵ: êste mesmo, ciciado: o *i* francês de *pieux*.

ñ: o *nh* português, ñ castelhano, *ny* catalão, o *gn* francês de *signer*; o *gn* italiano é geminado, duplo, assim ogui pronuncia-se *õnni*.

ɲ: o *nh* português ciciado, dito em segrêdo.

ʎ: um *lh* português proferido mais atrás que o usual.

ʎ̂: êste mesmo, ciciado.

j̄: o *γ* do grego moderno *γερά*, *j* dialectal allemão.

ɣ̂: êste mesmo, ciciado.

ç: o *ch* allemão de *ich*, *recht*, som bastante difícil para nós portugueses; talvez o som do च védico, actualment proferido ç na India, e ç ou ç na Europa.

ç̂: a sonora explosiva correspondente, talvez existente a par do ç em dialectos açoreanos; o च védico?

ç̄: esta mesma, proferida em segrêdo.

č: o *t* e *qu* açoreano, em conjugação com *i*, ou *in*, como em pequeno, pintor = *picênno*, *pinçôr*; talvez o *Č* védico, porque, segundo a pronuncia moderna na India, parece esta letra variar entre *č*, *č̣* e *ič̣*, sendo este último valor o que se lhe dá na Europa. Parece averiguado que o *kj* suéco é igual *č* = *č̣*, ou pelo menos *ič̣*; o *kj* norueguês normal é sem dúvida *č̣*, ao passo que o dinamarquês é = *ḳj*.

7.ª Articulação. Palatinas medias: *j* 'j' *ā* 'ā' *l* 'l' *ſ* 'ſ' *j* 'j'
č 'č̣' *g* 'g' *g'* 'g' *č̣'* *č̣'* *č̣'* *ic*.

j: o *y* hispanhol de *mayo*, *y* inglês de *yoke*, *j* allemão de *ja*; o *j* italiano toscano é antes um *i*, como é também o *i* portuguez de *maio*.

'j': *j* ciciado.

ā: o *Ÿ* devanágrico, transcrito *ā* por Vasconcellos Abreu, *ā* por Lepsius.

'ā': este mesmo, ciciado.

l: o *l* palatal das linguas esclavónicas, *l* polaco em conjugação com *i*, *л* russo; o *gli* italiano é duplo, sendo analisado por uns, entre elles L. L. Bonaparte, como *ll*, por outros como *l̄l*, o que me parece mais exacto.

'l': um *l* ciciado, o *л* russo final, na pausa.

ſ: um *l* assibilado, que pertence á phonética dos zulos, e que Lepsius representa por 'l', e Torrend¹ por *dl*, comparando o som com o do hollandês *glorie*, isto é *ȝlori* ou *ȝlori* ou *ȝlori*, o que é inexacto.

'ſ': este som, mas surdo, ciciado: pertence também á phonética dos zulos, e Torrend¹ representa-o por *hl*; parece existir também em dialectos románicos da Suíça².

j: o *j* portuguez em conjugação com *a*, *o*, *u*, *z* polaco, *ж* russo.

'j': este mesmo, ciciado.

č: o *x*, ou *ch* portuguez em conjugação com *a*, *o*, *u*, o *x* gallego, asturiano, catalão e vasconço, o *sz* polaco, *u* russo; o *sci* italiano é duplo = *xx*.

j, *č* em conjugação com vogaes palataes (*e*, *i*), em portuguez, é mais palatal, o que expresso por *č̣*, *j̣*; ficam, pois, estas duas consoantes, respectivamente, entre *č̣* e *č̣*, *j̣* e *j̣*.

g: um *g* assibilado.

'g': um *g* affricato = *gj*.

¹ *A Comparative Grammar of the South-African Bantu Languages*. Londres, 1891, p. 5.

² Conforme informação verbal do dr. Julio Cornu, para quem o som era familiar em 1881, e que o comparava a *çl*.

g': um *g* aspirado, o $\overline{\text{ḡ}}$ védico; nas linguas modernas da Índia profere-se como *dg*'.

ǰ: o $\overline{\text{ḡ}}$ védico, que nas linguas modernas da Índia é *dj* ou *ǰj*.

ǰ': êste mesmo, proferido em segrêdo.

ǰ̣: um *g* implosivo.

č: um *č* affricato, isto é *čč*: parece ser êste o valor da chamada aspirada palatal surda das linguas da Índia, $\overline{\text{ḥ}}$, e não *č'*, como é ordinariamente descrita. O *ch* inglês, castelhano, beirão e transmontano é = *tš*, ou *tš'*.

é: $\overline{\text{ḥ}}$ védico? Actualmente esta letra é *tš*, ou *čj*. Na Europa pronunciam-na *tš*.

ç: é implosivo, como na prepositiva do grupo devanágrico $\overline{\text{ḥ}}$.

lc: consoante inspirada surda, peculiar dos dialectos boximaues, hottentotes e zulos, que Fr. Müller representa por *l*, Lepsius por *l*, e Torrend por *q*, dando-lhe uma sonora correspondente, que figura com *gq*, e nós podemos transcrever /*g*. Nas outras linguas só é empregado o *lc* como interjeição, e corresponde ao estalido que damos com o dorso da lingua no céu-da-bôca, como signal de que um líquido a refrigerou.

Deve advertir-se que é mais que duvidosa a existencia de inspiradas sonoras, que melhor são talvez ditongos consonânticos, ou simplesmente grupos de consoantes.

8.^a Articulação. Palatinas anteriores: *ʃ ʃ̣ ɲ ɲ̣ ʎ ʎ̣ ʝ ʝ̣ ɧ ɧ̣ ç*.

ʃ: é um *ʃ* semivogal palatal, proferido muito adiante, perto das gengivas.

ʃ̣: êste mesmo, ciciado.

ɲ: a nasal palatal das linguas eslavónicas, *ń* polaco, *ny* russo, que são proferidas em um ponto mais anterior que o *nh* português.

ɲ̣: êste mesmo, proferido em segrêdo, o *ny* russo final, na pausa.

ʎ: o *lh* português, *ll* castelhano e catalão, *ly* húngaro.

ʎ̣: êste mesmo, ciciado.

ʝ: o *j* francês, proferido mais adiante que o *j* português e com protração dos labios.

ʝ̣: êste mesmo, ciciado.

ɧ: o *ch* francês, proferido mais adiante que o *ç* português e com protração labial, a qual é ainda mais assignalada no *sch* allemão, que pode ser representado por *ɧ*.

ç: é uma explosiva sonora palatina, proferida junto ás gengivas.

ç̣: esta mesma, pronunciada sem voz.

č: a explosiva surda correspondente; o *ci* italiano é uma affricata = *čɕ*, ou melhor *tšɕ*, sensivelmente diversa do *ch* inglês, hispanhol e português do norte = *tš* ou *tš'*.

9.^a Articulação. Dorsaes posteriores: \ddot{n} \ddot{n} \ddot{z} \ddot{z} , \ddot{s} \ddot{d} \ddot{d} t .

\ddot{n} : o n inglês de *angel*.

\ddot{n} : o n inglês de *wrench*.

\ddot{z} : o z polaco, z russo.

\ddot{z} : êste mesmo, ciciado.

\ddot{s} : o s polaco, s russo.

\ddot{d} : o d russo, *gy* húngaro.

\ddot{d} : êste mesmo, ciciado.

\ddot{t} : o t do Cadaval, quando está em conjunção com i , m russo, *ty* húngaro.

10.^a Articulação. Dorsaes médias: \dot{n} \dot{n} \dot{l} \dot{l} \dot{L} \dot{L} \dot{z} \dot{z} \dot{s} \dot{s}
 \dot{d} \dot{d} \dot{t} \dot{t} .

São dorsaes proferidas mais adiante que as antecedentes, das quaes são variedade; \dot{n} parece ser uma pronunciação dialectal do *gn* francês; \dot{n} é frequente imitação de \dot{n} entre as nações germinicas; \dot{l} ouve-se a meúdo como imitação imperfeita do \mathcal{L} na bôca dos francezes do norte, e na dos allemães, para os quaes o lh portuguez é de difficilima emissão; \dot{L} é o ll gallês, como o ouvi proferir ao hebraista do País de Galles, Davies; \dot{L} , a sonora correspondente.

11.^a Articulação. Dorsaes anteriores: $\underset{\cdot}{n}$ $\underset{\cdot}{r}$ $\underset{\cdot}{n}$ $\underset{\cdot}{l}$ $\underset{\cdot}{l}$ $\underset{\cdot}{z}$ $\underset{\cdot}{z}$ $\underset{\cdot}{d}$ $\underset{\cdot}{t}$.

Forma esta articulação as chamadas *gütturo-dentae*, *gütturo-alveolares*, *empháticas*, de que em portuguez há apenas $\underset{\cdot}{l}$. São também linguacs, e Lepsius representa-as por (-).

$\underset{\cdot}{n}$ o j arábico, quando se acha em contacto com uma *emphática*.

$\underset{\cdot}{r}$, $\underset{\cdot}{n}$: r medial e inicial esporádicos, que ouço em portuguez, como pronuncia imperfeita do r apical, e em francês e allemão a muitos individuos que, sem proferirem o r uvular, fazem nelle sentir ainda assim uma certa gutturalização.

$\underset{\cdot}{l}$: o l portuguez final de syllaba, na pausa ou antes de sonora, (quási o t polaco, z russo); ex.: *mal*, *acelga*, que na Parte II representamos por $\underset{\cdot}{t}$, sendo o esclavónico mais dental ($\underset{\cdot}{l}$).

$\underset{\cdot}{l}$: êste mesmo, ciciado, quando está antes de cousoante surda, como no portuguez alto, *palco*.

$\underset{\cdot}{z}$: o $\underset{\cdot}{z}$ arábico, $\underset{\cdot}{z}$ de Lepsius.

$\underset{\cdot}{z}$: o $\underset{\cdot}{z}$ arábico, $\underset{\cdot}{z}$ hebraico, $\underset{\cdot}{z}$ de Lepsius, que os arabistas costumam figurar com $\underset{\cdot}{z}$.

$\underset{\cdot}{d}$: o $\underset{\cdot}{d}$ arábico, representado por Lepsius com $\underset{\cdot}{z}$.

$\underset{\cdot}{t}$: o $\underset{\cdot}{t}$ arábico, $\underset{\cdot}{t}$ hebraico, que Lepsius figura por $\underset{\cdot}{d}$, $\underset{\cdot}{t}$.

12.ª Articulação r'aginaes posteriores: η η' λ λ' ε ε' ζ ζ' δ δ' τ τ' .

η : o n português, hispanhol e italiano, iniciaes.
 η' : êste mesmo, ciciado, n do italiano *santo*.
 λ : l inicial português, hispanhol e italiano.
 λ' : êste mesmo, ciciado.
 ε : z português inicial.
 ε' : êste mesmo, ciciado.
 ζ : s , português, inicial, ss , ζ portugueses.
 δ : d português e hispanhol inicial.
 δ' : êste mesmo, ciciado.
 τ : t português e hispanhol inicial.
 τ' : t português final ou seguido de ρ , ρ' ; ex.: *tape*, *tapo*, *tape-o*.

13.ª Articulação. Paginaes medias: $\dot{\eta}$ $\dot{\eta}'$ $\dot{\lambda}$ $\dot{\lambda}'$ $\dot{\varepsilon}$ $\dot{\varepsilon}'$ $\dot{\zeta}$ $\dot{\zeta}'$ $\dot{\delta}$ $\dot{\delta}'$ $\dot{\tau}$ $\dot{\tau}'$.

$\dot{\eta}$: n francês inicial.
 $\dot{\eta}'$: êste mesmo, ciciado.
 $\dot{\lambda}$: l francês inicial.
 $\dot{\lambda}'$: êste mesmo, ciciado, como em *peuple*.
 $\dot{\varepsilon}$: z francês inicial, z e s mediaes franceses.
 $\dot{\varepsilon}'$: êste mesmo, ciciado.
 $\dot{\zeta}$: s , ζ franceses, ss medial francês.
 $\dot{\delta}$: z casual castelhano antes de consoante sonora.
 $\dot{\delta}'$: êste mesmo, ciciado, z castelhano antes de consoante sonora.
 $\dot{\tau}$: z castelhano, c castelhano antes de e , i .
 $\dot{\tau}'$: d medial português, d castelhano medial ou final, d medial dinamarquês.
 $\dot{\delta}$: zz italiano em *mezzo* = *dz*.
 $\dot{\delta}'$: d aspirado.
 $\dot{\delta}$: d francês.
 $\dot{\delta}$: d implosivo, como ua prepositiva do grupo *dd* italiano de *Gaddo*, do português *ped[e] dois*.
 $\dot{\delta}'$: d ciciado, d inicial dinamarquês, e dialectal allemão.
 $\dot{\delta}$: d lateral, como no allemão *Adel*.
 $\dot{\tau}$: t affricato, z italiano de *zio*, z allemão de *zahn*.
 $\dot{\tau}'$: t aspirado, como no francês dialectal *tard*.
 $\dot{\tau}$: t francês.
 $\dot{\tau}$: t implosivo, como o primeiro t do português *met[e]te*, diferente de *mete*, italiano *fatto*, diferente de *fato*.
 $\dot{\tau}$: t lateral, como no allemão *mittel*.
 $\dot{\tau}$: inspirada cafral e hottentote, representada por Lepsius com $/$.

14.ª Articu'ação. Paginaes anteriores: η η' l l' z z' ξ
 δ δ' β β' t t' .

η : o ऩ devanágrico.

η' : a ciciada correspondente.

l : l correspondente, ल devanágrico.

l' : êste mesmo, ciciado.

z : z trasmontano, z portuense inicial.

z' : êste mesmo, ciciado.

ξ : ξ trasmontano, s portuense inicial.

δ : th inglês de *that*, que pode ser interdental, (δ).

δ' : êste mesmo, ciciado, que pode ser interdental, (δ').

β : th inglês de *thank*, que pode ser interdental (β).

d : ध

d' : द

t : त

devanágricos } São d' d , t t' proferidos com o ápice
 } da lingua na superficie interna dos inci-
 } sivos superiores.

15.ª Articu'ação. Reversas posteriores: η η' r r' ξ ξ' l l'
 z z' s s' d d' t t' .

η : ऩ devanágrico.

η' : êste mesmo ciciado.

r : um r lene muito cacuminal, como o r quimbundo de *riala*; provávelmente é êste o r dravídico, que Caldwell representa por um r , differençando-o de r .

r' : êste mesmo, ciciado.

ξ : o r português, hispanhol e biscainho, inicial.

ξ' : êste mesmo, ciciado.

l : l cacuminal; um l proferido na depressão que do palato duro separa as gengivas; existe em dialectos noruégos e suçeos, e parece que também em linguas cafríes.

t : o ಠ coneani e provávelmente o védico; parece ao ouvido igual a hr , e é proferido com a superficie inferior do ápice da lingua, que fere súbitamente a parede anterior de depressão que do palato separa as gengivas.

z : um z cacuminal, proferido na depressão indicada.

z' : êste mesmo, ciciado.

s : s cacuminal, provávelmente o ढ devanágrico, o qual na Europa e em muitos dos dialectos áricos da India é confundido em um som único, o de \acute{x} ou ʃ , com o ढ (= \acute{x} ou ʃ).

d : d cacuminal aspirado, o ढ devanágrico,

d' : d cacuminal tenue, o ढ devanágrico, que em alguns dialectos da India é proferido como r .

d' : êste mesmo, ciciado.

t' : *t* cacuminal aspirado, o \overline{t} devanágrico.
 t : *t* cacuminal, o \overline{t} devanágrico.

16.ª Articulação. Reversas medias: η η' r r' \mathfrak{r} \mathfrak{r}' z z'
 l l' z z' \mathfrak{s} \mathfrak{c} \mathfrak{c}' f d d' \mathfrak{l} \mathfrak{t} .

η : o *n* inglês de *land*.

η' : o *n* inglês de *grant*.

r : o *r* português de *mar*, *caro*.

r' : o *r* português de *fôrça*.

\mathfrak{r} : o *r* italiano de *brano*, mais deanteiro que o *n* hispânico.

\mathfrak{r}' : o *r* italiano de *prato*.

z : o *r* esporádico que resulta da assimilação parcial de *z* a *n*, como por exemplo os *reis* = $\mathfrak{z}\mathfrak{e}\mathfrak{i}\mathfrak{x}$, em vez de $\mathfrak{r}\mathfrak{j}\mathfrak{n}\mathfrak{e}\mathfrak{i}\mathfrak{x}$; o *rz* polaco, sendo porém êste mais cacuminal, isto é \mathfrak{z} , assimilação parcial de *n* a *j*, e não de *j* a *n*. Pode ser também figurado com \mathfrak{r} .

z' : êste meamo, ciciado, como o *r* final de muitos dialectos brasileiros, entre elles o do Rio-de-Janeiro, por ex.: em *maz*, *sez*. Ambos os *rr* asibilados se ouvem dialectalmente em inglês depois de *d*, *t*, por ex.: em *dry*, *try* = $\mathfrak{z}\mathfrak{a}\mathfrak{i}$, $\mathfrak{r}\mathfrak{z}\mathfrak{a}\mathfrak{i}$, quasi pronunciados como se estivessem escritos *ry*, *chy*, isto é, $\mathfrak{d}\mathfrak{z}\mathfrak{a}\mathfrak{i}$, $\mathfrak{t}\mathfrak{z}\mathfrak{a}\mathfrak{i}$.

l : o *l* inglês inicial.

l' : o inglês do *title*, o qual também pode ser \mathfrak{l} .

\mathfrak{z} : *z* esporádico inglês.

\mathfrak{z}' : êste mesmo, ciciado.

\mathfrak{s} : *s* esporádico inglês.

\mathfrak{c} : o *s* medial trasmontano em *coser*, differente de *cozer*. Existe igualmente em varios dialectos catalães, e mesmo castelhanos. Este som foi geral no reino até há dois séculos, competindo ao *s* medial.

\mathfrak{c}' : êste mesmo, ciciado.

f : o *s* inicial, e *ss* mediaes trasmontanos, como em *aó*, *posso*.

d : o *d* inglês.

d' : êste mesmo, ciciado.

\mathfrak{t} : \mathfrak{t} aspirado, dialectal inglês.

\mathfrak{t}' : o *t* inglês.

17.ª Articulação. Reversas anteriores: \mathfrak{n} \mathfrak{n}' r r' \mathfrak{z} \mathfrak{z}' \mathfrak{l} \mathfrak{l}' \mathfrak{z}
 \mathfrak{z} \mathfrak{s} d d' \mathfrak{t} .

São todas proferidas perto dos dentes, com a parte anterior do ápice da lingua; são variedade das que constituem a 16.ª articulação. O *n* italiano é muitas vezes assim proferido. Há no Minho um \mathfrak{l} , inicial ou final, que é = \mathfrak{l}' ; falta porém determinar os pontos em que é vulgar, pois o não é em toda aquella provincia.

Labiaes

18.^a Articulação: Linguo-labiaes: *u*, *m*, *b*, *p*, etc.

São paginaes proferidas com a lingua no labio superior.

19.^a Articulação. Labio-dentae: *iv* *iv̄* *m̄* *m̄* *ρ* *ρ̄* *ψ̄* *ψ̄* *f̄*
b̄ *b̄* *ψ̄* *p̄*.

iv: semivogal proferida entre os dentes incisivos superiores e o labio inferior; ouve-se, com maior caracter de vogal, na bôea da gente do Porto, para quem a segunda cidade do reino é *pivôrto*.

iv̄: êste mesmo ciciado.

m̄: um *m* labio-dental; nasal freqüente nas linguas cafricaes, inficionando um *v* seguinte, como no lundês *muatiav̄na*, em que está representada pelo (").

m̄: esta mesma ciciada, como no italiano *ninfa*.

ρ, *ρ̄*: *n* labio dental, sonoro e surdo.

ψ̄: o *v* português de *ver*, ou antes o francêa de *va*, e inglês de *veil*.

ψ̄: êste mesmo ciciado, valor que se attribúe ao *v* hollandês, de *vader*, por exemplo.

f̄: o *f* português de *fé*.

b̄: um *b* proferido com o labio inferior nos dentes incisivos superiores: o valor de *v* português, inicial sobretudo, é mais *b̄*, que *v̄*.

b̄: êste mesmo ciciado.

ψ̄: affricata igual a *pf̄*; o *pf̄* allemão de *pfund*, pronunciado rápidamente, com assimilação parcial do *p* ao *f*.

p̄: um *p* proferido com o labio inferior nos incisivos superiores.

20.^a Articulação. Bilabiaes: *iw* *iw̄* *m̄* *m̄* *ρ̄* *ρ̄* *ψ̄* *ψ̄* *f̄* *ψ̄* *b̄* *b̄*
b̄ *b̄* *ψ̄* *ρ̄* *p̄* *p̄* *p̄*.

iw: o *w* inglês em *witch*.

iw̄: o *wh* inglês em *which*.

m̄: o *m* inicial português de *mó*.

m̄: êste mesmo ciciado: *m* italiano de *campo*.

ρ̄: *n* bilabial sonoro; sómente interjectivo.

ρ̄: *n* bilabial surdo; sómente interjectivo.

ψ̄: o *w* dialectal allemão de *wind*; *v* proferido com os dois beiços.

ψ̄: o *u* dialectal allemão de *qual*, *w* de *zwei*.

f̄: um *f* proferido com os dois beiços; affirma-se que há este som em japonês, e Leão de Rosny representa-o nesta lingua por *κ*; toda-

vía, Hoffmann¹ attribuc á fricativa labial japonesa o valor de uma sibilante labio-dental, um *h* que vem terminar nesta articulação, e que pode ser representado por *f*, e a sonora correspondente por *ɸ*, sendo o sôpro coado pelos interstícios dos incisivos inferiores.

ʃ: o *b* medial, português e hispanhol, como em *cabo*, *lobo*.

ʃ̣: a affricata de *b* = *ḅ*.

b': um *b* aspirado, o *Ḃ* devanágrico.

'b: *b* ciciado, como o *b* dinamarquês e dialectal allemão.

ḃ: *b* português de bello.

ḃ: *b* implosivo como no italiano *baḃbo*, e na phrase portuguesa *caḃ*[c] *hem*.

ɸ̣: a affricata de *p*, isto é *ɸ̣*; talvez assim se proferisse o grupo do alto allemão medio *ph*, e o *φ* grego, que depois passaria a *ɸ̣*, para chegar a *f*, seu valor medieval e actual.

ɸ: *p* aspirado, como no dinamarquês *pakke*, e no português, quando final e antes de *ɹ*, *iɹ*; ex.: *tape*, *tapo*, *tape-o*.

p̣: o *p* português de *pó*.

p̣: o *p* implosivo do italiano *trop̣po*, do português *tape* *poia*.

/p: a inspirada bilabial dos dialectos boximanes, que Frederico Müller representa por \square ; proferimo-la ao dar um beijo.

21.ª Articulação. Extra-labiales: *w* *w* *y* *v* *f* *ʃ* *'b* *b* *p*.

São proferidas na parte externa dos labios.

Podemos aqui citar as seguintes, que são conhecidas, *w*: a subjuntiva de ditongo que se ouve no *u* suéco longo final, como em *aju* = *áuw*; o . inicial e *ʃ* medial de Guimarães, e não sei se de outras partes do Minho, que é manifestamente extra-labial.

Creio ter sido Wulff o primeiro a notar a existencia desta articulação, a extrema que se pode produzir².

¹ *Japaneische Sprachlehre*.

² Veja-se *Un chapitre de phonétique, avec transcription d'un texte andalou*. Lund, 1889, p. 15. Éste escrito, e es do mesmo autor, em collaboração com Lyttkens, *Svensk Uttals oräbok e Svenska språkets ljudlära och beteckningslära* são os exemplares mais completos que conhecemos de transcriçã geral monogrammatica, mediante a emprêgo promiscuo de caracteres minúsculos itállicos, que são a base, e redoados, versaletes, gregos, todos elles directos ou invertidos, engenhosamente augmentada ainda esta grande copia de caracteres com todos os sýmbolos e monogrammas usados nas impressas para fins especiaes, como por exemplo, *'b*, ∞ , etc.

PARTE II

PRONUNCIA NORMAL PORTUGUESA

Sons e sua escrita

39. A pronuncia da lingua portugueza não é uniforme, nem mesmo no continente; há todavia no centro do reino, entre Coímbra e Lisbôa, um padrão medio, do qual procuram aproximar-se os que sabem ler e escrever, e que tende a absorver as particularidades dialectaes, não só nesse centro, mas ainda nas cidades das demais provincias. A este dialecto commum nos referiremos em especial ao expormos o valor de cada letra, e os sons, quer vogaes, quer consoantes, e suas modificações, que são elementos dos vocábulos portugueses.

Concluiremos esta exposição por algumas considerações brevisimas sôbre a presumível pronunciação no tempo de Camões, que pertencía por nascimento a êsse centro, ao qual o consenso geral attribuiu sempre melhor elocução.

40. Os sons que constituem a lingua portugueza são vogaes, semivogaes e consoantes. As letras são: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.*

41. O abecedario lê-se do modo seguinte: *à, bê, cê, dê, ê, êfe, gê, agá, i, ji, kà, éle, éme, éne, ò, pê, quê, érre, ésse, tê, u, vê, xis, ýpsilon, zê*; que se pronunciam pouco mais ou menos como se em francês se escrevessem: *à, bé, cé, dé, è, èfe, jé, eugâ, i, ji, câ, èle, ème, ène, o* (como em *or*), *pé, ké, èrre, èce, té, ou, vé, chiche, ípsilone, zé.*

É importante o nome que tem cada letra, porque a inicial dêsse nome representa em geral o seu valor normal e o mais freqüente.

Êste alphabeto não expressa todos os sons da lingua; é augmentado com signaes diacríticos e com grupos de letras, representando cada grupo um som. Dêste modo, há mais os símbolos seguintes, indicativos de outros tantos sons distintos: *ä* (quasi *ö* allemão); *ç*, equivalendo hoje a *s*, bem como o *c* antes de *e*, *i*, *y*; *ch* valendo boje por *x* (*ch* francêsa); *ê* (*é* francês); *gu* (*gu* francês, *gh* italiano), servindo o *g* para antes de *a*, *o*, *u*, ou consoante; *lh*, *nh*, que valem por *ll*, *ñ* castelhanos; *ô* (*ô* francês), *qu* (*qu* francês, *ch* italiano) servindo o *c* para antes de *a*, *o*, *u* ou consoante; *rr* para *r* dobrado; o signal (^) chamado *til*, que denota nasalidade nas vogaes, *ã*, *õ*, *ê* (^) ou *accento agudo*, que marca a vogal da syllaba tónica de cada vocábulo que se quer accentuar gráphicamente, exceptuando *ç* e *ç*, fechados, que se indicam por meio do circumflexo (^).

Apesar dêstes expedientes gráphicos o alphabeto é ainda muito insufficiente para a designação de todos os sons portuguezes, mesmo os do actual dialecto commum, a que, como dissemos, principalmente nos referiremos aqui; e por isso o ampliaremos de modo que possamos ser claros e concisos nesta exposição. Para tal effeito augmentamos os símbolos indicados com mais os seguintes: *ɑ*, *ɑ̃*, *ɑ̄*, *ɑ̅*, *ɑ̆*, *ɑ̇*, *ɑ̈*, *ɑ̉*, *ɑ̊*, *ɑ̋*, *ɑ̌*, *ɑ̍*, *ɑ̎*, *ɑ̏*, *ɑ̐*, *ɑ̑*, *ɑ̒*, *ɑ̓*, *ɑ̔*, *ɑ̕*, *ɑ̖*, *ɑ̗*, *ɑ̘*, *ɑ̙*, *ɑ̚*, *ɑ̛*, *ɑ̜*, *ɑ̝*, *ɑ̞*, *ɑ̟*, *ɑ̠*, *ɑ̡*, *ɑ̢*, *ɑ̣*, *ɑ̤*, *ɑ̥*, *ɑ̦*, *ɑ̧*, *ɑ̨*, *ɑ̩*, *ɑ̪*, *ɑ̫*, *ɑ̬*, *ɑ̭*, *ɑ̮*, *ɑ̯*, *ɑ̰*, *ɑ̱*, *ɑ̲*, *ɑ̳*, *ɑ̴*, *ɑ̵*, *ɑ̶*, *ɑ̷*, *ɑ̸*, *ɑ̹*, *ɑ̺*, *ɑ̻*, *ɑ̼*, *ɑ̽*, *ɑ̾*, *ɑ̿*. Todos êstes diacríticos são convencionaes, todavia, e adoptados por nós para a conveniencia dêste pequeno tratado.

42. O alphabeto assim ampliado ficará sendo o seguinte:

a, *à*, *á*, *â*, *ã*, *ä*, *å*, *ɑ̃*, *ɑ̄*, *ɑ̅*, *ɑ̆*, *ɑ̇*, *ɑ̈*, *ɑ̉*, *ɑ̊*, *ɑ̋*, *ɑ̌*, *ɑ̍*, *ɑ̎*, *ɑ̏*, *ɑ̐*, *ɑ̑*, *ɑ̒*, *ɑ̓*, *ɑ̔*, *ɑ̕*, *ɑ̖*, *ɑ̗*, *ɑ̘*, *ɑ̙*, *ɑ̚*, *ɑ̛*, *ɑ̜*, *ɑ̝*, *ɑ̞*, *ɑ̟*, *ɑ̠*, *ɑ̡*, *ɑ̢*, *ɑ̣*, *ɑ̤*, *ɑ̥*, *ɑ̦*, *ɑ̧*, *ɑ̨*, *ɑ̩*, *ɑ̪*, *ɑ̫*, *ɑ̬*, *ɑ̭*, *ɑ̮*, *ɑ̯*, *ɑ̰*, *ɑ̱*, *ɑ̲*, *ɑ̳*, *ɑ̴*, *ɑ̵*, *ɑ̶*, *ɑ̷*, *ɑ̸*, *ɑ̹*, *ɑ̺*, *ɑ̻*, *ɑ̼*, *ɑ̽*, *ɑ̾*, *ɑ̿*. Alguns dêstes caracteres designam sons que já se não usam no dialecto normal.

Os valores dêstes símbolos são os seguintes, comparados com sons de outras linguas, francês, italiano, allemão, etc.

à, *á*, escrito usualmente *a* ou *á*: *a* intermédio entre os francêses de *pâte* e *patte*.

ɑ̃, *ɑ̄*, escrito com *a* ou *á*: muito próximamente o *â* francês de *mâle*.

ɑ̅, *ɑ̆*, escrito usualmente *a* ou *â*: o *a* inglês de *about*, sendo porém tónico; assemelha-se a *ö* allemão de *hülle*, e tambêm a *e* francês de *le*; (*α*).

ɑ̇, escrito usualmente *a*: êste mesmo, mas átono.

ɑ̈, escrito usualmente *ã*, *am*, *an*: êste mesmo, porém nasal; lembra o *un* francês.

ɑ̉, escrito usualmente *b*: o *b* francês ou italiano.

ö, escrito usualmente *b* ou *bb*: o *b* castelhano de *deber*, quasi *w* dialectal allemão; é um *v* proferido com os dois beiços.

c (antes de *a*, *o*, *u*, ou consoante), *c*, *cc*, *ch*: *c* francês, *k* allemão, em situação semelhante; (*k*).

ç (final ou antes de *o* final átono), *c*, *cc*, *ch*: *c*, *k* aspirado; (*k'*).

ch, escrito *ch*: originaria e dialectalmente *ch* castelhano e inglês; no centro do reino actualmente tem o mesmo valor que *ç*.

ç(*h*), ou simplesmente *ç*, escrito *ch*: *ch* castelhano e inglês; (*ç*).

ç, escrito *ç*(*a*), *ç*(*o*), *ç*(*u*), *ç*(*e*), *ç*(*i*): differenciado antigamente de *s* na pronuncia, mas hoje confundido com elle, excepto em parte de Trás-os-Montes, Minho e Beiras; (*ç*).

d, escrito na orthographia usual *d*: *d* proferido mais perto dos dentes que o *d* francês.

d, escrito na orthographia usual *d*, *dd*: *d* medial castelhano, quasi *ð*, o *th* inglês de *that*, e não *e* de *thank* (*f*).

è, *é*; *è*, escrito na orthographia usual *e*, *è*, *é*: *e* mais aberto que o *e* francês; *è* é mais aberto ainda e só se ouve antes de *t*.

ê, (= *é*; *ê*), escrito na orthographia usual *e*: som originario e dialectal, *e* portuguez; no centro do reino tem o mesmo valor que *ê*, *e* só apparece antes das consoantes *ch*, *x*, *j*, *lh*, *nh*, e no ditongo *ei*; em alguns pontos tem um valor medio, *ê*, entre *è* e *ê* (igual ao do *e* castelhano).

e, *ê*, na orthographia commun *e* ou *ê*: o *é* francês de *fée* *ee* allemão de *see*, e *chiuso* italiano de *sapeva*.

ê, na orthographia commun *em*, *en*: êste mesmo, porém nasal, differente de *in* francês, que é muito mais aberto.

è, *é*, na orthographia commun *e* ou *i*: um *e* mais fechado e menos perceptível que o *e* francês do artigo *le*, ou o allemão de *himmel*; quasi o (*'*) de *ch'val*, pronuncia correute do vocábulo francês *cheval*; (*è*).

f, na orthographia commun *f*, *ff*, *ph*: *f* francês e allemão.

g, (antes de *a*, *o*, *u*, consoante, ou final) *g*, *gg*: o *g* francês na mesma situação, *g* inglês de *gold*, italiano de *largo*; (*g*).

gu, (antes de *è*, *ê*, *i*, *y*), *gu*: o *gu* francês na mesma situação, *gh* italiano; (*g*).

j, (antes de *e*, *i*, *y*), *g*: análogo ao *g* francês na mesma situação, igual a *j*, *j*. (Vejam-se êstes).

h, escrito na orthographia commun *h*: sempre nullo; equivale ás vezes ao signal (") em francês, para desunir vogaes: *ahi*, (= *ah*).

i, (*î*), *í*, escrito na orthographia commun *i*, *î*, *y*, *ý*: *i* allemão ou italiano, menos agudo que o *i* francês.

ì, (*î*), escrito na orthographia commun *i*: *i* do inglês *bill*, muito próximamente; está para *i* como *è* para *ê*.

î, escrito na orthographia commun *im*, *in*: *i* nasal, differente de *ing* allemão ou inglês.

i, escrito na orthographia commun *i*, *e*: *i* átono antes de palatal, muito breve e attenuado.

i, escrito na orthographia commun *i*, *e*: *y* francês e inglês, *j* italiano, ou alemão, porém menos consonántico, com maior carácter de vogal.

j, (antes de *a*, *o*, *u*, *ç*), escrito na orthographia commun *j*, *y*: mais palatal que o *j* francês, e sem protração labial.

j̄, (antes de *z*, *ç*, *i*, *ç*), escrito na orthographia commun *y*, *j*: ainda mais palatal.

k, (substituído por *c* ou *qu*), escrito na orthographia commun *c*, *ch*, *qu*, *k*: é de raro emprego: vale o *k* alemão.

l, na orthographia usual *l*, *ll*: o *l* hispanhol ou italiano, articulado mais próximo dos dentes que o francês.

l, *l* depois de vogal na mesma syllaba, ou quando final: quasi o *l* polaco, isto é, gutturalizado: a lingua, deprime-se a meio, e faz-se convexa em direcção ao palato molle; a ponta, com a sua face inferior, toca a face interna dos incisivos superiores e forma o contacto com as gengivas; o effeito acústico é quasi o de um *n* muito sumido, ou do *sc* inglês; (*l*).

lh (melhor *lh*, ou simplesmente *l*), escrito na orthographia commun *lh*: é um *l* palatal, o *ll* castelhano, e não *ill* parisiense, nem o *lj* alemão. Para o reproduzir deve ter-se em attenção que a ponta da lingua há de encostar-se á face interna dos incisivos inferiores, e que o contacto é com a página superior da lingua, convexa, na parte interna das gengivas dos incisivos superiores, quasi junto ao palato duro, próximamente a posição do *ch* alemão de *ich*; o sopro passa, como para todos os *ll*, por um ou pelos dois lados da lingua; (*l*).

m, escrito na orthographia commun *m*, *mm*: o *m* francês inicial, ou *m* italiano ou alemão; (*m*).

n, escrito na orthographia commun *n*, *nn*: mais perto dos dentes que o *n* francês ou alemão; (*n*).

ng, escrito na orthographia commun *n*: o *ng* alemão de *sang*, ou o de *singen*, conforme é precedido de *a*, *o*, *u* ou de *e*, *i*; só se ouve antes de *k*, *qu*, *g*, *gu*; (*n̄*, *ng*).

nh, (melhor *nh*, ou simplesmente *n*), escrito na orthographia commun *nh*: o *gn* francês, *ñ* castelhano, e não *nj* alemão, parecendo-se mais com o *ng* de *singen*, do que com esse compendio de dois sons; (*ni*).

ò, *ó*, escrito na orthographia commun *o*, *ó*: é o *o* aperto italiano, quasi o *o* alemão de *sonne*, ou então o *o* francês de *or*, de que também differo; antes de *t* é mais aberto ainda; (*ò*).

o, *ó*; *o*, escrito na orthographia commun *o*, *ó*, *ou*: é o *o* chiuso italiano, *oo* alemão de *loos*, *ó* francês; *o* é ainda mais fechado, e só apparece antes de *t*.

o, escrito na orthographia commum *o*, *u*: é um *u* átono muito breve, e quási imperceptível se é final.

õ, escrito na orthographia commum *on*, *om*: é *o* nasal, diferente do *on* francês.

p, escrito na orthographia commum *p*, *pp*: *p* francês e italiano.

p', escrito na orthographia commum *p*, *pp*: *p* aspirado.

qu, (antes de *è*, *ê*, *i*), escrito na orthographia commum *qu*: *qu* francês, *k* allemão na mesma situação; (*k*).

qu, (antes de *i*), escrito na orthographia commum *qu*: *qu* (*k*) aspirado.

r, (final, medial, e antes de *p*, *f*, *t*, *s*, *x*, *c*, *qu*; *b*, *v*, *d*, *z*, *j*, *g*, *gu*, ou depois de consoante), escrito na orthographia commum *r*: é um *r* proferido de um só golpe com a parte anterior da ponta da lingua na parte mais convexa das gengivaa dos dentes incisivos superiores.

r̄, *rr*; (*r*), (*r* inicial, dobrado, e antes de *m*, *n*, *nh*, *l*, *lh*), escrito na orthographia commum *r*, *rh*, *rr*: é um *r* vibrado com a ponta da lingua, junto ao palato duro, na parte interna das gengivas, á esquerda, portanto é uni-lateral; inicial e dobrado (*rr*) é mais vibrado. Estas duas especies de *r* correspondem inteiramente ao *r* e *rr* de toda a península hispánica, quando normacs.

s, na orthographia commum *s*, *ss*, *sc*, *ç*, *x*: é quási o *s* inicial francês, *ss* allemão; deve porém ter-se em attenção que é proferido com a lingua convexa de encontro ás gengivas dos incisivos superiores, encostando-se a ponta á parte interna dos incisivos inferiores; (*s*). O som originario e provincial (do norte) é o de *s*, que é o inverso dèste. (Veja-se *s*).

š, na orthographia commum *s*: *s* medial, valendo *z*. (Veja-se *z*).

š, na orthographia commum *s*: *s* antes de consoante valendo *ž* ou *ž*. (Veja-se *ž*).

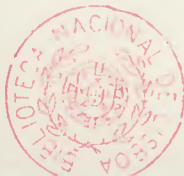
š; *š*, na orthographia commum *s*, *z*: *s* final ou antes de *p*, *f*, *t*, *ç*, *c*, *qu*, valendo *š* attenuado, quási o *s* allemão de *spiel*, *stehen*; *š* é mais palatal.

s, na orthographia commum *s*, *ss* (confundido há muito tempo com o *ç* = *s* no dialecto culto, e assim também em todo o sul, do Mondego para baixo): som originario e dialectal do norte, diferente do *ç*: é um *s* reverso, iste é, proferido com a parte anterior, um tanto cóncava, da ponta da lingua no convexo das gengivas dos incisivos superiores, como o *s* vasconço e castelhano: lembra no effeito acústico *sž* reunidos; (*s*).

t, na orthographia usual *t*, *tt*, *th*: é um *t* proferido mais perto dos dentes que o *t* francês e allemão, e sem aspiração; (*t*).

t', (antes de *ç*, *ç*, *iç* finais), *t*, *tt*, *th*: o mesmo, porém aspirado.

u, *ú*, na orthographia usual *u*, *ú*: o *u* italiano e allemão, menos fechado que o *ou* francês; (*ú*).



u, û, na orthographia usual *u*: como *ou* francês de *foule*; só antes de *t*.

û, na orthographia usual *u*, *o*: *u* semivogal como o *u* italiano de *uomo*, diferente do *w* inglês.

ũ, na orthographia usual *um*, *un*: é *u*, nasal, diferente de *ung* alemão.

v, na orthographia usual *v*: *v* francês e italiano, não confundido nunca com o *b* no sul e centro do reino; raro no norte; (*v*).

x, símbolo etymológico, valendo por *ks*, *ss*, *iš*, *iz*, *iž*, *š*, *z*, *š*, *ž*, conforme a sua posição com respeito aos sons contíguos.

â, na orthographia usual *x*, (ou *ch*): mais palatal que o *ch* francês, sem a protração labial d'êste ou do *sch* alemão; análogo ao *sh* inglês; é o *x* tradicional da Península Hispânica, que desapareceu já do castelhano e seus dialectos, mas que permanece no gallego, no asturiano, no valenciano e no catalão com o mesmo valor. Figura principalmente depois de consoante, dos ditongos *ai*, *ei*, *oi*, e quando é inicial. (Emprego o ponto sobrescrito para o differenciar do *x* medial etymológico. O dialecto culto não distingue *â* de *ch*).

â, na orthographia usual *x* (ou *ch*): mais palatal que *â*, por se lhe seguirem ou o precederem *i*, *z*, *l*, *ê*.

y, ý, na orthographia usual *y*: símbolo puramente etymológico e que vale por *i*; na orthographia antiga valia por *î*, se era seguido de vogal, e também por *í*, depois de consoante.

z, na orthographia usual *z* (*s*): é um *z* semelhante ao francês, proferido porém, bem como o *s* português (veja-se), mantendo-se a ponta da lingua encostada aos incisivos inferiores; (*z*).

ž (*š*); ž, na orthographia usual *s*, *x*: é um *j* atenuado; tem êste valor o *s* antes de *b*, *m*, *v*, *z*, *d*, *n*, *l*, *j*, *nh*, *lh*, *g*, *r*; ž é mais palatal.

ž (*s*), (*s* entre vogaes), na orthographia usual *s* (confundido há muito tempo com o *z* no dialecto culto): é um *z* proferido com as mesmas posições dos órgãos que o *š* reverso. É êste o valor originario, e ainda o dialectal no norte, do *s* antes de *b*, *m*, *v*, *z*, *d*, *n*, *l*, *j*, *nh*, *lh*, *g*, *r*, e entre vogaes, diferente do *z*. O seu effeito acústico lembra o de *zj* reunidos em um som único, e é também freqüente em dialectos italianos e catalães; em castelhano ouve-se antes de *b*, *d*, *g*, e ás vezes entre vogaes em pronunciação rápida e emphática; (*ç*).

ž, na orthographia usual *z*: é o *z* final ou antes de *p*, *f*, *s*, *t*, *x*, *c*, *qu*, valendo por *š*, *ž*, no dialecto do centro.

ž (*ç*) na orthographia usual *z*: vale por *ç* final no português antigo e ainda hoje em Trás-os-Montes, por se não escrever *ç* em fim de vocábulo, ou de syllaba; assim *luz* (= *luç*), *nizcaro* (= *niççgrç*), *faz calor* (= *fáz çalôr*).

Se houvéssemos de ter em attenção todo o systema de vogaes e consoantes já observado em dialectos portuguezes, deveríamos augmentar as distincções gráficas. Assim, temos no continente mais as vogaes: *ä* (*a* do inglês *bad*); *á* castelhano e gallego entre *à* e *ã*; *ã* portuense de *mas*, entre *ã* e *ã* ou *è* muito aberto *ò*, *ô* muito aberto da Beira-Alta; *ó* castelhano, entre *ò* e *ô*; *o* do mirandês (*ù*, *u* inglês de *full*); *y* da Beira Baixa (*u*, *u* norueguês de *hus*); as vogaes nasaes gutturalizadas do Minho *ã*, *ẽ*, *õ*, etc., análogas ás francesas *an*, *in*, *on*. Do mesmo modo, houvéramos de differenciar o *ü* allemão de *fühlen* (*y*), e o *z* (*e*, quási o *y* polaco), que são frequentes em fallares açoreanos. Com referencia ás consoantes deveríamos incluir o *z* e o *z* peculiares do Porto e Trás-os-Montes, que se assemelham a *ts*, *dz* em um som único, respectivamente; o *l* reverso minhoto; o *j* (*j* inglês) do dialecto de Macau; o *j* mirandês, igual ao *y* andaluz; *g*, um *g* fricativo, ou aberto, correspondente a *ç*, *đ*, etc., etc.

Em nenhum fallar portuguez até agora estudado se observou ainda o *ç*, ou *j* castelhano moderno, comquanto se ouça na raia em certos vocábulos hispanhocs, não accomodados á pronuncia portuguesa, usados alli por individuos que são em grande parte bilingues. Também não existe o *ç* ou *z* castelhano moderno.

Explicados assim os signaes de que nos serviremos, e comprehendidos os sons que elles representam e que constituem o cabedal phonético do portuguez do centro do reino, antigo ou hodierno, passamos a expor as leis que regulam a sua manifestação, e as alterações que soffrem por influencia dos sons contiguos ou próximos.

Consoantes

43. Fazem-se três divisões principaes nas consoantes:

1.^a Conforme são, ou não, acompanhadas de voz na sua emissão, sendo sonoras, isto é, com voz: *b*, *õ*, *v*, *m*; *d*, *đ*, *z*, *z*, *n*, *l*, *t*, *r*, *r̄*; *j*, *j̄*, *z*, *z̄*, *nh*, *lh*; *g*, *gu*, *n*; surdas ou sem voz: *p*, *p̄*, *f*; *t*, *t̄*, *s*, *s̄*; *ch*, *ã*, *ã̄*, *š*, *š̄*; *c*, *c̄*, *qu*, *qū*.

2.^a Conforme a maior ou menor aproximação dos órgãos que as produzem, e são: explosivas, se há contacto delles, *p*, *p̄*, *b*; *t*, *t̄*, *d*; *ch*; *qu*, *qū*, *gu*, *c*, *c̄*, *g*; fricativas se há apenas aproximação, *f*, *õ*, *v*; *đ*, *s*, *z*, *s̄*, *z̄*; *ã*, *ã̄* (*š*, *š̄*; *z̄*, *z̄̄*) *j*, *j̄*; ancipites, se há aproximação num ponto e contacto em outro, *lh*, *l*, *t̄*, *r̄*, *r̄̄*; *m*, *n*, *nh*, *n̄*: as cinco primeiras destas chamam-se liquidas, e as quatro últimas nasaes.

3.^a Conforme os órgãos que as produzem, o que se vê do quadro seguinte, no qual estão inscritas em parêntese quadrado as que não pertencem ao dialecto culto actual do centro, e de que nos não occuparemos mais quando d'elle tratarmos exclusivamente.

Quadro das consoantes portuguesas

	Explos.	Fricat.	Líquidas	Nasaes
Bilabiaes, com o labio inferior no superior.....	{ p b	v		m
Labio-dentaes, com o labio inferior nos gumes dos dentes incisivos superiores.....	{	f v		
Apicaes, com o ápice da lingua nas gengivas dos incisivos superiores.....	{ t d	d s z	l r	n
Reversas, ou sub-cacuminaes, com o bôrdo anterior da ponta da lingua na parte interna das gengivas dos incisivos superiores.....	{	[s] [z]	r̄ r	
Palatinas, com o dorso da lingua na abóbada palatina :				
a).....	{ [ç(h)]	š(š) j(ž)	l̄(h)	n̄(h)
b).....	{	š(š) j(ž)		
Gutturaes, com a raiz da lingua no extremo do palato duro :				
a).....	{	qu gu		n
b).....	{	ç c g		n

Vogaes

44. As vogaes portuguezas são oraes ou nasaes.

As vogaes oraes do centro do reino são as seguintes :

Abertas :	à, a, è, ò, ò,	como em pá, sal, pé, mil, pó.
Fechadas :	á, ê, ê, i, ô, u,	como em ramo, seja, dê, lí, côr, tu.
Reduzidas :	ç, ã, ç, ç,	como em cada, vislumbre, de, aro.
Semivogaes :	î, û,	como em fiar, cear, pai, suar, soar, pau.

45. Estas vogaes distribuídas por órgãos dão o resultado seguinte :

Gutturaes :	á à á	ç ç	} = {	á à ç ç
Palataes :	è é ê ì î ï	î		è é ì î ï ï
Labiaes :	ò ô u ç ù	ù		ò ô u ç ù

porque á, è são iguaes a ç tónico, á.

46. As vogaes ï, ç, ù são iguaes em timbre a î e u, e consequentemente o número total das vogaes oraes portuguezas normaes no centro do reino é de 11: á, à, ç, è, é, ò, ô, ì, î, u, ç, independentemente da sua maior ou menor sonoridade, determinada pela presença ou ausencia do accento tónico, e pelos sons contiguos.

47. As vogaes oraes antes de *t* na mesma syllaba modificam-se, constituindo mais 7 vogaes, porque as duas reduzidas ç, ç não formam syllaba com esse *t*. Os valores das 7 vogaes seguidas de *t* são os seguintes: *at*, *çt*, *çt*, *ut*, mais fechadas que as normaes; sendo ç análogo ao *a* francês de *lâche*; *êl*, *ól*, *íl*, vogaes mais abertas e análogas, respectivamente, ao *è* aperto italiano de *gèlo*, *all* inglês de *call*, e *ill* inglês de *bill*. O timbre especial de qualquer vogal antes do *l* da mesma syllaba coincide com o que lhe cabe quando forma ditongo com *ù*; exceptúa-se porém o è, que conserva o seu valor è antes de *ù*, sem a modificação que o affecta antes de *t*. Há dialectos em que *èu*, *èt* teem o è idéntico = è.

48. Com as vogaes oraes à è é, ò, ô, u e a semivogal î formam-se os seguintes ditongos oraes, cuja dominante é a primeira: *ài*, escrito *ai* ou *ae*, como em *pai*, *dae*, análogo ao *ai* allemão de *bei*, *Mai*.

èi, escrito *ei*, sempre tónico, em *fiéis*, *réis*, análogo ao *ij* hollandês de *wijn*, *eil* do francês do norte em *soleil*.

êi, escrito ei, como em *feis, reis, leis*, análogo, mas não idêntico, ao *ay* inglês de *day*.

ôi, escrito ói ou óe, como em *bóia, sóes, rões*, análogo ao *oy* inglês de *boy*, ou *eu, du* allemão de *treu, bäume*¹.

oi, escrito oi, como em *sois, bois, foi*, análogo ao *ooi* hollandês de *nooit*.

ui, escrito ui ou ue, como em *fui, azues, sues*, análogo ao *ui* allemão de *pfui, oei* hollandês de *bloei, ouil* do francês do norte.

Com as vogaes oraes *a, e, i, (o)*, modificadas como antes de *t*, e com *è* formam-se os ditongos de subjuntiva *ũ*, que teem também a primeira vogal dominante:

au, escrito *au, ao*, como em *pau, mau, Macao*, análogo ao *au* allemão de *frau*.

eu, escrito *eu, éa*, como *réu, céa*, sempre tónico.

ou, escrito *ou*, como *breu*, análogo ao *eeu* hollandês do *sneeuw*.

ou, escrito *ou*, como *dou, sou*, que no centro e sul do reino vale por *o*, e do norte para o sul, até a Beira Baixa, *ou, oi* (sua pronuncia antiga) *öü, ö, o* (com o *ö* allemão de *hölle* ou o de *schön*), valores estes últimos que lhe cabem em parte da Beira-Baixa e nos Açores. O seu valor em Lisboa e, ainda há quarenta annos, *o*.

iu, escrito *iu*, como em *riu, fugiu*, que só figura, sempre tónico, nas terceiras pessoas do singular do perfeito indicativo dos verbos em *-ir*; assim, elle *riu* é diferente de eu *riu*, o *riu*.

49. As vogaes nasaes portugucas normaes são as seguintes: *ã, ê, i, õ, ã*. (Vejam-se 41 e 42).

ã, escrito *ã, an-*, como em *lã, cansar*.

ê, escrito *en-* como em *vence*.

i, escrito *in, in-*, como em *fim, fins*.

õ, escrito *om, on-*, como em *som, sons*.

ã, escrito *um, un-*, como em *um, uns*.

Todas estas vogaes são formadas com as vogaes fechadas, *á, e, i, o, u*. No centro do reino a única vogal nasal aberta é *ã*, resultante de crase *a, à + ã* átono, como em *via andar = viãndár, via-a a andar = viããndár*, mais prolongada.

Quando a uma vogal nasal se segue consoante explosiva, além dessa vogal nasal, ouve-se attenuada, reduzida, uma consoante

¹ Refiro-me ao seu valor considerado normal por W. Vietor (*Die auseprache der in dem Wörterverzeichnis für die deutsche rechtschreibung zum gebrauch in den preussischen Schulen enthaltenen wörter*, Heilbronn, 1885), o de *öt*, e não aos de *öü, öi, éä*, etc., que em outras pronuncias allemãs também são attribuidos aos digrammas *eu, äu*, differencados, ou não, um do outro.

nasal, homorgânica com essa explosiva; assim, *campa*, *canta*, *manda*, *tranea*, *manga*, pronunciam-se *câmpa*, *cânta*, *mânda*, *trãncã*, *mãnga*.

A nasalidade portuguesa é mais fraca do que a francesa, pelo menos no centro e sul do reino: é de 1.º grau (26).

50. Com as vogaes nasaes *ã*, *ê*, *õ*, *ũ* formam-se, mediante a semivogal *i* também nasalizada, quatro ditongos nasaes:

ãi, escrito *ãe*, como em *mãe*, *mães*.

êi, escrito *em*, *en*, como em *bem*, *bens*.

õi, escrito *õe*, como em *põe*, *pões*.

ũi, escrito *ui*, sómente em *mui*, *multo*. No norte, porém, *ruim* pronuncia-se *rũi*.

Com a semivogal *ü*, nasalizada, precedida de *ã* forma-se o ditongo *ãü*, escrito *ão* como em *mão*, *ourégão*, e *am* nas terminações átonas de verbos, como *amam*, *amaram*, e assim também nos monosyllabos átonos, *tam*, *quam*, e algum outro.

Qualquer vogal ou ditongo nasal permanece assim ainda quando se lhe siga vocábulo iniciado por vogal, mesmo que não haja pausa intermedia; dêste modo as phrases seguintes — em *agua*, com a *espada*, sem *alma*, *vão ali*, *lã azul* — pronunciam-se (*ã*) *ãgãgã*, *kõ gã* *ãspãdã*, *sãã ãtmã*, *vãü ãli*, *lã qzãt*, com hiato entre a vogal ou ditongo nasal e a vogal inicial do vocábulo seguinte, ainda que seja também nasal, como — com *ansia*, *cõ ãsiã* —, sem intercalação de qualquer consoante nasal que forme som de transição, ou da aspiração *h*, ou da explosiva pharyngea *ç*, inicial dos vocábulos allemães que começam por vogal tónica, consoante que não existe em português, senão como defeito individual, substituindo *c*, *qu* (= *k*).

Note-se, porém, que a subjuntiva de ditongo nasal, em taes casos, tem carácter de semivogal nasal, que poderia escrever-se *ĩ*, *ũ*, por exemplo.

Êstes ditongos não tem correspondentes nas linguas cultas europeias.

O ditongo *em*, (*êe* como dantes se escrevia e bem) é, de Lisboa a Coimbra, igual em valor a *ãe*, isto é, profere-se *ãi*; no norte, em geral, e em parte do sul do reino, do mesmo modo que no Brasil, vale *êi*, e em alguns pontos do Alentejo simplesmente *ê*, que era talvez o seu valor primitivo. O til (~) só se usa para indiar a nasalidade de *ã* (que também se escrevia *ãa*) e a das prepositivas dominantes dos três ditongos *ão*, *ãe* e *õe*. Nas outras vogaes nasaes expressa-se por *m* quando final e antes de *b*, *p*, *m*, e por *n* em todos os mais casos; assim, escreve-se: *pão*, *pães*, *põe*, *pões*, *lã*, *lãs*; *fm*, *som*, *algum*, *limpo*; porém *fms*, *sons*, *alguns*, *vence*, *ranchõ*, *enfiar*, *enviar*, etc.

51. As vogaes portuguezas são plenas ou reduzidas. As vogaes plenas são, além das nasaes *ã, ê, î, õ, ù*, as abertas *à, è, ò* e as fechadas *â, ê, ô, í, u*; as reduzidas são *ã, ẽ, ı, ȳ* e as duas semivogaes, labial *ũ* e palatal *ĩ*.

As duas especies correspondem-se dêste modo :

Plenas :	<i>ã, ê, î, õ, ù</i> ;	<i>à à</i>	<i>è è</i>	<i>é í</i>	<i>ò ó u</i>
Reduzidas :	(<i>ı</i>)	<i>ã</i>	<i>ẽ, ı</i>	<i>ı (ê), ı</i>	<i>ȳ, ı</i>

Segundo esta correspondencia, que se verá com os seus accidentes na tabella seguinte, as vogaes e ditongos são alteráveis, ou inalteráveis, ao passarem de tónicos a átonos.

São inalteráveis : 1.º as vogaes nasacs menoa *ẽ* inicial ; 2.º os ditongos nasacs ; 3.º os ditongos oraes, com excepção de *ái, éi, ẽi, ói* antes de vogal, e a vogal fechada *â*.

São alteráveis : *à, è, ò, ê, ẽ, ô, í, u*, que em perdendo o accento tónico se attendiam nas reduzidas que lhes correspondem.

Dizemos que *à* é inalterável porque *ã* lhe corresponde em timbre no sul ; no norte, porém, onde, principalmente no Minho e Douro, o *a* tónico antes de consoante nasal é também *à*, quando terminando syllaba passa a átono torna-se em *ã*, como qualquer outro *a*.

Semelhantemente, são no Minho e Douro também alteráveis as nasacs, conforme são :

tónicas	<i>ãñ</i>	<i>ẽñ, êñ</i>	<i>òñ, óñ</i>
ou			
átonas	<i>ãñ</i>	<i>ẽñ</i>	<i>ũ</i>

em que *ñ* indica a nasalidade das vogaes, que ahi se assemelha á das francesas, isto é, *ã, ẽ, õ*, etc. (26).

Referindo-nos todavia aqui em especeial ao dialecto culto, a única vogal nasal alterável é *ẽ* inicial e a preposição *em* que, átonas, se pronunciam *ĩ*, valor que também teem no norte.

No norte existem igualmente os ditongos nasacs seguintes : *ãũ, ẽũ, õũ*, nos quaes as prepositivas são *ã, é, ó* nasacs.

52. No dialecto culto a correspondencia entre as vogaes plenas e ditongos alteráveis, que pertencem ás syllabas tónicas, e as suas reduções átonas é a que se vê da tabella seguinte :

Tabella da correspondencia entre as vogaes tónicas e as átonas

Vogaes e ditongos tónicos.		á	ái ³	â ¹	é	ê	ẽ	ê	ëi ⁴ (ëi)	í	ó	ól	ói	ô	ôi	u			
Reducções em syllabas átonas :																			
Iniciaes	antes de vogal.....	ɑ	ɑi		ɪ	ɪ			ɪ	ɪ	ʊ	ɔl	ɔi	ʊ	ɔi	ʊ			
	antes de consoante palatal, ɧ, ʃ, j,	ɑ	ɑ[i] ³		ɪ	ɪ	ɪ		ɛi, ɪ ⁴	ɪ ⁴	ɔ	ɔl	ɔ[i]	ɔ	ɔi, ɔ ⁶	ɔ			
	antes de outra consoante.....	ɑ	ɑi	ɑ	ɪ	ɪ		ɪ	ɛi	ɪ	ɔ	ɔl	ɔi	ɔ	ɔi	ɔ			
Mediaes	antes de vogal.....	ɑ	ɑi		ɪ	ɪ			ɪ	ɪ	ʊ	ɔl	ɔi	u	ɔi	ʊ			
	antes de consoante palatal, ɧ, ʃ, j,	ɑ	ɑ[i] ³		ɛ	ɪ	ɪ		ɛi, ɪ ⁴	ɪ ⁴	ɔ	ɔl	ɔ[i]	ɔ	ɔi, ɔ ⁶	ɔ			
	antes de outra consoante.....	ɑ	ɑi	ɑ	ɛ	ɛ		ɛ	ɛi	ɪ, ɛ ⁵	ɔ	ɔl	ɔi	ɔ	ɔi	ɔ			
Finaes	depois de vogal.....	ɑ ²			ɪ	ɪ			ɛi	ɪ	ʊ	ɔl		ʊ		ʊ			
	depois de consoante palatal, ɧ, ʃ, j,	ɑ			ɪ	ɪ			ɛi	ɪ	ɔ	ɔl		ɔ		ɔ			
	depois de outra consoante.....	ɑ	ɑ		ɛ ⁷	ɛ ⁷			ɛi	ɪ	ɔ	ɔl		ɔ ⁷		ɔ			
					escritos com e					escritos com i					escritos com o			escritos com u	

Observações

1.ª *â* tónico só existe antes de consoante nasal *m*, *n*, *nh*, e é peculiar do centro e sul.

2.ª *g* final, depois de *é* ou *ê* do mesmo vocábulo, intercala *i* na pronúncia ainda que não se escreva; por exemplo, *idéa* = *idêiã*, *europa* = *eurôpeia*. É considerado grande defeito interpor-se *i* na união de um com outro vocábulo, dizendo, como fazem no Minho e Beiras, *g iágua* em vez de *ãgua* (a água).

3.ª É facultativo pronunciar *ai* tónico antes de *â* como simples *á*, que é talvez a pronúncia primitiva; *ai* átono em tal posição, também pode ser proferido *ài* ou *à*.

4.ª *êi* antes de *â*, *j*, pode, quando tónico, proferir-se simplesmente *ê*; átono é sempre *êi*, com excepção de alguns poucos vocábulos em que se reduz a *z*, como em *peixinho*, *peixeiro*, de *pê(i)xe*, que em Lisboa são pronunciados *pêinho*, *pêreiro*; mas de *bê(i)ço*, *bêço*, de *frê(i)ço*, *Frêido*, *dêixa*, *dêido*.

5.ª Numa série consecutiva de syllabas cuja vogal seja sempre *i*, só o da última é assim proferido, se a consoante que se segue aos outros não é palatal; êses *ii* átonos, não seguidos ou precedidos de palatal, preferem-se como *z*; assim, *ministro*, *dividir*, *ridicularia*, lêem-se *minístro*, *devedir*; *radicularia*. São excepções principaes á redução de *i* átono a *z*, as seguintes:

a) O *i* da terminação do infinito dos verbos em *-ir* conserva-se inalterável no seu derivado, o condicional; ex.: *dividir*, *dividiria*; *unir*, *uniria*, (= *devedir*, *devediria*, *unir*, *uniria*).

b) O *i* do radical nos derivados e diminutivos é também inalterável; ex.: de *rico*, *riquíssimo* e não *riqulssimo*; de *fita*, *fitinha* e não *fitinha*; e por maioria de razão, nos diminutivos formados com o infixo *z*, os quaes tem dois accentos, *filazinha*, sendo o último delles o predominante, e o primeiro o subordinado.

6.ª O *i* e o *ê* átonos antes ou depois de palatal, em que se inclue o *s* final de syllaba (= *ã*, *j* atenuados), valem ambos *z*, isto é, *i* atenuado; assim *mares*, *estar*, *historia*, *desdem*, *desdenhar*, *chegar*, sejamos pronunciam-se, no centro e sul do reino principalmente, *maris*, *istar*, *istoria*, *dãdã*, *dãdãnhãr*, *ãzãr*, *ãzãzã*. Se, porém, são precedidos ou seguidos de *l*, *r*, e *ç* e o *i* conservam o seu valor especial em conjunção com *ã*, *j*, *lh*, *nh*; deste modo — geral profere-se *jãral*, e não *járãl*; girar, *jãrar* e não *járãr*; gelar, *jãlar* e não *járãl*; legista, *lãjãlã* e não *lãjãlã*. Antes de *s* seguido de consoante (= *ã*, *j*) modificam-se sempre; assim, *restar*, *alistar*, *deslindar* = *rãstãr*, *ãlãstãr*, *dãjãlãdãr*.

7.ª *ôi* tónico antes de palatal pode na pronúncia perder o *i*, que de facto se suprime no fallar usual, suppressão antiquíssima, como

o prova a escrita -ox- per -oix- (Cf. aí seguido de $\acute{\alpha}$, observação 3); átono, em tal caso, reduz-se a ρ ; assim em vez de *roixō*, *αρροixάδρ*, *ῥόιο*, *αρροixάδρ*¹.

8.º ρ , $\acute{\iota}$, $\acute{\alpha}$, finais precedidos de consoante surda (*f*, *s*, $\acute{\alpha}$, *ch*, *p*, *t*, *c*, *qu*) são proferidos em segrêdo, ciciados; assim se pronunciam bafe, paço, acho; e a consoante, se é explosiva, aspira-se (32, 5.º): tape, pato, patio, fico (*fióρ*) fique-o (*fióιρ*). Em tal caso ξ suprime-se, ficando sómente a aspiração da consoante se é explosiva; assim bofe, passe, tape, sete, fique, lêem-se *bóf*, *pác*, *táp*, *sèl*, *fió*. Nos incrementos destes vocábules formades com *s* (= $\acute{\alpha}$ atenuado) o ξ passa a $\acute{\iota}$, também proferido em segrêdo $\acute{\iota}$; ex.: bofes, passes, tapes, fretes, fiques pronunciam-se *bófiss*, *pásiss*, *tápis*, *sétiss*, *fíkiss*, com $\acute{\iota}$ ciciado, e sem aspiração as explosivas *p*, *t*, *qu*. Se êsse ξ final é precedido de palatal, vale per $\acute{\iota}$ sonoro se a palatal é sonora, por $\acute{\iota}$ ciciado se a palatal é surda; ex.: raxe; foge, desenhe, trabalhe pronunciam-se: *ráxi* com $\acute{\iota}$ ciciado; *fóιι*, *dezēnhι*, *trabálihι*, com $\acute{\iota}$ sonoro. Mas na ligação syntáctica de um a outro vocábulo o incremento *es* profere-se ξz , se o segundo começa por vogal; assim: quero que fiques ahí = *kérρ kξ fíkexai*.

Influencia de vogaes poenónicas nas accentuadas

53. Há vogaes finais átonas que exercem influencia nas tónicas *e*, *o*, fazendo que estas se profiram abertas \acute{e} , \acute{o} , ou fechadas \acute{e} , \acute{o} , conforme o valor dessas vogaes finais. Esta influencia dá-se:

a) Nos verbos da conjugação em -êr, do seguinte modo: terminações que contenham *e*, convém saber, -e, -es, -em, pedem as vogaes *e*, *o* tónicas abertas, *dever*, *dève*, *déves*, *dévem*, *temer*, *téme*, *témes*, *témem*; *correr*, *córre*, *córres*, *córrem*; *comer*, *cóme*, *cómes*, *cómem*; terminações que contenham *a*, *o*, isto é, -a, -as, -am, -o, pedem-nas fechadas, *dêvo*, *dêva*, *dêvas*, *dêvam*; *têmo*, *têma*, *têmas*, *têmam*; *côrro*, *côrra*, *côrras*, *côrram*; *cómo*, *cóma*, *cómas*, *cómam*.

b) Nos adjectivos, principalmente se a tónica é *o*: terminações que contenham *o* pedem a vogal fechada, *tôrto*, *formôso*; terminações que contenham *os*, *a*, *as*, pedem-na aberta, *tórtoss*, *tórtos*, *tórtos*, *formóss*, *formósos*, *formósos*. Assim também *êlle*, *êlles*, *êllos*, *êllas*; *êsse*, *êsses*, *êssa*, *êssas*; *êste*, *êstes*, *êsta*, *êstas*.

¹ Seria de presumir que a pronuncia *ix*, *oix*, em vez de *ix*, *oix*, fôsse artificial, devida á graphia *ix*, na qual o *i* servisse como expediente gráfico para fixar ao α o valor de $\acute{\alpha}$, se não fôsem tam vulgares as pronuocias *ix*, *oix*, no Miúho, póeto que quasi desusadas, e por neuhum modo populares, no sul.

Em conformidade também com esta metaphonía, os seguintes substantivos tem o tónico fechado no singular, e aberto no plural: abrolho, almôço, caroço, chôco, chôro, corcôvo, corno, côro, corpo, corvo, deapôjo, escolho, esfôrço, espôso, estôrvo, fogo, fôrno, fôro, fosso, meolo, ôlho, osso, ovo, peçoço, poço, porco, rôgo, soro, soccôrro, tejolo, tojo, tordo, tôrno, tremoço, trôco, trôço, e assim os seus derivados e compostos, em todos os quaes só se marca o accento circumflexo quando há outro vocábulo que escrito com as mesmas letras tenha o *o* aberto. (V. Accentuação gráfica. 62). Estes nomes nos derivados femininos tem o *o* aberto; exemplo *póço, póça, ovo, óva*, como o tem no plural.

Comparável também com esta metaphonía é a que se dá nos verbos da conjugação em *-ar* correspondendo a nomes affins; por exemplo, eu *trôco*, o *trôco*, eu *gêlo*, o *gêlo*, nos quaes o verbo tem *é, ó* abertos e o nome *ê, ô* fechados. Excepções principaes são: o antes de nasal, ou de vogal, que é em geral fechado, no nome e verbo; e antes de palatal, *ch, x, j, lh, nh*, que se conserva fechado, *ê*; ex.: *vergonha, envergonha; vôo, escolha, fêcho, desêno*, nomes e verbos.

Nos verbos em *-ir* a metaphonía aparece já na escrita: as vozes terminadas em *o, a*, ou cuja última syllaba contenha estas vogaes, tem a vogal do radical *i* ou *u*; as que terminam em *e, es, em* exigem *é, ó*. Nos verbos que contem *ê(n)* no radical, este passa a *i(n)* quando a syllaba seguinte tem qualquer das vogaes *o* ou *a*; ex.: *acudo, acuda; frijo, frija; minto, minta*; porém *acóde, frêge, mênle*. Raros são os verbos em *-ir*, como *fingir, zumbir, zunir, punir, luzir*, mesmo os de introdução moderna, que escapam á metaphonía, a qual todavia não abrange todos os dialectos.

Conjugações e flexões dos verbos

54. As variações da vogal radical são sobretudo importantes nos verbos, e dominam toda a flexão delles; as que são occasionadas pela moção do accento tónico acham-se compendiadas na tabella (52), e nessa parte a conjugação exemplifica-as.

A flexão dos verbos portuguezes, phonologicamente das mais complexas que se conhecem, pode ser classificada por dois aspectos, tomando respectivamente como característica o pretérito perfeito do indicativo, ou o infinito.

Pela primeira destas características dividem-se os verbos nas duas seguintes flexões: 1.^a Flexão forte, 2.^a Flexão fraca.

Na flexão forte o pretérito perfeito do indicativo é accentuado sobre o radical, na 1.^a e 3.^a pessoas do singular, e a vogal radical

deusa 1.^a pessoa aparece no aoristo¹, no imperfeito do subjuntivo e no futuro dêste modo, que assim é sempre diferente do infinito; além disto, na terminação pessoal deusa quatro linguagens a vogal tónica é o *e* aberto; ex.: fiz, fizêato, fizêase, fizêra, fizêr, do verbo fazer. Êstea verbos fortes são considerados irregulares.

Na flexão fraca o pretérito perfeito é formado por terminações accentuadas, acrescentadas ao radical em todas as pessoas; o futuro do subjuntivo é igual ao infinito; a vogal da terminação temporal do aoristo e do imperfeito do subjuntivo é igual á da terminação modal do infinito, ex.: amei, amou, amár, amára, amáase; venci, vencêu, vencêr, vencêra, vencêaae; puni, puniu, punír, puníra, puníaae.

Pela segunda característica os verbos repartem-se em três conjugações, diferenciadas e indicadas pelo infinito: 1.^a conjugação, em *-ár*, 2.^a em *-êr*, 3.^a em *-ír*; podem porém sê-lo também pela 3.^a pessoa do singular do perfeito, *-ôu*, *-êú*, *-íu*.

Êstea verbos, quasi todos, denominam-se regulares, comquanto o seu radical soffra varias alterações na vogal da sua última syllaba, quer em razão de ser, ou não, tónica, quer na 2.^a e 3.^a conjugações pela metaphonia a que acima nos referimos, quando a vogal radical é *e* ou *o*, *i* ou *u*. A 1.^a conjugação é a mais simples, e é por ella que todos os verbos novos, com excepção dos inchoativos em *-çêr*, se flexionam. A 2.^a e a 3.^a perderam a vitalidade.

A conjugação em *-ôr* comprehende o verbo *pôr*, antigo *pôêr*, *poêr*, irregular, e os seus derivados.

Vamos apresentar systematicamente essas modificações, precedendo-as de um quadro das três conjugações completas, exemplificadas por verbos de radical inalterável. Por ella pode ser estabelecida a pronuncia das flexões pessoais (terminacs), que não varia.

Para melhor comprehensão, pois, de todas as alterações que pode soffrer um radical de verbo, principiaremos por apresentar os paradigmas das três conjugações regulares, 1.^a em *-ár*, 2.^a em *-êr*, 3.^a em *-ír*, dando em seguimento as formas que exemplificam successivamente todas as alterações que nos occorrerem de taes radicacs. Chamamos á vogal da base vogal radical, ainda quando seja ditongo. As vogacs radicacs inalteráveis na 1.^a conjugação e na 2.^a são *i*, *u*, vogacs nasacs, ditongo (excepto *ai*, *ei*, *oi*, antes de vogal) e qualquer vogal antes de *l* da mesma syllaba; na 3.^a estaa mesmas, com excepções, porém, para *i*, *u* e *en*. A syllaba *ól* tónica, todavia, converte-se em *ot*, isto é, *ot* átono, quando passa a átona. (V. 52).

¹ Chamo aoristo, por exercer diferentes funções na oração, ao denominado mais que-perfeito, que equivale também ao condicional e ao pretérito do subjuntivo.

Verbos de radical invariável

Formas de radical tónico

		1.ª conj. em -ar: tirar		2.ª em -êr: viver		3.ª em -ir unir	
IMPERATIVO.....	Sing. 2.ª	tira	<i>tira</i>	vive	<i>vive</i>	une	<i>une</i>
INDICATIVO PRESENTE.....	Sing. 1.ª	tiro	<i>tira</i>	vivo	<i>vive</i>	uno	<i>uno</i>
		2.ª	tiras	<i>tira</i>	vives	<i>vive</i>	unes
	Pl. 3.ª	tira	<i>tira</i>	vive	<i>vive</i>	une	<i>une</i>
		tiram	<i>tira</i>	vivem	<i>viva</i>	unem	<i>una</i>
SUBJUNTIVO PRESENTE.....	Sing. 1.ª	tire	<i>tira</i>	viva	<i>viva</i>	una	<i>una</i>
		2.ª	tires	<i>tira</i>	vivas	<i>viva</i>	unas
	Pl. 3.ª	tire	<i>tira</i>	viva	<i>viva</i>	una	<i>una</i>
		tirem	<i>tira</i>	viram	<i>viva</i>	unam	<i>una</i>

Formas de radical átono

IMPERATIVO.....	Pl. 2.ª	tirai	<i>tira</i>	vivei	<i>viva</i>	uni	<i>una</i>
INDICATIVO PRESENTE.....	Pl. 1.ª	tiramos	<i>tira</i>	vivemos	<i>viva</i>	unimos	<i>una</i>
		2.ª	tirais	<i>tira</i>	viveis	<i>viva</i>	unis
SUBJUNTIVO PRESENTE.....	Pl. 1.ª	tiremos	<i>tira</i>	vivamos	<i>viva</i>	unamos	<i>una</i>
		2.ª	tireis	<i>tira</i>	vivais	<i>viva</i>	unais

INDICATIVO IMPERFEITO	Sing.	1. ^a	tirava	<i>tiráva</i>	vivia	<i>vivía</i>	unía	<i>unía</i>
		2. ^a	tiravas	<i>tirávas</i>	vivias	<i>vivías</i>	unías	<i>unías</i>
		3. ^a	tirava	<i>tiráva</i>	vivia	<i>vivía</i>	unía	<i>unía</i>
	Pl.	1. ^a	tirávamos	<i>tirávamos</i>	vivíamos	<i>vivíamos</i>	uníamos	<i>uníamos</i>
		2. ^a	tiráveis	<i>tiráveis</i>	vivíeis	<i>vivíeis</i>	uníeis	<i>uníeis</i>
		3. ^a	tiravam	<i>tirávão</i>	viviam	<i>vivião</i>	uníam	<i>união</i>

INDICATIVO PERFEITO	Sing.	1. ^a	tirei	<i>tirâi</i>	vivi	<i>vivi</i>	uni	<i>uni</i>
		2. ^a	tiraste	<i>tirâste</i>	viveste	<i>vivêste</i>	uniste	<i>uníste</i>
		3. ^a	tirou	<i>tirô</i>	viveu	<i>viveu</i>	uniu	<i>uniu</i>
	Pl.	1. ^a	tirámos	<i>tirámos</i>	vivemos	<i>vivêmos</i>	unimos	<i>unímos</i>
		2. ^a	tirastes	<i>tirástis</i>	vivestes	<i>vivêstis</i>	unistes	<i>unístis</i>
		3. ^a	tiraram	<i>tirárão</i>	viveram	<i>viverão</i>	uniram	<i>unirão</i>

INDICATIVO AORISTO	Sing.	1. ^a	tirara	<i>tirára</i>	vivera	<i>vivera</i>	unira	<i>unira</i>
		2. ^a	tiraras	<i>tiráras</i>	viveras	<i>viveras</i>	uniras	<i>uniras</i>
		3. ^a	tirara	<i>tirára</i>	vivera	<i>vivera</i>	unira	<i>unira</i>
	Pl.	1. ^a	tiráramos	<i>tiráramos</i>	vivêramos	<i>vivêramos</i>	uníramos	<i>uníramos</i>
		2. ^a	tiráreis	<i>tiráreis</i>	vivêreis	<i>vivêreis</i>	uníreis	<i>uníreis</i>
		3. ^a	tiraram	<i>tirárão</i>	viveram	<i>viverão</i>	uniram	<i>unirão</i>

SUBJUNTIVO IMPERFEITO	Sing.	1. ^a	tirasse	<i>tiráse</i>	vivesse	<i>vivesse</i>	unisse	<i>unisse</i>
		2. ^a	tirasses	<i>tiráses</i>	vivesses	<i>vivesses</i>	unisses	<i>unisses</i>
		3. ^a	tirasse	<i>tiráse</i>	vivesse	<i>vivesse</i>	unisse	<i>unisse</i>
	Pl.	1. ^a	tirásemos	<i>tirásemos</i>	vivêssemos	<i>vivêssemos</i>	uníssemos	<i>uníssemos</i>
		2. ^a	tirásseis	<i>tirásseis</i>	vivêsseis	<i>vivêsseis</i>	unísseis	<i>unísseis</i>
		3. ^a	tirassem	<i>tirássem</i>	vivessem	<i>vivessem</i>	unissem	<i>unissem</i>

			1.ª conj. em -ar: tirar		2.º em -êr: viver		3.ª em -ir unir	
SUBJUNTIVO FUTURO, E INFINITO	Sing.	1.ª	tirar	<i>tírár</i>	viver	<i>viver</i>	unir	<i>unír</i>
		2.ª	tirares	<i>tírárs</i>	viveres	<i>vivêrs</i>	unires	<i>unírs</i>
		3.ª	tirar	<i>tírár</i>	viver	<i>viver</i>	unir	<i>unír</i>
	Pl.	1.ª	tirarmos	<i>tírarmõs</i>	vivermos	<i>vivêrmõs</i>	unirmos	<i>unírmõs</i>
		2.ª	tirardes	<i>tírardõs</i>	viverdes	<i>vivêrdõs</i>	unirdes	<i>unírdõs</i>
		3.ª	tirarem	<i>tírarái</i>	viverem	<i>vivêrái</i>	unirem	<i>unirái</i>
INDICATIVO FUTURO	Sing.	1.ª	tirarei	<i>tírarái</i>	viverei	<i>viverái</i>	unirei	<i>unirái</i>
		2.ª	tirarás	<i>tírarás</i>	viverás	<i>viverás</i>	unirás	<i>unirás</i>
		3.ª	tirará	<i>tírará</i>	viverá	<i>viverá</i>	unirá	<i>unirá</i>
	Pl.	1.ª	tiraremos	<i>tírarámõs</i>	viveremos	<i>viverémõs</i>	uniremos	<i>unirémõs</i>
		2.ª	tirareis	<i>tíraráis</i>	viveréis	<i>viveráis</i>	unireis	<i>uniráis</i>
		3.ª	tirarão	<i>tíraráo</i>	viverão	<i>viverão</i>	unirão	<i>unirão</i>
CONDICIONAL	Sing.	1.ª	tiraria	<i>tíraria</i>	viveria	<i>viveria</i>	uniria	<i>uniria</i>
		2.ª	tirarias	<i>tírarias</i>	viverias	<i>viverias</i>	unirias	<i>unirias</i>
		3.ª	tiraria	<i>tíraria</i>	viveria	<i>viveria</i>	uniria	<i>uniria</i>
	Pl.	1.ª	tirariamos	<i>tírariamõs</i>	viveriamos	<i>viveriamõs</i>	uniríamos	<i>uniriamõs</i>
		2.ª	tirarieis	<i>tírariais</i>	viverieis	<i>viveriais</i>	unirieis	<i>uniriamis</i>
		3.ª	tirariam	<i>tírariao</i>	viveriam	<i>viveriao</i>	uniriam	<i>uniriam</i>
GERUNDIO		tirando	<i>tirándo</i>	vivendo	<i>vivêndo</i>	unindo	<i>uníndo</i>	
PARTICÍPIO PASSIVO		tirado, -a	<i>tirádo, -a</i>	vivido, -a	<i>vivido, -a</i>	unido, -a	<i>unido, -a</i>	

A pronuncia marcada no itálico é a de Lisbôa : é a minha.

55. É esta a flexão fraca nas três conjugações: as terminações pessoais que se seguem á vogal tónica são em regra estas, com raras modificações, que mencionaremos. O que é alterável é a vogal radical (isto é, os elementos vocálicos que entram na última syllaba do radical), conforme ella é átona ou tónica; e na 2.^a e 3.^a conjugações também conforme a syllaba da terminação que segue immediatamente a tónica contém *e* (*-es*, *-em*), ou *o*, *a* (*-as*, *-am*), se essa syllaba radical é formada com *e* ou *o* na 2.^a conjugação, e com *e*; *i*, *o*, *u* na 3.^a. As syllabas que precedem a última do radical são invariáveis em toda a conjugação, qualquer que seja o número dellas, porque, ao contrario do que acontece em italiano, nune a qualquer dellas pode ser a predominante.

Na indicação de todas as variantes servirá de typo para a vogal radical átona o infinito; para a vogal radical tónica o singular do imperativo. Para exemplificar a metaphonia na 2.^a e 3.^a conjugações servirá este mesmo singular do imperativo, porque termina em *e*, e por elle pois se regula a vogal radical da 2.^a e 3.^a pessoas do singular e 3.^a plural do presente do indicativo; a 1.^a do singular dêste tempo e modo, que termina em *o*, servirá portanto de norma á 1.^a, 2.^a e 3.^a do singular e 3.^a do plural do subjuntivo presente, que contem *a* na terminação; são estas linguagens as únicas em que há metaphonia, por serem as únicas de radical accentuado.

Verbos com vogaes alteráveis no radical

São estas: na 1.^a conjugação, *a*, *ai*, *e*, *ei*, *o*, *oi*, *ol*; na 2.^a, *a*, *e*, *o*; na 3.^a, *a*, *e*, *i*, *o*, *u*.

I. *a*: no radical tónico é *á*, no átono *a*; ex.: lavar *lavár*, lava *lavá*; bater *bátêr*, bate *bátê*; partir *partír*, parte *partê*; acabar *acabár*, acaba *acabá*, etc.

OBSERVAÇÕES.—1.^a Se á vogal *a* se segue consoante nasal, *m*, *n*, *nh*, fica ella inalterável, porque é *á* quando accentuada.

2.^a Se o radical contém o ditongo *ai*, seguido logo da vogal da terminação, eesse *ai* quando tónico é *ái*, quando átono é *ai*; ex.: caiar *caíár*, caia *caíá*.

3.^a Semelhantemente, se o radical acaba em *a* seguido logo da terminação, quando tónico intercala *i*; ex.: attrahir *atráír*, attrahe *atrái*, attraia *atráia*; sair *sáír*, saia *sáia*.

II. Radical *e*, *o*. 1.^a Conjugação: no radical tónico é *é*, *ó*, no átono *e*, *o*; ex.: levar *levár*, leva *levá*; morar *mórár*, mora *mórá*.

OBSERVAÇÕES.—1.^a Os substantivos derivados de verbos, sem ser por meio de suffixo, tem no seu radical tónico *ê*, *ô* se a termina-

ção é *ç*; *é*, *ó* se ella é *a*, *e*; ex.: trocar *trçár*, troca *tróçã*, verbo; troca, *tróçã*, trôco, nomes; encerrar, *iserrár*, encerro, *iserrã*, verbo; encerro, *iserrã*, nome; entregar *intregár*, verbo, entrega, *intregã*, nome e verbo. Dão-se estas alterações, qualquer que seja o valor das vogaes *e*, *o* nos nomes que dcam origem aos verbos derivados, de que procedem êsses substantivos verbaes; ex.: substantivo cêra *sêrã*, verbo encerrar *iserrár*, nome derivado encera *isérã*; sêco, sêca adjetivos, verbo secar *secár*, substantivo verbal seca *secã*; substantivo escôva, verbo derivado escovar *isçovár*, substantivo verbal escova *isçová*; substantivo fôlgo, verbo folgar, *folgár*, com *o* fechado átono, substantivo verbal folga *fólgã*; verbo tocar, toco, *tócã*, substantivo verbal toque, *tóçã*.

2.^a Quando a *e*, *o* se segue consoante palatal, o radical tónico é *ë* (= *é*), *ô*, tanto no verbo como no nome, primitivo ou derivado, e no radical átono o *e* pronuncia-se *z* co o vale *ç*; ex.: telhar *telhár*, telha *telhã*; fechar *fçár*, fecho *fçã*; desejar *dezçjár*, deseja *dezçjã*, desejo *dezçjã*, desenhar *dezçnhár*, desenha *dezçñha*, desenho *dezçñhã*; escolher *isçolhêr*, escolha *isçólhã*; mas invejar, *elle invêja*, *a invéja*.

3.^a Se a *e*, *o* se segue nasal, o radical tónico tem o *e* ou o fechados no nome e no verbo também; ex.: penar *penár*, pena *pênã*; remar *remár*, rema *rêmã*; envergonhar *ivergonhár*, envergonha, vergonha, *ivergônã*, *vergônã*; abonar *abonár*, abona *abônã*, abono *abônã*.

Todavía, tomar, sommar, tem, em Lisboa, no radical tónico *ò*, *tóma*, *sómã*, quer no verbo, quer no nome.

4.^a Se o radical termina em *o*, quando átono é *ç*, quando tónico *ô*; ex.: coar *coár*, cõa *cõã*.

5.^a Se o radical termina em *e*, quando tónico intercala *i* entre êste e a terminação; ex.: ceiar *siár*, ceia *sêiã*, verbo e nome; e semelhantemente o radical átono supprime esse *i* se pertencia ao radical tónico, e o *e* átono vale por *i*, como de regra por se lhe seguir vogal; ex.: passeio, *pasçêã*, passear *pasçiár*; receio, *reçêã*, recear, *reçsiár*.

6.^a Por confusão com êstes verbos, que são de origem popular, conjugam-se do mesmo modo muitos dos que, de origem artificial, tem o radical terminado em *i*, como odiar, de odio, negociar, de negocio, commerciar, de commercio, que fazem no radical tónico odeia, negoceia, commercia, como se o radical átono terminasse em *e*.

7.^a Não porém assim os de radical *i* que são de origem popular, e se derivam de nomes com *i* tónico, como fiar, fia, de fio, avaliar, avalia, de valia, estiar, estia *istã*, de estio *istã*.

8.ª Nos casos da observação 6.ª o substantivo verbal intercala e para fazer o radical tónico *ēi*; assim: ansiar, *āsiār*, ansia *āsiāq*, verbo, anseio *āsiēio*, nome, como se o verbo fosse escrito *ansear*; presenciar, presença, *prēzēsēiq*.

Vac-se manifestando, entre a gente culta, certa reacção contra esta analogia, nos verbos novamente derivados; pronuncia-se e escreve-se *evidência* de evidenciar, e éste de *evidência*.

9.ª Do latim *perdonare* proveiu o verbo (**perdōar*) *perdoar* *perdōār*, com a queda normal do *n* medial, e dēste verbo derivou-se o substantivo *perdão* *perdāo* *perdāo* mediante um thema *perdon*, *perdō*. Á imitação dēste facto, quando de um substantivo acabado em *-ão* se deriva um verbo, termina elle de ordinario em *oar* (e não em *-onar*), sendo o radical tónico *ō*, e o átomo *ō* (= *ū*); ex.: razão, thema *razō*, verbo derivado *arrazoar* *arrazōār*, *arrazoa* *arrazōāq*; assim também de *mêlão*, por ex., *mêlōāt*, de *falcão* *falcōēirō*, em nomes derivados de outros nomes.

2.ª Conjugação, radical *e*, *o*: tónico *é*, *ó*; *ê*, *ô*; átomo *e*, *o*; ex.: dever *devēr*, deve *dévē*, devo *dēvō*; cozer *cozēr*, coze *cózē*, cozo *cózō*; temer *tēmēr*, teme *témē*, temo *tēmō*; comer *comēr*, come *cómē*, como *cômō*.

OBSERVAÇÃO.—Se a consoante que se segue á vogal radical é palatal, o *ê* do radical tónico é *ē* (= *é* em Lisboa), e o radical átomo tem *e* = *z*, se a consoante que o precede não é *l* ou *r*; ex.: mexer *mexēr*, mexe *méxē*, mexo *mēxō*; proteger *protējēr*, protege *protējē*, protejo *protējō*; mas, reger *rejēr*, rege *réjē*, reje *rējō*, eleger *ilejēr*, elege *ilējē*, elcjo *ilejō*. (Cf. 52, Ons. 6.ª)

3.ª Conjugação, *o*, *u*; *e*, *i*: radical tónico *u*, *i*, se a terminação contém *o*, *a*; *ó*, *é* se contém *e*; o átomo é o proprio radical, com as modificações que a sua atonia e as consoantes contiguas lhe imprimem; ex.: ferir *fērír*, fere *fére*, firo *fírō*; frigar *frējír*, frega *frējē*, frijo *fríjō*; dormir *dormír*, dorme *dórme*, durmo *dúrmo*; sumir *sumír*, some *sóme*, sumo *súmō*; repetir *repētír*, repete *repēte*, repito *repítō*.

OBSERVAÇÕES.—1.ª Os verbos em que *c* é seguido de *n* + outra consoante, flexionam-se como os seguintes exemplos: sentir *sēntír*, sente *sēnte*, sinto *sintō*; mentir *mēntír*, mente *mēnte*, minto *mintō*.

2.ª Muitos verbos da 3.ª conjugação escaparam á metaphonia: assim, entupir faz *entupe*, *entupo*; dirigir, dirige, dirijo; construir *cōstruir*, constrúe, *cōstruí* ou *constróe* *cōstrói*; zumbir, *zumbe*; punir, *pune*; *lignr*, *lignē*; *dividir*, *divide*, *rugir*, *ruge*.

3.^a Os verbos da conjugação forte cuja vogal radical é seguida de *z* não teem *e* terminal na 3.^a pessoa do singular, ainda quando sejam regulares no resto da conjugação; assim *luzir*, conjugava-se: *luzo*, *luzea*, *luz*, e não *luzo*, *luzes*, *luze*; esta última forma, litteraria mas não popular, é considerada como singular do imperativo, ao passo que *luz* é considerada 3.^a do singular do presente do indicativo. O povo não observa tal distincção, a qual é artificial ¹.

As formas anteriores, porém, eram *luze*, *produze*, tanto no imperativo como no indicativo; ao passo que verbos como *acudir* se conjugavam do modo seguinte: no indicativo *acudo*, *acode*, e no imperativo *acude*.

A 2.^a pessoa do imperativo tanto na 3.^a como na 2.^a conjugação terminava no português medieval em *-i*, que por metaphonia existia *-i-*, *-u-* no radical tónico ².

Os verbos da flexão forte são considerados como irregulares; em muitos delles, porém, a irregularidade consiste apenas em que tem radical tónico o pretérito-perfeito do indicativo, permanecendo a vogal radical dessa linguagem nas suas derivadas, aoristo, imperfeito e futuro do subjuntivo, nos quaes, como já dissemos, a vogal da flexão pessoal é *e* aberto, em vez de coincidir com a do infinito. Nesta flexão, cada uma das formas constitue vocábulo diferente, resultante da forma latina de que provém, não sendo essas linguagens, como as da flexão fraca, devidas a analogia, a não ser entre uns e outros destes verbos, o que, por exemplo, se observa comparando *tive* com *estive*, *quis* com *fiz* etc. Taes são os seguintes, alguns dos quaes são verdadeiramente irregulares, como se pode ver nas grammáticas:

¹ É manifesto erro de orthographia o reduzir a este typo a 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *querer*, escrevendo *quer* em vez de *quere*; basta acrescentar-se-lhe o accusativo do pronome da 3.^a pessoa, (*o*, *oa*, *as*) para se tornar evidente que a verdadeira escrita é *quere*, pois que no dialecto culto ninguém dirá de certo *quê-lo*, mas sim *quere-o*, como *sare-o*, *dours-o*, *tire-o*, etc. A conjunção, porém, nenhum inconveniente há em que se escreva *quer*, differenciando-se assim do verbo, como a conjunção-adverbo *ora* se differença do substantivo *hora*, o adverbio eis da linguagem heis por *havois*: se é que isto tem essa origem, como presumo, visto que a sua derivação do latim e esse offerece difficuldades insuperáveis, e lhe não encontro nenhuma tão acceptável como a que proponho.

² Veja-se sobre este, como sobre muitos outros pontos da phenologia histórica do português, *Die Portugiesische Sprache* do dr. Julio Cornu, in «Grundriss der Romanischen Philologie», Estrasburgo, 1888.

INFINITO	PERFEITO		AORISTO	IMPERF. SUBJ.	FUT. SUBJ.
	1. ^a pessoa	2. ^a pessoa	1. ^a pessoa	1. ^a pessoa	1. ^a pessoa
dar <i>dár</i> estar <i>xiálar</i>	dei <i>dēi</i> estive <i>xiátiŋe</i>	deste <i>dēstę</i> estiveste	dera <i>dēra</i> estivera	desse <i>dēsę</i> estivesse	der <i>dér</i> estiver
ter querer <i>krêr</i> fazer dizer caber saber haver [a]prazer jazer trazer poder	tive quis fiz disse coubе soube houve [a]prouve *jouve trouxe <i>trôsę</i> pude	tiveste quiseste fizeste disseste coubeste soubeste houveste [a]prouveste *jouveste trouxeste pudeste	tivera quisera fizera dissera coubера soubera bouvera [a]prouvera *jouvera trouxera pudera	tivesse quisesse fizesse disseste coubesse soubesse houvesse [a]prouvesse *jouvesse trouvesse pudesse	tiver quiser fizer disser coubер souber houver [a]prouver *jouver trouxe puder
vir	vim	vieste	viera	viesses	vier
pôr	pus	puseste	pusera	pusesse	puser

Recapitulação

56. Compendiando o que fica dito, indicaremos, conforme a pronuncia de Lisboa, o valor de cada letra, modificada ou não.

a: tem quatro valores, *à*, *a*, *g*, *ã*.

1.ª *à*, tónico: a) Se se lhe segue consoante, que não seja nasal ou *l*; ex.: *caso*, *casem*, *furar*, *goraz*, *Isaac*, etc., e bem assim no ditongo *ai*, como *pai*, *geraes*, e no nome da letra *a*.

b) átono: na última syllaba, seguido de *r*; ex.: *César*, *alcázar*, *açúcar* (pop. *açúcre*).

c) átono: nos nomes próprios *Camões*, *Sabor*, e outros, e em alguns appellativos, em que é crase de dois *aa*; ex.: *padeiro*, *caveira*, *sadio*.

d) átono: em crase de outro *à* ou de *g*; ex.: *casa-a* (= *cázà*), *a abadessa* (= *àbadéssa*).

e) átono: antes de *r* da primeira syllaba, ex.: *largura*, *harpejo*; nem sempre, porém: *fatura* (= *fartúra*); *momento*, contudo, se provém de *á* tónico, em derivados conscientes.

f) átono: antes de *c*, *p* ou outra consoante explosiva da mesma syllaba, ou ellas se pronunciem, ou sejam nullas; ex.: *adaptar*, *facção*, *acção* (= *acção*); mesmo, ás vezes, quando inicial, ex.: *absurdo*, *absoluto*, também pronunciados *qbesúrda*, *qbesólúto*.

g) No ditongo *ai* átono, ex.: *painel*, *pairar*, se é seguido de consoante, e também no radical do verbo *ganhar* (*ganhár*).

2.ª *a*, átono ou tónico, sómente antes de *l* da mesma syllaba, e no ditongo *au*; ex.: *falta*, *faltar*, *pau*, *Paulada* (*fáltta*, *fálttar*, *paú*, *paúlada*). Quando tónico, muitos pronunciam *a* todo o *a* antes de *l*, mesmo da syllaba seguinte; ex.: *salga*, *ralga*, e em Lisboa é esta a pronunciação dominante, mas não a mais aprovada entre os cultos.

3.ª *g*, tónico: a) antes de consoante nasal; ex.: *ramo*, *romano*, *lanho* (exceptúa-se o radical de *ganhár*, *gánho*) *louvamos*, *teiamos*, *sintamos*.

b) átono, todo o *a* que não está comprehendido nas regras 2.ª a 7.ª de *à*; ex.: *a* (preposição, artigo e accusativo enclítico do pronome ella) *cova*, *fabricou*, *túbara*, *partir*, *apartar*, *satisfação*, *arrebato*.

4.ª *ã*, tónico ou átono antes de consoante nasal seguida de outra que o não seja, ou aquella se pronuncie, como em *pranto*, *campo*, *jantar*, ou seja nulla, como em *cansa*, *cansar*, *rancha*, *arranchar*, *granjear*, *anfião*, etc.

á: quatro valores, à, α, â, ã, tónicos.

1.º à tónico em antepenúltima syllaba; em última, final ou seguido de *s*; em penúltima, quando a última termina em *i*, *u*, ditongo ou consoante, que não seja *s* precedido de *α*, *e*, *o*; ex.: sátyra, fará, farás, carácter, quási, sável, sáveis, alcáçar (*αtkásar*); e na terminação -ámos dos pretéritos; ex.: louvámos. Átono em á (*à*) contracção da preposição *α* e do artigo *α* (qualquer dos dois = *α*).

2.º α antes de *l* da mesma syllaba; ex.: cálculo.

3.º â tónico, isto é, *á*, antes de consoante nasal, inicial da syllaba seguinte, em vocábulos esdrúxulos ou inteiros que tenham de ser accentuados gráphicamente; ex.: cânave, cámara.

4.º ã tónico, antes de consoante nasal da mesma syllaba, ou ella se profira, ou não, em esdrúxulos ou inteiros que tenham de ser accentuados gráphicamente; ex.: sândalo, gándara, tránsito (*sândalα, ásiα, tráziτ*).

ã: vale sempre *ã*, isto é, *á* nasal; ex.: lã, irmã, irmãzinha, christãmente; e no ditongo *ãe* (= *ãi*); ex.: mãe, pães, capitães, Guimarães.

b: dois valores, *b* explosivo, e *β* fricativo, ou é nullo.

1.º *b*, inicial ou medial, depois de consoante, que não seja *s* (= *z*, *ζ*); ex.: balde, ambos, teorba, absolvição.

2.º *β*, medial, entre vogaes, final quando não é nullo, e depois de *s* (= *z*, *ζ*); ex.: abanar, abbade, cobrir, sob, Jacob (ou Jacó) os bois (= *α^z βóis*), Lisbôa (= *L^zβôa*), esbirro (= *zβir^z*).

Ás vezes é nullo; ex.: subtil, ant. sotil.

O grupo *bb* vale *b* singello.

c: três valores, *k*, *k'*, *s*, ou é nullo.

1.º *k*, quando, final de syllaba, se pronuncia; inicial de syllaba antes de *α*, *o*, *u* ou consoante; ex.: facção (= *fácsão*), cá, côr, cru, claro, faca.

2.º *c*, (*k'* ou *k* aspirado), final de vocábulo e antes de *o* átono final; ex.: fico (= *fi^c*), Habacuc (= *αβacú*); Isaac (= *Izá[c]*, melhor escrito dantes Isaque).

3.º *s*, antes de *e*, *i*, *y*; ex.: céu, cirio, cylindro, pendencia, tencionar, receber (= *rççêr*); merecer (= *mççêr*).

Antes de *ç*, *t*, é muitas vezes nullo; ex.: acção, acto, nocturno, acceder (= *ação, álç, notúrno, ççêr*).

O grupo *cc* antes de *α*, *o*, *u* ou consoante vale *k* singello.

ç: s, antes de a, o, u, ex.: çarça, çáfaró, faço, açude, tenção, taça, Çamatra, Maçuá, Suíça.

ch: seis valores, *ç*, *ç*; c, *ç*, qu, *çu*.

1.º *ç*, antes ou depois de a, e, o, u, ou depois de consoante; ex.: chave, fecho, chuva, tacha, archeiro, mocho, cartucho, Champá.

2.º *ç*, antes ou depois de è, ê, í, *ç*; ex.: chorva, achêga, chita, feche (*fçç*) chegar, China, Cochim.

3.º etymológico por c = k, antes de a, o, u ou consoante; ex.: Chálcis, choréa, Christo (= *kálsis*, *koréia*, *krístu*).

4.º etymológico por ç, final átono antes de ç, ç; ex.: Aristarcho, synédoche (= *arçstároç*, *sinédok*).

5.º etymológico por qu, antes de e, i, y, ex.: cherubim, química, chylo (= *querubi*, *quimikç*, *quilu*).

6.º etymológico por çu, antes de io, final átono; ex.: Eustáchio (*eustáçuiç*).

d: dois valores, d explosivo, e d fricativo.

1.º d, explosivo, inicial, e medial depois de consoante, excepto s (= ç, ç); ex.: dar, arder, andar, aldeia.

2.º d, fricativo, medial entre vogaes ou depois de s (= ç, ç), ou final não sendo nullo; ex.: ádito, amado, desde (= *dèçdç*), David (também *dçvi*), addição.

O símbolo dd vale d singello.

e: treze valores: è, è, ê, è, è, *ai*, ei, i, i, ç, i, i nasal, e ç. É a mais variável das vogaes.

e tónico, sete valores: è, è, ê, è, è, *ai*, *ei*.

1.º è: a) no alphabeto o nome da letra e, e no verbo *ser* quando é inicial, ex.: *é*, *era*.

b) nos incrementos do aoristo e pretérito do indicativo, e do futuro e pretérito do subjuntivo dos verbos da flexão forte; ex.: *dera*, *deste*, *der*, *desse*, *souberas*, *soubemos*, *souberem*, *soubéssemos*.

c) na syllaba tónica dos verbos em -ar, em que o nome primitivo tem e fechado, como encero, de cera (= *cêrç*), e bem assim nos substantivos femininos, correspondentes, ou não, a outros masculinos, mórmente se derivam de verbos, como espera (de esperar) seca (de secar, a par de sêco, sêca, adjectivo), rega (de regar); canella (a par de canêllo), cancella (a par de cancêllo).

d) nas terminações -*ela*, -*ella*, -*elle*, como cautela, cida-della, pelle, e -*er* que não seja do infinito de verbo; ex.: mulher, talher, colher, Esther.

c) nos femininos esta, essa, ella, aquella, cadella; cella e poucos masculinos, como Barcellos, Vasconcelles, vitello, farelo, flagello; emquanto os masculinos tem em geral *ê*. [V. c) na p. anterior].

f) no radical accentuado dos verbos em *-er*, *-ir*, quando a terminação tem *e*; ex.: deve, devem, feres, ferem (de dever, ferir).

g) quando a última syllaba contém *e*, ainda que o *e* tónico esteja antes de nasal, contanto que não pertença a verbo da 1.ª conjugação; ex.: prece, entregue, solemne, lome.

h) em geral, quando provém de *ê*, *ae*, *oe* latinos, se alguma regra da phonologia portugueza se lhe não oppõe; ex.: cego, terno, evangelho (*ivãjêlhô*).

i) em vocábulos eruditos tirados de latim e grego, quando se lhe não segue consoante nasal + *a*, *o*, mormente se são esdrúxulos; ex.: recto (*rêto*), aërio, secreto, célcere, Ceres, réplica, cérebro, Cérbero (*sérçbrô*, *sérberô*).

j) na syllaba *el*; ex.: fel, xairol, guelraa, acelgas: neste caso é mais aberte (*ê*).

k) nos ditongos *éu*, *éi*, que na maioria dos vocábulos proveem da queda ou mudança de *l*, casos em que os escrevemos sempre *éu*, *éi*; ex.: céu, vergéu, chapéu, xairéis, painéis, vergéis, réis (pl. de real, moéda nominal de conto).

l) Quando provém da crase de duas vogacs; ex.: queda, mestre (ant. queda, meestre); aqueço, esqueço.

2.º *ê*: a) nas terminações dos verbos fracos da 2.ª conjugação; ex.: devêr, devêra, devêase.

b) na tónica de nomes masculinos derivados de verbos da 1.ª conjugação; ex.: comêço, (mas, *eu comêço*, de *comçar*), encêrro (mas, *eu encêrro*, de *encçrrár*), rêgo.

c) bem assim em substantivos masculinos, como canêllo, cancêllo, a par dos femininos canélla, cancélla.

d) em certos masculinos, cujo feminino tem *e* aberto; ex.: elle, aquelle, êste, êsse.

e) antes da consoante nasal da syllaba seguinte, se a ella se segue *o* ou *a* (*ô*, *â*); ex.: Helena, remo, diadema; scena, pena, penna (= *pênâ*), feno; mas, Vénus, Rheno, Magdalena, com *e* aberto.

f) no radical tónico dos verbos da 2.ª conjugação, quando a terminação contém igualmente *ô* ou *â*; ex.: devo, deva, devas, devam (de *devêr*), temo, tema, temas, temam (de *têmêr*).

g) nos suffixos *ez*, *esa*, *eza*, *esso*, *essa*; ex.: sordidcz, defesâ, avareza, condessa; nas flexões singular feminina e plural dos nomes em *ês*, que também se escrevem com *z*; ex.: (português, cortês) portuguezes, portugueza, cor-

tescs, e bem assim nas desinências dos verbos em *-er* da flexão fraca; ex.: valera, valeste, valemos, valesse, valer; e no infinito da forte na 2.ª conjugação; ex.: saber.

b) no ditongo *eu* (que não provém de supressão de *l*); ex.: meu, judeu, neutro, Viscu.

i) em raros vocábulos em *el*, sendo neste caso mais fechado o *e*; ex.: felpa, feltro.

j) em geral são fechados os *ee* procedentes de *ē*, *ÿ* latinos, este último sobretudo antea de consoante da mesma syllaba; ex.: segrêdo, cera, pera, cesta, greda, sêco, adjectivo, quando regras phonológicas portuguezas se lhe não oppõem, como em seco, verbo, seca, verbo e nome, segredo, segreda, (com *é*) verbo, de segrêdo, nome.

3.º *ẽ* (= *é*), e originariamente fechado ou medio de outros dialectos, antes de consoante palatal, e no ditongo *ei* não resultante de supressão de *l*; ex.: cereja, fecho, lenha, abelha, reixa, lei, beijo, fazeia, rei, reis (= *serájã*, *fãxã*, *lãnhã*, *abãlha*, *rãixã*, *lã*, *bãijã*, *fãzãis*, *rã*, *rãis*).

4.º *ẽ* antes de consoante nasal na mesma syllaba, ou ella se pronuncie, ou não; ex.: gente, tempo, dengue, lenço, genro, (= *jẽntẽ*, *tẽmpõ*, *dẽngue*, *lẽsõ*, *jẽrõ*).

5.º *ã*, escrito em quando final, e em seguido de *s*; ex.: b em, bema (= *bã*, *bãis*) e na 3.ª pessoa plural presente indicativo dos verbos *ter* e *ver*, *teem*, *veem* (= *tãtã*, *vãvã*, com o accentto na 1.ª syllaba) que também se podem ler *tã*, *vã*, como é geral na conversação, não se differenciando do singular.

6.º *ê*, quando tónico é seguido immediatamente de *a*, ex.: idéa (= *idêa*), platéa (= *platéa*).

e átono, onze valores: *è*, *é*, *ã*, *ẽ*, *ã*, *í*, *i*, *ĩ*, *î*, *ï* nasal, *ê*; on é nullo.

1.º *è*: a) em syllabas que terminem em *c*, *p*, pretónicas, quer o *c* ou *p* se profira quer não, e em *r*, átonas finais; ex.: secção, direcção, accepção, excepção; carácter, cadáver (= *sêkção*, *dirêção*, *acêpção*, *exêpção*; *carãter*, *cadãver*); porém *carãteres*, *cadãveres*; ou na syllaba *et*, sendo então mais aberto; ex.: relvoso, amável, sável, nível.

b) em raros vocábulos latinos e gregos, inicial e antes de vogal, ex.: echoar (*ecãar*) Eólo (*èlõ*); ou final, ex.: ave, salve, inclusive (= *avè*, *sãlvè*, *inkluzivè*).

c) em alguma, ainda que poucos, vocábulos em que é crase de duas vogaes anteriores, antes separadas por consoante; ex.: sedição, caquecer, aquecer, seteira, mestria, vedor (= *sêdiciõ*, *jũquêcêr*, *quêcêr*, *sêtãirã*, *mêstrigã*, *vêdôr*).

d) em alguns derivados de *e* tónico aberto, antes das pal. *j*, *lh*; ex.: sejeiro, de seje; velhice, envelhecer (= *vêlhicẽ*,

ivêlhcêr) de *velho*; ou de *r*, *s* como *hervanario*, *empestar*, *Guilhermina* (*êrvqnário*, *impêtár*, *Guilhèrmina*); mas *perder*, *perdão*, *herdar*, etc., (*pêrdêr*, *pêrdão*, *irdár*), e mesmo *certíssimo*, *certeza*, etc., (*sertísimo*, *sertêzq*), comquanto derivados imediatos e conscientes de certo (*seritq*).

2.º *ç*: postónico na terminação *em* de vocabúlos latinos e gregos; ex.: *qbdómçen*, *gérmen*, *hýphçen* (pl. *qbdómçenes*, etc.).

3.º *ê*: não inicial antes de consoante nasal na mesma syllaba, quer ella se pronuncie, quer não, excepto nas terminações *em*, *ens*; ex.: *defender*, *lembrar*, *pensar*, *benjoim* (= *defêndêr*, *lêmbrrár*, *pêsar*, *bêjjuí*).

4.º *q*: no ditongo *ei* átono (= *qi*); ex.: *feitor*, *amáveis*, *exame* (*qizámç*).

5.º *ã*: nas terminações *em*, *ens*; ex.: *viagem*, *viagens*, *devem*.

6.º *z*: nasal átono antea de consoante nasal, quer ella se profira, quer não; ex.: *entrar*, *entender*, *exame*, *ensinar* (= *intrár*, *intêndêr*, *izámç*, *isinár*).

7.º *i*: a) inicial antes de consoante; ex.: *elogio*, e (conjunctão), *heróe* (= *ilqjêr*, *i*, *iróí*), mesmo quando provenha de *ê* ou *é*; ex.: *errar* (substantivo *êrro*, verbo *êrro*).

b) depois das vogaes *a*, *o*, *u* quando com ellas não forme ditongo; ex.: *ajaczar*, *poemeto*, *duellista*, *pronunciados* *ajqizár*, *pqimêto*, *duilístq*, derivados de *jqêz*, *pôema*, *diêllq*.

8.º *ç*: antes ou depois de consoante palatal, incluindo *s* (= *ç*, *ç*, *ç*, *ç*); ex.: *despir*, *estar*, *espelhar*, *desenhar*, *chegar*, *saudades*, *cnneagado*, *feixe*, *tejo* (= *dçpír*, *çtár*, *ççpílár*, *dçanhár*, *çigár*, *çaudádçç*, *inççgár*, *fçizç*, *tiçjólq*). Se ambas as consoantea com as quaes está em contacto, ou a única, são surdaa, o *ç* é proferido em segrêdo, eiciado; ex.: *pestanda* (= *pçstândq*). Se *a* e *e* se segue *l*, *r*, *s*, *z* (mas não *ç*, *ç*), ou se o precedem *l*, *r*, *o* e vale *ç*; ex.: *gelar*, *geral*, *Jeus*, *legião*, *reger* (= *jçlar*, *jçrál*, *jçzús*, *lççjãú*, *rççjêr*).

9.º *i*: átono antea de vogal tónica ou átona, e na subjuntiva dos ditongos *ae*, *oe*, *ue* (*ái*, *ói*, *uí*); ex.: *cear*, *areeiro*, *area*, *pae*, *róe*, *azucs* (= *siár*, *ariçirq*, *áriç*, *pai*, *rói*, *quúç*).

10.º *i* nasal, na subjuntiva doa ditongos *ãe*, *õe*; ex.: *mães*, *eacrivães*, *põe* (= *mãis*, *ççrivãis*, *pói*).

11.º *ç*: é o valor mais geral de todo o *e* átono entre duas consoantes, nenhuma das quaes seja palatal, quer no interior da palavra, quer final, se não está nas condições anteriores do *e* átono; ex.: *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas* (contraecção da prep. *pêr*, e do art. *lq*, *lq*), *ceder*, *deverá*; *de*, *que*, *se*, *me*, *te*, *lhe* (mesmo apesar de palatal, por ser final), se o vocabúlo seguinte não faz que fique submettido a qualquer das regras precedentes.

como por exemplo em: disseste-lhe hontem que elles não vinham (= *diséstçłhiöntâi kiêłãž nãũ vínhão*).

12.º Este ξ é muitas vezes nullo, se fica entre duas consoantes, ambas surdas, ou ambas sonoras, quer no vocábulo, quer de um para outro vocábulo. Se é final precedido de consoante surda que não seja palatal, mormente explosiva, é nullo também, e esta consoante aspira-se; ex.: desse, Fafe; tape, sete (= *dés, faf; táp, séł*).

É também em geral nullo entre *f*, *v* ou consoante explosiva, e *r*, excepto no futuro e condicional dos verbos; assim, verão, substantivo, perigo, feroz (= *vrão, prígã, frós*); mas verão (do verbo *ver*), *tçrtã* (do verbo *têr*), *fçrçcidáde*.

É frequentemente nullo também antes de *r*, ou entre *r* e a fricativa *s*; ex.: querer, parecer, que usualmente se pronunciam *krêr*, *pçrsêr*. Em razão desta suppressão de ξ em contacto com *r*, o prefixo *pçr* confunde-se na pronuncia com o prefixo *prç*; assim perdição e predicção, pertinho e pretinho na elocução usual pronunciam-se ambos valendo o *r* por vogal, *prçdisão*, como *prçtínhã*.

è: è átono, como *prêgar*, *erêdor*, *pégada*.

é: dois valores, è, ê.

1.º è tónico, ex.: pé, péla, gélido, médico, zéphyro (= *zéfirã*), éther; céu, batéis, painéis. Êstes ditongos também se escrevem com *e* sem accento; representam o resultado da suppressão de *l* originario, e o *e* em tal caso é sempre aberto.

2.º ê, antes de consoante nasal da mesma syllaba, ou ella se profira, ou não; ex.: tèmpera, pénsil (= *pêsil*), bénção, que no norte se pronuncia *benção*, oxytono, em maior conformidade com a etymologia.

ê: sempre ê tónico; ex.: mercê, mercês (= *mçrsê, mçrsês*), pêssego (= *pêsgã*).

f: um único valor, o de *f*, ainda quando se escreva *ff*, ex.: fraco, bofe, afagar, affeição.

g: três valores, *g*, *j*, *ç*.

1.º *g*: antes de *a*, *o*, *u*, ou consoante, e quando final; ex.: gado, gola, gumc, argúir, argúe, grave, gloria, resignar, persignar-se, Gog e Magog. Às vezes nullo, como em augmentar, Magdalena, Ignacio, signal, assignar.

2.º *j* antes de *e* (= ξ), como geral, gelar (= *jçrál, jçlár*).

3.º *ç* antes de *è*, *ê*, *i* (*y*); ex.: género, gêsso, gis, gyro.

O grupo *gg* vale *g* singello.

gu: dois valores, *gu*, *g*.

1.º *gu*, um *g* mais palatal antes de *è*, *ê*, *i*; ex.: guerra, erguer, seguir.

2.º *g* antes de *e*, *ê*; ex.: erguerá, pessegueiro (= *irgerá*, *pessegáira*).

N. B. Alguns proferem o *g* medial um tanto aberto, *g̃*, como no castelhano *luego* (*g̃*), sem que seja comtudo tam fricativo nem tam guttural como o *γ* do grego moderno (= *γ̃*), ou o *g* medial norte-alemão (= *γ̃*).

h: sempre nullo: serve para converter as letras *c*, *n*, *l*, nas consoantes palataes *ch*; *nh*; *lh* (= *ç*; *ñ*; *l̃*), e para desunir *u* e *i* de vogaes com que não formem ditongo, como *ahi*, *bahu* (= *ah̃*, *bah̃*).

i: sete valores, *i*, *í*, *î*; *ɨ*, *ï*, *ĩ* nasal; *ĩ* (= *ç*).

i tónico: três valores, *i*, *í*, *î*.

1.º *i*: todo o *i* tónico que não esteja nas condições do 2.º e 3.º

2.º *í* antes de *l* da mesma syllaba, e no ditongo *iu*, que só apparece na 3.ª pessoa do singular do pretérito indicativo dos verbos fracos, regulares, em *-ir*, e do verbo irregular *ver*; ex.: mil fusil, bilro; fujiu, viu.

3.º *î*: antes de consoante nasal da mesma syllaba, pronunciada ou nulla; ex.: lindo, limpo, domingo (= *lind̃o*, *limp̃o*, *dom̃ingo*); incha, nympha (= *ĩcha*, *nĩf̃a*); fim, fins (*fĩ*, *fĩs*).

i átono: seis valores, *i*, *í*, *ɨ*, *ï*; *ĩ* nasal; *ç*.

1.º *i*: contanto que não esteja em contacto com consoante palatal (V. *i* átono 3.º), pronuncia-se como *i* qualquer *i* átono que esteja nos seguintes casos:

a) inicial, ex.: *içar*, *igual*, *hissope*.

b) final, raro, ex.: *quási* (popular *kĩdázẽ*); ou postónico na penúltima, lógica, óptimo (*ótimo*), príncipe (pop. *prĩsẽpẽ*).

c) o *i* de qualquer syllaba medial, não havendo outra depois que tenha *i* átono ou tónico, ou *ɨ*, ou o da última havendo mais de uma syllaba com *i*; ex.: *tirar*, *livrar*, *aditamento*, *militar* (= *mẽlĩtar*), *visita* (= *vẽsĩta*), *divisoria* (= *dẽvĩ-zóriã*), *administrador* (= *ãdẽmẽnĩstrãdôr*).

d) Mesmo que haja mais de uma syllaba contendo *i*, pronuncia-se como *i*, sem que seja o da última, aquelle que provenha de *i* accentuado em vocábulo da lingua do qual proceda o derivado átono; ex.: *dividiria*, *finissimo*, *liquidar* (= *dẽvẽtĩrĩã*, *finĩssĩmã*, *lĩquĩdãr*) de *dividir*, *fino*, *líquido*; *fitinha*, *triguinho*, de *fita*, *trigo*. (V. *i* 6.º)

2.º *i*, antes de consoante nasal da mesma syllaba, quer ella se profira, quer não; ex.: interior, insular (= *intríór, ísulár*).

3.º *z*, em conjunção com consoante palatal, e sempre antes de *z*, *z* ex.: distância, sismar, bisnaga, bilhar, Lisbôa, colligir (= *dĩstãciã, sũzmar, bĩznãgã, lĩzĩbõgã, kolĩjĩr*). Se o *i* fica assim entre duas consoantes surdas, é proferido em segrêdo, eiciado; ex.: pistola (cf. pestana = *pĩstãnã*). Em razão desta pronuncia *z*, o prefixo *dis* — confunde-se com *des* — antes de consoante; ex.: dispor, destoar (= *dĩspõr, dĩstũdãr*) descripção e discipção pronunciam-se ambos *dĩscrisãũ*.

4.º *i*, antes de vogal, tónica ou átona, e nas subjuntivas dos ditongos; ex.: fiar, fiador, labio; pai, sei, foi, fui (= *fĩãr, fiãdõr, lãbio, pãĩ, sãĩ, fõĩ, fũĩ*). Se, postónico, é precedido de consoante forte e seguido de *z*, profere-se em segrêdo, eiciado; ex.: patio, palacio.

5.º *i* nasal, só nos vocábulos mui, muito (*mũĩ, mũĩto*), porque os ditongos *ãĩ, êĩ, õĩ* se escrevem com *e*: *ãe, em, õe*.

6.º *í* = *ç*: numa serie de syllabas, contendo todas *i*, não seguido de consoante palatal, incluindo *s* (= *z, z*), só o *i* da última, átono ou tónico, assim se profere; os das outras que estão antes della são como *ç*, pronuncia que as orthographias archaicas comprovam ser antiquíssima; ex.: ministro, militar, dividir, visita, visitar, limite, limitar, Filippe, ridiculo, em que o symbolo *í*, representa *ç*.

Se porém qualquer *i* átono, nestas circumstancias, provém de *i* tónico de vocábulo primitivo na lingua, a tendencia é conservar-lhe o valor de *i*; assim difficilimo, dividiria, fitinha, peritissimo, risivel, de difficil, dividir, fita, perito, riso. [Veja-se *i* átono 1.º e) e d) e 3.º]

í, que se poderá accentuar *ĩ*, por ser fechado: dois valores, *i* e *ĩ* tónicos.

1.º *i* tónico, em todos os casos em que não está seguido de consoante nasal; ex.: liquido, nivel, lidimo, legitimo, etc.

2.º *i* tónico, seguido de consoante nasal na mesma syllaba, ou ella se profira, ou sirva sómente para indicar a nasalidade do *i*; ex.: íntimo, íngreme, ímprobo, ínfimo (= *ĩntimõ, ĩngremõ, ĩmprobõ, ĩfimo*).

j: dois valores, *j, j̃*.

1.º *j*, em conjunção com as vogaes *a, o, u, ç*; ex.: já, jôgo, jugo, haja, Jesus.

2.º *j̃*, em conjunção com vogaes palataes, *è, ê, z, i, z*; ex.: franjinha, laranjeira. É raro, porque em seu logar se

escreve *g*, principalmente se a etymologia o pede. Se porém o *e* vale *ε* o *j* pronuncia-se *j*, por não ser o *ε* vogal palatal; ex.: Jerichó (= *jericó*), Jerusalém (= *jēruzaqlāi*), também pronunciado *jēruzaqlāi*.

k: como o *k* alemão; raríssimo, sendo substituído por *c* antes de *a*, *o*, *u* ou consoante, e por *qu* antes de *e*, *i*; ex.: ukase (*ucásē*), kilo (*kllō*) kermes (*kérmē*).

l: tem dois sons, *l* e *l̃*.

1.º *l*: quando inicial de síllaba, e depois de consoante; ex.: lá, lapa, pala, plácido, gloria.

2.º *l̃*: depois de vogal da mesma síllaba, modificando-a (V. 47); ex.: mal, malta, fel, relva, felpa, mil, bilro, rol, solda, sólto, soltar, sul, tumulto, multar.

O grupo *ll* vale *l̃* singello.

m: cinco valores, *m*, *ṁ*, *ṁ̃*, *ṁ̃̃*, *ṁ̃̃̃*.

1.º *m*: quando é inicial de síllaba, como *má*, *arma*, *immenso* (= *imēso*).

2.º *ṁ*: nasalidade da vogal que o precede, seguida de *m*, antes *b*, *p*, e *m* nos derivados com o prefixo *em-*, *im-*, significando «dentro de» ou «mudança de estado», e antes do sufixo adverbial *-mente*; ex.: campo, limpo, limbo, emmalar (= *cāmpo*, *limpo*, *limbo*, *imlar*), e comumente (= *komūmēntē*).

3.º *ṁ̃*: isto é, nasalização da vogal precedente, seguida de *i* nasal, no ditongo *em* (= *ēi*, *āi*); ex.: bem, além, fazem (= *bāi*, *ālāi*, *fāzāi*).

4.º *ṁ̃̃*: isto é, nasalização da vogal precedente, mais *ū* nasalizado, no ditongo *am*, átomo de verbos (= *āū*): amam, devam (= *āmāo*, *dēvāo*).

5.º *ṁ̃̃̃*: simples nasalização da vogal precedente; ex.: islam (= *islā*), sim, som, um (*sī*, *sō*, *ū*).

O grupo *mm*, fora do caso 2.º, equivale a *m* singello.

n: cinco valores, *n*, *ṅ*, *ṅ̃*, *ṅ̃̃*, *ṅ̃̃̃* nasal.

1.º *n*: a) inicial de síllaba; ex.: nó; pena, penna (= *pēna*).

b) final de vocábulo grego ou latino, se está precedido de vogal átona; ex.: abdómen, Lyeáon, Éden. Não porém assim quando essa é tónica, como Pan, Canaan (= *pā*, *kanāā*).

2.º *ṅ*, isto é, nasalidade da vogal precedente, quando final de vocábulo ou seguida de consoante continua *r*, *l*, *s*, *z*, *ś*, *š*, *z*, *ž*, *ā*, *ā̃*, *j*, *j̃*, *f*, *v*, ou de *n* do prefixo *-en*; ex.: lan (= *lā*, melhor orthographia *ā*), honra, Mánlio, lança, cinza, fins, rancho, franja, lās, anfião (= *ōrā*, *māliā*, *lāsa*, *stza*,

fîs, fããçç, frãjç, lâs, ãfiãõ); ennastrar (= *inqãstrár*). (Cf. *m*, 2.º)

3.º *~n*, isto é, nasalidade da vogal precedente seguida de *n*, antes de *t*, *d*; ex.: tanto, lindo (= *tãntç, lĩndç*).

4.º *~n*, isto é, nasalidade da vogal precedente seguida de *n*, antes de *c* (= *k*) *qu*, *g*, *gu*; ex.: maneo, renque, longo, enguia (= *mãnkç, fẽnkç, lõngç, ĩnguíç*).

5.º *~i*, isto é, nasalidade da vogal precedente seguida de *i* nasal, na síllaba *-ens* (= *ẽi*); ex.: bens, vinténs, viagens (= *bãis, vĩnlãis, viãjãis*).

O grupo *nn*, a não ser o da observação 2.ª, vale *n* singello.

o: seis valores, *ò, ô, (o) ç, õ, u, ú* nasal.

o tónico: três valores, *ò, ô, õ*.

1.º *ò*: a) quando procede de *õ* latino, ou de *ö, ô* em vocábulos eruditos; ex.: forma, aurora, atroz, copia, prosa; e bem assim nos seguintes comparativos maior (*mor*), menor, melhor, peor; e no nome da letra *o*.

b) no plural e feminino do suffixo *-oso*, isto é, *-osos, -osa, -osas*, e no radical de muitos substantivos e adjectivos femininos, que teem *ô* no masculino; ex.: formosos, formosa, formosas; tortos, torta, tortas; maçaroca, ova, poça, revolta (subst.).

c) no plural de varios substantivos, que teem *ô* no singular; ex.: ovos (*ôvo*), almoços (*almôço*), fogos (*fôgo*). (V. 53.)

d) no radical de verbos da primeira conjugação, que teem *ô* nos substantivos correspondentes derivados, ou que lhes dão origem; ex.: escova (substantivo *escôva*), torno (*tôrno*), esposa (*sôpa*), olha, olho (= *ólhç, ólhç*; mas o subst. *ólho*).

e) no radical dos verbos da 2.ª e 3.ª conjugação, quando na terminação átona há *e* ou *em*; ex.: corre, correm, foge, fogem (de *eqrrêr, fugir*).

f) antes de *l* final, sendo então mais aberto, e em alguns vocábulos em que *-ol* é medial; ex.: sol, arrebol, solfa.

g) no ditongo *ói* (escrito *óe* quando provém de *ole*, ou é desinencia verbal da 2.ª ou 3.ª conjugação); ex.: combóio, bóia, lóio; faróes, dóe.

2.º *ô*: a) quando procede de *õ* ou *ü* latinos, sobretudo se este último está antes de consoante explosiva ou fricativa da mesma síllaba; ex.: eôr, amor, pastor, devedor, lobo, loba, boca, roto, mosto (*buccam, ruptum, mustum*).

b) no masculino dos adjectivos e substantivos em *-oso*, e no radical de muitos adjectivos masculinos que teem *ò* no plural e feminino; ex.: formoso, torto, maçaroco, ovo, poço; e nos dois vocábulos femininos esposa[s], raposa[s]; mas *espóso*, «os dois cónjuges».

c) no singular de muitos substantivos e adjectivos que tem *ó* no plural; ex.: poço, ovo, almôço, rôgo, osso, fôlgo, ôlho, carôço, fogo.

d) em muitos substantivos e adjectivos, cujos verbos correspondentes da 1.^a conjugação tem *ó* no radical; ex.: ôlho, escôva, tôrno, adôrno, accôrdo, [as]sôpro. Mais fechado se está antes de *l*, ex.: sôlto, sôlta; revôlto, revôlta (adj.).

e) no radical dos verbos da 2.^a conjugação quando a terminação tem *o*, *a*, *am*; ex.: soffro, soffra, soffram, rôo, rôa, rôam (de *sôffrêr*, *rôêr*).

f) nas terminações *oa*, *oo*; ex.: Lisbôa, gambôas, lôa, tôa, bôa (pop. *bôça*), e quando pertence a verbos da 1.^a conj.: dôa, sôa, dôo, sôo, em que é usual não escrever o circumflexo.

g) no digramma *ou*, com *u* nullo; ex.: amou, noute, poueo.

h) no ditongo *oi*, ex.: boi, foi, foice, toiro. Este ditongo alterna indifferentemente com *ou*, mormente antes de *-r-* e *-te*; ex.: noite, noute; moiro, mouro.

õ: antes de *m*, *n*, seguidos ou não de consoante, ou esta se pronuncie, ou não; ex.: som, Solon, rompo, fonte, onça, oncha (= *sõ*, *Solõ*, *rõmpõ*, *fõntõ*, *õsa*, *cõça*).

o átono: sete valores, *ò*, *ô*, *o*, *ô*, *õ*, *ú*, *û* nasal.

1.^o *ò*: a) nas terminações átonas acabadas em consoante que não seja *s* ou nasal; ex.: sóror, álcool (*álcool*).

b) inicial ou medial seguido na mesma syllaba de consoante, que não seja *s*, *r*, *l* ou nasal; ex.: optar, cocção, (*optár*, *kòksão*); mesmo quando seja nulla essa consoante; ex.: adoptar, adopção (*qdòtar*, *qdòção*).

c) inicial em vocábulos eruditos; ex.: orar, orador, oráculo.

2.^o *ô*: nos ditongos *oi*, *ou*, e na última syllaba seguido de *n*; ex.: boiar, doutor, cólon, (= *boiár*, *dotôr*, *cólon*). Antes, *ou* soava em Lisbôa *o*; assim, osso = *ôso*, mas ouço = *oso*.

3.^o *o*, na syllaba medial átona *ol*, mesmo quando lhe corresponda *õl* tónico, e em poucos mais casos, não havendo *õl* átono senão final; ex.: *voltár* (a par de *vólta*).

3.^o *ô*: é o valor, em regra, do *o* átono seguido de consoante, quando não faça excepção, qualquer que seja o do *o* tónico que lhe corresponda, se não está antes de *l* ou nasal, pertencentes á mesma syllaba; ex.: *fôrmoso*, *infôrmar* (de *fôrma*), *enfôrmar* (de *fôrma*), *portão* (de *pôrta*), *portinho* (de *pôrta*), *postar* (de *pôsta*), *postal* (de *pôsta*), *commôdidade*, *commôdár commôdo*, (de *commôdo*).

4.^o *õ*, seguido de *m* ou *n*, e estes de consoante; ex.: romper, mondar, onzena (= *rõmpêr*, *mõndar*, *õzeng*).

5.^o *ú*: antes de vogal, ou como subjuntiva de ditongo segundo uma orthographia já pouco usada; ex.: voar, voador; páo, Macáo (= *vúar*, *vúadôr*; *paú*, *maçau*).

6.º *ã* nasal: no ditongo *ão*; ex.: *pão*, *coração*, *órfão* (= *pãũ*, *corãũũ*, *órfãũ*).

ó: dois valores, *ò* e *õ*, tónicos.

1.º *ó*: antes de consoante, que não seja nasal seguida de outra consoante; ex.: *sólido*, *avó*, *sótão*.

2.º *õ*: antes de *m*, ou *n* seguidos de consoante; ex.: *Ómphale*, *vergónica* (= *õfãlẽ*, *vergõntĩq*).

ô: sempre o valor de *ò* tónico, segundo as regras da acentuação gráphica; ex.: *avô*, *lôbrego*, *cômorô*, *rôgo*, *vôo*.

õ: dois valores, *õ* e *õĩ* tónicos.

1.º *õ*: no ditongo *õe* (= *õĩ*); ex.: *põe*, *corações*.

2.º *õĩ*: na forma *põem*, do verbo *pôr*, e seus derivados (= *põĩãĩ*, com *ĩ* nasal); não porém em *sõem*, *tõem*, *perdõem*, que se proferem *sõãĩ*, *tõãĩ*, *perdõãĩ* (pop. *perdõĩãĩ*).

ò: em alguns vocábulos como *dòninha* (= *dõntnhã*), diferente de *doninha* (*dõninha*), deminutivo de *dõna*, para designar que o *o* aberto é átono.

p: dois valores, *p̃*, *p*, ou nullo. O grupo *pp* é igual a *p*.

1.º *p̃*: antes de *ç*, *ç*, *i*, *ç* finais; ex.: *tape*, *tapo*, *tape-o* (= *tap̃*, *tap̃õ*, *tap̃ũ*).

2.º *p*: em todos os mais casos. É nullo ás vezes antes de *ç*, *t*; ex.: *adopção*, *adoptar*, *corrupto*.

ph vale *f*; ex.: *philosophia*, *Phariseu* (= *filozofia*, *fazizêũ*).

qu: cinco valores, *k̃*, *q̃u*, *qu*, *kũ*, *k*.

1.º *k̃*: antes de *ç* final; ex.: *fique* (= *fik̃*).

2.º *q̃u*: antes de *iõ*, *ẽõ* final; ex.: *terraqueo* (= *tẽrãq̃ũõ*). colloquio (*kõlõq̃ũõ*).

3.º *qu*: antes de *è*, *ẽ*, *i*, *ç*; ex.: *queda*, *quê*, *quite*.

4.º *kũ*: antes de *a*, (raras vezes *e*, *i*); ex.: *quatro*, *frequente* (= *kũãtrõ*, *frẽkũẽntẽ*).

5.º *k*: antes de *a*, *o*, em poucos vocábulos; ex.: *quatorze*, *quociente* (= *kãtõrzẽ*, *kõsiẽntẽ*), e antes de *ç* não final; ex.: *pequenez*, *que*, *querer* (*pẽkẽnẽõ*, *kẽ*, *krêr*).

qu: *kũ*; ex.: *sequeneia*, *liquidar* (= *sẽkũẽsiã*, *likũidãr*)

r: quatro valores, *r*, *r̃*, *r̄*, *rr* (= *r̄r̄*).

1.º *r*: a) final; ex.: *eôr*, *dar*, *ler*.

b) medial entre vogaes, não sendo a 1.^a nasal; morar, dará, ferira, parede.

c) depois de consoante explosiva, ou das fricativas *f*, *v*; ex.: prato, grato, branco, pedra, fraco, palavra.

e) antes de explosiva ou fricativa, sonoras; ex.: arder, largo, arguir; eirzir, margem, herva.

2.^o *r* (surdo): antes de explosiva ou fricativa, surdas; ex.: harpa, arte, areo; fôrça, arfar, archote, eôr sombria (*kóv sômbriq*).

3.^o *r̄*: a) depois de vogal nasal; ex.: honra, encenrada, genro (*ôrg, isêrádq, jêrô*).

b) depois de *l*, *s*, *z* (= *ž*, *ž*); ex.: abalroar, Israel (*q̄vāiřúár, žřq̄k̄t*), nos quaes *r̄* pode pronunciar-se fricativo, *r̄* (sonoro = *z*).

c) antes de *m*, *n*, *l*; ex.: arma, carne, Carlos.

4.^o *r̄r̄*: inicial, como rei, rato, rapar.

rr medial = *r̄r̄*; carro, ferro, eurro.

s: seis valores; *s*, *z*, *š*, *š̄*, *ž*, *ž̄*.

1.^o *s*: inicial de vocábulo, ou de syllaba depois de consoante; ex.: ser, bolsa, cansa, balsa, verso; ou em derivados, como presuppor, quando há consciencia da derivação.

2.^o *z*: a) entre vogaes oracs, essa, rosa, os homens (*q̄zómāiš*).

b) entre vogaes, nasal e oral, no prefixo *trans*; ex.: trânsito.

c) depois de *b*, em alguns vocábulos; ex.: obsequio (= *ôbzéjuř*), no qual verdadeiramente está entre vogaes, comquanto o *e* se não escreva.

3.^o *š*: depois de *a*, *o*, *u*: a) final de vocábulo na pausa; ex.: farás, capas.

b) antes de consoante surda; ex.: lasca, os tiros, os sacos.

4.^o *š̄*: depois de *e*, *i*: a) final de vocábulo na pausa; ex.: fretes.

b) antes de consoante surda; ex.: peste, chispa, lista.

5.^o *ž*: depois de *a*, *o*, *u*, antes de consoante sonora; ex.: osga, os bois (*q̄ž bôiš*).

6.^o *ž̄*: depois de *e*, *i*, antes de consoante sonora; ex.: fisga, nesga, Lisbôa, esmo, eysne, Venceslau, Israel, és mau (*éž maũ*), fazes bem (*fážž bāi*).

ss, vale por *s*, quando medial, porque *s* singello entre vogaes vale quási sempre por *z*.

t: dois valores, *t̄*, *t*.

1.^o *t̄*, seguido de *ç*, *ç̄*, *iç* em fmes de vocábulos; ex.: bate, bato, bate-o.

2.º *t*, em qualquer outra circumstancia.
Os grupos *tt*, *th* valem *t* singello.

u: cinco valores, *u*, *u*, *ɔ*, *ũ*, *ũ*.

1.º *u*: quando é tónico; ex.: *tu*, *lucto*; antes de *l* da mesma syllaba é mais fechado, quer tónico, *ũ*, quer átono, *u*; ex.: *culto*, *multar*, (= *cũlto*, *muttár*).

2.º *ɔ*: quando é átono; ex.: *buraco*, *aluguér*, *tribu*.

3.º *ũ*, átono antes de vogal; ex.: *agua*, *mingua*, *qual*, *quatro*.

4.º *ũ*: seguido de consoante nasal na mesma syllaba, ou ella se profira, ou não; ex.: *unto*, *meunçalha*, *uns*, *um* (= *ũntɔ*, *miũsálhɔ*, *ũs*, *ũ*).

u é nullo no ditongo *ou*, mas conserva-lhe sempre o valor de *ɔ*; ex.: *louvou* (= *lɔvô*).

û = *ũ* depois de *g*, *q*, antes de *e*, *i*; ex.: *fregũente*, *agũentar*.
ú: *u* tónico, em antepenúltima; ex.: *cúmulo*, *fúnebre*.

v: só um valor, o de fricativa branda labio-dental; ex.: *valle*, *herva*, *chave*.

x: oito valores, *â*, *ã*, *ẽ*, *ɛ*, *ɛ*[*i*]z, *ɛ*[*i*]õ, *ɛ*iz, *ks*, *s*.

1.º *â*: a) inicial, como *xadrez*, *xairel*, *xarope*, *Xenophonte* (= *âɣnɔfõnt*).

b) medial depois de consoante, ou entre vogaes, *a*, *o*, *u* em vocábulos de origem popular; ex.: *faxa*, *taxa*, *roixo* (= *rôâɔ*), *buxo*, *cartuxo*.

2.º *ã*: nos mesmos casos seguido ou precedido de *e*, *i*; ex.: *Xerxes*, *Xisto*, *lixa*, *fixe*, *caixa*, *roixo* (= *kâiãɔ*, *rôiãɔ*, ou *kâãɔ*, *rôãɔ*).

3.º *ẽ*: no fim de syllaba, precedido de *e*, *i*; ex.: *córtex*, *mixto*, *Félix*.

4.º *ɛ*[*i*]z: na syllaba inicial *ex* antes de vogal; ex.: *exame*, *exemplo*, que se pronunciam *ɛizãme*, *ɛizẽmplɔ*, e mais usualmente *izãme*, *izẽmplɔ*.

5.º *ɛ*[*i*]õ: na syllaba *ex* antes de consoante surda; ex.: *excepto*, que se pronuncia *ɛiõsẽtɔ*, ou mais commumente *õsẽtɔ*.

6.º *ɛ*iz: id. antes de consoante sonora; ex.: *ex-ministro*.

7.º *ks*: medial em vocábulos doutos; ex.: *fixo*, *annexo* (= *fikɔ*, *ɔnẽksɔ*).

8.º *ss*: em vocábulos doutos que há muito se tornaram populares, e nos perfectos e aoristo do verbo trazer; ex.: *esdrúxulo*, *próximo*, *auxílio*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxesse* (= *õõ-drúsulɔ*, *prósimɔ*, *ɔũtĩliɔ*, *trõsɛ*, *trõsẽrɔ*, *trõsẽsɛ*).

y vale o mesmo que *i*, sendo actualmente apenas um símbolo de orthographia etymológica, ex.: *typo*, *phýsica*; dantes valia *i* ou *í*; maior, Mandovy (*maior*, *māndoví*).

z cinco valores, *z*, *ž*, *ẓ*, *š*, *ṣ̌*.

1.º *z*, inicial de syllaba, como *zêlo*, *fazer*, *cirzir*.

Os outros valores são os que correspondem ao *s* final de syllaba, isto é, *š*, *ṣ̌*, *ž*, *ẓ* antes de consoante, *z* antes de vogal, do vocábulo seguinte.

Quantidade prosódica

57. Nas consoantes, se exceptuarmos *r* inicial e *rr* medial, o alongamento só se dá por supressão de *ç* final de vocábulo, seguido de outro vocábulo começado por consoante homorgânica com a que precede o *ç*; em taes casos a primeira consoante explosiva da geminação passa a implosiva; ex.: *veste-te*, pronunciado *věstě-tě* em enunciação lenta, mas *věsttě* na falla usual e descuidada; assim também, por causa de *ti* = *přecuzqúti*; a vontade de Deus, pronuncia-se *qvōntádděš*; tome-me este conselho = *tóměšṭkōsálḥ*; desce-se = *děšṣ̌*.

A quantidade decididamente longa nas vogaes é igualmente resultado da crase de duas vogaes homorgânicas da mesma serie, ordinariamente de um a outro vocábulo, podendo dar-se como preceito que ella se produz logo que não haja qualquer pausa intermedia. Nestes termos:

$\bar{a} + \bar{a} = \bar{a}$; mas $\bar{a} + \grave{a}$, ou $\grave{a} + \bar{a}$, ou $\grave{a} + \grave{a} = \bar{a}$, isto é \bar{a} longo.

$\bar{e} + \bar{e} = \bar{e}$ longo; $\bar{e} + \grave{e} = \bar{e}$ longo.

$\bar{e}\bar{i} + \bar{e}\bar{i} = \bar{e}\bar{i}$ longo; assim, *passaie* = *pasēi*, imper. sing. de *passaer*, differente de *passci* = *pasēi*, 1.ª do perf. de *passar*; *tornei* = *tq̣rnēi*, mas *torneie* = *tq̣rnēi*.

$\bar{i} + \bar{i}$, $\bar{i} + \grave{e} = \bar{i}$; ex.: *fie*, *fī*.

$\bar{o} + \bar{o} = \bar{o}$ longo; $\bar{o} + \grave{o} = \bar{o}$ longo.

$\bar{u} + u$ ou $u + u$ ou $u + \bar{u} = \bar{u}$.

Porém, sendo *e* ou *i* átonos antes de vogal iguaes a *i*, e *o* ou *u* nas mesmas condições iguaes a *u*, não se dá a crase, e portanto não há alongamento.

Podê ainda dizer-se que a vogal tónica é sempre mais longa, a pretónica mais breve, e brevíssima a postónica que não seja nasal, não resulte de crase, não constitua ditongo, ou não pertença a syllaba fechada por *r* ou *l*.

Accentuação

58. Accentuação tónica.

Chama-se *accento tónico*, ou *ictó*, a entoação especial de uma síllaba, em geral, em cada vocábulo, que a destaca das mais que o constituem. Nos vocábulos em que há mais de um ictó, ou *accento tónico*, o mais forte, que em português é sempre o último, denomina-se *principal* ou *predominante*, (allemão *hauptton*) e o outro ou outros subordinados ou *secundários* (allemão *nebenton*).

Esta entoação é sobretudo perceptível na vogal única ou na principal dessa síllaba, e em português normal consiste particularmente na elevação da voz e energia maior da sua emissão. (28).

As vogaes que podem ser tónicas ouvem-se nos vocábulos seguintes: (cada), dá, sé, sê, si, só, côr, tu, lã, venço, sim, som, um; podem igualmente ser tónicos todos os ditongos, e o são na maioria dos vocábulos, quando finais.

As vogaes de *mç*, *dç* nunca podem ser tónicas na pbrase, a não ser ao citarem-se os vocábulos em que ellas entram, por exemplo: «a preposição *dç*, a contracção *dç*»; nem tam pouco o *ç* de *dispor* ou o *ç* de *caçõ*; porém o *ç*, originariamente *ç* feebado antes de palatal, *ç*, *j*, *lh*, *nh*, *ch*, e *a* antes de nasal (*m*, *n*, *nh*) podem ser tónicos, comquanto em Lisbõa qualquer delles valha por *â*, isto é, *ç*, (*a* accentuado.)

Accentuação pronunciada

59. Os vocábulos portugueses, com relação a accentuação tónica, dividem-se em quatro espécies.

1.^a *Agudos*, ou *oxytonos*, com a última síllaba accentuada ou predominante, como *faltar*, *faltar*, *batel*, *batéis*, *fugi*, *barril*, *moveis*, *contém*.

2.^a *Inteiros*, *graves* ou *paroxytonos*, com a penúltima síllaba dominante, como *falta*, *faltava*, *sável*, *móveis*, *cóntem*, *davam*.

3.^a *Esdrúxulos*, *dáctylos* ou *proparoxytonos*, com a antepenúltima síllaba dominante: *faltávamos*, *árvore*, *médico*.

4.^a *Bis-esdrúxulos*, tendo dominante qualquer síllaba antes da antepenúltima, como *louvávamos-to*, *louvávamo-vo-lo*; *êstes*, porém, só por *inclinação*, ou *adjunção* dos pronomes *personaes*, complementos *átonos*, após o verbo. Neste caso mesmo, o *accento* nunca retrocede mais de quatro síllabas, isto é, não pode haver mais de quatro síllabas *átonas* depois da tónica, por não

haver linguagem verbal que possa ser por si his-esdrúxula, e porque taes pronomes complementos átonos são todos monosyllábicos, não podendo formar por acumulação mais de duas syllabas, pois que *me*, por exemplo, seguido de *o* contrahe-se em *mo*, *lhe*, *lhes*, seguidos de *o*, *a*, em *lho*, *lha*.

60. Pela ordem da sua freqüencia, tendo-se em attenção a constituição da syllaba final, a accentuação vocabular é a seguinte:

a) São em geral agudos os vocábulos terminados:

1.º em *i*, *u*, seguidos, ou não, de *s* ou outra consoante; ex.: fugi, fugis; bambu, bambus. São rarissimos os terminados em *i* átono, e nos que tem *u* attenuado como final, é esse *u*, com pouquíssimas excepções, escrito com *o* = *ç*.

2.º em vogal nasal, seguida ou não de *s*; ex.: irmã, irmãs; maçã, maçãs; setim, setins; vagon, vagon; Me-com; atum, atuns.

3.º em *a*, *e*, *o* seguidos de consoante que não seja *s*; ex.: casal, casar, talher, saber, pavor, farol, Jacob, feroz, capaz.

4.º em ditongo oral, seguido ou não de *s*; ex.: casai, casais; sabeí, sabeis; paincis; destróe, destróes; influé; azues; sarau, saraus; judeu, judeus; chapéu, chapéus; casou.

5.º em ditongo nasal, seguido ou não de *s*; ex.: aldeão, aldeãos; compõe; salões; capitães; viutém, vinténs (ou vintêe, vintêes, segundo a antiga orthographia, que conviria restabelecer).

Os monosyllabos que não são átonos são evidentemente agudos; ex.: tu, li; lã, lãs, som, sons, fim, fins, um, uns; pá, pás, pé, pés, dê, dês, pó, pós; dar, côr, ser; sal, fel, sol; pai, pais, pau, paus, rei, reis, réis, teu, céu, eús, rõe, rões, boi, bois, sou; pão, pães, mãos, põe, pões; bem, bens.

b) São em geral inteiros os vocábulos terminados em *a*, *e*, *o* (*g*, *ç*, *z*, *ç*) seguidos, ou não, de *s*, em *am*, *em*, *ens*; ex.: casa, casas, cãse, cases, caso, casos, casam, casem; viagem, viagens, (melhor: viágõe, viágões; mas levem, tomem, em concordância com levam, tomam; ãe, êes, seria melhor orthographia, á maneira dos escritores antigos, e em harmonia com ão, ãe, ãe, guardando-se em para a terminação átona dos verbos, também em harmonia com *am*, que só neste caso se emprega).

São mais raros os agudos da categoria b) e os inteiros da categoria a).

c) **Esdrúxulos**, que se dividem em duas especies:

1.^a Com a última syllaba começada por vogal que não faça ditongo com a que precede, e que se contam em geral por inteiros no meio do verso; ex.: *gloria, area, tabua, magos*, que poderiam ser marcados como inteiros, *glória, arêa, tabúa, magôa*, pois que em taes casos *e i, o u*, valem pelas semivogacs *î, û*.

2.^a Com a última syllaba começada por consoante, sendo êstes os verdadeiros esdrúxulos; ex.: *cúmulo, límpido, crédito, lôbrego, amávamos*, etc., que fora da conjugação muito raros são na lingua popular, sendo quasi todos artificiaes.

Effectivamente, aos três vocábulos *cúmulo, crédito, límpido*, etc., correspondem outros de origem popular, que são *combro, ereto, limpo e lindo*, etc.

É conveniente advertir também que não há vocábulos esdrúxulos em portugûes, nos quaes a penúltima syllaba termine em consoante, em vogal nasal ou em ditongo, a não ser por inclinação dos pronomes monosyllábicos átonos, como *dávam-to, dávam-mo*. Dêste modo, vocábulos taes como os inglezes *sinister, Wáshington*, os allemães *ámeise, árbeiten*, os italianos (raros) *Ótranto, Táranto*, não existem em portugûes.

d) **Bis-esdrúxulos**, também de duas especies.

1.^a Terminados em três syllabas átonas, como *louvávamos-to*.

2.^a Terminados em quatro syllabas átonas, como *louvávamo-vo-lo*, sómente possíveis na syntaxe de forma esdrúxula do verbo com o dativo dos pronomes da 1.^a ou 2.^a pessoa do plural, seguido do accusativo da 3.^a

Assim, repetimos, os bis-esdrúxulos só podem apparecer em portugûes em virtude da adjunção dos pronomes átonos a uma lingua-gem inteira ou esdrúxula de verbo.

61. A accentuação mais antiga da lingua portuguesa é evidentemente a de última e penúltima; nessa conformidade foram contrahidas as palavras que do latim herdou, e assim é a da maioría dos seus vocábulos, com excepção das linguagens proparoxytónicas dos verbos. Mais tarde estabeleceu-se a accentuação dos esdrúxulos da 1.^a especie; sendo quasi todos os esdrúxulos da 2.^a especie, fora da flexão verbal, de origem artificial, eruditos, copiados dos dactylícos latinos e gregos, e ainda hoje em pequeno número, comparados aos agudos e inteiros, como já dissemos. Os bis-esdrúxulos devem ser de origem muito antiga na lingua, visto que pertencem á flexão verbal, em que não influiu artificio erudito.

A accentuação vocabular procura-se nos dictionarios, que são quasi todos accentuados: basta que citemos, pela ordem das datas das suas publicações, os modernos mais conhecidos e autorizados.

Dictionnaire Portugais-Français de J.-I. Roquette. Paris, Aillaud, 1855, que tem a vantagem de ser muito copioso e conter nomes próprios, até geográficos.

Diccionario contemporaneo da lingua portugueza. Lisboa, 1881.

João Felix Pereira, *Vocabulario sonico*. Lisboa, Lucas Evangelista Torres, 1888.

Diccionario Manual Etymologico, por F. Adolpho Coelho. Lisboa, Plantier.

Os três últimos indicam a pronunção de cada vocábulo, e assim também o de João de Deus (*Diccionario prosodico*); este porém representa a pronunção culta algarvia, e não o dialecto commum.

Como generalidade, diremos apenas que em português a syllaba dominante é a mesma que a do vocábulo latino original, eom as excepções que existem em outras linguas románicas, e a já citada de, nos verbos, o accento não poder reeuar além da última syllaba do radical e de se deslocar para a vogal radical por analogia. como, por exemplo, éramos, latim erāmus, por analogia com o singular (V. 54).

Accentuação gráphica

62. Em geral accentúa-se pouco na escrita e impressão usual, sendo a regra de accentuação mais seguida a de marcar a tónica dos vocábulos agudos terminados em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, e consequentemente os monosyllabos de taes terminações.

Neste trabalho, a accentuação gráphica é próximamente a que foi adoptada nas *Bases da Orthografia Portuguesa*, publicadas por mim e pelo sr. G. de Vasconcellos-Abreu (Lisboa, Imprensa Nacional, 1885), com as excepções de não accentuarmos os esdrúxulos da 1.ª especie, e de marcarmos a tónica dos inteiros, cuja última syllaba comece por vogal.

Êstes principios são, em resumo, os seguintes:

I. Os signaes de accentuação gráphica são: *accento agudo* (´), *accento circumflexo* (^), *accento grave* (˘) e *til* (¨). Nesta exposição empregamos também o signal (¨) sôbre o *e*, para figurarmos a sua pronunção varia, e a dominante no dialecto do centro do reino igual a *ê* (ê).

II. Como principio geral accentuam-se gráphicamente só as excepções, sendo (´) o signal por excellencia da syllaba tónica, e servindo o circumflexo apenas para differenciar *ê* de *é*, e *ô* de *ó*.

III. Nesta conformidade não mareámos a vogal tónica dos agudos designados em a) de 23, nem a dos inteiros apontados em b) do mesmo número, nem a dos esdrúxulos da 1.ª especie, isto é, cuja última syllaba principie por vogal, a não ser para differenciar *ê* de *é* e *ô* de *ó*, como dissemos. Com o mesmo fim de differencia-

ção marcámos com o agudo os ditongos, sempre tónicos, *éi*, *éu* com *é* aberto, e *ói*, *óe* (= *ôi*), para os distinguir de *ei*, *eu*, *oi* (= *êi*, *êú*, *ôi*), que vão sem accento, entendendo-se em tal caso que são igualmente tónicos quando finacs; assim *fiéis*, *seu*, *sois* pronunciam-se *fîiês*, *sêú*, *sôis*, em quanto que *fiéis*, *eéu*, *sóes*, se pronunciam *fîiês*, *sêú*, *sôis*.

IV. Os esdrúxulos da 2.^a especie teem sempre marcada a vogal tónica; os bis-esdrúxulos igualmente; e os vocábulos compostos tantos accentos quantos os que pedirem os seus componentes, comtanto que a composição seja consciente. O mesmo preceito se teve em attenção nos derivados com mais de um accento, e que são:

a) os formados com o suffixo *-mente*; ex.: *fácilmente*, *eortésmente*, *verídicamente*, etc.

b) os deminutivos ou augmentativos formados com infixos, como *órfão-zinho*, pronunciado *órfãuzinho*, e escrito usualmente *órfãozinho*, *homemzarrão*, pronunciado *homêizarrão*.

Ao contrário da accentuação germânica, a última syllaba accentuada é sempre a predominante, qualquer que seja o número e natureza dos accentos secundarios que a precedam.

63. Entendido isto, diremos o emprêgo dos accentos graphicos.

Marcamos com o agudo ('):

a) A vogal tónica dos esdrúxulos da 2.^a especie.

1.^o Quando é *à*, *è*, *ò*, *i*, *u*; ex.: *ádito*, *débito*, *lícito*, *flórido*, *lúgubre*.

2.^o *a*, *è*, *ò*, *i*, *u*, antes de consoante nasal da syllaba seguinte; ex.: *lámia*, *ingênito*, *clínica*, *verónica*, *túnica*.

3.^o *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, antes da consoante nasal da mesma syllaba, que os nasaliza; ex.: *ámbito*, *témpora*, *límpido*, *cómputo*.

b) 4.^o Os inteiros cuja vogal tónica seja *a*, *è*, *ò*, *i*, *u*, se a última syllaba não terminar em *a*, *e*, *o* (= *a*, *e*, *o*), seguidos, ou não, de *s*, ou em *am*, *em*, *ens*; ex.: *carácter*, *débil*, *débeis*, *crível*, *criveis*, *móvel*, *móveis*, *tribú*, *quási*, *órfão*, *órfãos*, *éxul* (= *éxul*), etc.

5.^o Os inteiros nas mesmas circunstancias quando a vogal tónica for *a*, *e*, *i*, *o*, *u* nasacs, por precederem consoante nasal da mesma syllaba (Cf. a) 2.^o e 3.^o); ex.: *cónsul*, *pénsil*, etc.

6.^o O *à* de *-ámos* 1.^a pessoa do plural no perfeito do indicativo dos verbos da conjugação em *-ar*, para a differença da do presente, que no centro do reino se pronuncia *-ámos*; ex.: *louvámos*, *ainámos*, pretérito perfeito; *louvamos*, *amamos*, presente.

7.^o O *u* dos grupos *gue*, *gui*, quando é tónico; ex.: *argúe*.

8.^o Os três vocábulos, *pára*, *pélo*, *pólo*, para os differenciar de *para*, *pelo*, *polo* (= *para*, *pela*, *polo*).

9.ª As vogaes tónicas *i*, *u*, *e* e *o* (abertas) de vocábulos inteiros não diassyllábicos, quando não formem ditongo com a vogal precedente, ou com a seguinte; ex.: oéate, charrúa, valía, saúde, roído; porém via, lua (= *viá*, *luá*) por isso que *viá*, *luá*, teriam de ser accentuadas *viá*, *luá*, por serem oxý-tonos.

c) 10.ª O *i*, *u* dos agudos quando não formam ditongo com a vogal precedente; ex.: argúí (= *argúí*), ruím (= *ruím*), roí (= *roí*), Esaú (= *izáú*).

11.ª Os agudos terminados em *à*, *è*, *ò*, seguidos, ou não, de *s*, e no ditongo nasal *em*, *ens* (que melhor se escreveria *êe*) que não pertença a monosyllabos; ou em *eis*, *eu*, *eus*, *di* (*de*) *dis* (*des*); ex.: vintém, vinténa; fará, farás; galé, galéa; cipó, cipós; batéis; chapéu, chapéus; arreboea; mesmo quando sejam monosyllabos; ex.: pá, pás, pé, péa, pó, póa, réia, réu, réus; mas tem, tena, bem, bena.

64. Marcam-se com o circumflexo na vogal tónica, quando ella seja *e*, *o*, fechados.

a) 1.ª Os esdrúxulos da 2.ª especie ex.: Zêzere, pêsaego, lôbrego, cômoro.

b) Os inteiros:

2.ª Quando não terminarem em *a*, *as*, *e*, *es*, *o*, *os*, *am*, *em*, *ens*; ex.: Estêvão.

3.ª Quando *e* e *o* fechados não formem ditongo com a vogal precedente ou seguinte; ex.: Amôêdo, bôa, vôo.

4.ª Todas as vezes que a tónica seja *ê*, *ô*, quando haja outro vocábulo escrito com as mesmas letras, em que ella seja *é*, *ó*; ex.: gêlo, fôrça, sôem, a par de gelo, força, açem (*jêlô*, *fôrça*, *sôem*).

5.ª O *ê* dos verbos monosyllábicos em *-êr*, na 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo, e do verbo *dar* do presente do subjuntivo: erêem, vêem, lêem, dêem; porém veem, teem (*vêem*, *têem*) dos verbos *vir* e *ter*, differentes dos singulares tem, vem (*têi*, *vêi*), distincção moderna, mas que se tornou geral na pronuncia culta.

c) 6.ª Os agudos em que a tónica seja *ê*, *ô*, seguidos, ou não, de *s*, mesmo os monosyllabos; ex.: avô, avôa, mercê, mercêa, portugêa, vê, vêa, pôs.

7.ª Os agudos terminados em qualquer consoante que não seja *s*, em que a vogal tónica seja *ê*, *ô*, quando houver outro vocábulo escrito com as mesmas letras que tenha *e*, *o*, com outra pronunciação, mesmo que sejam monosyllabos; ex.: côr, pôr, fêz, quê, a par de cor (*côr*), por (*pôr*) fez (*fêz*), que (*quê*, *quê*, *quê*), colhêr, a par de colher (*colhêr*).

65. O accento grave emprega-se nos seguintes casos :

1.º Para marcar à, è, ò (abertos) átonos, quando haja outro vocábulo escrito com as mesmas letras, em que elles tenham outro valor; ex.: prègar, pàulada, mólhinho, a par de pregar, paulada, molhinho (= *prégár, pàuláda, mólhinhò*), Sàbor (= *sàbòr*), nome de rio, a par de sabor (*sabòr*).

2.º Para indicar, em caso de necessidade, o som de uma vogal aberta, à, è, ò, etc., sem referencia a ser tónica; ex.: sàdio, arrèdio, còrar, desàbar.

3.º No u dos grupos *que, qui, gue, gui*, quando, sem ser tónico, se profere; ex.: frequènte, argùirei (= *frèquèntè, argùirèi*).

4.º O i, u, átonos, que não façam ditongo com a vogal precedente, quando seja necessario indicar esse facto; ex.: saúdade, valdade, reúnir (= *riunír*), viúvez (*viuvêz*).

66. O til (˘) vale como accento da vogal nasal ã, e dos ditongos ão, ãe, ãe, quando não houver outra syllaba gráphicamente accentuada no vocábulo; ex.: farãõ, escrivães, compõe, irmã; mas órfãõ, órfã, Estêvãõ, que são inteiros.

67. Os bis-esdrúxulos teem marcada a accentuação dos verbos de que procedem; ex.: dávamos-to, comprávamo-vo-lo, e assim também os inteiros e esdrúxulos do mesmo modo provenientes de inclinação dos pronomes átonos; ex.: dá-to, dava-to, damos-to, davam-to, deram-nos, vê-o (= *dátò, dávatò, dámosò, dérãnosò, vê-ò*).

Considerações sôbre a pronnncia do português do centro do reino no tempo de Camões

68. Comquanto seja pouco provável que em Portugal se adopte uma leitura rigorosa dos *Iustadas*, que represente aproximadamente aquella que o proprio poeta lhes daria, não é ocioso, todavia, dar aqui algumas indicações das differenças entre essa pronuncia de há três séculos e a actual, as quaes serão sem reluctancia aproveitadas por estrangeiros, a quem hábito adquirido não dá o preconceito de que só a sua pronunciação é legítima, como acontece aos portuguezes com respeito ás suas, individuaes ou dialectaes. Serão esses preceitos suggeridos dogmáticamente, porque a demonstração e justificação delles tomaria espaço descabido nesta publicação. Sabem os estudiosos estrangeiros que essa leitura rigorosa é hoje considerada uma necessidade absoluta em philologia, e cremos que lhes serão gratas as considerações que vamos apresentar, porque lhes pouparão trabalho ímprobo e talvez sem fructo.

69. Em primeiro lugar, e porque em qualquer modo de pronun-
ciação o preceito é de igual fôrça, seja para que verso for, os *ee*
átonos nunca devem ser elididos, quando o poeta não contou com
essa elisão para a sua feitura: desta maneira, logo na Estancia I
do poema, no 3.º e 5.º versos

*Por mares nunca de antes navegados
E em perigos e guerras esforçados,*

cumpre que o *e* de *mares* e o de *perigos* sôc distintamente, como
sôa em *terás*, diferente de *trás*, monosyllabo.

Esta regra não é geralmente observada pelos portuguezes, nem
mesmo no theatro normal, a não ser por um ou outro actor mais
consciencioso e sabedor, o que faz que ali se recitam errados taes
versos. Em um soneto de Camões, o mais afamado de todos, é usual
errar-se o 1.º verso do 1.º terceto, pela elisão, feita duas vezes, do
e surdo, tirando-lhe duas syllabas!

E se vires que pode merecer-te

que lêem:

E se vir's que pode mer'cer-te

em vez da leitura correcta:

E se vires que pode merçer-te

A supressão, pois, do *e* surdo em conjunção com *r*, tam vulgar,
e perfeitamente admissivel e admittida na conversação usual, tol-
rável mesmo na leitura ou declamação de prosa, é um êrro gros-
seiro nas do verso, todas as vezes que ella não esteja indicada;
ler-se há, portanto: *esperança*, *florês*, como se lê *terá*, *verá*; *ve-*
rão, substantivo, como *verão*, futuro do verbo *ver*, e não *esperança*,
flors, *vrão*, pronunciações correntes na falla trivial.

70. Parece averiguado que há três séculos a pronuncia do por-
tuguês de Lisbôa differia da actual nos seguintes pontos, que deve-
riam ser tidos em attenção numa leitura rigorosa do poema.

I. O *s* inicial e *ss* mediaes (*saber*, *passo*) differencavam-se de
ç ou *c* antes de *e*, *i*, em que, como ainda hoje em Trás-os-Montes
e parte do Minho e Beiras, eram proferidos com a superficie anterior
do ápice da lingua, aproximando esse ápice, assim côncavo, das gen-
givas dos incisivos superiores, posição que denominámos reversa, e
que indicámos pelo símbolo *ç* (isto é, *f*). Êste valor do *s* manti-
nha-se-lhe depois de consoante, quando final na pausa, e antes das

consoantes surdas *p, t, c, qu, ç, f, x*. Portanto o vocabulo *passo* era diferente de *paço*, êstes pronunciava-se *êstēs* (V. 42).

II. Semelhantemente, *z* inicial ou medial differenciava-se de *s* sonoro entre vogaes, em que êste era, como é em Trás-os-Montes e parte do Minho, um *z* proferido com os órgãos na mesma posição que fica descrita para o *s* inicial (V. p. 47), distinguindo-se consequentemente o vocabulo *cozer* (*cozêr*) do vocabulo *cozer*. Esta pronuncia do *s* pode designar-se por *ç* ou *z* (= *ç*). Êste som tinha igualmente o *s* antes de consoante sonora, *b, d, g, gu, z, j, v, m, n, nh, r, l, lh*, quer dentro de um vocabulo, quer de um para outro vocabulo, e do mesmo modo o *s* final na junção com a vogal inicial seguinte: *azarmas*, e não *azarmas* = *as armas*.

O *z* final, porém, assim como o *z* interno, muito raro, antes de consoante surda, proferia-se, o que acontece actualmente em Trás-os-Montes, como *ç*; assim *paz*, *luz pállida*, *luz azul*, *luz verde* pronunciavam-se respectivamente: *paç*, *luçpállidç*, *luzazul*, *luz(z)vêrdç*.

III. O *ch* era explosivo, quasi *ix*, como o é em quasi todo o norte do reino, distinguindo-se de *x*. É, porém, duvidoso se *ge, gi* e o *j* valiam também por *dj*, ou se tinham o seu valor actual.

IV. É muito de presumir que as vogaes finaes de syllaba tónica antes da consoante inicial nasal da syllaba seguinte fossem nasaes, como o são na Beira Alta e Algarve; assim, *cama*, *pena*, *sanha*, *lenho*, *cimo*, *dono*, *fumo* deviam proferir-se *câma*, *pêna*, *sânha*, *lênho*, *cimo*, *dôno*, *fûmo*.

V. O *ç*, quere dizer, o *e* theóricamente fechado antes de consoante palatal, *ch, x, j, lh, nh*, e bem assim o do ditongo *ei* (não o de *éi*) differenciava-se de *á*, como ainda acontece em uma grande parte do reino, em ter provávelmente o valor de *ê*, que no principio dêste século conservava em Lishôa; dêste modo *sêja*, *fêcho*, *fêixe*, *lênha*, *abêlha*, *rêi*, e não *sâja*, *fâcho*, *fâxe*, *lânha*, *abâlha*, *râi*. Análogamente o ditongo *êe* (em da orthographia actual) era diferente de *ãe*, e por conseguinte bem (= *bêi*) não rimava com *mãe*; *têe*, *vêe* liam-se *têi*, *vêi*.

VI. Deviam existir os ditongos *ii, ñi, õõ (õi)*, que precederam as nasaes finaes de vocabulo, taes como *um*, *fin*, *dom*, do que dá testemunho Duarte Nunes do Leão.

VII. O ditongo *ou* era diferente de *ô*, em que se condensou no sul, do Mondego para baixo, e devia proferir-se *ou*.

VIII. A syllaba inicial *em, en* átona devia pronunciar-se *ê(m)*, *ẽ(n)* e não *i, im* ou *in*, como acontece actualmente, com excepção do Alentejo e Algarve; e portanto a primeira syllaba do vocabulo *entender*, por exemplo, pronunciava-se *ên* e não *in*, *êntêndêr*, não *intêndêr*.

IX. O ditongo *ui* de *mui(t)o* não era nasal; assim pronunciava-se *múi(t_o)* e não *mũi(t_o)*.

X. As formas femininas *esta*, *essa*, *aquella* e *ella*, e seus pluraes tinham provavelmente o *e* fechado, como as masculinas, e conforme ainda hoje é uso em Trás-os-Montes e outros pontos do reino: *êsta*, *êla*, e não *ésta*, *éla*, etc.

XI. O *ç* antes de palatal é natural que se achasse confundido com *i* quando átono, no valor de *z* commum aos dois, o que acontece actualmente em quasi todos os falares do reino; antes, porém, de *s* seguido de consoante ou *s* final, tal confusão não se dava, porque, como dissemos em I e II, o *s* não era palatal, mas sim reverso.

Concluiremos por uma justificação.

Parecerá não haver fundamentos para se attribuir ao português central do século XVI a existencia dos sons *ç*, *ç* que actualmente assumem *e*, o átonos de syllabas abertas, fechadas por *s*, ou por *r* antes da tónica, e o de *z* que adquirem *e*, *i* átonos, em conjunção com palatal.

Os nossos argumentos para manter essas transcrições, confessamo-lo, são de carácter negativo.

O dr. Julio Cornu, no número 68 da obra que citamos em nota a pág. 66, expressa-se dêste modo a tal respeito: «Este enfraquecimento das vogaes *e*, *o*, que foi prejudicial para a euphonia da lingua, não é antigo, pois na primeira metade do século XVIII ainda ellas se pronunciavam *ç*, *ç*.» E confirma esta doutrina no número 298 com relação ao *e*.

Esta afirmação é terminante, quasi preceptiva, preferida por um romanista de tamanha autoridade, e cuja sisudez, perspicacia, erudição e segurança de método se patentciam em todo aquelle escrito, como antes delle já se achavam demonstradas por outros muitos, quer referentes ao português, quer a outros idiomas não-latinos.

As nossas objecções a êste ponto de doutrina são as seguintes:

1.ª Para apreciarmos rigorosamente os valores das graphias do português archaico e o das indicações ou omissões dos nossos grammaticos coévos falta-nos a contraprova de documentos preciosos, como os que auxiliaram, por exemplo, Ellis¹ e Sweet² nas investigações sobre as pronuncias inglesas anteriores ao século actual e na sua determinação, contraprova ministrada pelas descrições e comparações feitas por autores e grammaticos estrangeiros, também coévos, com relação a essas pronuncias.

¹ *Early English pronunciation.*

² *A history of English sounds.* 1.ª ed. 1874, e sobretudo 2.ª ed. 1888.

2.^a Em nenhum dialecto continental ou insular português, nem mesmo daquelles que, como os trasmontanos, conservam particularidades phonéticas mais archaicas, perdurou o mais pequeno vestigio de que *e* e *o* átonos tivessem outra pronunciação, differente da que se lhes dá presentemente no centro do reino; antes alguns factos parecem confirmar a doutrina opposta, taes como o valor de *ç* antes de *s* final de syllaba, a pronuncia açoreana *müllér*, e a escrita camoneana *foturo*.

Só no Brasil se dão as excepções á regra geral; mas, ainda assim, os fallares do Brasil estão bem longe de enumerados e conhecidos todos, quanto mais estudados. Só no Brasil, dizemos, se observa que aquellas vogaes teem, respectivamente, os valores de *é* (e também *i*, note-se), e de *ó*, mais ou menos fechados.

Ora, os fallares brasileiros, ao contrario do que poderia suppor-se e já se tem dito, não representam, em graode maioria de casos, na sua pronuncia, um português archaico do continente, que ahi persista em estado de boa conservação; mas esse português, modificado na bôca de estrangeiros no sentido de menor complexidade da syllaba e da sua mais clara enunciação e delimitação, adquiridas essas qualidades á custa da rapidez e da fluencia da loquela, tam peculiares, hoje pelo menos, do português fallado na Europa. Ganhou ou perdeu o brasileiro? Os estrangeiros o dirão ¹.

É por estas razões que nos pareceu preferível a interpretação que adoptámos para o português quincentista, com referencia a essas duas vogaes átonas. Com effeito, conforme o nosso modo de ver, *é* (*i*), e *ó* átonos no Brasil não são reliquias do português continental de outras eras, mas sim um producto erioulo, um defeito de pronuncia estrangeira, como outras particularidades que lá se nos offerecem, e cujos dominios respectivos estão por determinar.

Taes são: um *ç* final tónico que deve ter-se originado em hábitos de pronuncia indígena, abauheenga; o *à* ou melhor *d* pretónico em logar de *ç*; o *ř* fricativo sonoro (2) inicial;

¹ Cabe aqui citar duas opiniões contradictorias: uma de autor inglês, que há cincoenta annos declarava ser o português «as a conversational language, superior to the Spanish»: a outra de um phoneticista e glottólogo eminente, o professor Frederico Wulff, da Universidade de Upsala, e que é um primor de observação insuspeita e imparcial. Exprime-se assim a pág. 6 do seu opúsculo intitulado *Un chapitre de Phonétique avec transcription d'un texte andalou*, Estocolmo, 1889: «Il est curieux, du reste, de comparer le castillan, ou le latin prononcé à la castillane, d'un côté avec la prononciation portugaise et de l'autre avec l'andalouse. Le portugais affecte souvent quelque chose d'étranglé, de palatalisé, il tend à faire de l' a un *æ* ou *ø* (= *ç*), de l' o un u (ou), de l'e un i, et de supprimer autant de voyelles atones que possible, tandis qu'il nasalise ombre de voyelles et abonde en chuintantes... Le parler portugais peut avoir des effets agréables et beaux, je le sais bien, mais en venant d'Andalousie on le trouve rude à l'oreille».

õ, friativo surdo (z) final, commum no Rio de Janeiro e eremos que também no Maranhão; o alongamento das vogaes pretónicas, que, destacando-as como na medição do verso, transmite á elocução aquelle carácter preguiçoso e lento de dieção arrastada, que é sem dúvida grato aos ouvidos, mas que contrasta singularmente com a energia do fallar portuguez, e que denuncia immediatamente o brasileiro, seja qual for a terra da sua naturalidade, e o differença do individuo nascido e criado em Portugal.

Os dialectos do Brasil, pouco estudados, é verdade, scientificamente ou em qualquer modo, por escrito, são familiares, comquanto indiscriminadamente, aos ouvidos portuguezes, sobretudo em Lisboa. Revelam, de certo, muitos factos de interesse a respeito do léxico archaico, pouquíssimos que elucidem a phonologia ou a syntaxe dos tempos do descobrimento e escassa colonização europeia das Terras de Santa Cruz. Portanto êsses phenomenos espeziaes interessam á phonologia geral e á psychologia da linguagem em absoluto; pouco, muito pouco, ao estudo grammatical do portuguez da idade aurea da nossa literatura.

Um facto há que os estrangeiros geralmente desconhecem. O portuguez adquire rápidamente os mais dos hábitos da pronuncia brasileira, se para o Brasil emigra em idade juvenil e lá se demora; ao voltar á patria trá-los encarnados em si, e difficilmente os vem a perder de todo. Mais ainda: mesmo sem saír de Portugal fácilmente os imita por mofa, quasi instintivamente, se lida com brasileiros. Êstea, pelo contrario, a custo se afazem ás pronuncias portuguezas, por muito tempo que em Portugal residam, se para cá não vieram em novos, e se não conservaram sequestrados dos seus conterraneos. E ás vezes nem assim. Posso citar um exemplo notável de teimosa, espontanea e inconsciente persistencia de typo brasileiro de pronuncia: uma senhora, vinda para Portugal aos onze annos, e educada em um convento nas immediações de Lisboa por mestras portuguezas e estrangeiras, conservava aos dezóito annos ainda o ditongo *zi*, substituindo *ã* (*em*), não obstante os motijos que êsse brasileiro provocava da parte das pessoas que com ella conviviam, e isto apesar de haver adquirido menos má pronunciação inglesa e franceza. Êsse valor dado a *-em* é um dos poucos restos de archaismo portuguez que teem perdurado no Brasil.

Discussão mais longa seria fora de propósito aqui; e receio que, mesmo superficial como foi, tomasse já logar demaziado. Encetei-a como justificação da doutrina que segui em opposição á expressada pelo douto professor da Universidade de Praga. Principalmente o fiz porque a obra indicada, pela sua especialidade e pela perfeição com que foi levada a cabo, está, ou deve estar, nas mãos de todos os que fora, ou mesmo dentro de Portugal, se consagram ao estudo do portuguez; e uma contradicção tácita a preceitos alli

formulados poderia ser considerada como desconhecimento ou menosprezo desse livro, que, sem vislumbre de dúvida, faz época como instrumento de ensino histórico do português, e avulta preeminente na collecção de que faz parte, pelo que respeita á phonologia, morphologia e etymologia dos vocábulos, únicos pontos que teve em vista o seu autor.

Diremos ainda algumas palavras sobre a orthographia que aqui adoptámos.

Como o leitor terá visto, pertence ella ás que se denominam etymológicas; com a differença, porém, de outras muitas assim chamadas, pretende sê-lo rigorosamente. Adoptámo-la, para não trazer-mos mais uma novidade em opposição ás usanças patrias, quando já no systema de transcrição havia tantas, e de modo nenhum porque respeitamos as etymologias, fora do português, como norma de escrita portugueza.

Para nós a melhor orthographia será aquella que, attendendo á evolução do nosso idioma, mais conformae estiver com o padrão medio da pronuncia, como o estão a italiana e a hispanhola.

Para este effeito, entendemos de necessidade fazerem-se quanto antes as seguintes simplificações, que enumeraremos pela ordem da sua urgencia :

I. Proseriçãõ absoluta e incondicional de todos os symbolos de etymologia grega, *th*, *ph*, *ch* (= *k*), *y*.

II. Reducção das consõantes dobradas a singellas, com excepção de *rr*, *ss*, mediaes, que tceem valores peculiares.

III. Eliminaçãõ de consoantes nullas, quando não inflúam na pronuncia da vogal que as preceda.

IV. Regularizaçãõ da accentuaçãõ gráphica. Esta última deixamo-la exemplificada em todo este escrito.

Se o leitor quiser sobre esse objecto mais ampla informação, pode consultar as *Bases da Orthografia Portuguesa*, que citámos a páginas 87 do presente opúsculo.

TRANSCRIÇÕES PHONETICAS
DAS
TRÊS PRIMEIRAS ESTANCIAS DOS LUSÍADAS

CONFORME A
PRONUNCIA ACTUAL DE LISBOA

E A
PRESUMÍVEL NO TEMPO DE LUÍS DE CAMÕES

Os vocábulos átonos são transcritos reunidos áquelles a que se prendem
e de cuja acentuação ficam dependentes.

Edição de 1892

I

As armas e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a fôrça humana.
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

II

E também as memorias gloriosas
Daquelles Reis que foram dilatando
A Fée, o Imperio, e as terras viciosas
De África e de Asia andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando —
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte!

III

Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das victorias que tiveram:
Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram;
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Pronuncia actual

I

azármaz iqz̄tq̄rōiz q̄sinqláđq̄s,
 kęđq̄s idēntát práiq̄ lq̄zitq̄nq̄,
 p̄q̄rmáriz̄ nūnkq̄ đāntiz̄ nq̄vegáđq̄s,
 p̄qsárāũ q̄indālāin đatq̄prq̄bq̄nq̄;
 iāimp̄erigq̄z̄ iguér̄r̄q̄z̄ īsf̄q̄rsáđq̄s,
 màiz̄ đq̄kē pr̄q̄mętiá f̄q̄rsq̄ ūmānq̄,
 ěntrē. j̄ęntę r̄ęmótq̄ idęfikárāũ
 nõvq̄ r̄q̄inq̄ kętāntq̄ suđlimárāũ;

II

itāmbāi azmęmóriaz̄ gl̄q̄riozq̄z̄
 đaq̄uēliz̄ r̄q̄iis̄ kęf̄q̄rāũn đilq̄tāndq̄
 q̄fē, ūimp̄ériq̄, iq̄stl̄r̄r̄q̄z̄ visiózq̄z̄
 điad̄frikq̄ idiázi andárāũn đevq̄stāndq̄;
 iq̄quēliz̄s̄ kęp̄q̄róđr̄q̄z̄ valęrózq̄s̄
 sęvāũn đql̄đi đq̄mórtę libęrtāndq̄;
 kāntāndũ īsp̄ql̄h̄q̄r̄đi p̄q̄rtōđq̄ pári,
 siq̄tāntq̄ miq̄judár ūij̄q̄nhq̄ iári.

III

sésāin đq̄sábiz̄ gr̄ęũ id̄q̄troiq̄nq̄
 q̄znq̄vegq̄sōiz̄ gr̄āndiz̄ kęfizérāũ;
 kálęsę điq̄l̄iz̄x̄āndrũ idętr̄q̄j̄q̄nq̄
 q̄f̄q̄mq̄ đq̄z̄vitóriq̄s̄ kętivérāũ;
 quiēũ kānt ūp̄đitũ ilústrē lq̄zitq̄nq̄,
 q̄kāi nētúnũ imárt đđęđęsērāũ:
 sēsę tũđũquiq̄múz̄ antiq̄ kāntq̄,
 quiōtr̄q̄ valór màiz̄áttq̄ siq̄lęvāntq̄

Edição de 1572

I

As armas, & os barões affinalados,
 Que da Occidental praya Lusitana,
 Por mares, nunca de antes nauegados,
 Passaram, ainda alem da Taprobana,
 Em perigos, & guerras esforçados,
 Mais do que prometia a força humana:
 Entre gente remota edificaram
 Nouo Reino, que tanto sublimáram.

II

E tambem as memorias gloriofas
 Daquelles Reis, que foram dilatando
 A Fee, o Imperio, & as terras viciofas
 De Africa, & de Asia, andaram deuaftãdo
 E aquelles que por obras valerosas
 Se vão da ley da Morte libertando.
 Cantando espalharey por toda parte,
 Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

III

Ceffem do fabio Grego & do Troyano,
 As nauegações grandes que fizeram:
 Cállese de Alexandro, & de Trajano
 A fama das victorias que tiueram,
 Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
 A quem Neptuno, & Marte obedeceram:
 Ceffe tudo o que a Musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se aleuanta.

Pronuncia do seculo XVI

I

qzáfmaq izzbarðiz qsinqládqs,
 kędqðsidęntát práiq luzitānq,
 pqrmaręz nūnkq diāntęz nqvęgdđqs,
 pqsárāū qindālēin dqtqprqbānq;
 ěimperigqz iguérřqz ęsfqsádqs,
 máizdqkē prqmetiá fōrsq ūmānq,
 ěntre jęntę řęmótq idifikárāū
 nōvq řēinq kętāntq řublimárāū.

II

itāmbēi azmęmóriqz glqrióqzqz
 dqqulelz řēis kęřbrāū dilqtāndq
 qfē, ūimpériq; iqstéřřqz visióqzqz
 diáfrika idiāzi āndárāūn dęvqřtāndq;
 iaquēlēř kępqróbrqz valęróqzqz
 řęvāūn dqlēi dqmórtę libęrtāndq;
 kāntāndū ęřpalharēi pqrtdq pártę,
 řiqtāntq miqjudár ūějēnhq iárte.

III

sęřěin dqřábiq gręgū idqtrqiānq
 qznqvęgasōiz grāndęř kęřizérāū;
 káleřę diqlizāndrū idętrqjānq
 qfāmq dqřvitóriqř kęřivérāū;
 quieū kānt ūpēlitū ilúřtrę luzitānq,
 aquēi nēlūnū imárti đbędęřērāū:
 sęřę túdqūiqmúř āntígúq kāntq
 quidútrq valōr máizqřttq řiqleřvāntq

THEORY OF...

1

The first part of the theory is concerned with the general principles of the subject. It is divided into two main sections, the first of which deals with the general principles of the subject, and the second with the special principles of the subject.

2

The second part of the theory is concerned with the special principles of the subject. It is divided into two main sections, the first of which deals with the special principles of the subject, and the second with the special principles of the subject.

3

The third part of the theory is concerned with the special principles of the subject. It is divided into two main sections, the first of which deals with the special principles of the subject, and the second with the special principles of the subject.

INDICE

Parte I.—Noções preliminares :

Nomenclatura.....	1
Pyrámide das vogaes.....	10
Das vogaes em especial	11
Systema orgánico das vogaes.....	13
Vogaes nasaes.....	14
Accidentes intrinsecos das vogaes	15
Pyrámide monogrammática das vogaes	17
Vogaes combinadas	18
Accidentes extrinsecos das vogaes.....	18
Accidentes intrinsecos e extrinsecos das consoantes.....	20
Permutações.....	24
Syllaba, vocábulo e pausa.....	24
Transcrição e notações	26
Quadro synóptico das consoantes	29
Exemplificação das consoantes.....	31

Parte II.—Pronuncia normal portuguesa :

Sons e sua escrita.....	43
Consoantes portugesas.....	49
Vogaes	51
Correspondencia entre as vogaes tónicas e as átonas	55
Influencia de vogaes postónicas nas accentuadas.....	57
Conjugações e flexões dos verbos	58
Verbos do radical invariável	60
Verbos com vogaes alteráveis no radical	63
Recapitulação	68
Quantidade prosódica	83
Accentuação	84
Considerações sôbre a pronuncia do portugês do centro do reino no tempo de Camões	90
Transcrições das três primeiras estancias dos <i>Lustadas</i>	97

INDEX

Table 1 - 1940s and 1950s

1	Introduction
2	1940s and 1950s
3	1940s and 1950s
4	1940s and 1950s
5	1940s and 1950s
6	1940s and 1950s
7	1940s and 1950s
8	1940s and 1950s
9	1940s and 1950s
10	1940s and 1950s
11	1940s and 1950s
12	1940s and 1950s
13	1940s and 1950s
14	1940s and 1950s
15	1940s and 1950s
16	1940s and 1950s
17	1940s and 1950s
18	1940s and 1950s
19	1940s and 1950s
20	1940s and 1950s
21	1940s and 1950s
22	1940s and 1950s
23	1940s and 1950s
24	1940s and 1950s
25	1940s and 1950s
26	1940s and 1950s
27	1940s and 1950s
28	1940s and 1950s
29	1940s and 1950s
30	1940s and 1950s
31	1940s and 1950s
32	1940s and 1950s
33	1940s and 1950s
34	1940s and 1950s
35	1940s and 1950s
36	1940s and 1950s
37	1940s and 1950s
38	1940s and 1950s
39	1940s and 1950s
40	1940s and 1950s
41	1940s and 1950s
42	1940s and 1950s
43	1940s and 1950s
44	1940s and 1950s
45	1940s and 1950s
46	1940s and 1950s
47	1940s and 1950s
48	1940s and 1950s
49	1940s and 1950s
50	1940s and 1950s
51	1940s and 1950s
52	1940s and 1950s
53	1940s and 1950s
54	1940s and 1950s
55	1940s and 1950s
56	1940s and 1950s
57	1940s and 1950s
58	1940s and 1950s
59	1940s and 1950s
60	1940s and 1950s
61	1940s and 1950s
62	1940s and 1950s
63	1940s and 1950s
64	1940s and 1950s
65	1940s and 1950s
66	1940s and 1950s
67	1940s and 1950s
68	1940s and 1950s
69	1940s and 1950s
70	1940s and 1950s
71	1940s and 1950s
72	1940s and 1950s
73	1940s and 1950s
74	1940s and 1950s
75	1940s and 1950s
76	1940s and 1950s
77	1940s and 1950s
78	1940s and 1950s
79	1940s and 1950s
80	1940s and 1950s
81	1940s and 1950s
82	1940s and 1950s
83	1940s and 1950s
84	1940s and 1950s
85	1940s and 1950s
86	1940s and 1950s
87	1940s and 1950s
88	1940s and 1950s
89	1940s and 1950s
90	1940s and 1950s
91	1940s and 1950s
92	1940s and 1950s
93	1940s and 1950s
94	1940s and 1950s
95	1940s and 1950s
96	1940s and 1950s
97	1940s and 1950s
98	1940s and 1950s
99	1940s and 1950s
100	1940s and 1950s

Deux faits de phonologie historique portugaise

I

Les lettres «s» et «ç» représentent deux sons différents au XII^e siècle dans le sud du Portugal

On connaît la distinction qu'on fait toujours, encore aujourd'hui, dans la province portugaise de Trás-os-Montes, entre *s* initial ou *ss* médial = *ʃ* (sous-cacuminal) et *ç* (*ce*, *ci*) ou *z* final (= *ʃ* alvéolaire) d'un côté, et *s* médial sonore (*z* sous-cacuminal) et *z* initial ou médial de l'autre (= *z* alvéolaire), soit dans un seul vocable, soit d'un mot à l'autre dans la phonologie syntactique, lorsqu'un mot finissant par *s* ou *z* se relie dans la phrase à un autre mot, sans qu'il y ait un repos quelconque entre les deux.

On connaît également que de telles différences, fondées sur l'histoire de la langue, et auxquelles répondent partout dans la Péninsule Hispanique, y compris les dialectes basques, des distinctions analogues, se trouvent confirmées par la mention qui en a été faite par des grammairiens portugais, depuis le XVI^e siècle jusqu'au premier quartier du siècle où nous sommes; il suffit de citer, à l'appui de cette affirmation, Duarte Nunes do Leão parmi les premiers, et Madureira Feijóo parmi les derniers de ces grammairiens.

C'est un fait avéré aussi, qu'en ancien français et en ancien provençal *ç* et *s*, *z* et *s* médial n'étaient pas des caractères homophones, *ç* et *z* y ayant la valeur de *ts* et *dz*.

Maintenant, si on relit les anciens grammairiens portugais, on reconnaît que les différences que l'on observe à Trás-os-Montes ont été générales dans le nord du royaume, au moyen-âge, et plus tard aussi.

En était-il de même dans le sud ? Il manque des monuments positifs qui le testifient directement, mais nous en avons d'indirects dans la transcription en caractères arabes, faite par les écrivains mahométans, des noms propres péninsulaires ; d'autres documents, d'une valeur considérable nous sont fournis par les écritures *aljamiadas*.

Je ferai une rapide allusion à ces deux sortes de documents.

Parmi les écrivains arabes je prendrai le géographe du XII^e siècle, Édrisi, dont le texte est bien connu de tout le monde par la traduction de Dozy.

Le Nubien, comme on l'appelle, écrit tous les noms de lieux de la Péninsule, qu'ils soient d'origine arabe ou romane, où il figure un *s*, en se servant du ﺶ (*š*), tandis qu'il représente le *ç* par ﺲ (*s*) ou ﺴ (*š*).

Je citerai les noms suivants, parmi plusieurs autres, également intéressants.

ç représenté par ﺲ

andalos: Andalousie
batalius: * Badalhouce (Badajoz)

ç représenté par ﺴ

alqaçar: Alcacer
çaçi: Çafi(m)

s représenté par ﺶ

ielbaç: Elvas
liçbunaç: Lisbôa (Lisbonne)
çantrein: Santarém
çantmariaç: Santa Maria
çaqraç: Sagres
çebiliaç: Sévilla (Séville)
çelb: Silves
çetubr: Setúbal

Cette transcription constante met en toute évidence qu'au douzième siècle on faisait dans le sud du Portugal une distinction entre *ç* et *s*, le premier désignant probablement une sifflante prononcée du bout de la langue contre les gencives des dents incisives supérieures, comme c'est le cas aujourd'hui dans la province de Trás-os-Montes, et *s* désignant au contraire la sous-cacuminale *ç*, prononcée avec le bord antérieur du même organe, qui prend une position concave, valeur que la dite consonne garde encore dans cette province et dans une partie de celle de Minho, et qui pour une oreille peu exercée se confond aisément avec *ç* (*ch* français, ﺶ arabe).

Dans la plupart des dialectes castillans, les parlars andalous et quelques uns parmi ceux de l'Estramadoure exceptés, le *s* est encore une fricative sous-cacuminale, aspirée ou non ; tandis que le *z* (*ce*, *ci*) a un son qui se rapproche de celui du *th* anglais de *think*, sans être identique à celui-ci, puisqu'il n'est pas prononcé contre la surface intérieure des incisives supérieures, ou entre les

deux rangées de dents, mais bien sur la partie bombée des gencives, la racine de la langue étant retirée vers le fond du palais. Nous pouvons toutefois supposer, qu'auparavant le ç espagnol avait un son analogue à celui de Trás-os-Montes, c'est-à-dire, ç, un s très avancé, et très sifflant à cause du rapprochement exagéré des deux organes qui concourent à sa formation, et dont l'effet acoustique rappelle son origine ts. En effet, il ne paraît pas qu'il y ait eu une différence quelconque entre ç portugais et ç castillan avant le xvii^e siècle.

Donc, pour les Maures d'Espagne le ç hispanique avait une valeur qui pouvait être considérée identique à celle du ~, ou à celle du ~; le s, au contraire, ils le confondaient avec le ç, puisqu'ils représentent constamment tous les deux par leur ~.

Ces faits apportent une explication à un passage de Gil Vicente, qui autrement serait incompréhensible chez un écrivain aussi soigneux de reproduire la réalité sur la scène.

Dans les *Côrtas de Júpiter*, le Plaute portugais met dans la bouche d'une Moresque les vers suivants :

Mi no xaber que exto extar,
 mi no xaber que exto xer,
 mi no xaber onde andar,
 Halaa xaber diuinar,
 lo que extar balaa xaber.
 Halaa xaber que ex aquexto,
 Halaa xaber i yo no,
 Halaa xaber max que yo,
 Halaa digirme que ex exto.

Jupiter que a mi mandar
 dox mil años extar cantada,
 agora donde llevar?
 agora otro mundo extar,
 agora no xaber nada.
 Porque tirarme de eaja,
 porque de inferno tirarme,
 de compañia de Axa,
 mi hija nieta de Braxa,
 Royno que extar del Algarbe.

 Gran coja mandar agora,
 Señora affi (axi?) mi morir Mora,
 Jupiter dar box gran emprefa (empreja?),
 que exte dedal, Halaa quebir,
 extar de mãy de Mahomad,
 señora quanto box pedir
 el fager lugo venir (benir?)
 Halaa xaber exte verdad (berdad?)

Exte anel da condon
perguntalde box a el,
y el dar a box razon
de quantox xacretos xon,
tudo box xaber por el.

Gil Vicente, *Livro das Tragicomedias*. — Côrtes de Jupiter, CLXIX (recto et verso). Édition de MDLXII.

Le poète a employé ce baragouin, moitié espagnol, moitié portugais, revêtu d'une syntaxe créole, pour présenter sur la scène un personnage dont le parler fût ridicule, et cela parce que cette façon de parler était assez connue de son public; donc, cette prononciation devait réfléchir celle des Maures, habitant le Portugal, et dont le langage était le sujet des sarcasmes de ceux que les entendaient. Or, chacun sait que le grand poète fut un peintre fidèle des mœurs et du langage de son temps.

On sait aussi que dans la littérature *aljamiada* le *s* est toujours représenté par *س*. L'illustre Sylvestre de Sacy, qui, connaissant le fait, ne pouvait se l'expliquer, nous dit: «D'après la manière dont les Arabes d'Espagne transcrivoient l'espagnol en caractères arabes, il y a lieu de croire qu'ils prononçoient le *ش* comme le *s* fortement articulé, et le *س* comme le *ç* ou *z*»¹.

Il n'en est rien. Ce n'étaient point les Arabes qui prononçaient le *ç* comme un *s*, mais bien le *s* hispanique qui, étant un son étranger pour eux, avait à leur oreille une valeur qui se rapprochait de celle du *ش*; tandis que le *ç*, et le *z* à la fin d'une syllabe, avaient bien la valeur du *س*, par lequel ils les ont transcrits.

S. de Sacy ignorait certainement la valeur particulière du *s* hispanique, et voilà comment on comprend qu'il ait eu recours à l'hypothèse peu vraisemblable que nous venons de citer.

M. Eguílaz Yanguas², sans trancher la difficulté, s'appuie sur les paroles de Sacy, tout simplement pour démontrer que le *x* n'avait pas la valeur du *j* actuel (= *خ*) mais bien celle du *ç*; et il ajoute que: «en las elegias del Moro de Valencia y de Boabdil el *ش* se representó por la *s*», et que, par conséquent, le *x* n'avait pas alors le son guttural qu'il a pris plus tard, et que l'on représente depuis un siècle par *j*. En ce qui concerne ce dernier fait, il n'y a pas à en douter; Diez l'avait déjà affirmé, et après lui bien d'autres l'ont prouvé.

¹ *Grammaire Arabe*, Paris 1831, 1, p. 19.

² *Estudio sobre el valor de las letras arábicas en el alfabeto castellano y reglas de lectura*.

Les conclusions auxquelles nous sommes forcés de venir sont celles-ci :

I. Dans toute la Péninsule on a toujours fait la distinction entre ç et s (et aussi entre z et s sonore = ç).

II. Le son du s se rapprochait tellement du x, qu'un étranger trouvait que la distinction entre s et x était moindre que celle qu'il y avait entre s et ç.

III. Ceux qui se servaient des caractères arabes pour écrire l'espagnol, choisirent le س pour exprimer le x et le s, et le ز ou le ذ pour représenter le ç ou z final, identiques.

IV. Au seizième siècle, dans le centre du royaume, les Maures continnaient de confondre le ç (sous-cacuminal) avec ç en portugais; Gil Vicente, par conséquent, prononçait encore, lui-même, le ç et le s comme on le fait à présent dans la province de Trás-os-Montes, et son public en faisait autant, car autrement il n'aurait pas compris le comique d'une telle prononciation.

V. La confusion entre ces sons ç (=s) et s (=ç) en un seul son, s pour le sud, ç pour une partie du Minho et du Douro et pour Beira Alta, est tout-à-fait récente: elle ne doit pas avoir plus de deux siècles.

II

Les gutturales arabes rendues par «f» dans les langues hispaniques

Les consonnes ف , ذ , س , et ز , d'abord représentées par f dans les mots empruntés à l'arabe par les habitants de la Péninsule Hispanique, sont plus tard distinguées les unes des autres dans les termes nouveaux.

Les mots portugais suivants ont une étymologie arabe démontrée :

ف	ذ	س	ز
açafate	alféola	alface	aljoFRE
açafrão	alfena	alfaiate	almofariz
adufa	alforras	alfange	reféns
alcatifa	almofaça	alfarroba	
alfândega	almofala	alfazema	
alferce	atafona	alfinete	
çanefa	azáfama	alforge	
falúa	çáfaro, etc.	almofada, etc.	

Donc, f portugais répond à ذ , س , et ز arabes.

Toutefois, il y a des mots nombreux, en portugais surtout, où le α et le ε sont représentés par h , ou supprimés, et le ζ est transcrit par ζ , *que*. Ces mots, cependant, ont une chronologie différente.

Il y a en portugais pour les mots arabes trois catégories, qu'il faut étudier à part, répondant à trois époques distinctes. C'est là une partie de l'étymologie romane qui reste à faire.

PREMIÈRE ÉPOQUE: Mots d'origine populaire.—Elle comprend tous les mots, surtout des substantifs, propres ou communs, que le peuple a appris depuis le VIII^e jusqu'au XIV^e siècle, parce qu'il les entendaient prononcer à la nombreuse population mauresque répandue dans la Péninsule; ces mots font une partie essentielle des vocabulaires portugais et espagnol, et lorsqu'en arabe ils contenaient les sons α , ζ ou ε (c'est-à-dire \aleph , χ ou \aleph), ces consonnes ont été remplacées par f (plus tard changé en castillan en h , qui a fini par devenir muet), la seule fricative forte, outre le x et les sifflantes, qui appartiennent au matériel phonétique des langues romanes de l'Espagne et du Portugal.

Cette particularité pourrait peut-être servir aussi à prouver que le ζ chez les Maures d'Espagne n'avait pas le râclément qui le caractérise dans la plupart des parlers arabes, et qu'il était tout simplement χ , c'est-à-dire la fricative gutturale postérieure sourde, le j du castillan actuel.

On sait que les Slaves, dans la prononciation, ont remplacé par f le θ byzantin (= δ), tout en gardant la lettre grecque, qu'il reproduisent par leur θ , prononcé *fitá*. Ce sont là des imitations mal réussies, des changements imitatifs.

DEUXIÈME ÉPOQUE: Mots d'origine savants.—Cette période, qui embrasse trois siècles, comprend tous les mots que les écrivains espagnols et surtout portugais, qui savaient plus ou moins bien l'arabe, ont introduits, employant une transcription consciente des lettres, ou bien des sons, comme il les entendaient prononcer: tels sont, par exemple, les mots *xarife*, *xequé*, *amouco*, *assassino*, *califa*, *bezuar*, etc. Dans de tels mots le ζ est ordinairement représenté par c ou *qu*; le α et le ε sont reproduits par h , ou bien supprimés.

TROISIÈME ÉPOQUE: Mots d'origine étrangère.—La langue arabe est tout-à-fait ignorée chez nous, et les mots appartenant à cette langue nous arrivent par des voies indirectes, sous les formes étrangères, tantôt capricieuses, tantôt scientifiques, qu'ils ont prises dans les langues auxquelles nous les empruntons; ex.: *alméa*,

sofá, etc. Dans de tels mots le z et le s se trouvent représentés ordinairement par h , tout-à-fait nul, le x par kh , prononcé comme un k .

Nos voisins (parce qu'en Espagne on continue d'étudier l'arabe) se sont faits du moins deux translittérations méthodiques des caractères arabes, fondées surtout sur la tradition, en imitant leurs anciens écrivains, et dont la plus remarquable est celle de M. Egulaz Yanguas¹; chez nous, chacun écrit comme il lui plaît de le faire, sans se soucier d'aucune méthode, se bornant à copier l'orthographe étrangère du livre, avoué ou non, qui lui sert de guide.

Il faut convenir qu'une telle absence de méthode n'est pas bien louable.

Sans m'occuper maintenant du système de transcription proposé par M. Yanguas, et dont plusieurs traits sont aussi bien applicables à l'espagnol qu'au portugais, je dirai toutefois, qu'à sa place j'aurais préféré les simples transcriptions i et u pour les deux lettres ç et j , et que pour l'espagnol le y serait une translittération plus fidèle du ç que le groupe ch . M. Edouard Benot s'est servi du u pour représenter le son w anglais, et du y pour celui du j , dans sa préface à la traduction espagnole des œuvres de Shakespeare fait par M. Guillaume Macpherson², là où il tâche d'indiquer la prononciation des noms propres anglais. Ce serait un bon précédent à imiter, d'autant plus que c'est celui d'un compatriote et d'un littérateur distingué. Le ch , en effet, est une innovation qui sépare la translittération espagnole de toutes les autres, et qui exprime très mal le son du ç ; il eût mieux valu le transcrire tout simplement par g ; le y pourtant est en tout cas préférable pour l'espagnol, comme je viens de le dire.

(Mémoire présenté à la 10^{me} session du Congrès International des Orientalistes. Lisbonne, Imprimerie Nationale, 1892.)

¹ *Estudio sobre el valor de las letras arábicas en el alfabeto castellano, y reglas de lectura.*

² *Obras dramáticas de Guillermo Shakespeare, versión castellana de Guillermo Macpherson, con un estudio preliminar de Eduardo Benot.*

1870
1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

Quantidade prosódica das vogais em português

Diferenciações de sentido

O Dr. Júlio Cornu adoptou na segunda edição da sua excelente gramática histórica portuguesa, que faz parte da meritória publicação *Grundriss der romanischen Philologie* (Estrasburgo, 1888), a reforma ortográfica por mim proposta na minha *Ortografia Nacional* (Lisboa, 1894), diverjindo apenas da doutrina ali exposta, com a rejeição do *h* etimológico, por mim ainda conservado provisoriamente, assim como o *g* inicial antes de *e* e de *i*, que o insigne romanista substitui, definitivamente e sempre, por *je*, *ji*, como eu já ali fizera quando *ge*, *gi* são mediais. Outro ponto, em que também difere do meu plano, é o que vai constituir o assunto principal deste artigo.

É uso moderno, com perto de um século, porém, de existencia, o emprêgo, em português, do hífen ou linha de união, prendendo os pronomes rejimenes átonos aos verbos de que dependem, quando enclíticos, como *dou-o*, *deu-no-lo*, etc. O uso antigo era o actual castelhano e italiano, de reunir tais pronomes enclíticos aos verbos, formando com estes uma só dição.

Dou a preferência, em opposição ao modo de ver do abalidado professor, ao uso actual, no qual não vejo inconveniente, e que, para o português em especial, tem vantajens, direi até imprescindíveis, como passo a expor sucintamente.

Já pelos exemplos que aduzi, principalmente por um, me parece evidente a conveniência da separação por meio do hífen, para se conservarem distintas na escrita dições que analisadas nos seus elementos são diversas: assim *dou-to*, a pessoa do presente indicativo do verbo *dar* acompanhada do pronome *te* como com-

plemento indirecto e do pronome o como complemento directo, sem o hífen ficaria absolutamente igual ao nome, adjectivo ou substantivo *douto*; e suposto a pronúnciação seja igual nas duas dições *douto* e *dou-to*, parece-me óbvia a conveniência de manter a análise gramatical bem clara na segunda, com o emprêgo do hífen, a separar na ortografia os elementos da composição sintáctica.

Há, porém, motivo de maior ponderação em respeitar-se o uso actual, e esse é que em várias circunstâncias a pronúncia difere. A quantidade prosódica das vogais nas linguas románicas é raras vezes diferencial, morfológicamente considerada. Este preceito sofre todavia importantes excepções, nomeadamente em português, que é a língua de que me estou ocupando agora. Os casos de prolongamento de vogal até hoje averiguados e regulados por mim em português são os de crase, na fonolojia externa como em *dá-a* = *dā*, e na fonolojia interna, como em várias formas substantivas, tais como: *caie* = *cāi*, 1.^a e 3.^a pessoa do subjuntivo do verbo *cair*; *passaie* = *passēi*, 1.^a e 3.^a do subjuntivo do verbo *passar*, comparada com *passai*, 1.^a do perfeito do indicativo do verbo *passar* (v. *Grammaire Portugaise*, in *Skizzen lebender Sprachen*, 2, Lipsia, 1903, pp. 27, 46, 47).

Outros casos de fonolojia portuguesa, ainda não expostos, em que a quantidade prosódica da vogal tónica differença para todos os portuguezes formas que em mais nada se distinguem, são os dois seguintes. O *i* tónico de vocábulos terminados em *-ia* é breve, ou antes indifferente, por exemplo em *via*, substantivo, e 1.^a e 3.^a pessoa do imperfeito singular do verbo *ver*. Outra forma, com esta parecida, mas que diverje dela na quantidade prosódica do *i*, é *vi-a*, 1.^a pessoa singular do perfeito dêsse mesmo verbo *ver*, seguida do monossílabo átono *a*, acusativo femenino do pronome pessoal da 3.^a pessoa, composto sintáctico em que o *i* se alonga, pois se profere *vīa*, e não *via*, como a dição antecedente. Se não usarmos o sinal ortográfico (-), essas formas *via* e *vīa* (*via*, e *vi-a*) confundir-se hão na escrita, se bem que distintas na pronúncia, e não rimando entre si. Outro tanto acontece com qualquer outro verbo, como *devia*, *devi-a*; *temia*, *temi-a*. Há uma adivinhação em português, que se baseia exactamente na confusão dessas formas, quando de propósito se não differenciam: *Matei hoje uma galinha, comi-a ontem*, frase na qual se prolonga indevidamente o *i* de *comi-a*, para que se não distinga dest'outra: «Matei hoje uma galinha; comia ontem ela, a galinha que eu hoje matei.»

No antigo sistema, em que tais pronomes enclíticos se uniam aos verbos sem o hífen, as frases ficavam muitas vezes enigmáticas

ou anfibolójicas. Assim, neste verso do *Cancioneiro Geral*: «que jura que a de matar», *a* está por *a* (h)á [de matar]. O mesmo acontece na frase seguinte, do *Esmeraldo* de Duarte Pacheco Pereira: «tirava hũa pequena parte dela terra descuberta para vida dos animaes», isto é, *para a vida*; ou est'outra: «segue-se que a terra tem água dentro em si e o mar nam cerca a terra», onde *água* está *por a água*; ou ainda nesta de João de Barros: «ca não queria perder alma, pois já tinha perdido o corpo», na qual *alma* se deve escrever e ler *a alma*. Hoje em dia, mesmo, é frequente vermos escrito *d'alfândega*, por *da alfândega*, por virtude de errada análise gramatical e até fonética, dessa expressão, na qual o *a* se prolonga em razão da contracção de *a* mais *a*, consecutivos.

Dêste modo, locuções verbais como *louva-a*, por exemplo, ou se escreviam *louvaa*, ou *louva* (= *louva-a*), que assim se não diferenciava gráficamente do verbo *louva* sem o seu complemento pronominal, conquanto bem distintos na pronúncia.

Finalmente, há diferença prosódica nas vogais tónicas antes do *s* final de sílaba, pelo menos do Mondego para sul, na região em que o *s* depois de vogal tem o valor de palatal *x* ou *j* (próssimamente, *ch* e *j* franceses), conforme êsse *s* é seguido de pausa ou consoante surda, ou então o é de consoante sonora, visto que antes de vogal o seu valor na fonolójia sintáctica é o de *z*.

Se atentarmos, por exemplo, no facto inegável que diferença dois vocábulos em tudo mais idénticos na pronúncia, *rás* e *raze*, encontramos que no segundo, quando o *e* se elide na enunciação rápida, o *a* é breve, entanto que no primeiro *rás* êle se alonga, e o *s* = *â* se abrevia extremamente. Outro tanto acontece com o *z* = *j* de *traz-mo* comparado ao *j* de *traje-mo*, o qual é sensivelmente mais longo que êsse *z*, em opposição ao *a* que é mais breve do que o da primeira dição citada.

Tratarei mais de espaço dêste assunto, de bastante interêsse, visto que de tal modo se elucidará a diferença tam debatida, entre *-s* ou *-z* com relação a *â* ou *j* no português norinal.

Se do dialecto usual do centro do reino passamos a dois outros, extremos, e qualquer dêles mais diverso actualmente dêsse dialecto literário na pronúncia, observamos que a diferença de quantidade prosódica quer da vogal tónica, quer da sibilante que a segue, se mantém constante na mesma proporção. Dêste modo, no Alentejo um vocábulo como *peixe* é proferido *pêx(e)* com *e* fechado breve, e *â* longo; e por outra parte est'outra palavra, de estrutura semelhante, *pez* se pronuncia *pêx*, com *e* fechado longo, e *â* breve. Em Trás-os-Montes, no falar bragançano, por exemplo, o numeral

10, escrito *dez* (nos dialectos do sul = *deç*), é proferido *deç* com *e* aberto longo, e breve o *ç* (quási o *ç* francês e normal português); e ao contrário, em conformidade com a regra expandida, um parónimo desse vocábulo, *de(s)ce*, 3.^a pessoa singular do presente do indicativo do verbo *de(s)cer*, profere-se *deç(e)*, com *ç* longo e *e* aberto mais breve que o de *dez* = *dêç*.

Voltarei ainda a este assunto, como já disse.

(Em: *Revue Hispanique*, xv, 1906, pp. 24-27.)

α
22133



The first part of the book is devoted to a general introduction to the subject of the history of the world. It is divided into two main parts: the first part deals with the history of the world from the beginning of time to the present day, and the second part deals with the history of the world from the present day to the future. The first part is divided into three main sections: the first section deals with the history of the world from the beginning of time to the present day, the second section deals with the history of the world from the present day to the future, and the third section deals with the history of the world from the future to the present day. The second part is divided into two main sections: the first section deals with the history of the world from the present day to the future, and the second section deals with the history of the world from the future to the present day.

The second part of the book is devoted to a general introduction to the subject of the history of the world. It is divided into two main parts: the first part deals with the history of the world from the beginning of time to the present day, and the second part deals with the history of the world from the present day to the future. The first part is divided into three main sections: the first section deals with the history of the world from the beginning of time to the present day, the second section deals with the history of the world from the present day to the future, and the third section deals with the history of the world from the future to the present day. The second part is divided into two main sections: the first section deals with the history of the world from the present day to the future, and the second section deals with the history of the world from the future to the present day.



